

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**CIVILIZAR, REGENERAR E HIGIENIZAR: a difusão dos ideais
da Pedagogia Moderna por Helvécio de Andrade
1911-1935**

Cristina de Almeida Valença

**São Cristóvão - Sergipe
2006**

Dissertação de Mestrado

Cristina de Almeida Valença

**CIVILIZAR, REGENERAR E HIGIENIZAR: a difusão dos ideais
da Pedagogia Moderna por Helvécio de Andrade
1911 - 1935**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação da Universidade Federal de Sergipe, como
requisito para a obtenção do título de Mestre em
Educação, sob orientação do Professor Doutor Miguel
André Berger.**

**São Cristóvão - Sergipe
2006**

Peço licença a Clio para esse desvaneio...

Aos meus pais, José Valença da Silva e Maria Clara de Almeida Valença pelo amor e pelo apoio incondicional a mim dedicado.

Agradecimentos

Nem sempre é fácil agradecer. Mas o sentimento de gratidão que hoje levo como lembrança me faz lembrar das colaborações que recebi de pessoas amigas que não mediram esforços para ajudar nessa pesquisa. Muitas indicações de bibliografias, de fontes, de críticas e de conselhos que me fizeram retomar a consciência e colocar em dúvida a certeza que tinha de que todo trabalho intelectual é solitário.

Gerada a partir do apoio financeiro da CAPES, esta pesquisa teve outras colaborações não menos importante. Agradeço o professor Miguel Berger, meu orientador, por ter acompanhado a elaboração dos textos desde o início. Foi bastante participativo, sempre de prontidão para o que eu precisasse. Acho até que abusei nos pedidos... Mas sua cooperação foi fundamental para definir desde a estrutura do texto até o modo como elaborar conjecturas e questionamentos. Agradeço também pela sua compreensão, paciência e pelo carinho. Obrigada professor!

Quando afirmo que não fiz essa pesquisa sozinha, na realidade quero lembrar, principalmente dos professores que leram, avaliaram, colaboraram e se disponibilizaram para assessorar na tessitura desse estudo. Agradeço ao professor Jorge Carvalho do Nascimento, Ester Fraga Villas-Boas Carvalho do Nascimento, Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, Terezinha Oliva e Verônica Nunes.

Agradeço também ao seu Gustavo do IHGS, ao seu Tito, Pedrinho e dona Luzia da BPED, à Francisca da antiga Faculdade de Medicina da Bahia, aos professores e funcionários do Instituto de Estudo Brasileiros da USP, em especial à Professora Johanna Smit pela orientação com os arquivos fotográficos, à professora Telê pelo interesse que demonstrou por essa pesquisa e à professora Diana Vidal agradeço pela bolsa no curso de organização de arquivos do IEB. Nesse processo, o apoio das novas amigas foi fundamental, estou falando da turminha animada do curso da USP, obrigada!

Aos meus colegas do Mestrado Lúcia Marques, por me considerar uma filha “a caçulinha da turma”; à Lourdes, pelos conselhos e longas conversas; Rochadel, pelos incentivos; Genisson,

pelas risadas e aos Marcos da turma, inclusive Marco Arlindo. Em especial aos sapinhos Betânia, Ângela, Cristiane, Luzia, Ricardo, Orlandinho e Simone. Todos que compõem o Núcleo de Pós-graduação em Educação da UFS, mas em especial à Edson e Carlos.

Não posso esquecer dos meus amigos de sempre, Alessandra Bispo, Crislane Azevedo, Paula Soraya, Juninho, Valéria Lemos, Débora Lemos, Ligia Valença, Thuco e Marquinhos, Aninha e Ricardinho. Às meninas de Brasília, em especial Lilia. Ao pessoal de São Paulo: Milena, Clarissa, Leila, Sandra, Miriam, Márcia, Michele, Maria Eduarda, Ricardo Kawata e Lena. Adoro vocês!

Resumo

Civilizar, regenerar, educar os sentidos e higienizar são as palavras de ordem do novo movimento educacional chamado Pedagogia Moderna que estava inserido dentro do que os ideais republicanos preconizavam para a educação. Neste caminho, o presente estudo tem como objetivo analisar a contribuição de Helvécio de Andrade para a difusão dos princípios de modernização da instrução pública sergipana nas três primeiras décadas republicanas. O referencial teórico-metodológico selecionado para o estudo relaciona-se à 'História Cultural', mais precisamente as categorias analíticas estabelecidas por Chartier, a *apropriação* e *representação*; os conceitos de Bourdieu de *campo*, *capital* e a noção de *civilização* de Norbert Elias. Em Sergipe, a educação nas primeiras décadas republicanas foi alvo do movimento da Pedagogia Moderna estabelecendo-se como uma nova mudança na maneira de pensar as práticas escolares e políticas públicas educacionais que resultaram na definição de um perfil de instituições com práticas voltadas para civilizar. Nesta perspectiva, inspirado por essas idéias, Helvécio de Andrade, procurou difundir na instrução pública sergipana, através da sua atuação e publicações, as novas diretrizes que a educação vinha firmando.

Abstract

Civilization, regeneration, education of the senses and higienization are the words of order of the new educational movement called Modern Pedagogia witch was inserted in the ideals of the republic. This study has the objective of analising the education at Sergipe in the XX century. The point of view selected for this study was related to the cultural history, especially emphasizing the analitical categories established by Chartier, *the appropriation and representation*; the concepts of Bourdieu from *field, capital* and the knowledges of Norbert Elias, *to civilize*. At Sergipe, education in the beginigs of republic was the target of the modern pedagogic movement wich turn it in a new way of thinking about school pratice and public educational politics. That resulted in a new profile of the institutions wich was now concerned about to civilize. Inspired by those ideas, Helvécio de Andrade, through his actions and publications, looked foward to spread out the new rules of education in the public instruction at Sergipe.

SUMÁRIO

Lista de Quadros
Lista de Imagens
Resumo
Abstract

<i>Silêncio</i>	13
<i>Introdução</i>	15
<i>Modus Operandi: uma questão de método</i>	28
<i>I. MEMÓRIA E HISTÓRIA: em busca da trajetória de Helvécio de Andrade</i>	35
1.1. Reminiscências da infância.....	37
1.2. Conhecendo o universo das letras.....	42
1.3. Faculdade de Medicina: a formação.....	49
1.4. A conquista do campo médico.....	59
1.5. O campo educacional e a apropriação do ideário paulista.....	70
1.6. Helvécio de Andrade volta a Sergipe.....	73
<i>II. NOS TRILHOS DA HISTÓRIA: a atuação de Helvécio de Andrade no campo médico sergipano</i>	81
2.1. O campo médico sergipano.....	84
2.2. A atuação de Helvécio de Andrade na imprensa médica sergipana.....	101
2.3. Higienismo: princípio da Pedagogia Moderna.....	106
2.4. Higienismo e Educação em Sergipe.....	109
2.5. A difusão das práticas higienistas por Helvécio de Andrade.....	113

III. TECENDO AS LINHAS DO TEMPO: a difusão dos ideais da Pedagogia Moderna em Sergipe.....	121
3.1. Atuações de Helvécio de Andrade no campo educacional sergipano.....	129
3.2. Helvécio de Andrade e a direção da instrução pública de 1914 a 1918.....	146
3.3. Polêmicas educacionais sobre a publicação do <i>Curso de Pedagogia</i>	152
3.4. As reformas na instrução pública.....	171
IV. NA BUSCA DE VESTÍGIOS: a contribuição de Helvécio de Andrade no campo educacional sergipano.....	178
4.1. A difusão dos ideais da Pedagogia Moderna: o método intuitivo.....	180
4.2. Querelas sobre a implantação do método intuitivo.....	191
4.3. A <i>Pequena Cartilha Sergipana</i> e o método de leitura analítico.....	201
4.4. As conferências pedagógicas e a imprensa sergipana: mecanismos de difusão da Pedagogia Moderna.....	210
4.5. Higienização, racionalização e nacionalização: os ideais da ABE difundidos por Helvécio de Andrade.....	220
Considerações finais.....	230
Referencial bibliográfico.....	236
Anexos.....	251

LISTA DE QUADROS

QUADRO I. Endereço das clínicas dos médicos sergipanos de 1923.....	88
QUADRO II. Artigos da Revista Médica de Sergipe.....	104
QUADRO III. Divisões e subdivisões do <i>Curso de Pedagogia de 1913</i>.....	154
QUADRO IV. Currículo escolar primário de 1915.....	171
QUADRO V. Horário para o ensino primário de 1915.....	174

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. Antiga Faculdade de Medicina da Bahia	50
FIGURA 2. Capa do livro Apontamentos da História da Peste Bubônica em Santos	69
FIGURA 3. Capa do livro Tuberculose	70
FIGURA 4. Capa do livro Os trez Grandes Flagellos	76
FIGURA 5. Capa do livro Climatologia e Geografia Médica do Estado de Sergipe	79
FIGURA 6. Foto de Augusto Leite	93
FIGURA 7. Capa da Revista Médica de Sergipe	102
FIGURA 8. Reunião na Hora Literária	128
FIGURA 9. Escola Normal	135
FIGURA 10. Helvécio de Andrade com as alunas de 1926 a 1930	138
FIGURA 11. Capa do Curso de Pedagogia	153
FIGURA 12. Foto de Adolpho Ávila Lima	163
FIGURA 13. Atheneu Sergipense	164
FIGURA 14. Ítala Silva de Oliveira	165
FIGURA 15. Capa do livro Do Methodo em Educação	189
FIGURA 16. Capa da tese de Helvécio de Andrade no Congresso de Professores Primários	213
FIGURA 17. Capa da conferência A Escola Sergipana	219
FIGURA 18. Capa da conferência A Escola e a Nacionalidade	223
FIGURA 19. Capa da conferência O Lar e a Escola	225
FIGURA 20. Capa do livro Plano de Organização do Estado de Sergipe	227
FIGURA 21. Capa do Memorandum	228

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Valença, Cristina de Almeida
V152c Civilizar, regenerar e higienizar : a difusão dos ideais da pedagogia moderna por Helvécio de Andrade / Cristina de Almeida Valença - - São Cristóvão, 2006.
vii, 251 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe.

Orientador: Prof . Dr. Miguel Berger.

1. Pedagogia moderna. 2. História da educação – Sergipe – Políticas educacionais. 3. Biografia. 4. Andrade, Helvécio – Pedagogo.
4. Faculdade de Medicina – Sergipe. I. Título.

CDU 37.013(813.7):929ANDRADE

BIBLIOTECÁRIA/DOCUMENTALISTA: NELMA CARVALHO - CRB -5/1351

Silêncio

*Uma longa quietude em que se alteram e se misturam
episódios de ternura transbordante e de sofrimento sublimado
conduz Francisco, através de uma lenta e interminável agonia,
a seu último suspiro.*

São Francisco de Assis de Le Goff

*N*um túmulo simples uma única inscrição ‘*Silêncio*’. Como poderia ser possível que o único registro deixado no sepulcro de Helvécio de Andrade, um personagem tão ativo no campo médico e educacional sergipano, fosse a palavra “silêncio”? No mínimo instigante... Resolvi então empreender, inicialmente, algumas análises em relação a esse fato.

Compreendi que não se tratava do silêncio de uma vida, pois ela estava inserida em meio a grandes sonhos e feitos, idéias que se perpetuaram e que, várias vezes, foram criticadas por aqueles que apenas conseguiram compreender a força utópica dos seus ideais. Preencheu setenta e seis anos de sua vida mobilizando ânimos para levar a sociedade à civilização. Oferecer recursos para esse feito era sua satisfação. Assim, não é de uma vida silenciosa que se está lidando. Pelo contrário, desde sua chegada à Sergipe em 1900, Helvécio de Andrade escrevia e tornava público tudo o que pôde apreender. Escreveu aos médicos, aos políticos, aos professores e às suas alunas. Não se calou diante de provocações e nem se resguardou da responsabilidade de produzir artigos que afetaram muitos patricios da época. Não foi realmente um homem que silenciou.

Mas, *silêncio*, era a palavra que mais representava seu estado de espírito. De cabelos curtos e negros, pele clara, baixo e magro tinha a aparência de um ‘hércules quazímado’, como parafraseou Euclídes da Cunha em *Os Sertões*. Sugeriu possuir uma herança sanguínea mameluca que nem mesmo sabia precisar, mas que servia de explicação para o seu temperamento esquizotímico, informou Garcia Moreno. Com um bigode que lhe marcava o rosto, costumava ser de poucas palavras, talvez excessivamente introspectivo, tinha uma forte inclinação para silenciar

e ouvir, se descrevia como um monge. Nas suas confissões rememorava: “Sou um desses seres que nunca mudaram de sentir e de pensar, que morrem como nasceram, com a mesma fé, as mesmas crenças e tendências”¹.

Médico por formação, mas educador por vocação. Era assim que os registros o demarcavam. Dedicou uma vida à formação daquelas que seriam as futuras transmissoras da cultura e formadoras da mentalidade de uma época. E na manhã de 19 de Agosto de 1940 concluiu seu trabalho, deixando saudades guardadas pelos principais periódicos que circularam nesse período. Qualquer que fosse o motivo que contribuiu para essa perda, não foi maior que sua representatividade. O fato é que Helvécio de Andrade já teria sido imortalizado pelas suas idéias, publicações, atuações, reformas e lições. São muitas as razões para afirmar essa sentença, mas uma única já seria suficiente, seu trabalho educacional.

O *Correio de Aracaju* e o jornal *Folha da Manhã* noticiaram o falecimento de Helvécio de Andrade prestando homenagens através de biografias editadas pelos redatores dos respectivos impressos.

... a notícia da sua morte consternou a todos quantos lhe conheciam as elevadas qualidades do espírito e coração, havendo os estabelecimentos de ensino em expressiva homenagem, suspenso as aulas e hasteando a meio pau a Bandeira Nacional. À família do extinto, nesta hora dolorosa o ‘Correio de Aracaju’ apresenta as suas manifestações de pesar.²

Norbert Elias ao retratar da biografia de Mozart despertou sobre a vida desse músico um adeno bastante significativo que contribuiu para iniciar essas análises. “Não devemos nos iludir julgando o significado, ou a falta de significado da vida de alguém segundo o padrão que aplicamos à nossa própria vida. É preciso indagar o que esta pessoa considerava ser a realização ou o vazio de sua vida.”³

Introdução

¹ GARCIA MORENO, João P. *A Cadeira Nº 15*. Aracaju: Academia Sergipana de Letras. 1942. p. 3.

² Falecimentos. *Correio de Aracaju*. Aracaju, 19 de Agosto de 1940, ano XI, n. 1753. p. 1. col 2.

³ ELIAS, Norbert. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

Qualquer história permite, por certo, várias narrativas e inúmeras leituras.

As Barbas do Imperador de Lilia Schuarcz.



Este estudo tem como meta analisar a contribuição de Helvécio de Andrade para a difusão dos princípios de modernização da instrução pública sergipana nas três primeiras décadas republicanas. Para situá-lo faz-se necessário compreender a conformação do campo educacional sergipano e a presença incólume dos intelectuais que participaram direta ou indiretamente da difusão do ideal renovador proposto pelo movimento da Pedagogia Moderna.

Os primeiros anos republicanos foram considerados para a educação basilares por trazer novas teorias relevantes para a consolidação de um pensamento educacional brasileiro. Ele estava sustentado na construção de um homem novo para uma sociedade que se pretendia moderna. As possibilidades de mudanças educacionais preconizadas por essas idéias sugestionavam renovação no campo educacional e encontravam-se presentes nos regulamentos de Instrução Pública, nos relatórios de inspetores de ensino, nas reformas e na legislação⁴.

A proposta para o processo de formação educacional do homem novo⁵ estava associada ao entendimento da necessidade de inserção de novos métodos de ensino e técnicas correspondentes às necessidades determinadas pela complexidade social decorrente da industrialização e, conseqüentemente, da urbanização. Ao discutir o tema da industrialização nos projetos da Associação Brasileira de Educação, Marta Carvalho, no estudo intitulado *Molde Nacional e Forma Cívica*⁶, revelou que as propostas ditas ‘modernizadoras’ tiveram um

⁴ SOUSA, Cynthia Pereira de. **História da Educação**: Processos, práticas e saberes. São Paulo: Editoras, 1898.

⁵ Consoante Carvalho, “a escola foi, no imaginário republicano, signo da instauração da nova ordem, arma para efetuar o progresso.”¹. Cf.: CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A Escola e a República**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. p. 7- 8.

⁶CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Molde nacional e Fôrma cívica**: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931). Bragança Paulista, São Paulo: EDUSF, 1998. p. 22.

diferencial marcante em relação às ‘tradicionalistas’⁷ por introduzir em seus programas novos métodos e modelos educacionais, os quais enxergavam no desenvolvimento econômico as exigências para um novo tipo de sociedade.

Dentre outras funções, a escola nesta configuração integrava a educação intelectual, moral e física à necessidade de “homogeneização cultural e de civilização das massas”⁸, conforme acredita Rosa Fátima de Souza. Corroborando com esta idéia, Carvalho acrescentou que esse novo projeto se propôs “... como instância de homogeneização cultural por via da inseminação de valores e da formação de atitudes patrióticas”⁹. Assim, o projeto social dos reformadores da Associação Brasileira de Educação identificou a educação como sendo o instrumento principal de moldagem do povo.

No rol deste pensamento, a historiografia destacou para as teorias pedagógicas a importância dos intelectuais da educação. Este foi o caso de Lourenço Filho, Fernando de Azevedo, Caetano de Campos, Sampaio Dória, Anísio Teixeira, Pascoal Lemme e outros que, ligados às questões educacionais, expressavam a influência das novas idéias originadas da Pedagogia Moderna em suas reformas envolvendo o horizonte educacional brasileiro¹⁰.

⁷ Como reflete Vidal no texto produzido sobre a Escola Nova e seu processo educativo, o termo tradicional foi utilizado pelos escolanovistas para indicar a desqualificação a todos os aspectos da forma e a cultura em voga nas escolas. Cf.: VIDAL, Diana Gonçalves. “Escola Nova e processo educativo”. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. (org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

⁸ SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização**: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo. São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1998. p. 171.

⁹ Idem. p. 171.

¹⁰ LOURENÇO FILHO, Manuel Bergtröm.(1897-1970). **Introdução ao estudo da Escola Nova**: bases, sistemas e diretrizes da Pedagogia Contemporânea. 12ª ed. São Paulo: Melhoramentos (RJ): Fundação Nacional de material Escolar, 1978.

Esses intelectuais atuaram na transformação do ensino educacional de forma peculiar. Criaram projetos que visavam mudanças estruturais do sistema educacional ao estabelecer escolas que serviriam de modelos de educação, propuseram reformas e regulamentos que visavam democratizar o ensino gerando polêmicas entre os próprios reformadores¹¹, planejaram maneiras para melhorar a qualidade do ensino em todo o país¹² e, assim, instituíram representações de uma nova educação e do grupo de intelectuais que a empreendeu¹³. E Sergipe? Como os envolvidos com a Instrução Pública sergipana participaram da difusão e implementação de reformas baseadas na modernização pedagógica? Na tentativa de responder essa questão é que o referido estudo se justifica.

Em Sergipe, a educação nas primeiras décadas republicanas foi alvo desse movimento trazido pelos intelectuais sergipanos através de intercâmbios com os intelectuais da educação de São Paulo e Rio de Janeiro, estabelecendo-se como uma nova mudança na maneira de pensar as práticas escolares e políticas públicas educacionais. Essas visitas proporcionaram aos intelectuais sergipanos a *apropriação* de modelos, métodos e critérios avaliativos que resultaram na definição de um perfil de instituições com práticas voltadas para civilizar. Para identificar o modo com o qual os intelectuais da educação concebiam a modernidade pedagógica em Sergipe, seria necessário compreender algumas questões como Quem foram esses atores? O que idealizavam? Quais eram seus projetos? Como difundiram os ideais de modernização pedagógica? E de que forma produziram mudanças no campo educacional sergipano?

Ao lado dos que assumiram o discurso de modernização pedagógica em Sergipe estavam, a saber, José Augusto da Rocha Lima, José Rodrigues da Costa Dórea, Maurício Graccho

¹¹Ao analisar as ligações de Paschoal Lemme com esses intelectuais, Zaia Brandão afirmava que Lemme entendeu a educação a partir da necessidade de democratização do ensino e, com uma visão mais cética, compreendeu os limites da escola como um fator essencial para a transformação da sociedade. BRANDÃO, Zaia. **A Intelligentsia educacional** – Um percurso com Paschoal Lemme por entre as memórias e as histórias da Escola Nova no Brasil. Bragança Paulista/SP: IFAN-CDAPH, Editora da Universidade São Francisco, 1999. p. 96.

¹²Anísio Teixeira empreendeu reformas desde o ensino primário à procurando envolver mudanças na mentalidade social do corpo docente. NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira: a poesia da ação**. Bragança Paulista/SP: EDUSF, 2000. p. 581.

¹³Fernando de Azevedo ao produzir **A Cultura Brasileira**, faz uma síntese sociológica da evolução da sociedade brasileira. Nessa obra e no Manifesto dos Pioneiros em 1932, Azevedo constrói uma representação do grupo dos chamados pioneiros da educação como os renovadores do cenário educacional brasileiro. TOLEDO, Maria Rita de Almeida. **Fernando de Azevedo e a cultura brasileira ou as aventuras e desventuras do criador e da criatura**. São Paulo, PUC. 1995. (Dissertação – Mestrado em Educação).

Cardoso, o professor paulista Carlos Silveira, Manuel Franco Freire, Penélope Magalhães e Helvécio de Andrade. Nesta perspectiva, a vida e as produções do médico-educador Helvécio de Andrade serão evidenciadas neste estudo como objeto central de análise, afim de que se possa identificar a maneira como suas idéias sobre a modernização pedagógica foram difundidas em Sergipe a partir de suas publicações e da sua atuação como professor e como Diretor Geral da Instrução Pública nos anos de 1914 a 1918, de 1926 a 1927, e de 1930 a 1935.

Interpretar o passado desse educador seria corroborar para o entendimento do processo das relações entre os sujeitos que atuaram numa época de novas experiências históricas e possibilidades culturais. Além de ser um intelectual de referência nacional, suas produções enveredam por diversos campos de conhecimento. Dentre as produções científicas de Helvécio de Andrade destacam-se as publicações sobre assuntos literários, temas técnicos e científicos ligados à medicina, estudos de climatologia e geografia médica e assuntos versando sobre educação. Nesta última, podemos perceber a preocupação com a introdução de novos métodos, novas leituras, novas idéias para serem aplicadas à educação primária, secundária e normal.

Estudar o intelectual Helvécio de Andrade, conhecer um perfil das idéias pedagógicas que pairavam no ambiente intelectual sergipano que beirava as primeiras décadas republicanas, além de significar uma oportunidade para identificar quais seriam as idéias que circulavam entre os intelectuais paulistas e a recepção destas pelos intelectuais sergipanos.

Numa outra instância, analisar as discussões e os textos produzidos por esse intelectual significou uma oportunidade para apreender de que forma as idéias da Pedagogia Moderna foram apropriadas pelas políticas públicas, pelas instituições de ensino e pelos outros educadores contemporâneos a Helvécio de Andrade. Em outras palavras, estudar esse médico-educador seria debruçar-se no núcleo dos conceitos e tendências circulante no meio intelectual de uma época.

Ciente da importância desse intelectual para a educação sergipana, algumas questões se fizeram presentes. Dentre elas, Como o discurso sobre educação de Helvécio de Andrade ganhou legitimidade na sociedade sergipana? Em que tipo de pensamento ou teoria estavam baseadas as idéias de Helvécio? Qual foi sua formação? Como difundiu suas idéias? Como contribuiu para a modernização do sistema escolar de Sergipe? Suas idéias foram apropriadas pelos outros intelectuais da educação sergipanos? Quais das idéias difundidas por Helvécio de Andrade foram criticadas? Como foram difundidos, através da sua atuação como médico social, os ditames de higienização e urbanização nas escolas aracajuanas? Quais os princípios do higienismo enfatizados por Helvécio de Andrade nas instituições educacionais? Quais eram essas práticas higienistas escolares? Por que era importante regenerar a sociedade aracajuana?

Procura-se, assim, nortear o trabalho pelos seguintes objetivos: Perceber a maneira como os discursos educacionais de modernização pedagógica, enfatizados por Helvécio de Andrade, foram difundidos a partir de sua formação intelectual e da sua atuação como professor e diretor geral da Instrução Pública, identificar o modo com o qual essas idéias foram apropriadas pelos intelectuais da educação sergipanos contemporâneos a Helvécio de Andrade e, por fim, analisar de que forma esse educador promoveu e legitimou a implantação dos conhecimentos médico-higienistas no ambiente escolar.

A esses objetivos correspondem algumas hipóteses. A primeira supõe que foi a trajetória de Helvécio de Andrade dedicada ao campo educacional sergipano que possibilitou a introdução dos projetos de modernização nas escolas em Sergipe ligados às diretrizes da Pedagogia Moderna.

Acredita-se também que a atuação política, como médico profissional e como educador nos espaços sociais, tanto em Sergipe como em outros estados, foram indispensáveis para a apropriação dos diferentes significados que seus discursos adquiriram ao se difundirem entre a intelectualidade sergipana.

A terceira hipótese refere-se a dedução de que foi a preocupação de Helvécio de Andrade com a instalação de modernos padrões de ensino que possibilitou promover diversas reformas na Instrução Pública, introduzindo os novos preceitos do conhecimento da Higiene como prática escolar necessária à formação do ensino primário, secundário e normal.

O campo empírico delimitado foi a cidade de Aracaju durante o período de 1910, quando Helvécio de Andrade foi convidado a assumir o cargo de Delegado Fiscal e finaliza em 1935, ano

que marca sua saída da cadeira de Diretor da Escola Normal em Sergipe. Embora o estudo ao abordar a biografia do objeto pesquisado recue um pouco mais no tempo ao descrever a trajetória da sua formação.

Ao considerar a fecundidade do pensamento optei pelos sociólogos Pierre Bourdieu e Norbert Elias para assessorar a compreensão do meu objeto de estudo. Eles trazem alguns traços de compatibilidade que torna possível o uso desses teóricos, a saber, os dois fazem parte da corrente da sociologia histórica, estabeleceram em suas idéias um constante diálogo entre a teoria e a empiria e ambos superaram a antinomia indivíduo e sociedade que atravessou a história do pensamento sociológico. Bourdieu superou a oposição entre o subjetivismo weberiano e o objetivismo durkheimiano constituindo uma teoria da prática e elaborando conceitos como o de *campo* e *habitus*. Já Norbert Elias a rejeição à oposição indivíduo e sociedade foi efetuada a partir da elaboração do conceito de *configuração* e *habitus*.

Não menos importante, as categorias de *apropriação* e *representação* elaboradas por Roger Chartier serão fundamentais para empreender algumas inferências sobre a atuação de Helvécio de Andrade durante a difusão dos princípios da Pedagogia Moderna. Assim, para compreender as relações existentes entre os sujeitos sociais e os mecanismos de conquista da legitimidade e do reconhecimento, busquei no suporte teórico elaborado por Bourdieu os conceitos de *campo*¹⁴, mais particularmente, *o campo científico, capital e habitus*. As reflexões Norbert Elias auxiliaram no entendimento sobre as noções de *civilização* presentes nos textos de Helvécio de Andrade.

Pierre Bourdieu concebeu *campo científico* como espaço de conflitos no qual estava em jogo o poder de definir o que era legítimo e ilegítimo no campo. O conceito criado por esse sociólogo foi uma ferramenta básica para entender as lutas que Helvécio de Andrade travou com outros intelectuais como Ávila Lima, Ítala Silva, Carvalho Neto e Augusto Leite no campo

¹⁴ Bourdieu substituiu a noção de espaço pela de “campo” e entendia que ele possuía uma estrutura própria e relativamente autônoma em relação aos outros espaços sociais, nele as posições das pessoas estavam fixadas a priori e esses agentes no campo tinham uma finalidade e se estruturava a partir da distribuição desigual dos capitais cultural, social, econômico e simbólico. Esse autor entendia a sociedade como sendo um campo de luta concorrencial e para cada campo existia um interesse específico.

científico sergipano. Nessas disputas se percebeu uma luta de representações, nas quais os agentes tentavam impor uma determinada concepção de ciência pedagógica e dessa forma produziam um *habitus* específico. Outro conceito importante foi o de *capital social e capital cultural*¹⁵, a partir desse conceito foi possível perceber como Helvécio de Andrade através do acúmulo desses dois capitais conquistou uma posição privilegiada na estrutura social.

Ao analisar as relações estabelecidas pelos indivíduos numa determinada sociedade e refletir sobre as variadas formas de coexistência e sociabilidade, Norbert Elias entendeu que “na análise das figurações, os indivíduos singulares são apresentados de maneira como podem ser observados: como sistemas próprios, abertos, orientados para a reciprocidade, ligados por interdependências dos mais variados tipos...”¹⁶. A partir dessas premissas teóricas foi possível compreender Helvécio de Andrade não como um indivíduo isolado ou independente dos demais, mas como um agente que se encontra ligado por uma rede de interdependências que regulavam suas relações e suas práticas, ou seja, um sujeito que fazia parte de uma configuração.

Na sociedade os indivíduos se achavam interligados por um modo específico de dependências e buscavam demarcar uma posição na estrutura social, para isso formavam os grupos e a entrada neles dependia tanto do trabalho de sociabilidade que os agentes produziam como do reconhecimento dessa proximidade. Tais fatos, diziam respeito à capacidade que um sujeito social tinha para adquirir e acumular *capital social*. Esse capital podia ser entendido como “o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento”¹⁷, assim, as relações estabelecidas entre os agentes proporcionadas pela vinculação a um grupo, conferia aos mesmos ligações permanentes e úteis.

¹⁵Martins ressaltou que: “Bourdieu postula a existência de diferentes tipos de capital, como o econômico, fundado na apropriação de bens materiais, o social, baseado nas relações mundanas que constituem fontes estratégicas de ‘apoios’ para a atuação dos agentes sociais, e o cultural, que tem na posse dos títulos escolares uma de suas manifestações institucionais”. MARTINS, Carlos Benedito. “Notas sobre a noção da prática em Pierre Bourdieu”. In: **Novos Estudos**. n. 62, CEBRAP: março de 2002. p. 177.

¹⁶ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 50-51.

¹⁷BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (org.). – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998. p. 67.

Foi através do *capital social* conquistado com o convívio familiar que Helvécio de Andrade¹⁸ pôde obter a oportunidade de uma boa formação que, por sua vez, garantiu o acúmulo de bens culturais e a possibilidade de ascender economicamente. Isto porque a rede de relações sociais mantidas por Helvécio de Andrade com a família da sua mãe foi fruto de estratégias de investimento.

Depois de formado, ele foi convidado para exercer em Santos¹⁹ cargos de prestígio que conferiram o reconhecimento do seu potencial perante a sociedade. No entanto, fazia-se necessário considerar que o diploma recebia valor e função que variavam de acordo com o capital econômico e social que o agente possuía. O diploma sozinho não implicava em qualquer reconhecimento ou poder fora do mercado escolar, ele apenas obtinha êxito no interior da escola. O rendimento escolar estava relacionado à posse de um determinado *capital cultural*, este podia ser legado previamente pela família. Isto porque as primeiras experiências dos agentes adquiridas pelas relações familiares eram primordiais para a apreciação de experiências posteriores.

Bourdieu asseverou que para apreender *capital cultural* foi preciso ter antes o código para poder decifrá-lo, como afirmou: “depende da posse prévia dos instrumentos de apropriação” (...) e acrescentou: “um sistema de ensino propõe um tipo de informação e de formação acessíveis exclusivamente àqueles sujeitos dotados do sistema de disposições que constitui a condição do êxito da transmissão e da inculcação da cultura”²⁰. Ou seja, fazia-se necessário ter previamente certo *capital cultural* para a apropriação da cultura e a transmissão dessa cultura apreendida era função do próprio processo educativo.

Ao entender a sociedade como um complexo repleto de contradições, tensões e conflitos, Elias adverte a necessidade de perceber a vida social como uma estrutura de indivíduos

¹⁸ Helvécio de Andrade nasceu de pais sem recursos, no entanto a família da sua mãe, Tereza Jesus de Andrade, possuía um engenho chamado Boa Sorte. O freqüente contato com eles possibilitou a esse jovem uma vinculação mais próxima e isso lhe favoreceu ainda o ingresso numa das melhores faculdades de medicina do país. Assim, sua ascensão não se deteve ao capital econômico dos seus pais, mas ao capital social que ele conquistou convivendo com os Andrade, isso significa que essa aproximação lhe assegurou oportunidades que foram proporcionadas pelo pertencimento à um grupo prestigioso.

¹⁹ O cargo de Inspetor Sanitário e, mais tarde, o de Inspetor Geral da Instrução Pública.

²⁰ BOURDIEU, Pierre. “Reprodução Cultural e Reprodução Social”. In: **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999. p. 306. Coleção Estudos.

interdependentes. Mas o que une esses indivíduos nessa existência comum? Ele respondeu afirmando que:

a ordem indizível dessa forma de vida em comum, que não pode ser diretamente percebida, oferece ao indivíduo uma gama mais ou menos estreita de funções e modos de comportamento possíveis. Por nascimento, ele está inserido num complexo funcional de estrutura bem definida; deve conformar-se a ele, moldar-se de acordo com ele e, talvez, desenvolver-se mais com base nele.²¹

Nessa estrutura complexa que Elias definiu a sociedade, foi evidenciada a necessidade do indivíduo se moldar e se apropriar desse ‘complexo funcional de estrutura bem definida’ para ser considerado como parte integrante dele, essa idéia também foi defendida no estudo que publicou em 1939, o processo civilizador²². Ao se referir à formação social e moral dos indivíduos esse autor ressaltava sistematicamente a problemática sobre a relação indivíduo-sociedade mostrando como as pessoas são influenciadas pela posição que ocupa na estrutura social.

O processo civilizador²³ que Elias se refere é caracterizado pela interiorização individual de dispositivos definidos a priori pela estrutura social como aceitáveis ou proibidos e que através de mecanismos de condicionamento o sujeito é instruído para o autocontrole e, assim,

²¹ ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador I**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

²² ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador I**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

²³ Roger Chartier no livro: “A História Cultural: entre práticas e representações”, lembra que Elias pensou esse processo civilizador como “arte de observar os outros e de observar a si próprio, a censura dos sentimentos, o domínio das paixões, a incorporação das disciplinas que regulam a civilidade”. In: CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1990. p. 100.

reconhecido como um ser social. Nesta direção, pode-se inferir que as práticas educacionais ministradas pela escola funcionava como um desses mecanismos de condicionamento social.

As idéias de Helvécio de Andrade também estavam fundamentadas nos princípios de uma educação voltada para a vida social. Acreditava que uma educação que primava por uma formação completa da criança, devia observar durante as práticas educativas, a disciplina, pois sua preocupação residia na necessidade de delegar à criança a consciência do dever social²⁴. Esse professor entendia que as normalistas, como futuras professoras, deviam aplicar a autoridade moral sobre seus alunos, de modo que eles aprendessem a respeitar a hierarquia, a autoridade. A finalidade desses princípios seria dar aos alunos as noções de consciência do coletivo, do social do qual eles faziam parte. Assim, ressaltava a necessidade de ser ministrada uma educação moral²⁵.

No pensamento de Bourdieu a educação se caracterizava pela interiorização das disposições sociais as quais os indivíduos estavam submetidos e definiu essa idéia como *habitus*, que seria:

sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predisposta a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu fim, sem supor a intenção consciente dos fins, nem do domínio expresso das operações necessárias para atingir isso, objetivamente reguladas e regulares sem ser produto da obediência às regras sendo coletivamente orquestradas e sem ser produto da ação organizadora de um regente²⁶.

²⁴ANDRADE, Helvécio. **Instrução Pública**: necessidade de uma regulamentação definitiva dos ensinos primário e normal. Relatório apresentado ao Exmo Sr. Dr. Cyro de Azevedo, Presidente do Estado, em novembro de 1926. Aracaju. Typografia do Sergipe Jornal, 1926.

²⁵Helvécio de Andrade reclamava para as normalistas, como professor de Pedagogia, a consciência da individualidade que há em cada criança, diversificando os processos conforme o grau de desenvolvimento cognitivo e temperamento de cada uma delas. De modo que a transmissão da cultura fosse efetiva, tornando a criança um ser social. ANDRADE, Helvécio. **Curso de Pedagogia**: Lições práticas elementares de Psicologia, Pedologia, Metodologia e Higiene Escolar, professadas na Escola Normal de Aracaju. Aracaju: Typografia Popular, 1913.

²⁶BOURDIEU, Pierre. “Esboço de uma teoria da prática”. In: ORTIZ, Renato. (org). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1994b. p. 65.

Tendo isso em vista, o *habitus* foi considerado como uma forma de subjetividade socializada, que não estava relacionado a uma memória sedimentada e imutável, pelo contrário era um sistema construído continuamente e que não estava acabado, sempre permitindo ao sujeito novas experiências que podiam ser adquiridas por meio de estratégias e práticas que pudessem efetuar. Desse modo o *habitus* descrito por Bourdieu ressaltava um sujeito social que não estava determinado pelas instâncias tradicionais de socialização, mas que interagira com elas.

A estrutura do *campo científico* se definia, conforme Bourdieu, pelo estado das relações de força entre os agentes, neste caso os protagonistas em questão eram Helvécio de Andrade, Ávila Lima, Ítala da Silva, Carvalho Neto e Augusto Leite. No entanto, era o próprio campo que designava aos agentes as estratégias que eles iam produzir, mesmo aquelas que se preocupavam em derrubar a ordem educacional estabelecida e implantar outra, na qual suas idéias prevalescessem em detrimento das anteriores²⁷.

Com efeito, toda carreira se define fundamentalmente pela posição que ela ocupa na estrutura do sistema de carreiras possíveis(...) Toda descrição que se limita às características gerais de uma carreira qualquer faz desaparecer o essencial, isto é, as diferenças²⁸.

A luta concorrencial estabelecida entre esses agentes estava definida pela posse desigual de capital, o que caracterizava uma relação assimétrica. As estratégias e as idéias defendidas dependiam da posição que cada um ocupasse nesse campo. Assim, enquanto Helvécio de Andrade publicava seus livros sobre educação e exercia cargos de diretoria, Ávila Lima presidia

²⁷Bourdieu ratificou afirmando que: “é o campo que designa a cada agente suas estratégias, ainda que se trate da que consiste em derrubar a ordem científica estabelecida”. BOURDIEU, Pierre. “O Campo científico”. In: ORTIZ, Renato. (org). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1994b. p. 138.

²⁸BOURDIEU, Pierre. “O Campo científico”. In: ORTIZ, Renato. (org). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1994b. p.136.

o Conselho Superior de Instrução, lecionava Pedagogia na Escola Normal, defendia as questões jurídicas do estado e era colaborador de vários jornais sergipanos; bem como Carvalho Neto que assumiu a Diretoria da Instrução Pública em 1919, também era co-participante em diversos jornais e desempenhava importantes atividades no meio jurídico. Sem mencionar a presença do médico Augusto Leite que introduziu os métodos cirúrgicos, empreendeu a construção do Hospital de Cirurgia e da Casa Maternal, foi também professor do Atheneu, do Seminário Diocesano e diretor da Escola Aprendizes de 1910 a 1916.

Helvécio de Andrade como diretor da Instrução Pública possibilitou a reprodução das idéias de modernização pedagógica como a introdução de novos métodos de ensino e novas propostas curriculares²⁹. Mas, eram idéias modernizadoras para quem? Talvez elas servissem para demarcar a conquista do campo educacional por outro grupo sob o preceito de trazer novas idéias. Assim, as estratégias utilizadas pelo grupo dos modernizadores tinham como referência o modo como o campo educacional estava estruturado.

A luta pelo discurso socialmente reconhecido não estava limitada aos desentendimentos e queixas mantidas entre eles nos periódicos de grande circulação daquela época. O discurso, neste sentido, não estaria desautorizado pelas críticas; ia além, dizia respeito à formação da opinião que os grupos oponentes podiam formar acerca da capacidade intelectual de cada um dos mentores dessa discussão. No caso em questão, esses agentes ultrapassavam a idéia de produção de teorias competentes e fiéis ao discurso científico já legitimado e partiam, muitas vezes, para críticas de cunho pessoal. Esse embate refletia a luta pela posição que esses agentes ocupavam nas hierarquias instituídas o que definia a percepção social das competências e da distinção deles na sociedade³⁰.

²⁹ Além delas, a reestruturação de edifícios escolares, a inclusão das práticas higienistas e as propostas de novos programas escolares. ANDRADE, Helvécio. **Instrução Pública**: necessidade de uma regulamentação definitiva dos ensinos primário e normal. Relatório apresentado ao Exmo Sr. Dr. Cyro de Azevedo, Presidente do Estado, em novembro de 1926. Aracaju: Typografia do Sergipe Jornal, 1926.

³⁰ Logo após o lançamento do ensaio “Curso de pedagogia” de Helvécio de Andrade, Ávila Lima, através do jornal **Diário da Manhã**, publicou doze artigos intitulados “Críticas e Ensaio de Psychologia Pedagógica” polemizando a

Os intelectuais, Ávila Lima, Carvalho Neto e Helvécio de Andrade, com diferentes posições epistemológicas lutavam pela autoridade científica, com o objetivo de assegurar um certo poder sobre o conhecimento e sobre os mecanismos desse campo. Um tipo de estratégia que tinha como fito obter reconhecimento e autoridade de seus discursos e escritos entre seus pares, como também entre seus pares-concorrentes. Isto seria intitulado por Bourdieu como ‘autoridade científica’ que significa: “uma espécie particular de capital que pode ser acumulado, transmitido e até mesmo, em certas condições, reconvertido em outras espécies”³¹.

Nesta direção, existiam várias práticas sociais que estavam orientadas para dar autenticidade, ou melhor, demonstrar as competências, como: as indicações para abrir as festas da cidade, os títulos, a recomendação para cargos diretivos importantes, as publicações, os discursos e produções científicas. Essas práticas legavam, na maioria das vezes, àqueles que delas participavam, o reconhecimento, o prestígio e a legitimidade. Lutavam pelo poder, mas que poder seria esse? Nesse sentido, o poder simbólico, dizia Bourdieu:

O poder simbólico como poder de construir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente aquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido...³²

Esse poder determinava o que seria legítimo ou ilegítimo no campo científico e para conquistá-lo, os intelectuais, Helvécio de Andrade, Ávila Lima, Carvalho Neto e Augusto Leite se pautavam de estratégias que normalmente tendiam a assegurar seus interesses. Como lembrava Bourdieu: “o que é percebido como importante e interessante é o que tem chances de ser

credibilidade deste estudo. Em resposta, Helvécio escreveu no periódico, **O Estado de Sergipe**, “Refutações” que contrargumentava as idéias colocadas por Ávila Lima que só finaliza quando, Ávila Lima publicou ainda no **Diário da Manhã**, “Réplicas e Tréplicas” em 1914.

³¹BOURDIEU, Pierre. “O Campo científico”. In: ORTIZ, Renato. (org). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1994b. p. 130.

³²BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 14.

reconhecido como importante e interessante pelos outros”³³. Assim, eles lutavam pela possibilidade de serem reconhecidos e legitimados por seus concorrentes. O próprio debate educacional que travaram na imprensa sergipana por mais de três anos favoreceu para que o discurso de cada um fosse visto como importante e interessante aos olhos dos seus oponentes. O resultado disso foi o amadurecimento, lento e contínuo, das idéias de modernização pedagógica difundidas por Helvécio de Andrade.

O campo empírico delimitado foi a cidade de Aracaju durante o período de 1913, quando Helvécio de Andrade foi convidado a assumir a direção da Instrução Pública sergipana e finaliza em 1935, ano que marca sua saída da cadeira de Diretor da Escola Normal em Sergipe.

Modus Operandi: uma questão de método

Nas produções historiográficas podemos apreender a descontinuidade dos caminhos teórico-metodológicos e temáticos traçados pelos próprios investigadores. Desde Heródoto ao que hoje designamos Nova História Cultural percebemos a reincidência de temas, a rupturas com métodos e mudanças no seu próprio estatuto epistemológico – ora tomado como literatura-narrativa, ora como ciência. Dentre essas transformações, a História tenta se consolidar como conhecimento legitimado no âmbito da academia, entre os seus e perante a comunidade científica.

A História foi convidada, no século XX, a reformular seus objetos, suas referências. Os Annales, em suas diferentes fases, trouxe novas propostas teórico-metodológicas e com estas, um alargamento da noção de fontes históricas o que possibilitou para a História novas abordagens e o contato com outras ciências. Nos últimos anos, os modelos explicativos estabelecidos pelos Annales que enfatizavam a História Social, sofreram uma nova mudança, a partir de então crescia o interesse pela História Cultural, proporcionando um reflorescimento das discussões a respeito

³³ Idem. p.125.

das práticas culturais³⁴. Os historiadores dessa nova concepção não deveriam reduzir a análise da cultura ao reflexo da realidade social como único pressuposto significativo. Mas o que os historiadores entendiam por cultura?

Roger Chartier, um dos representantes desse movimento, designou a cultura como sendo “um sistema de concepções herdadas expressas nestas formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu saber sobre a vida e suas atitudes diante dela.”³⁵. Para Chartier, não foi nem a chamada “crise geral das ciências sociais” e nem a mudança de paradigma que promoveram as transformações no campo da História, e sim, a distância das práticas de pesquisa em relação à inteligibilidade do método histórico aplicado. Os Annales, em suas diferentes fases, trouxe novas propostas teórico-metodológicas e com estas, uma ampliação do entendimento de fontes históricas.

No processo de construção dos sentidos, o investigador da História Cultural precisava ser capaz de identificar quais seriam as práticas culturais, mas para isso, era necessário antes evidenciar as fontes possíveis, criticá-las e estabelecer diálogos entre fontes e teoria³⁶. Assim, a História Cultural conquistou o campo das discussões acadêmicas como também a História da Educação. Mas qual a relação estabelecida entre a História Cultural e a História da Educação? Poderíamos designar algum limite entre ambas? Quais foram os benefícios dessa aproximação?

A História Cultural proporcionou um crescimento epistemológico à História da Educação, na medida em que propunha novos objetos e novas interpretações ampliando o campo de investigação. Carvalho acreditou que esse encontro possibilitou “a retomada de ‘velhos objetos’ de investigação, sob perspectivas que, realçando-lhes aspectos antes descurados, torna-nos ‘novos’ ao nosso olhar...”³⁷ A autora julga “especialmente problemática” a fronteira entre a História Cultural e a História da Educação. Apreciando a mesma discussão, Castanho afirma que

³⁴ HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 5.

³⁵ CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 60.

³⁶ Para Thompson, “a maioria das fontes escritas são de valor pouco importando ‘o interesse’ que levou o seu registro (...) o historiador lerá esse material à luz das perguntas que propõe...” Cf.: THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. p. 36-37.

³⁷ NUNES, Clarice e CARVALHO, Marta Maria Chagas de. “Historiografia da educação e fontes”. In: **Cadernos ANPED**. Belo Horizonte (5), 1993. p. 46.

a “interseção possível entre a História Cultural e a História da Educação não ocorreu pela absorção de uma por outra disciplina ou pela anulação de qualquer delas, mas, sem dúvida, por uma mútua fecundação.”³⁸ Dessa forma, a História da Educação foi redefinida pela História Cultural, tornando-se, então, necessário identificar o lugar da História da Educação no campo da História Cultural³⁹.

A nova História Cultural abriu um espaço legitimado para os estudos sobre a organização interna da escola, houve uma dissolução de limites expandindo, assim, os temas de investigação projetando o que a historiografia da educação chamou de cultura escolar. No estudo da cultura escolar⁴⁰, o centro das investigações recaía sobre as práticas escolares, sobre o funcionamento interno da instituição educacional, organização dos alunos, professores, currículo, sobre a forma como é construído o conhecimento escolar⁴¹.

Como muitos afirmam, o movimento de ruptura com as chamadas velhas tradições possibilitou aos pesquisadores da História da Educação retomar a escola, as propostas educacionais e, inclusive, a atuação dos intelectuais que dela participaram a partir de um outra perspectiva gerando um novo olhar e, para este fim, a construção de novas modalidades interpretativas se constituiu um procedimento necessário. Por meio dessa prerrogativa, esta pesquisa condiz com os preceitos defendidos pela História Cultural ao desenvolver o estudo de

³⁸CASTANHO, Sérgio. 2000. “Questões teórico-metodológicas de História Cultural e Educação”. In: **Anais do I Congresso Brasileiro de História da Educação**. Rio de Janeiro: SBHE. CD Room. 2000. p. 8.

³⁹ Ao discutir as possíveis relações da História Cultural com a História da Educação, Thaís Fonseca refletiu que ao contrário dos historiadores brasileiros, a historiografia estrangeira evidenciou a educação como tema relevante para se discutir a formação cultural de uma sociedade. Como afirmou: “...as importantes pesquisas realizadas por autores como François Furet, Jacques Ozouf, Pierre Nora, Jean Hérbard, Dominique Julia e mesmo Roger Chartier, quando se debruçaram sobre temas muito identificados à História da Educação – como a escolarização, a alfabetização, os livros e a leitura, o ensino – dando-lhes tratamento muito diverso daquele que tradicionalmente predominante.” FONSECA, Thaís Nívea de Lima e VEIGA, Cynthia Greive. “História da Educação e História Cultural”. In: **Historia e Historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 55.

⁴⁰De acordo com Dominique Julia, a cultura escolar estava definida como “um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, é um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos.” Cf.: JULIA, Dominique. “A cultura escolar como objeto histórico”. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Editora Autores Associados, n. 1, Janeiro/Junho, 2001. p.10.

⁴¹Corroborando essa afirmação, Castanho discute que “a História da Educação ocupa-se como fenômeno educativo, na sociedade moderna, abarca as práticas dominantes escolar da educação, suas representações e a regulamentação dessa atividade nas suas transformações no espaço e no tempo”. Cf.: CASTANHO, Sérgio. 2000. “Questões teórico-metodológicas de História Cultural e Educação”. In: **Anais do I Congresso Brasileiro de História da Educação**. Rio de Janeiro: SBHE. CD Room. 2000. p. 7.

um intelectual da educação, Helvécio de Andrade, mediante a observação dos novos métodos propostos por essa corrente historiográfica.

A escolha metodológica para tratar de Helvécio de Andrade como um educador, foi a abordagem biográfica, pois permiti reconstruir a trajetória desse intelectual analisando sua formação, o percurso profissional e atuação dentro do contexto sócio-cultural sergipano. Como afirma Trigo, o método biográfico possibilita “a busca de uma unidade entre todas as fases da pesquisa, possível através de uma atitude reflexiva que vá da conceituação teórica à análise dos dados”⁴². O cuidado em interpretar a trajetória de um intelectual subjetivamente escolhido pelo pesquisador é indiscutivelmente necessário. Haja vista os trabalhos que se dispuseram elaborar uma biografia que tendiam a mitificar o objeto escolhido. Cabe ao artesão manter-se em julgamento crítico ao tecer as linhas da sua pesquisa.

Ao interrogar-se sobre as implicações da biografia histórica, Le Goff concluiu que ela “é uma das maneiras mais difíceis de fazer história”⁴³. Talvez isso se deva ao fato de que em muitas biografias o descaso com o método histórico é presente. A consequência desse fato leva o pesquisador a privar-se de observar o objeto através de perspectivas críticas, de estabelecer critérios para a seleção de fontes, de posicionar problemas e até mesmo de afastar-se do objeto construindo, assim, o texto apresenta excessos de exotismo e acabam assumindo os “sentimentos do seu herói”⁴⁴. Na tentativa de fugir desses percalços foram propostos os critérios abaixo.

A análise teve inicialmente uma leitura cautelosa das obras de Helvécio de Andrade. Como procedimento fundamental busquei identificar quais foram os autores citados nas suas publicações com o objetivo de entender o que esse médico educador pensava, quem lia, quais eram as teorias e conceitos que lhe dava apoio teórico e metodológico.

⁴²TRIGO, Maria Helena Bueno. **Os paulistas de quatrocentos anos: ser e parecer**. São Paulo: Annablume, 2001.

⁴³LE GOFF, Jacques. **São Luís**. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 20.

⁴⁴LEVILLAIN, Philippe. “Os protagonistas: da biografia”. In: REMOND, René. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Editor UFRJ. Fundação Getúlio Vargas. 1979. p. 142.

Numa outra etapa, identifiquei os temas defendidos por esse intelectual com o objetivo de coligir quais foram as idéias que ele difundiu enquanto educador e, assim, analisar a recepção dessas idéias por outros intelectuais contemporâneos com o mesmo interesse temático. Isso evidenciou o que o autor tomava por significativo no campo político, social e educacional sergipano que vigiu durante as três primeiras décadas republicanas.

Embora privilegiando os seus textos, considerei também textos produzidos sobre o intelectual em questão, inclusive aqueles que iam de encontro a suas idéias e atitudes. Entraram nessa fase as produções de intelectuais como Adolfo Ávila Lima, Augusto Leite, Ítala Silva de Oliveira e Carvalho Neto. O propósito era relacionar procedências científicas e ideológicas contrárias ao pensamento educacional de Helvécio de Andrade de modo que fosse possível evidenciar as idéias que circularam entre os intelectuais da educação do início do século XX.

Parte das fontes que utilizei na elaboração deste estudo encontram-se relacionadas às publicações de Helvécio de Andrade nas quais foram verificadas as idéias pedagógicas defendidas pelo intelectual em questão. Os indícios deixados por Helvécio de Andrade durante a época que dirigiu a Diretoria da Instrução Pública, possibilitaram identificar quais foram suas ações referentes a possíveis mudanças na educação. Uma leitura preliminar das obras de Helvécio de Andrade permitiu entrever no seu discurso o apelo para ser introduzido nas instituições de ensino o método intuitivo e a leitura analítica.

Através da leitura dos periódicos, jornais e revistas, foi possível rastrear tanto os artigos publicados por Helvécio de Andrade como aqueles que criticam suas idéias e assim, identificar que tipo de acusações as suas concepções pedagógicas sofreram. Também servirão de subsídio a documentação oficial com a finalidade de perceber quais foram as reformas empreendidas que

tinham como fundamento as novas idéias pedagógicas difundidas pelo médico-educador, Helvécio de Andrade.

Foram utilizadas entrevistas gravadas e não-gravadas respeitando a opção do informante. Para tal as fitas dos depoimentos foram transcritas integralmente e organizados em sub-temas conforme o assunto abordado. Textos-depoimento publicados em jornais também foram utilizados como fontes para este estudo. Os depoentes eram selecionados conforme o grau de proximidade com Helvécio de Andrade. Dentre eles, duas ex-alunas e um parente.

Com o fito de obter a sistematização das fontes elencadas acima, utilizei uma ficha de coleta de dados compondo, assim, um banco das informações essenciais para esta pesquisa. Foi utilizada também a ficha de leitura concebida com o objetivo de destacar da literatura as informações que interessassem à pesquisa. O processo de fichamento levou em consideração dois tópicos, o primeiro referente às informações técnicas, ou seja, as referencias bibliográficas e o segundo relacionado aos aspectos analíticos dos textos. Além disso, foi elaborado um mapa dos documentos contendo informações como referências, local onde a fonte foi encontrada, título, conteúdo e algumas considerações a respeito de cada fonte. Isso com o intuito de classificar as fontes, foi levado em consideração a temática e o período que foram publicadas. Os instrumentos de pesquisa utilizados foram fichas catalográfica, gravador, fitas cassetes, máquina fotográfica para a coleta dos textos publicados nos jornais, revistas e livros publicados por Helvécio de Andrade.

A pesquisa foi organizada em quatro capítulos que seguem uma seqüência temática mediante as dificuldades de expor um raciocínio cronológico da trajetória de Helvécio de Andrade. Como um caleidoscópio, as imagens perceptíveis à compreensão foram se formando na medida em que os indícios advertiam sobre a direção do olhar. Nesse caminho, o primeiro capítulo, *Memória e História: em busca da trajetória de Helvécio de Andrade*, apresenta traços da vida desse médico educador desde a infância, retomando os percursos escolares, sua formação, sua atuação como médico e ressalta os seus primeiros contados com as questões educacionais.

O segundo intitulado, *Nos trilhos da História: a atuação de Helvécio de Andrade no campo médico sergipano*, tem como foco identificar a forma como esse médico conquistou o campo médico e educacional sergipano evidenciando a inserção dos ideais higienistas como uma estratégia para civilizar e regenerar a sociedade.

Tecendo as linhas do tempo: a difusão dos ideais da Pedagogia Moderna em Sergipe, terceiro capítulo, abrange o trabalho educacional elaborado por Helvécio de Andrade desde o período que ingressou no campo educacional sergipano, em 1909, como Delegado Federal Junto Ao Atheneu Sergipense até o período que deixou o cargo de diretor da instrução pública pela primeira vez, em 1918.

Por fim, *Na busca dos vestígios: a contribuição de Helvécio de Andrade no campo educacional sergipano*, último capítulo, demonstra a participação desse professor na elaboração das conferências pedagógicas, na publicação de livros e nas discussões sobre os processos de ensino baseados nos preceitos da Escola Nova como porta voz da Associação Brasileira de Educação em Sergipe.



CAPITULO I



MEMÓRIA E HISTÓRIA:
em busca da trajetória de Helvécio de Andrade



*A minha mãe sempre me falava do
engenho como um recanto do céu.*

Menino de Engenho de José Lins do Rego.

Com o intento de perceber a maneira como os discursos educacionais de modernização pedagógica, enfatizados por Helvécio de Andrade, foram difundidos a partir de sua atuação como professor e diretor geral da Instrução Pública, foi elencada, inicialmente, uma série de questões sobre sua trajetória, dentre elas: como foi a infância de Helvécio de Andrade? Quais foram as escolas em que estudou? Por quais métodos de ensino aprendeu? Quem foram os responsáveis pela sua formação? Quais as dificuldades ou as oportunidades que surgiram durante o período escolar? Qual faculdade frequentou? Quais os autores e os intelectuais que Helvécio de Andrade leu? Quais idéias influenciaram sua formação? Como foi sua trajetória profissional? E Como iniciou sua carreira no campo educacional? Estas perguntas elucidariam quem foi Helvécio de Andrade, sua formação e os caminhos percorridos até os primeiros contatos com as lides educacionais.

Estudar a trajetória de um personagem implica em reconhecer que o indivíduo pode ocupar simultaneamente diferentes posições nos diversos campos da estrutura social. De fato, focalizar o indivíduo numa compreensão mais ampla requer do pesquisador o cuidado em observar que as trajetórias de vida não são lineares ou mesmo estáveis. Pelo contrário, por causa da complexidade, elas permitem múltiplas interpretações, compreensões mais abertas e, conseqüentemente, menos autoritárias. No processo investigativo aqui proposto a sensibilidade, a imaginação histórica⁴⁵ e rigor metodológico estiveram associados ao dimensionar o sujeito em questão.

⁴⁵COLLINWOOD, Robin G. "A imaginação histórica". In: **A Idéia de História**. 4ª ed. Lisboa: Presença, 1988. p. 287-306.

A vida de Helvécio de Andrade foi reconstruída nesse primeiro capítulo visando ressaltar as experiências adquiridas durante sua formação, atuação como inspetor escolar, como médico em Santos e em Sergipe. Dessa forma, foi possível identificar quais foram as bases teóricas seguidas, o que ele pensava, quem lia, como se apropriou do discurso educacional professado pela Pedagogia Moderna e das reformas iniciadas em São Paulo. O texto foi elaborado a partir de jornais, revistas, literatura, manuscritos, livros de matrícula, atas, relatórios, mensagens, ensaios e, principalmente, das memórias deixadas por Helvécio de Andrade e pessoas que conviveram com ele.

A memória muitas vezes recompõe um mosaico de sentido que o sujeito, em suas reminiscências, se atribui e que os outros lhe atribuem. As lembranças deixam vivas as réstias de um passado. Por vezes, são elas as únicas testemunhas de uma vida, de um fato ou mesmo de uma representação do vivido. Assim, elas foram primordiais pra recuperar alguns indícios da infância e da formação de Helvécio de Andrade. Debruçar-se nestas memórias significou enveredar por uma percepção dificilmente detectada nos registros dos arquivos.

1.1. Reminiscências da infância

Helvécio de Andrade nasceu em meio a sabores e aromas da cana-de-açúcar que grassavam as sensibilidades dos moleques de engenho. Piso de terra batida, cômodos estreitos, longos corredores, os escravos dos eitos, as tachas, a caldeira, as moendas e o cheiro do cabaú fervendo no engenho. De lá, dava para enxergar, à sombra das fruteiras, a Chapada, sítio de que seu José⁴⁶ e Dona Tereza⁴⁷ cuidavam. O plantio variado de hortaliças

⁴⁶José Ferreira de Figueiredo, pai de Helvécio de Andrade, membro da família *Figueiredo* que eram aliados políticos e parentes próximos das famílias *Andrade* e *Cabral*, ambas representativas da sociedade patriarcal capelense.

e frutas, função da Chapada, era primordial para a sobrevivência do engenho e do comércio local.

Sem alguma varanda que lhe desse suporte, a casa do sítio acomodava poucos cômodos. Com a frente projetada para o norte, era separada da casa-grande por um imenso quintal no qual as fruteiras intumesciam nos períodos de colheita⁴⁸. Nesse clima bucólico, as lembranças da Chapada esvaeciam com o tempo junto com seu esplendor. Ao recordar da época de menino, Helvécio de Andrade registrou suas lembranças da Chapada “esse amor ao ar, à luz, à selva, aos esforços ilimitados, ao silêncio das estradas desertas que ainda me encanta e seduz (...) suas vagas e seus mistérios, define toda a minha alma de caboclo.”⁴⁹ Ao retornar saudoso à casa materna, quarenta anos depois da sua partida, descreveu as ruínas de um fausto decadente. “Não encontra mais ninguém. A morte e o tempo levaram quase tudo. Só as grandes árvores não desertaram da paisagem, imóveis nos grilhões perpétuos das raízes”⁵⁰.

Assim que Helvécio de Andrade chegou, encontrou tudo deserto. As largas estradas que davam acesso ao sítio estavam cobertas de mata-pasto⁵¹, a residência abandonada na qual algumas paredes teimavam em resistir ao infortúnio do tempo. Sem os móveis, sem os cortes que enfeitavam as janelas, leitos vazios restando apenas as marcas negras deixadas pela fumaça do fogão à lenha e os insetos, os novos habitantes do recinto.

Na época natalícia de Helvécio de Andrade, 5 de Junho ou 6 de maio de 1864, os documentos apontam incertezas quanto a esse registro⁵², o sítio Chapada pertencia ao

⁴⁷Tereza de Jesus Andrade, mãe de Helvécio de Andrade. Cf.: GUARANÁ, Armino. **Dicionário Biobibliográfico de Sergipe**. Rio de Janeiro: Edição do Estado de Sergipe, 1925.

⁴⁸Gilberto Freyre descreveu as casa de sítio como sendo “casas de um pavimento só, como as chácaras paulistas. Edifícios de quatro águas, como as casas de engenho. Protegiam nos terraços achapados ou copiares. As árvores mais comuns nessas casas do norte eram as goiabeiras, os araçazeiros, os cajueiros, as laranjeiras, os coqueiros...” FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mocambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano**. 15ª ed. São Paulo: Global, 2004. p. 308.

⁴⁹GARCIA MORENO, João P. A **Cadeira Nº 15**. Aracaju: Academia Sergipana de Letras, 1942. p. 3.

⁵⁰Idem. p. 6.

⁵¹Nome dado por Helvécio de Andrade em suas reminiscências ao capim que cobria a “larga estrada vermelha” do sítio Chapada.

⁵²Ao que tudo indica, Helvécio de Andrade nasceu em 6 de Maio e foi registrado apenas em 5 de Junho de 1864. Normalmente os registros eram efetuados nas Igrejas Católicas por ocasião do batismo.

antigo engenho Boa Sorte de José Antônio de Mello Cabral, vendido anos mais tarde por causa de crises financeiras não superadas. A instabilidade do comércio do açúcar e as secas eram agravantes das crises vividas no agreste sergipano. Um ano após o nascimento de Helvécio de Andrade, Sergipe foi assolado por uma estiagem que, apesar de não durar muito tempo, causou a falência de muitas famílias proprietárias de terras. Nos momentos de crise, normalmente os parentes mais abastados arrendavam as terras dos desafortunados. Foi o que aconteceu com o Chapada.

Seu Félix Cabral ou velho Nonô⁵³, como era conhecido, dono do Engenho Pau Seco, não foi atingido pelas crises e, em franca expansão, comprou não só o sítio Chapada, mas também o Oitizeiro, Barriguda, o Buri, o engenho Flor da Índia, Japarutuba, Nica e arrendou o engenho Caatinga. Este último pertencia à família de seu futuro genro, Dadasso⁵⁴. Dessa forma, a “princesa dos tabuleiros”⁵⁵ ganhava mais um forte representante político acunhado pelas terras compradas e/ou herdadas.

O *capital-terra*, parafraseando a expressão utilizada por Gilberto Freyre⁵⁶ *capital-pessoa*, reflete a tendência esboçada no Brasil agrário, de senhores de engenho e fazendeiros, marcada pelo nexos entre a expansão territorial e a concentração do poder. Bourdieu assinala que os agentes ocupam um lugar no espaço social consoante a posse de recursos. O *capital econômico*, em suas diferentes formas, desempenha a função de distribuir esses agentes de acordo com o volume do capital que possuem. Assim, dependendo da posição que eles ocupem nesse *campo*, pode-se compreender a pluralidade das práticas efetuadas para manter o poder.

O engenho Pau Seco, do qual a Chapada agora fazia parte, era símbolo de distinção e representava o poderio da família Cabral/Andrade. As majestosas palmeiras que, esteticamente, davam à propriedade a confirmação do poderio econômico do engenho, sustentavam a paisagem da heril casa-grande. Abaixo, a longa senzala que se escondia aos pés da mansão e ao fundo, o quintal com árvores frutíferas onde se criavam os animais domésticos.

⁵³ MACHADO, Manoel Cabral. **O Aprendiz de Oboé**. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 2005.

⁵⁴ Manuel Inácio da Motta, conhecido pelos parentes como Dadasso, conforme as poesias não publicadas de Manoel Cabral.

⁵⁵ Assim era conhecida a Capela, por estar localizada no topo dos tabuleiros, o antigo tabuleiro da Cruz.

⁵⁶ FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 1900-1987. 50ª ed. rev. São Paulo: Global, 2005.

Do alpendre da casa-grande o Major Nonô-Félix comandava o engenho. Ora observava o verde dos campos de canas, ora ouvia o estalar das folhas secas nas estiagens dos rigorosos verões. Boa parte da infância de Helvécio de Andrade esteve ligada ao Pau Seco. Lá aprendera a distinguir as canas caianas das pitus, as criolas das manteigas e apreciar as fragrâncias e os sabores do melaço. Cabral Machado ao cantar a Saga do Engenho Pau Seco desvendou a vida de menino de engenho.

Os filhos, meninos/Peraltam no Engenho
 Que gozo o reinado/Da infância no Engenho!
 É cana e mais caldo/ É mel, rapadura.
 É trote a cavalo/Corridas nos pastos
 E banho no tanque/ Os bichos servindo
 A tanto mister./ Os filhos dos brancos,
 Os filhos de escravos/ Irmãos nos folguedos
 Arrastam bagaço/Nos couros de boi
 E dormem à noite/ No alvor do bagaço
 Que cheiro macio/Qual seio materno⁵⁷.

Como de costume das famílias patriarcais, o velho Nonô cedeu em consórcio ao primo Dadasso, a filha Rosinha que soube do seu noivado nas vésperas do grande jantar. Mesmo com as bênçãos do tio, Padre Cabral, o jovem casal não consumou os votos. Com apenas 12 anos de idade, Rosinha relutava em ir morar com o esposo no Engenho Caatinha, por três vezes o esposo a convidou para conhecer a propriedade, na última aceitou. Nesse ínterim, Mãe Totôinha faleceu e Nonô decidiu vender o Pau Seco à Dadasso, seu novo dono, e foi para o sertão plantar algodão. A chamada Braúna, grande fazenda que fiava e fazia lã, portava a máquina a vapor, grandeza naqueles tempos.

No Pau Seco, os Cabral, Motta e Andrade formavam uma única e grande família que conviviam juntas. Os domingos eram para as crianças da Chapada e demais sítios os dias das refeições na casa-grande. Com os primos reunidos, os banhos no rio e o pega passarinho eram rituais típicos e até mesmo obrigatórios naqueles tempos. No velho sobrado, as moças solteiras sonhavam enquanto costuravam e rezavam ao tempo em que dormiam com a certeza que algum parente iria lhes propor casamento.

Os meninos, não. Esses eram levados para outras localidades com o desígnio de estudar as primeiras letras, secundário ou preparatórios e, enfim, superior. Enviar os filhos para doutorar-se principalmente das faculdades de Direito e Medicina era uma prática freqüente entre a aristocracia dos idos do século XIX. Bahia, Rio de Janeiro e Recife eram as províncias mais requisitadas pelas famílias nordestinas abastadas. Os meninos de

⁵⁷ Acervo particular de Manoel Cabral Machado, poesias intituladas “Saga do Engenho Pau Seco”. p. 3.

Dadasso foram enviados⁵⁸, mas os pais de Helvécio de Andrade ainda não tinham como preparar o enxoval para que ele pudesse acompanhar seus primos.

Anos de trabalho, a riqueza, a lavoura não poderiam acabar com uma simples Lei, pensava Dadasso ao receber a notícia do fim da escravidão. Pau Seco também teve o seu fim. Inerte aos acontecimentos políticos, Dadasso empreendia altos investimentos na compra de escravos e terras, apesar dos conselhos da esposa, que acompanhava as notícias pelos jornais e revistas que chegavam às suas mãos. Dizia Rosinha nas lembranças de Machado⁵⁹ “Dadasso a comprar/ Mais negros escravos/Por que mais comprar? Se os tempos são outros/ Se os ventres são livres/ E os velhos também?”. Sorria da esposa e acreditava que os escravos não deixariam de existir, pois eram a base da econômica do País. Mas...

No Engenho Pau Seco/ Chegou a notícia
Da grande alforria./ Nos negros escravos,
Depressa espalhou-se./ Foi fogo na pólvora.
Dadasso chocou-se/ Em frente à mansão
Solene, anuncia/ A libertação.
Foi um alvoroço/ Os negros alegres
Cantando e sorrindo/ Louvando a princesa
A mãe dos cativos/ As trouxas arrumaram
E partem felizes/ Em nova existência.⁶⁰

A microrealidade do Engenho Pau Seco representava as crises econômicas pelas quais passavam os aristocratas sergipanos e, até mesmo, nordestinos a partir da sanção da Princesa Isabel. Vivendo em Propriá as vésperas da abolição da escravatura, 1887/1888, Helvécio de Andrade não pôde acompanhar os momentos de tristeza dos seus familiares,

⁵⁸ O primeiro dos varões, Antônio da Mota Cabral, foi ser padre na Bahia. Estudou no Seminário Santa Tereza, orgulho para a família. Quando foi anunciada o fim da escravidão e a morte do seu pai Dadasso, retornou ao velho Engenho para comandar. Impossibilitado pela falta de trato com a terra foi designado por Sinhá Rosinha para cuidar da educação dos seus irmãos mais novos. Mais tarde montou um colégio em Capela e depois outro em Maroim, casa-se com Graziela. O posto foi assumido pelo seu irmão, Félix da Mota Cabral, que também interrompeu os estudos a apedido da mãe. Ressuscitou o engenho com a ajuda das irmãs que agora iam bordar com a enxada as terras dos seus pais. (depoimento de Manoel Cabral Machado).

⁵⁹ Poesias não publicadas de Manoel Cabral Machado intituladas “Saga do Engenho Pau Seco”, no qual cantou suas memórias de menino. Acervo particular.

⁶⁰ Anotações pessoais de Manoel Cabral Machado.

como fluente leitor de jornais, não estava alheio a crise que afligia todo o País. Ao retratar esse episódio, Zózimo Lima apontou que “com a abolição do elemento servil, no ano anterior, os senhores de engenho da Capela, latifundiários, não estavam lá muito satisfeitos com o governo do Sr. D. Pedro II. Quase todos ficaram arruinados, alguns com as faculdades mentais abaladas, como aconteceu com o senhor da Lagoa Real.”⁶¹ Com o apoio de D. Rosinha e familiares, o Pau Seco e a Chapada não sucumbiram.

1.2. Conhecendo o universo das letras.

Aos cuidados da mãe, na Chapada, Helvécio de Andrade aprendeu os primeiros rudimentos de escrita. Apesar de não possuir grande domínio da língua, apresentava-lhe os primeiros signos. Com a aquisição da leitura e da escrita iniciou a construção de seu *capital cultural*, traço comum herdado da instrução colonial e privada. Mas a influência feminina na instrução infantil estava sujeita a *representação* que a família conferia à aquisição da cultura e ao poderio econômico que portava. Mesmo sem posses, Helvécio de Andrade não se furtava do convívio com os primos do Pau Seco, que já haviam ingressado nas primeiras letras. O contato com as histórias sobre a maneira como os professores garantiam a memorização das matérias e o bom comportamento dos alunos infligia novas impressões sobre a escola. Literato coeso, como José Lins do Rego, exemplificou o fato com uma fala bastante simbólica, ouvida por seu personagem no momento em que iria iniciar os estudos, “escola era pra concertar menino”⁶².

⁶¹LIMA, Zózimo. **Variações em Fá Sustenido**. Vol. I. Brasília, 1993. p. 27. Coleção Garimpos de História.

⁶²REGO, José Lins. **Menino de Engenho**. 33ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 25.

Segundo Guedes-Pinto⁶³ a *representação* da escola do século XIX no imaginário infantil era revestida de características aversivas provenientes dos métodos e das relações disciplinares produzidas pelos padres das casas-grandes e/ou das lembranças dos austeros colégios jesuíticos que evocavam os castigos, punições e escárnios como práticas julgadas necessárias para a aprendizagem. Apesar dos temores, aprendeu as letras. A pedra negra⁶⁴ e o grafite, não eram materiais acessíveis às crianças de sua época, assim, aprendia escrevendo em caixotes de areia.

Mediante sua inclinação para os estudos, D. Teresa Andrade, em 1873, enviou Helvécio de Andrade para morar com seu tio em Estância⁶⁵, já que em Capela existiam apenas duas escolas primárias, uma para cada sexo⁶⁶. Senhor de posses provenientes do comércio⁶⁷, vivia sozinho instalado no fundo do armazém e por não possuir filhos, acolheu Helvécio de Andrade como tal. Providenciou um quarto, instrui sobre seus deveres e o matriculou nas aulas do professor Malaquias Leão Brasil. Até o momento em que o modelo escolar moderno ainda não tinha sido internalizado, a instrução das primeiras letras era transmitida por pessoas que possuíam algum domínio da leitura, escrita e cálculo⁶⁸.

O exercício do magistério primário particular era regido por Regulamentos, Estatutos, Leis e Decretos. Sujeitos à vistoria do inspetor geral, os professores das aulas particulares utilizavam métodos e compêndios que estivessem adequados às normas transmitidas a esses profissionais. O Regulamento da Instrução Pública de 1858

⁶³GUEDES-PINTO, Ana Lúcia e FONTANA, Roseli Aparecida Cação. “As mulheres professoras, as meninas e o menino leitor: a iniciação no universo da escrita no patriarcalismo rural brasileiro: uma leitura a partir de Infância de Graciliano Ramos.” In: **Caderno CEDES**. Vol. 24. nº 63. Campinas. Maio/Agosto, 2004. p. 9.

⁶⁴A pedra negra que me refiro no texto é a Ardósia, muito utilizada nas escolas durante o século XIX.

⁶⁵Em Estância, como em outras províncias sergipanas, não havia muitas escolas de primeiras letras nesse período, mas o número de matrículas aumentava, principalmente a partir de 1870. Conforme Nunes nesse período “o número de alunos matriculados nas escolas Públicas de Primeiras Letras em Sergipe atingia a 4.133, sendo 2.580 homens e 1.553 mulheres”. Cf.: NUNES, Maria Thetis. **Prêmios Grandes Educadores Brasileiros**: monografias premiadas. Brasília: INEP, 1984. p. 26.

⁶⁶FREIRE, Laudelino. **Quadro Chorográfico de Sergipe**. Rio de Janeiro: H. Garnier Livreiro Editor, 1896.

⁶⁷A família de Helvécio de Andrade era composta de comerciantes e agricultores como demonstrou Garcia Moreno em seu discurso de posse da 15ª Cadeira da Academia Sergipana de Letras.

⁶⁸VILLELA, Heloisa de O. S. “O mestre-escola e a professora”. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. (org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 97- 99.

contemplou os limites de escolha dos professores. Advertiu que “os professores e diretores de estabelecimento de ensino particulares poderão adotar quaisquer compêndios e métodos que não forem expressamente proibidos pelo Inspetor Geral”⁶⁹.

A educação pública primária no Brasil do século XIX foi caracterizada pela produção acadêmica atual como o momento de instituição e regularização do ensino. Consoante Faria Filho, havia nas províncias uma intensa discussão acerca da necessidade de escolarização da população⁷⁰. Uma série de Atos legislativos, debates, reformas e propostas que objetivavam reestruturar ou mesmo diagnosticar os problemas do ensino público eram adotadas como possibilidades e soluções. Oficialmente publicado em outubro de 1827, o decreto das Escolas de Primeiras Letras foi a primeira lei que versava sobre a instrução pública. Com ela, a escola primária não regulamentaria apenas suas aulas, métodos, currículos, sistemas avaliativos, disciplinas, os conteúdos que deveriam ser abordados, a legalidade da instrução feminina, mas principalmente, conferia o ensino elementar gratuito e aberto a todos.

Nessas ocasiões as escolas isoladas e/ou particulares, funcionando na casa dos alunos ou do próprio professor, eram as mais requisitadas pelas famílias, que normalmente já conheciam a conduta moral e capacidade cultural dos professores. Parcimoniosas são as informações sobre os professores de primeiras letras sergipanos⁷¹, no entanto, os índicos deixaram entrever que as aulas proferidas pelo professor Malaquias Leão, como por outros professores primários, sobretudo os do meio rural, adotavam o método individual, apesar de algumas escolas já aplicarem o método mútuo ou monitorial.

⁶⁹LIMA, Jackson da Silva. **Estudos Filosóficos em Sergipe**. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1955. p. 47.

⁷⁰FARIA FILHO, Luciano Mendes. “Instrução elementar no século XIX”. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. (org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 135-136.

⁷¹Zózimo Lima registrou que em 1898, o professor João Baptista de Meneses ministrava aulas primárias aos filhos das casas grandes dos engenhos de Capela. Estudavam a Gramática de Abílio Cezar Borges, a Atirmética de Antonio Trajano, Desenho de Olavo Freire e o Manuscrito de Duarte Ventura, o Coração de Edmundo de Amisis e o Catecismo de D. Jerônimo Tomé, arcebispo da Bahia. Cf.: LIMA, Zózimo. **Variações em Fã Sustenido**. Vol. I. Brasília, 1993. p. 27. Coleção Garimpos de História.

Através do método individual, o mestre orientava cada aluno separadamente, dedicando a eles poucos minutos de atenção. Os meios coercitivos garantiam o silêncio e o trabalho em sala de aula⁷². Faria Filho informou que este método caracterizava-se “pelo fato de os alunos ficarem muito tempo sem o contato com o professor, fazendo com que a perda de tempo fosse grande e a indisciplina um problema sempre presente”⁷³.

A experiência de Helvécio de Andrade na escola do professor Malaquias Leão Brasil foi providencial para indicar a rigidez e responsabilidade exigida pela instrução. Encontrou na doutrina cristã iniciada por sua mãe na ambiência do convívio familiar, nas cartas de sílabas, nos manuscritos de Duarte Ventura, nos traslados e compêndios o acesso ao universo da leitura. Nuançar sobre as mediações entre Helvécio e o repertório de leituras ao qual teve acesso ainda não foi possível visto a dificuldade de encontrar tais testemunhos. Mas, pode-se sugerir que as leituras revelaram a tessitura governada pelo mundo das letras despertando-lhe gosto pelo estudos.

Não tardou muito e, mais uma vez, Helvécio de Andrade necessitaria da ajuda familiar para prosseguir os estudos. Concluído o currículo da “escola aldeã”⁷⁴, solicitou ao Pe. João Barbosa de Andrade, seu tio materno⁷⁵, uma vaga no Colégio Pedro II para cursar os preparatórios. Padre João Barbosa de Andrade, conforme as descrições do sobrinho, era um homem de dois metros de altura, violento. Seu sobrinho não negava o medo que sentia dele. Figura muito representativa no Estado, fazia suas preleções ao ar livre e visitava as pessoas corriqueiramente, práticas que avalizaram e acresceram seu *capital social*. Apesar dos esforços empreendidos, Pe. João Barbosa de Andrade não conseguiu uma vaga no

⁷²BASTOS, Maria Helena Câmara. “O ensino monitorial/mútuo no Brasil”. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. (org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Vol. II: século XIX. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005. p. 34.

⁷³FARIA FILHO, Luciano Mendes. “Instrução elementar no século XIX”. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. (org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 140.

⁷⁴ Expressão utilizada por Garcia Moreno para se referir à aulas de primeiras letras.

⁷⁵ Muitas vezes um parente ou uma pessoa próxima que poderia ser um padre ou um professor proporcionava a inserção do jovem numa classe social mais elevada. Como ocorreu com Helvécio de Andrade. Cf.: MICELI, Sérgio. **Poder, Sexo e Letras na República Velha**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

colégio almejado pelo sobrinho, mas os preparatórios estariam garantidos num colégio particular chamado Santo Antônio, na Bahia. Com o enxoval completo, Helvécio de Andrade e seu pai pegaram o vapor com um único fim, a instrução.

Numa tarde ensolarada de 1876, Helvécio de Andrade apreciou o solo baiano. Deslumbrou-se com as pessoas, com os costumes, as carruagens, os ricos sobrados, as igrejas monumentais. Tudo era novo ao seu olhar. De posse da recomendação ainda fresca na memória, Helvécio de Andrade e o pai procuraram a pensão aconselhada e instalaram-se. Com a promessa de uma vaga no Colégio Santo Antônio e com a carta de apresentação feita pelo Padre João Barbosa de Andrade na mão, José Ferreira não tardou a matricular seu filho. Lá, procurou o sr. Manoel Pontes, diretor do estabelecimento e procedeu os trâmites legais para o ingresso na referida escola.

Helvécio de Andrade agora seguiria o caminho das letras, iniciando sua preparação para os exames de acesso aos cursos superiores. Tinha notícia das práticas dos internatos por meio das ‘impressionantes’ histórias que ouvia dos primos, excluindo os exageros, tinha alguma noção das rígidas formalidades do curso.

Inicialmente o ensino secundário era constituído por aulas régias que, denominadas muitas vezes de aulas avulsas, não possuíam um plano de estudo estruturado. As cadeiras de *Latim, Filosofia, Retórica, Aritmética, Álgebra, Geometria, Desenho e História* estavam distribuídas por todo o Império e não existia uma regulamentação definitiva. Em Sergipe foram várias as tentativas para requerer junto ao Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império cadeiras preparatórias. Somente em 1831, logrou-se uma resposta afirmativa quanto à criação das cadeiras de *Filosofia Racional e Moral, Geometria, Francês, Inglês e Retórica*⁷⁶. No entanto, muitos fatores contribuíram para a decadência da maioria das cadeiras implantadas. A instabilidade de professores, o baixo número de matrículas, a freqüente transferência do local das cadeiras, a redução de aulas de *Gramática*

⁷⁶A Cadeira de Inglês foi assumida pelo professor Joaquim Mauricio Cardoso; a de Geometria pelo Frei José dos Prazeres Bulhões; a de Filosofia Racional e Moral foi assumida pelo médico Manoel Landislau Aranha Dantas que mais tarde foi substituído por Manoel Herênio Álvares Pereira. Cf.: LIMA, Jackson da Silva. **Estudos Filosóficos em Sergipe**. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1955. p. 26 -30.

Latina e a extinção de algumas cadeiras preparatórias são exemplos desse fato. Assim, o ensino oficial perdia espaço para o ensino privado⁷⁷.

Anos mais tarde, Helvécio de Andrade foi transferido para o Colégio São Salvador, mas ainda almejava estudar no Colégio Pedro II⁷⁸. Até o momento ainda não foram identificados indícios que explicassem as razões para essa alteração. Entretanto, é possível presumir que o ensino poderia justificar-se pelo prestígio que o Colégio São Salvador gozava perante a sociedade baiana. Dirigido por Augusto Guimarães ou Dr. Guima⁷⁹, como era conhecido, esse estabelecimento norteava suas investidas no sentido de formar uma intelectualidade especializada, apta ao exercício de importantes cargos.

Gilberto Freyre em *Sobrados e Mocambos*⁸⁰, com perspicácia, empreendeu uma análise sobre o bacharelismo e seus efeitos. Dessa síntese, depreende-se que o século XIX acompanhou a renovação dos cargos político-administrativos pelos recém formados nas academias do Império, antes ocupados pela elite cafeeira. Até o momento não foi possível encontrar maiores informações sobre o Colégio São Salvador nem sobre o Colégio Santo Antônio, mas é plausível que eles apresentem características comuns aos colégios secundários particulares da época⁸¹. A preferência pelo ensino particular era visível, isto porque os colégios de renome serviam como instâncias de consagração e essa proeminência designava a escolha das famílias mais abastadas.

⁷⁷ Nesse período foram criadas as seguintes instituições de iniciativa privada: Liceu de São Cristóvão, 1833 a 1835 e 1847 a 1855; Liceu Sergipense, 1862 a 1864; Colégio do Coração de Jesus do Cônego Brás Diniz Villas-Boas, 1848; Colégio de São Cristóvão do Pe. José Gonçalves Barroso de 1848; Ginásio Sergipense de Alfredo de Siqueira Montes, 1888 a 1899; Partenon Sergipense de Ascendino Ângelo dos Reis, 1879; O Colégio Nossa Senhora do Amparo de Antonio Ribeiro Lima e o Liceu Laranjeirense de Baltazar de Araújo Góes de 1883 a 1888.

⁷⁸ Num artigo publicado pelo jornal Folha da Manhã em 20 de Agosto de 1940, data de falecimento de Helvécio de Andrade, consta que esse médico estudou no Colégio Pedro II de Salvador - Bahia.

⁷⁹ Augusto Guimarães era cunhado de Castro Alves. Cf.: SILVA, Cristiane Maria Santos Lacerda da. **Contribuições de Helvécio Ferreira de Andrade para a educação sergipana**. Aracaju: UNIT, 2003. Monografia (Pedagogia Licenciatura).

⁸⁰ FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mocambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. 15ª ed. São Paulo: Global, 2004. p. 193-194.

⁸¹ As escolas de ensino particular mais requisitadas na Bahia pelos sergipanos eram: “Colégio São José, Colégio São Salvador, Colégio Santo Antonio, Colégio Ipiranga, Colégio Vitória, Paternon Baiano, Colégio Sete de Setembro, Atheneu baiano e Ginásio Carneiro Ribeiro. Cf.: SOUZA, Cristiane Vitorio. **A República das Letras**. 1889-1930. São Cristóvão: UFS, 2001. p. 50. Monografia (História Licenciatura).

A partir da influência cultural francesa, surgiram os liceus. Esses estabelecimentos representavam a iniciativa de redirecionar ou mesmo reestruturar o sistema de ensino secundário⁸². O primeiro liceu criado foi o de Pernambuco em 1826, em seqüência foram instalados os liceus do Rio Grande do Norte em 1835; Paraíba e Bahia, em 1836⁸³. Na realidade, durante a primeira metade do século XIX foram implantados vinte e um liceus⁸⁴. Esses liceus possibilitaram a disseminação do ensino secundário. O desenvolvimento dessas instituições variava de acordo com as dificuldades que encontravam na estruturação e organização das práticas. O que era um indicativo do processo de adaptação a essa nova proposta de instrução secundária.

Em Sergipe, o primeiro Liceu foi originado em 1831, a partir da centralização das cadeiras preparatórias numa “Casa de Educação”. Para esta instituição foi proposto um plano definindo a estrutura e as práticas escolares. Apesar de ter sido aprovado, não foi devidamente executado. Dois anos depois, o presidente da província, José Geminiano de Moraes Navarro, oficializou a criação do Liceu de Sergipe⁸⁵. Situado no Convento das Carmelitas, este estabelecimento secundário funcionou até o ano de 1835. O Liceu reabriria suas portas em 1847, incitado com o ideal de levar a instrução à mocidade. Conforme Lima⁸⁶, vigário Barroso e o padre José Roberto de Oliveira participaram da primeira organização administrativa do Liceu e atuaram como professores de Filosofia e Gramática Latina respectivamente.

⁸² FERREIRA, Antonio Gomes Alves e VERCHIA, Ariclê. “Um olhar sobre instituições de ensino secundário no século XIX: o liceu de Coimbra e o imperial Collegio de Pedro II”. In: **Cadernos de História da Educação**. Nº 03. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2005. p. 06.

⁸³ VECCHIA, Ariclê. “O ensino secundário no século XIX: instruindo as elites”. In: **História e Memória da educação no Brasil**. Vol. II: século XIX. STEPHANOU, Maria e BASTOS, Helena Câmera (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 82.

⁸⁴ SEPULVEDA, Luis Dário. **O ensino secundário, o Liceu de Curitiba e o ensino de Física no Paraná**. (1858-1906). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica – PUC, 2002. p. 26-27. (Dissertação de Mestrado).

⁸⁵ LIMA, Aristela Arestides. **A instrução da mocidade no Liceu Sergipense: um estudo das práticas e representações sobre o ensino secundário na Província de Sergipe. (1847-1855)**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2005. p. 25-27.

⁸⁶ Idem. p. 61.

Na tentativa de centralizar o ensino secundário, foi proposta e aprovada, em 1837, a criação do Colégio Imperial de Pedro II⁸⁷. Através dele adotar-se-ia um plano de estudos integral e seriado, baseados nos estatutos dos liceus franceses e que serviria também como modelo para as outras escolas secundárias provinciais, públicas e privadas⁸⁸. Nessa instituição os alunos estudavam *Gramática, Retórica, Poética, Filosofia, Latim, Grego, Matemáticas, Ciências, História, Geografia, Música e Desenho*. Apesar de enciclopédico, o currículo incluía os estudos considerados modernos como *Inglês e Francês*.

O desejo inicial de Helvécio de Andrade de galgar um espaço entre as carteiras do Colégio Pedro II foi realizado. Este colégio engendrava concepções e práticas culturais provenientes do movimento intelectual presente na capital da República. Broca⁸⁹ atentou para a formação de uma forte atividade intelectual no Rio de Janeiro, fato que correspondia à hegemonia política desta província, acreditava. Muitos visavam participar da vida literária oferecida pelas reuniões dos salões, dos cafés, das agremiações boêmias que fascinavam a todos.

Helvécio de Andrade, como estudante do Pedro II, tinha um prazo de oito anos definido pelo Estatuto do Colégio para concluir os estudos. Mas era permitido que ele fizesse exames referentes às disciplinas do curso a partir do quinto mês de cada ano letivo, dessa forma, ele concluiria o secundário em quatro anos apenas. Ao término do curso, todos os estudantes matriculados receberiam diploma de Bacharel em Letras e, assim, estariam qualificados para ingressar no ensino superior. Conforme ressaltou Hilsdorf, a instrução secundária do Império estava caracterizada pelo conservadorismo, que detinha o controle do ensino superior e secundário através do Colégio Pedro II⁹⁰.

A Instrução Pública secundária, por transmitir certo conjunto de conhecimentos, contribuía para diminuir as diferenças entre os que possuíam e os desprovidos de *capital*

⁸⁷ Essa instituição secundária recebeu diversos nomes, “Seminário de São Joaquim”, “Imperial de São Joaquim” até receber a denominação de Colégio de Pedro II pelo decreto de 2 de dezembro de 1837.

⁸⁸ HAIDAR, Maria de Lourdes Mariotto. **O Ensino Secundário no Império Brasileiro**. São Paulo: Editora Grijalbo, 1972.

⁸⁹ BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil – 1900**. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

⁹⁰ HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **História da Educação Brasileira: leituras**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

cultural. O que proporcionou a Helvécio de Andrade a oportunidade de ingressar na faculdade de Medicina da Bahia.

1.3. Faculdade de Medicina: a formação.

Na segunda-feira, 9 de março de 1881, ao chegar em Salvador, procurou a Faculdade de Medicina no Largo do Terreiro de Jesus, a cidade velha guardava o lugar em que rendiam suas aspirações. Diante da monumentalidade do prédio, os sentimentos de ansiedade e contentamento misturavam-se e Helvécio de Andrade permanecia inerte à frente da Faculdade. Precisava providenciar a matrícula, a sala de entrada não era tão grande quanto imaginava, mas a beleza dos afrescos idílicos nas paredes laterais oferecia ao lugar o esplendor almejado. O chão forrado de madeira de lei produzia notável presença à mesa de recepção que guardava os traços dos originais ingleses. O teto alto portava lustres de cristal e um busto de bronze petrificado dava boas vindas aos alunos.

O espaço destinado à matrícula dos debutantes era antecedido por essa coerência européia. Logo à frente, uma escada de mármore branco dava acesso aos demais compartimentos da faculdade. Helvécio de Andrade subia curioso os poucos degraus do hall da entrada lateral para se apresentar à banca dos exames preparatórios. Aprovado nos exames, foi autorizado a matricular-se. “Na velha Faculdade abrem-se cenários novos a viveza de seus olhos, quase fechados aos encantos da mocidade, que a grande pobreza fazia triste e quieta.”⁹¹

⁹¹GARCIA MORENO, João P. **A Cadeira Nº 15**. Aracaju: Academia Sergipana de Letras. 1942. p. 6.



Figura1: Faculdade de Medicina da Bahia, Terreiro de Jesus, Salvador. Autoria não identificada. s/d.

O ingresso na Faculdade baiana exigia que o aluno apresentasse o conhecimento devido do *Latim*, *Francês* e *Inglês*, tivesse uma idade mínima de dezesseis anos e ter prestado os preparatórios correspondentes ao curso de Medicina. Ao preencher esses pré-requisitos, Helvécio de Andrade foi o vigésimo primeiro aluno matriculado da sua turma, como estava registrado no livro de matrícula da instituição⁹².

No dia 9 de Março matriculou se o estudante Helvécio Ferreira de Andrade baptizado aos 5 de Junho de 1864 com um mês de idade, filho legitimo de Jose Ferreira dos Passos, natural de Sergipe; e para constatar assignou o justo termo⁹³.

A Bahia foi uma das primeiras províncias que instalou o curso de Medicina, a pedido de José Correa Picanço, ex-lente da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, explanou por carta a D. João acerca da necessidade de implantar uma escola de cirurgia no Brasil. “A necessidade, que havia, de uma escola de cirurgia no Hospital Real

⁹²BAHIA. Livro de Matricula da Faculdade de Medicina. Acervo da Faculdade Medicina do Largo do Terreiro de Jesus. 1881. p. 35.

⁹³ BAHIA. Livro de Matricula da Faculdade de Medicina. Acervo da Faculdade Medicina do Largo do Terreiro de Jesus. 1881. p. 35.

desta cidade para a instrução dos que se destinavam ao exercício desta arte”⁹⁴. Consoante Schwarcz, apesar de as Faculdades da Bahia e do Rio de Janeiro terem sido criadas no mesmo ano, em 1808, a da Bahia só foi instalada em 1815⁹⁵.

No Brasil, entre os séculos XVI e início do XIX, os agentes de cura eram físicos, cirurgiões - em pequena quantidade - barbeiros e boticários, todos eles exercendo diferentes práticas dentro de um mesmo *campo* de conhecimento. Diferentemente dos físicos, que estudavam nas universidades européias, os cirurgiões aprendiam seu ofício observando seu mestre. Como forma de regulamentação desses agentes, existiam os exames que concediam a *carta de examinação*. Com este documento, estaria autorizada a prática médica. Mas o número de cirurgiões e físicos, principalmente nos lugarejos mais afastados, era pequeno. Isto possibilitava que os barbeiros, curandeiros, parteiras e boticários atuassem com mais freqüência. Conforme assinalou Nascimento, a esses profissionais era vetado o direito de administrar medicamentos e cuidar das moléstias internas, salvo se na localidade não houvesse médicos diplomados.⁹⁶

As observações empreendidas por Antonio Muniz Souza, em 1834, inscritas no seu diário de viagem, retratavam os problemas que persistiam no período em que o campo médico estava se constituindo no Brasil. Os relatos revelavam a insuficiência de médicos diplomados e a ausência de materiais e estrutura viável para fornecer o ensino da Medicina, ratificando as discussões acima apresentadas por Nascimento⁹⁷, Schwarcz⁹⁸ e Lobo⁹⁹.

⁹⁴ LOBO, Francisco Bruno. **O Ensino da Medicina no Rio de Janeiro**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1964. p. 12.

⁹⁵ Elas foram criadas como Escola Cirúrgica da Bahia (1808) funcionando no prédio do antigo Colégio dos Jesuítas. Depois receberam as denominações: Academia Medico-Cirúrgica da Bahia (1816); Faculdade de Medicina da Bahia (1932); Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia (1891); Faculdade de Medicina da Bahia (1901); Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia (1946); Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia (1965). Cf.: SCHWARCZ, Lilia Moritz, **O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870 –1930**. São Paulo: Companhia das Letras. 1993. p. 194.

⁹⁶ NASCIMENTO, Alfredo. **O centenário da Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro: primórdios e evolução da medicina no Brasil. 1829-1929**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1929.

⁹⁷ NASCIMENTO, Alfredo. **O centenário da Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro: primórdios e evolução da medicina no Brasil. 1829-1929**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1929.

⁹⁸ SCHWARCZ, Lilia Moritz, **O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870 –1930**. São Paulo: Companhia das Letras. 1993.

⁹⁹ LOBO, Francisco Bruno. **O ensino da Medicina no Rio de Janeiro**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1964.

A medicina, que devia ser exercida por homens versados nesta sciencia divina, está entregue a pessoas inteiramente desconhecedoras dela, assim fora das cidades não se encontrarão senão mezinheiros, que applicão huma droga pura a todas as enfermidades, ou fazem o enfermo armazém de drogas. (...) Á vista do que tenho dito, he fácil deduzir-se que minha opinião he que hajão nas Províncias homens instruídos em Sciencias Naturaes, viajando e também que hajão laboratórios chímicos, onde se possam fazer as analyses dos objectos coligidos, e conhecer o que possuímos, se quisermos sair do atrazo em que nos achamos¹⁰⁰.

A regulamentação do campo foi pausada e cautelosa devido, em grande parte, ao baixo número de médicos diplomados e atuantes na província. Mesmo com a instalação da Santa Casa de Misericórdia em 1816, que providenciou a ampliação de professores e cadeiras, os médicos recém-formados procuravam as universidades européias com o objetivo de complementar o curso. Além disso, a quantidade de alunos diplomados continuava insignificante. Como informou Carvalho Filho, entre os anos de 1808 e 1832, a Escola Médica da Bahia havia diplomado apenas 13 alunos¹⁰¹.

No ano em que Helvécio de Andrade ingressou, a faculdade baiana funcionava no antigo prédio dos jesuítas. Por muitos anos as instalações laboratoriais foram adaptadas aos cômodos do recinto; em virtude da necessidade imediata de reformas, o novo diretor, Antonio Pacífico Pereira, ampliou e implementou os laboratórios com novos aparelhos. A partir da propagação do método experimental¹⁰², ascendeu à importância de museus e de laboratórios nos cursos médicos. Carvalho Filho os enumerou: “o laboratório de Química Orgânica e Biologia, Fisiologia Experimental, Física Médica, Terapêutica Experimental, Histologia, Museu de Anatomia e Patologia”¹⁰³. Pacífico Pereira após algumas visitas às universidades da Alemanha e da Áustria observou que,

¹⁰⁰ SOUZA, Antonio Muniz. **Viagens e observações de hum brasileiro**: conferência à nação brasileira. Tomo I. Rio de Janeiro: Typografia Americana, 1834. p. 184 - 185.

¹⁰¹CARVALHO FILHO, José Eduardo Freire. **Notícia histórica sobre a Faculdade de Medicina da Bahia**. Salvador. Typografia da Bahia, 1909.

¹⁰²Pacífico Pereira foi um defensor e difusor do método experimental no ensino médico brasileiro. Cf.: CAMPOS, Ernesto de Souza. **Instituições culturais e de educação superior no Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.

¹⁰³CARVALHO FILHO, José Eduardo Freire. **Notícia histórica sobre a Faculdade de Medicina da Bahia**. Salvador. Typografia da Bahia, 1909.

Nem ao mais exagerado otimismo podem satisfazer as atuais condições do ensino médico em nossas Faculdades, e esta Congregação, sentindo a necessidade imprescindível das reformas que não tem cessado de pedir, quer nas memórias históricas anuais, quer em pareceres especiais, já diversas vezes emitidos, - vem solicitá-las do Poder Legislativo, cônica de que a ilustração e critério dos Dignos Representantes da Nação, não permitirá que por mais tempo continue no Brasil o importantíssimo estudo da medicina, em deplorável contraste com o seu desenvolvimento florescente em todos os países cultos, condenado à imobilidade e ao regresso servindo de desânimo à mocidade e de descrédito à nação inteira¹⁰⁴.

A reforma de Leôncio de Carvalho, em 1879, visionou para o ensino superior mudanças baseadas nos pareceres de professores que foram enviados para outros países com o fim de analisar e registrar as inovações no ensino. Uma dessas inovações foi a propagação do método experimental tão veementemente defendido por Pacífico Pereira. Como essa reforma ocorreu ano antes do ingresso de Helvécio de Andrade na faculdade baiana, as probabilidades de ter estudado através desse método são significativas. Entretanto, seria necessário considerar essa elocução com certa parcimônia, pois é sabido que algumas reformas demoravam tempos para sejam realmente efetivadas.

Antônio Pacífico Pereira por ter sido, provavelmente, um dos seus professores, é possível inferir que Helvécio de Andrade pode ter herdado dele ou de um outro a preferência por certo tipo de leitura, habilitando-o às discussões e às polêmicas do *campo* médico, contribuindo, sobretudo, para sua formação. Foi possível identificar apenas três nomes que foram seus professores. Antônio Pacífico Pereira, já citado acima, Manuel Victorino Pereira e Virgílio Clímaco Damásio que atuaram como lentes durante o período

¹⁰⁴PEREIRA, Antonio Pacífico. **Memória sobre a Medicina na Bahia**: elaborada para o centenário da Bahia. 1823-1923. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1923. p. 82.

que Helvécio cursou a Faculdade de Farmácia e Medicina na Bahia. Uma reflexão sobre o pensamento social baiano do final do século XIX também poderia evidenciar as teorias, as práticas e as interpretações que possivelmente constituíram, nesse particular, a formação desse intelectual. Dessa forma, o que se discutia nas faculdades desse período?

Junto com a inflexão da influência das teorias econômicas liberais e demográficas representadas por Adan Smith, Sismond, Garnier, Malthus e Filangiery sobre a intelectualidade baiana. Verificou-se, principalmente a partir na segunda metade do século XIX, a chegada de um largo material ideológico proveniente da Europa. O positivismo de Conte, o transformismo de Darwin e Haeckel, o naturalismo de Taine e o evolucionismo de Spencer que exerceram uma influência significativa no *campo intelectual* brasileiro. As produções científicas passavam a problematizar os fatores sociais através dos princípios biológicos, principalmente as que foram elaboradas na Faculdade de Medicina¹⁰⁵. Como Thales de Azevedo afirmou no estudo intitulado *As Ciências Sociais na Bahia*

A preocupação com os problemas da formação do homem, das raças, da origem e dos condicionamentos bio-sociais da cultura e até com questões políticas, filosóficas, jurídicas e sociais correlatas teve, nos primeiros decênios do século XIX, um foco poderoso na Faculdade de Medicina.¹⁰⁶

¹⁰⁵ Thales de Azevedo ao estudar o surgimento das Ciências Sociais na Bahia enunciou certas correntes científicas que influenciaram a intelectualidade baiana no século XIX. Ele apresentou, ao longo da discussão, algumas teses de doutoramento que demonstravam a influência do psicologismo de fundamento biológico e o evolucionismo. A tese “Proposições sobre a influência do estado social na produção das moléstias” de José Antonio Freitas Júnior, em 1853; Tomás do Bonfim Espínola escreveu, em 1853, “Da influência progressiva da civilização sobre o homem”; outro baiano seria José de Góes Siqueira que se doutorava com a tese “A civilização tem concorrido para o melhoramento da saúde pública?”, em 1840 e Domingos Guedes Cabral, em 1875, escreveu “As funções do Cérebro”, tese que estava calcada no positivismo e no evolucionismo. In: AZEVEDO, Thales de. **As Ciências Sociais na Bahia**. 2ª ed. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984. p. 49-51.

¹⁰⁶ Idem. p. 50.

A Faculdade de Medicina¹⁰⁷ teve um papel central no desenvolvimento intelectual baiano e, certamente, sobre a formação de Helvécio de Andrade. Através dela, o médico sergipano entrou em contato com as teorias de *Lombroso*, *Haeckel*, *Littré* e *Spencer*. Estas marcaram o pensamento de uma época e definiram a forma de Helvécio de Andrade compreender o social. Suas primeiras produções versavam sobre o determinismo mesológico como explicação vetorial para o aparecimento das epidemias. Indicou em algumas dessas análises a influência das idéias de August Comte e Strauss, além de citar constantemente autores ligados diretamente ao *campo* médico como *Hahnemann*, *Villemin*, *Heller*, *Fournier*, *Hervel* e *Tardieu*, ou seja, muitas idéias que circulavam entre a intelectualidade médica baiana foram reforçadas nos escritos de Helvécio de Andrade.

Uma vez delineado esse panorama, foi possível identificar que o perigo da degenerescência pela mestiçagem não era um tópico abordado com afinco por Helvécio de Andrade, ao contrário dos seus contemporâneos que entraram em contato com as mesmas teorias. No entanto, aceitava e reproduzia as reflexões que subordinavam a interpretação dos fundamentos sociais à Biologia. O médico sergipano aproximou-se mais particularmente do evolucionismo de Spencer e Haeckel nos primeiros momentos de sua vereda. Apesar de ter entrado em contato com a antropologia criminal da escola italiana, representada por Lombroso, era reticente com as convicções defendidas por essa corrente, apenas as usava espaçadamente.

O encontro de Helvécio de Andrade com essas teorias não foi simplesmente por questão de escolha teórica, mas por terem sido esses intelectuais que mantiveram uma maior afluência na Faculdade de Medicina da Bahia nos dois decênios finais do século XIX, justamente a época em que o médico sergipano freqüentou essa instituição. A Medicina Social foi priorizada por Helvécio de Andrade, temas como a importância da atuação do médico na higiene pública vai ter um lugar de destaque nas discussões acadêmicas e, conseqüentemente, em seus escritos.

¹⁰⁷ A Faculdade de Medicina da Bahia tinha uma biblioteca consideravelmente rica que reunia tanto os clássicos como também autores atuais da época. O livro **Memorial da Medicina**, 1983, de Thales de Azevedo e o **Catálogo dos livros da Biblioteca da Faculdade de Medicina da Bahia**, 1910, de Pedro Rodrigues de Guimarães indicam o acervo dessa biblioteca e, possivelmente, eram os autores lidos pelos estudantes de medicina nesse momento. *Ibidem*. p. 11-15.

A Faculdade de Medicina da Bahia sofreu alguns influxos temáticos que marcaram a história desta instituição. Em 1890, a atuação médica e as doenças infecto-contagiosas deixaram de ser o foco das discussões, cedendo lugar para os assuntos relacionados à medicina legal. A partir de então, sustentados em outros aportes interpretativos, os médicos peritos passam a questionar a origem da criminalidade e da degenerescência subsidiados pelas teorias do Direito.

Nessas academias, as condições de ensino e material eram precárias, conta Schwarcz que na Bahia “em 1829 as lições eram ministradas nos corredores da Santa Casa. A escola baiana vivia numa pobreza franciscana, sem móveis nem utensílios para as aulas regulares.”¹⁰⁸. Mesmo após a reforma de 1832, que as transformaram em faculdades, dando-lhes uma nova regulamentação, elas continuavam carentes. Conforme Aguiar, a instrução na Faculdade baiana era menos eficiente se comparado ao ensino ministrado na faculdade do Rio de Janeiro. Para esse historiador, na última instituição “se concentravam as grandes sumidades médicas da época”¹⁰⁹.

O campo profissional médico estava se constituindo no século XIX e sua produção intelectual se apresentava dispersa em algumas publicações como teses, artigos em jornais, boletins, compêndios e manuais. Com a implantação das revistas especializadas, a circulação dos temas e discussões médicas se tornaram mais intensas, incrementando o campo científico. Elas viabilizaram a divulgação dos saberes médicos, davam pareceres sobre os congressos, produções científicas e avanços farmacêuticos. Dessa forma, o periódico revista se constituiu como um *locus* distinto para os debates acadêmicos e ingerência dos ideais médicos sobre a sociedade brasileira.

A formação do campo médico no Brasil esteve relacionada, conforme problematizou Gondra, com a construção de dispositivos: a instituição das faculdades

¹⁰⁸SCHWARCZ, Lilia Moritz, **O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870 –1930.** São Paulo: Companhia das Letras. 1993. p. 195.

¹⁰⁹ AGUIAR, Ronald Conde. **O Rebelde Esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim.** São Paulo: TOPBOOKS. 1999. p. 121.

médicas, a organização da Academia Imperial de Medicina e as produções escritas. Através desta última, foi possível dar unicidade tanto ao pensamento como às atuações dos médicos, “e, deste modo, tornar especializado e unificado o discurso acerca do funcionamento deste campo do conhecimento.”¹¹⁰ O periódico desempenhava a função de credenciar o conhecimento médico e de especificar as normas do funcionamento interno do próprio campo. Ao referir-se à tese de Ferreira (1996), Gondra ressaltou que “o periodismo cumpriu papel decisivo na sua institucionalização, popularização e legitimação da Medicina no Brasil”¹¹¹.

Inicialmente, a imprensa médica apresentou uma periodicidade restrita a poucos exemplares editados por alguns médicos. Na realidade, o jornalismo médico científico era mais uma opção entre as publicações produzidas pela classe médica. Jornais, relatórios, conferências, artigos, ensaios e revistas completavam o memorial deixado por esses profissionais. Apesar da grande variedade, os periódicos médicos eram poucos e de curta duração¹¹², com exceção das revistas “Gazeta Médica da Bahia”¹¹³ (1866-1920) e “Brazil Médico” (1887-1920) produzida na Faculdade de Medicina da Bahia e na do Rio de Janeiro respectivamente. Elas “caracterizaram-se não só pela grande difusão, como pela longa duração”¹¹⁴. Publicaram-se artigos que abordavam temáticas como as doenças epidêmicas, a higiene pública e sobre a ação dos médicos missionários no combate à degenerescência social.

¹¹⁰GONDRA, José Gonçalves. **Artes de Civilizar: Medicina, Higiene e Educação Escolar na Corte Imperial**. São Paulo: USP. 2000. p. 24. (Doutorado em Educação).

¹¹¹ Idem p. 26.

¹¹² Gondra através da tese defendida por Ferreira apresentou alguns dos periódicos médicos que circularam antes da criação da **Gazeta Médica da Bahia e do Brasil Médico**, todos de curta duração. Por ordem de edição **O Patriota** publicado em 1813, **O Propagador das Ciências Médicas (1827-1828)**; **Seminário de Saúde Pública (1831-1833)**; **Diário da Saúde (1835-1836)**; **Revista Médica Fluminense (1835-1841)** e **Revista Médica Brasileira (1841-1843)**. Cf.: GONDRA, José Gonçalves. **Artes de Civilizar: Medicina, Higiene e Educação Escolar na Corte Imperial**. São Paulo: USP. 2000. p. 27. (Doutorado em Educação).

¹¹³ Lycurgo de Castro também concorda com a prerrogativa de que um importante veículo divulgadores da produção científica da Faculdade Bahiana foi a **Gazeta Médica da Bahia**. Cf.: SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. **História Geral da Medicina Brasileira**. Vol. 2. São Paulo: Hucitec/ Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

¹¹⁴ SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil**. (1879-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 199.

Entre as Faculdades da Bahia e a do Rio de Janeiro existia uma disputa pela hegemonia do conhecimento no *campo* da Medicina. Os discursos produzidos nessas instituições partiam de perspectivas diferentes. Enquanto a primeira tomava como objeto principal das suas questões a população doente proveniente da miscigenação, a segunda se dedicava a descobrir e sanar, com projetos higiênicos, as doenças ditas tropicais. A saber, o cerne das discussões das revistas citadas estava diretamente relacionado ao tema focal de cada faculdade.

Nessas edições, estava presente o ideário salvacionista, emblema exemplar da representação que os médicos faziam da sociedade no início do século XX e, como consequência, tinha sua origem na herança teórica das duas Faculdades de Medicina do País. Nesse momento o ideário médico sensibilizava-se a partir da perspectiva da coletividade, desse modo, divulgava-se a necessidade de curar não o indivíduo doente, mas a sociedade, a nação. Entre as doenças constantemente sinalizadas como focos da degenerescência estavam a Sífilis, o Alcoolismo, a Tuberculose, as epidemias das doenças tropicais que, por sua vez, eram associadas a fatores indicativos da falta de planejamento higiênico urbano e individual. Dessa forma, os médicos buscavam por programas que levassem a população a se educar higienicamente. Esse foi por muitos anos o ideal pregado por Helvécio de Andrade.

No quinto ano do curso de Medicina, Helvécio de Andrade se inscreveu para prestar concurso referente a uma vaga de interno na Clínica Médica dos Conselheiros Ramiro Monteiro e Almeida Couto, lançando mão do *capital cultural* adquirido durante os cursos de Farmácia e Medicina, passou em primeiro lugar e assumiu o posto almejado. Esse acontecimento legou ao médico sergipano um prestígio que ainda não havia alcançado. Já no último ano do curso, Helvécio de Andrade deveria cumprir as exigências da academia para receber o diploma. Precisava elaborar uma tese e defendê-la. Seria a última obrigação na faculdade, mas a primeira de muitas que estavam por vir. Descobriu-se um ávido escritor e anos mais tarde seria redator de vários jornais sergipanos. Redigiu o estudo intitulado

Águas Minerais, doutorando-se, recebendo o grau de distinção em 1886. Antes de granjear o diploma, os alunos recebiam uma carta do diretor da faculdade autorizando a formatura¹¹⁵.

Registro da Carta do Dr. Helvécio Ferreira de Andrade

Em nome da Sua Magestade o Senhor D. Pedro Segundo Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brazil. Faculdade de Medicina da Cidade da Bahia. Eu Doutor Antônio de Cerqueira Pinto, Bacharel pela Faculdade de Sciencias de Paris, do Conselho de Sua Magestade o Imperador, Commendador da Imperial Ordem da Rza, Conselheiro da de Christo, Lente cathedrático de Chimica orgânica e biologia e Director Interino da faculdade de Medicina da Bahia, etc., etc. Tendo presente o termo de aptidão ao grão de Doutor, que obteve o Dr. Helvécio Ferreira de Andrade, natural de Sergipe, filho de José Ferreira dos Passos, baptisado aos 5 de Junho de 1864, com um mez di idade, e o de Collação do gráo que recebeo em 18 de Dezembro de 1886, depois de ter sido approvado com distinção em defesa da theses; e usando da autoridade que me conferem os Estatutos- da-Faculdade, mandei passar ao dito Sr Helvécio Ferreira de Andrade a presente carta de Doutor em Medicina, para que possa exercer a respectiva profissão, com todas as prerrogativas concedidas pelas Leis do Império. Bahia 17 de Março de 1887. Director Interino. Dr. Antonio Cerqueira Pinto. O Presidente do acto Dr. José Olympio de Neto¹¹⁶.

¹¹⁵ BAHIA. *Livro de Diplomados da Faculdade de Medicina*. Acervo da Faculdade Medicina do Largo do Terreiro de Jesus, 1881. p. 43 - 44.

¹¹⁶ BAHIA. *Livro de Diplomados da Faculdade de Medicina*. Acervo da Faculdade Medicina do Largo do Terreiro de Jesus, 1881. p. 43 - 44.

1.4. Helvécio de Andrade: a conquista do campo médico

Os motivos que asseguravam a estada de Helvécio de Andrade em Salvador já não eram mais os mesmos. Numa visita que fizera a um amigo em Propriá, pôde contemplar a beleza rústica de uma jovem morena agraciada com olhares fugidios gerados pelo excesso de timidez, tal como os romancistas do século XIX descreviam as moças casadoiras. Demorou-se pouco na região, mas percebia que seu entusiasmo era correspondido. Foi de canoa pelo rio São Francisco até Penedo e de lá tomou o velho vapor chamado Márquez de Caxias para chegar na Bahia. Um ano depois de formado decidiu voltar para sua terra natal e instalou-se em Propriá. Não adiou o pedido formal para fazer a corte à jovem Júlia Freitas. Como novo médico da cidade, não sofreu restrições por parte dos pais da escolhida.

O ano de 1887 foi marcante na vida de Helvécio de Andrade, com os recursos que adquiriu na Bahia exercendo as atividades de médico generalista nas Clínicas Médicas dos Conselheiros Ramiro Monteiro e Almeida Couto, conseguiu instalar em Propriá um consultório modesto à espera dos verminóticos e dos impaludidos. Não sabia ao certo quantos médicos eram residentes nessa região, mas acreditava que em pouco tempo conquistaria uma clientela fixa¹¹⁷.

Com cerca de vinte anos após haver conquistado a condição de cidade¹¹⁸, Propriá se estabelecia como centro econômico e, como tal, um centro de poder. As feiras que aconteciam na praça principal suscitavam um comércio de longo e médio raio de ação, atraindo pessoas das regiões vizinhas. Dizia Le Goff que a “conseqüência espetacular do

¹¹⁷ João Rodrigues Dórea, em suas memórias sobre a cidade de Propriá, informou que o primeiro médico desta cidade não era formado. Seu Manoel Ezequiel possuía uma farmácia a muitos anos, consultava as pessoas e quando necessário fazia pequenas cirurgias. Outro médico que nasceu em 1850, era médico formado clinicando em Propriá por muitos anos. Exercia concomitantemente vários cargos políticos na região vindo a falecer em 1903 em Aracaju. Em 1862, o médico Manuel Antunes de Sales foi convidado pelo presidente da província para ajudar no tratamento dos casos coléricos que surgiram. Também indicado foi o médico João Machado de Aguiar Melo vindo a falecer em 1899, Francisco de Barros Pimentel Franco e Etelvino de Menezes Tavares que clinicou e foi delegado de Higiene Municipal. Cf.: DOREA, João Rodrigues da Costa. **Propriá**: ligeiras notas para falar a sua história. Bahia, 1961. p. 16.

¹¹⁸ A 21 de Novembro de 1866, a Resolução Provincial concedeu à Propriá a condição de cidade.

crescimento demográfico e econômico é principalmente um poderoso movimento de urbanização”¹¹⁹. As cidades urbanizadas constituíam não só centros econômicos ou políticos, como também culturais. Foi assim que João Rodrigues Dórea delineou a cidade de Propriá nesta centúria.

Propriá, em sua infância, tinha no Largo da Matriz¹²⁰ o ponto basilar de referência da cidade. Era este o local preferido para a realização das principais festas. Junto à Praça do Comércio havia um lago que dava vida aos tamarineiros e de lá era possível enxergar as águas do rio São Francisco com as canoas de velas em forma de borboletas¹²¹. Já existia telégrafo¹²² na cidade, enquanto que as ruas da Poeira, Vitória, Carrapicho, Beco da Cadeira e Beco do Bagaço eram iluminadas por candeeiro de pavio de algodão impregnado de cera.

Em 1887, com apenas 17 anos de idade, Júlia de Freitas aceitou o pedido de casamento de Helvécio de Andrade. Decidiram marcar a data do matrimônio. Garcia Moreno retratou esse momento de enlace amoroso como uma decisão desacertada, fruto de um deslize do amante compulsório e reiterou afirmando “mal estreara na clínica, ainda rala e pouco dadivosa, decide-se ao passo mal apumado do casamento precoce. Erro de que nunca mais se esqueceu e aponta, de vez em vez, com seu voto de pobreza.”¹²³.

Casados, os rebentos começaram a nascer e neste aspecto a família Andrade não fez economias. Como cunhou Aguiar, este era “o mais antigo e natural derivativo humano: o de fazer e criar filhos”¹²⁴. Foram treze no total, mas excluindo dessa somatória os filhos natimortos e os que não conseguiram sobreviver às pestes, ficaram oito. Entre eles, apenas foi possível identificar alguns. O mais moço dos rapazes, chamava-se José, provavelmente José Andrade de Freitas, é apenas uma presunção. Era realmente conhecido por seus

¹¹⁹ LE GOFF, Jacques. **São Luís**. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 24.

¹²⁰ “Era na praça da matriz que se realizavam as festas populares principais da cidade, onde no natal se fazia a feira da época, onde eram feitas espécies de leilões onde eram vendidos objetos diversos. Gritavam os vendedores: Olha a rifa da donzela, com um tostão tira uma tigela.” Cf.: DOREA, João Rodrigues da Costa. **Propriá**: ligeiras notas para falar a sua história. Bahia, 1961. p. 12.

¹²¹ DOREA, João Rodrigues da Costa. **Propriá**: ligeiras notas para falar a sua história. Bahia, 1961. p. 12.

¹²² O telégrafo foi implantado em Propriá em 1944.

¹²³ GARCIA MORENO, João P. **A Cadeira Nº 15**. Aracaju: Academia Sergipana de Letras, 1942. p. 8.

¹²⁴ AGUIAR, Ronald Conde. **O Rebelde Esquecido**: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim. São Paulo: TOPBOOKS, 1999. p. 81.

contemporâneos por Zeca¹²⁵. Farmacêutico formado, exercia sua profissão na botica homeopática do pai e, como tinha experiência em laboratório, trabalhava como auxiliar do professor catedrático da Escola Normal no laboratório de Química e Física¹²⁶. Relembrou do “professorzinho” uma ex- normalista.

José, chamavam Zeca. Zequinha... Era baixinho como o pai baixinho. Careca. Dr. Helvécio não era careca não, tinha o cabelinho já meio grisalho, mas Zeca era careca. Zeca só trabalhava com o professor de Física e Química nos dias em que tinha aula de Física e Química. Quando não tinha, ele ficava livre, ficava tomando conta da Farmácia (...) era auxiliar do Dr. Josafat (...) não sei se era professor por proteção ou se foi de alguma turma. Parece que ele era farmacêutico. Se não me engano ele era farmacêutico, o pai médico e ele era farmacêutico. Ajudava muito a gente na aula de física¹²⁷.

Além de Zeca, Helvécio de Andrade e D. Júlia Andrade tiveram outros filhos. O mais velho, de nome ainda desconhecido, formou-se como advogado no Rio de Janeiro e era Procurador do Instituto da Cana e do Álcool. Além deles, mais três filhas foram identificadas, a mais velha, que havia casado e não residia mais em Aracaju, e mais outras duas que moravam com o pai, chamavam-se Zilda e Violeta. Se elas estudaram na Escola Normal ou em alguma outra instituição, as informações ainda são escassas. Um segundo depoimento afirmou que

Não eram professoras não. Eu acho que Violeta estudou na Escola Normal, mas não no meu tempo, que ela era mais velha do que eu. Ela não era minha contemporânea não. Ela era pianista, tocava piano. Todas duas, era Zilda e Violeta. Zilda ainda tocava melhor, ela era miudinha¹²⁸.

Júlia Freitas, natural de Maruim, a única educação que recebeu foi a familiar, apesar das freqüentes requisições que fazia ao seu irmão, vigário de Villa Nova, Padre José Geminiano de Freitas. Ela era uma pessoa religiosa e legou essa virtude à educação de suas filhas, assíduas freqüentadoras das missas e das novenas da cidade. Todos os domingos Zilda, sua filha mais nova, tocava piano na Igreja Matriz¹²⁹. De linguagem simples,

¹²⁵ Depoimento concedido em julho de 2004 por uma ex- aluna de Helvécio de Andrade, Dona Normélia.

¹²⁶ Depoimento concedido em julho de 2004 por uma ex- aluna de Helvécio de Andrade, Dona Normélia.

¹²⁷ Depoimento concedido em julho de 2004 por uma ex- aluna de Helvécio de Andrade, Dona Normélia.

¹²⁸ Depoimento concedido em novembro de 2004 por uma ex- aluna de Helvécio de Andrade, confidencial

¹²⁹ Depoimento concedido em julho de 2004, por ex-aluna de Helvécio de Andrade, Dona Normélia. Confirmado por outra ex-aluna em depoimento cedido em maio de 2005, Dalva Prado.

conseqüência de uma instrução insuficiente, e com pouca desenvoltura social, não costumava acompanhar seu esposo, tão solicitado em suas obrigações profissionais e mergulhado em suas promoções sociais e culturais. Preferia sempre permanecer em casa dedicada à família¹³⁰.

Helvécio de Andrade sentia insatisfação quanto aos resultados dos investimentos. As expectativas da sua utilidade na cidade de Propriá esvaeciam à medida que não alcançava uma clientela fixa. Tudo que conseguia enxergar era um consultório modesto e sem doentes para cuidar. Resolveu visitar os enfermos em casa, antiga prática dos seus antecessores, sabia que precisava se firmar, pois a família crescia a largos. Dona Júlia Andrade não escondia a insatisfação com a economia necessária para a sobrevivência da sua prole.

No ano da Proclamação da República, Helvécio de Andrade estava no Rio de Janeiro, onde leu a notícia no jornal que em São Paulo, por força das epidemias, estavam necessitando de médicos para formar uma equipe com o fim de cuidar dos impaludidos. Comunicou a sua esposa sobre a possibilidade das possíveis mudanças. Em busca de novas perspectivas, reuniu seus pertences e seguiu o caminho dos retirantes. Dizia Garcia Moreno que, em Helvécio de Andrade, teria despertado na alma “cismarenta” o instinto migratório do nordestino. Foi para Botucatu e depois seguiu para Santos¹³¹. Lá encontrou outros sergipanos, como Olyntho Rodrigues Dantas¹³², que exerceu o cargo de inspetor sanitário, médico da Câmara Municipal e professor do Liceu Feminino. Foi um companheiro de

¹³⁰ “Júlia Freitas de Andrade.” **Correio de Aracaju**. Aracaju, 26 de julho de 1911. ano V, n. 657. p. 2. col. 1 e 2.

¹³¹ Assim que chegou em Santos, Helvécio de Andrade lecionou ciências positivas nos Colégios Castro Alves e José Bonifácio. Nessa cidade também participou da Loja Maçônica Grande Oriente do Brasil.

¹³² Olyntho Dantas nasceu a 23 de agosto de 1861 em Itabaiana (SE). Era filho do Major Geminiano Rodrigues Dantas e Josepha Maria Dantas cursou humanidades no Ateneu Sergipense e Medicina na Faculdade de Medicina na Bahia. Concluiu esse curso e recebeu o grau de doutor na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 30 de dezembro de 1885. Pertenceu a comissão que combateu a varíola na Barra dos Coqueiros e em Aracaju em 1888. Foi professor de latim do Ateneu Sergipense e da Escola Normal. Foi Diretor do Hospital de Caridade. Inspetor interino de saúde dos portos e interino de higiene. Foi Presidente do Conselho Municipal após a Proclamação da República. Em Aracaju foi um clínico afamado e notável propagandista republicano. Colaborou no Republicano da cidade de Laranjeiras. De 1891 a 1892 foi um dos membros da Junta Governativa do Estado de Sergipe. Cf.: GUARANÁ, Armindo. **Dicionário Bio-Bibliográfico Sergipano**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1925. p.237-238.

Helvécio de Andrade na luta contra as epidemias, trabalharam na Santa Casa de Misericórdia e comungaram do mesmo interesse pela Homeopatia.

As discussões sobre os problemas de salubridade de Santos eram constantes, principalmente nos jornais locais, mas pouco era feito para sanar esses males. Mediante as evidências dos fatos, o governo estadual propôs a instalação da Comissão Sanitária e de Saneamento. Esta tinha por fim executar o papel de polícia sanitária, fiscalizando a higiene domiciliar e das ruas, identificando os principais problemas da população, vistoriando hospitais e promovendo desinfecções.

Ao serem identificados os focos epidêmicos, a Diretoria de Higiene recrutava comissões de sanitaristas compostas por médicos, farmacêuticos, estudantes de medicina e desinfetadores. Mediante a densidade do problema, eles normalmente instalavam hospitais improvisados, chamados de *hospitias-barraca*¹³³ com o fim de atender a demanda. Alistado numa dessas comissões, Helvécio de Andrade entrou em contato direto com os “que-fazeres”¹³⁴ do ofício.

Os serviços prestados por esses profissionais estavam submersos numa *representação* atrelada aos sentimentos cívicos e de coletividade. Eram convocados para verdadeiras missões contra a degenerescência social. Ao final, quando os focos eram saneados, os médicos comissionados eram recebidos com honrarias e louvores pelo trabalho desempenhado.

Os planos de saneamento e higiene urbana de Santos eram evidenciados nos relatórios de presidente de província de São Paulo como necessidades iminentes. Por acreditar que esse era um problema de domínio público, o governo paulista se empenhava em aperfeiçoar as condições do estado sanitário, haja vista a necessidade de vedar as possíveis invasões de enfermidades cuja procedência era determinada pelas condições do

¹³³SÃO PAULO. Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo de São Paulo pelo Presidente Bernardino de Campos a 7 de Abril de 1894. São Paulo: Typografia do Diário Oficial, 1894. p. 54.

¹³⁴ Expressão utilizada por Helvécio de Andrade ao se referir às práticas médicas.

terreno, salubridade e clima. Para executar esses planos, o inspetor sanitário convidava engenheiros, que ficavam responsáveis pelo planejamento e organização das obras.

Em 1892, Vicente Carvalho, secretário dos Negócios do Interior, declarou que o problema sanitário de Santos apresentava novos desafios, não era necessário apenas impedir que as enfermidades adentrassem na região, mas erradicá-las. Alegava ser imprescindível que as autoridades se empenhassem na eliminação dos focos de infecção, implementassem políticas de saneamento e empregassem um exercício rigoroso de fiscalização sanitária. Acreditava que a Higiene era um ramo da administração de importância capital, mas não era tempo de prevenir, porque a peste já havia invadido a cidade, sendo imperativo, pois, voltar-se ao combate da praga.

Os institutos Bacteriológico e Vacinogênico e o laboratório de Análises Clínicas em São Paulo colaboravam com pesquisas e aplicação de procedimentos apropriados e destinados ao tratamento dessas epidemias. Mas a prevenção ainda era um fator relevante para essa “medicina enferma”. O medo do reaparecimento das febres, flagelos da população paulista, era manifesto nos relatórios, mensagens presidenciais e nos jornais. Os programas desenvolvidos com o fim de sanar os focos requeriam maiores investimentos, principalmente, na aquisição de aparelhos e utensílios específicos.

A construção de hospitais de isolamentos para os enfermos de moléstias contagiosas, a construção de um desinfetório central, a avaliação de terrenos por peritos, a canalização da água e a regularização do esgoto eram medidas providencias para o fim dos focos epidêmicos, acreditavam as autoridades administrativas de Santos.

Entre os anos de 1874 e 1875, a Varíola irrompeu na cidade de Santos e, desde então, manifestava-se com certa intermitência, variando apenas a intensidade com que eles ocorriam. Segundo os indícios, a enfermidade chegou por meio de alguns escravos importados da Corte que estavam infectados e não foram recolhidos a tempo. Delatados às autoridades públicas locais, foram transferidos para a freguesia de Efigênia, região periférica de São Paulo, onde se instalou um hospital de caráter provisório, aparelhado com

os materiais de um antigo lazareto¹³⁵. Contrataram médicos, empregados, fornecedores de gêneros alimentícios e transportes para os doentes.

No entanto, essa instalação não agradou a população que vivia próxima ao local dos enfermos e logo providenciaram alvarás para a transposição desse hospital. Ciente da razão que movia as pessoas daquele local e o receio de sedições, foi solicitado ao Abade de São Bento uma parte do mosteiro que estava desocupado. Por se tratar de um lugar mais afastado, não incomodaria. Assim que o local foi cedido e higienizado, os enfermos foram transferidos.

Durante o período em que Helvécio de Andrade esteve em Santos, 1891 a 1900, boa parte da população¹³⁶ havia sido dizimada pelas epidemias. Quadro que agravava a situação econômica da cidade por exigir a quarentena de todos os navios que atracavam ao porto¹³⁷, com seus tripulantes e passageiros. Principalmente, após a epidemia de Febre Amarela que assolou a região, impedindo o andamento do projeto de modernização do porto a muito discutido pelas autoridades e comerciantes locais que necessitavam melhorar o escoamento de café.

Os jornais evidenciavam as dificuldades encontradas para conseguir mão de obra numa cidade insalubre. Em 1896¹³⁸, cerca de 2000 trabalhadores foram importados da Europa e outros estados, muitos se dispersavam em busca de melhores propostas. Não só os navios, como também as ferrovias transportavam as mazelas e colocavam em risco a crescente imigração, que consolidava as novas relações de trabalho das lavouras cafeeiras.

¹³⁵ Instalou-se na ilha de Santa Maria de Nazaré/Veneza, em 1403, um hospital com o fim de isolar doentes e pessoas suspeitas de contágio da peste. Como foi um hospital mantido pela Ordem de São Lázaro, os hospitais desse gênero foram denominados de lazaretos. In: ANTUNES, José Leopoldo Ferreira. **Hospital instituição e História Social**. São Paulo: Editora Letras e Letras, 1991. p. 106.

¹³⁶ Conforme os relatórios do Serviço Sanitário de Santos o número de mortos correspondeu a 22.588 pessoas.

¹³⁷ Acreditavam ser uma medida necessária para a confirmação ou não de caos epidêmicos.

¹³⁸ LANNA, Ana Lúcia Duarte. **Uma cidade na transição**: Santos. (1870-1913). São Paulo: Editora Hucitec/PMS, 1996. p. 62. Coleção Estudos Históricos.

Após a participação junto à comissão de combate à Varíola em Santos, Helvécio de Andrade foi convidado, em 1893, para dirigir a enfermaria de Febre Amarela¹³⁹. Ao assumir, encontrou diversos percalços, isto porque não só a Varíola disputava o “maior quinhão de vidas”, a Febre também figurava no quadro nosológico da província. Em janeiro desse ano, um navio alemão, chamado Adolpho, trazia a bordo três pessoas infectadas com a Febre Amarela. Chegando ao porto de Santos, foram recolhidos e instalados na Santa Casa de Misericórdia¹⁴⁰.

Não tardou muito e apareceram mais pessoas infectadas. Mesmo com todos os cuidados dispensados por Helvécio de Andrade e sua equipe, havia cerca de oitenta e oito doentes no hospital. Com a lotação da Santa Casa de Misericórdia, decidiram enviar os outros pacientes para o hospital de Beneficência Portuguesa, onde poderiam ser assistidos. A epidemia durou seis meses, conforme a mensagem de Bernardino de Campos. Durante esse período, 521 pessoas foram infectadas¹⁴¹. Dessa forma, a cidade que outrora havia acolhido a Varíola e a Malária, agora era ocupada pela Febre Amarela. Os médicos eram convidados para uma verdadeira missão higienista contra a degenerescência social.

Ainda não se haviam dissipados os receios provenientes da propagação das epidemias em São Paulo, quando o governo foi surpreendido pela revolta de uma parte da armada. Tal acontecimento colocava o porto de Santos em alerta de risco iminente de ataque e depredação. Para resolver esse impasse o Coronel José Jardim foi convocado e dirigiu-se, junto com o Exército Federal, à cidade de Santos. O governo de Santos reuniu o corpo policial e proclamou à sociedade a necessidade da união de todos para combater os revoltosos que objetivavam tomar o porto. Inflamados com os discursos e movidos pelo

¹³⁹Em 1936, quarenta e três anos após ter servido a Santa Casa de Misericórdia, Helvécio de Andrade foi homenageado pelos seus serviços prestados e deram o seu nome a uma das enfermarias.

¹⁴⁰LANNA ressaltou que a primeira epidemia de Febre Amarela em Santos data de 1844. LANNA, Ana Lúcia Duarte. **Uma cidade na transição**: Santos. (1870-1913). São Paulo: Editora Hucitec/PMS, 1996. Coleção Estudos Históricos.

¹⁴¹SÃO PAULO. **Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo de São Paulo pelo Presidente Bernardino de Campos a 7 de Abril de 1894**. São Paulo: Typografia do Diário Oficial, 1894. p. 37.

sentimento patriótico, os cidadãos aderiram à causa e fixaram guarda no litoral santista¹⁴². Para essa investida, muitos médicos também foram convidados.

Numa manhã de setembro de 1893, Helvécio de Andrade recebeu uma carta enviada por um oficial, convocando-o a servir ao 54º Batalhão de Caçadores como médico adjunto do Exército. Não havia motivos para recusar visto a gravidade dos fatos. Serviu aquartelado até o momento em que os navios revoltosos foram repelidos. Com o fim do conflito, foi agraciado com a patente de Capitão Médico honorário do Corpo de Saúde do Exército, o que lhe valeu um certo prestígio diante do *campo* médico.

O trabalho de combate às enfermidades provenientes das epidemias, de conscientização acerca dos cuidados preventivos e acerca da importância da higiene, desenvolvidos por Helvécio de Andrade no Hospital da Santa Casa de Misericórdia, surpreenderam o diretor do Serviço Sanitário. Esse envolvimento com a saúde pública foi o responsável pelo convite que recebeu para se tornar membro da Comissão do Serviço Sanitário, exercendo o cargo de Inspetor.

Em 1899, surgiram rumores sobre o aparecimento de um caso de Peste Bubônica que assombrou a população santista. Muitas famílias já estavam prontas para deixar suas casas, encontravam-se apavoradas diante da *representação* que a “peste do oriente” encerrava. A mais mortal das pestes, acreditavam. “D’ahi o terror, a fuga, o êxodo, agitação”, exclamou Helvécio de Andrade, descrevendo a situação das pessoas quando receberam a notícia fornecida pelos jornais. “Si se tratasse de febre amarela, de varíola, de tuberculose, que mais consome vida no mundo inteiro, ninguém se intimidaria a ponto de fugir, o porto não teria trancado, nada de transportes, nem de banhos de sublimado ou creolina”¹⁴³.

¹⁴²SÃO PAULO. **Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo de São Paulo pelo Presidente Bernardino de Campos a 7 de Abril de 1894**. São Paulo: Typografia do Diário Oficial, 1894. p. 33.

¹⁴³ANDRADE, Helvécio de. **Apontamentos para a História da Peste Bubônica em Santos**. Santos: Typografia do Brasil, 1899. p. 18.

Na realidade, não havia provas oficiais de que a Peste Bubônica realmente estava disseminada em Santos. A morte de uma quantidade elevada de ratos nas docas e ruas adjacentes foi o primeiro indício para esse levante. Os rumores se fortaleciam, à medida que a Comissão Sanitária identificava alguns casos de morte que apresentavam os sintomas de febres, inflamações ganglionares, ansiedade epigástrica e cefalalgia frontal como vítimas da Peste. No entanto, grande parte dos médicos duvidava desse diagnóstico, asseverando que esses sintomas poderiam ser atribuídos à maioria das doenças epidêmicas. Afirmavam também a necessidade de examinar os ratos com o intuito de verificar a presença ou não do bacilo característico da Peste.

Nem o exame toxicológico revelou a presença de veneno e nem o bacteriológico encontrou o bacilo, conseqüentemente, os médicos concluíram que se tratavam de casos frustrados. Insatisfeito com os resultados, Helvécio de Andrade questionava a precisão da ciência “Se o bacillo característico é encontrado, eis que temos um caso verdadeiro de peste; se não, diz-se que há um caso frustrado (...) Que quer dizer, porém, moléstia infecciosa aparente, illusória? A theoria microbiana tem d’estas excentricidades...”¹⁴⁴

Por não concordar, o médico sergipano publicou, em 1899, um ensaio chamado *Apontamentos para a História da Peste Bubônica em Santos*, explanando as razões pelas quais a Comissão Sanitária não deveria ter afirmado e a imprensa não ter publicado informações que não estavam em concordância com o discurso médico oficial. Dizia Helvécio, “não faltou quem açulasse as iras do mundo oficial e dos seus lambe-botas contra homens de alguma autoridade que se empenhasse pelo restabelecimento da calma popular perturbada por uma indesculpável e desnecessária precipitação.”¹⁴⁵

¹⁴⁴Idem. p. 11.

¹⁴⁵ ANDRADE, Helvécio de. *Apontamentos para a História da Peste Bubônica em Santos*. Santos: Typografia do Brasil, 1899. p. 2.

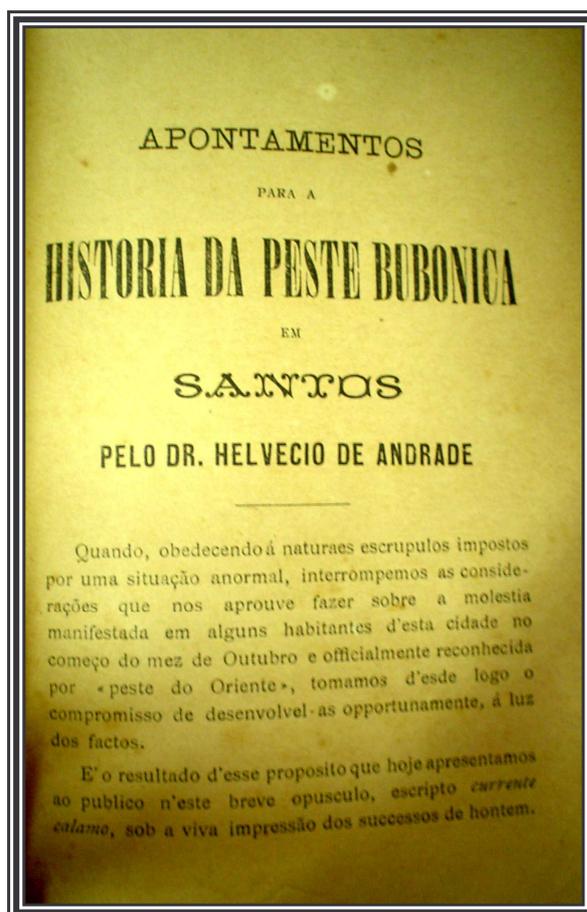


Figura 2: Capa do livro Apontamentos da História da Peste Bubônica em Santos. 1899. Fonte: BPED.

Durante a formação e desempenho como Inspetor Sanitário, Helvecio de Andrade acumulou elementos necessários que o tornariam capaz de representar os interesses do grupo do qual fazia parte. Em reiteradas ocasiões, o próprio ato de constituição e realização das práticas sociais marca a efetivação das redes de sociabilidades que os indivíduos mantêm entre si. Dessa forma, não teve muitas dificuldades para editar seus escritos a partir de então.

Publicou sua tese de doutoramento *Águas Mineraes*, defendida em 1886; um estudo intitulado *Febre Amarella*: notas clínicas sobre a epidemia de 1892 em Santos; *Tuberculose*: um estudo das causas de sua frequência em Santos, em 1894 e, por fim, *Peste*

Bubônica: apontamentos para a história da Peste Bubônica em Santos, 1899 como já foi anunciado.

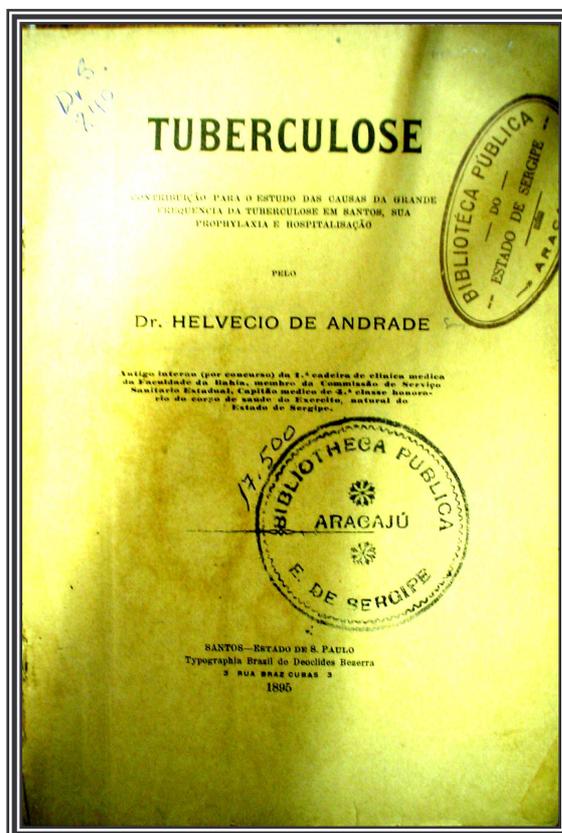


Figura 3: Capa do livro Tuberculose. 1896. Santos. Fonte: BPED.

1.5. O campo educacional e a apropriação do ideário paulista

Após alguns anos de intensa atividade médica em Santos e com um *capital social* formado a partir de consolidadas e selecionadas amizades no meio político, Helvécio de Andrade foi nomeado Inspetor Geral do Ensino Primário. Este cargo garantiria prestígio e visibilidade ao médico sergipano. Nessa oportunidade, o médico sergipano se inteirou com as práticas e ideais provenientes do campo educacional nos últimos anos do século XIX.

Momento em que a escola foi repensada como o caminho viável para o desenvolvimento do país, representada como o “signo do progresso”¹⁴⁶.

Margeando essa reflexão de Marta Carvalho, verificou-se que as expectativas conferiam um teor notório de entusiasmo por parte dos administradores públicos e profissionais da educação. Independentemente de como a economia e a política estavam sendo dirigidas, o campo educacional garantiria, pelo menos ideologicamente, a vitória dos representantes do setor oligárquico modernizador que hegemonizou o processo de Proclamação da República.

Era necessário um movimento que sustentasse a República e lhe oferecesse um proveito fidedigno de eficiência. Como consequência, muitos testemunhos produzidos nessa época relatavam o pioneirismo educacional efetuado no período republicano. Por outro lado, cristalizar a noção de que o plano ideal só foi realmente efetivado durante esse período foi tarefa empreendida por alguns autores da historiografia educacional. A criação de *representações* não foi uma prática específica do período republicano, por isso que essa questão não será amplamente discutida neste trabalho. Entretanto, não é possível negar que houve tentativas de redefinição do estatuto escolar nesse período.

Não obstante, o discurso médico difundia nesse momento a idéia da luta contra a degenerescência do social em favor do projeto de modernização da nação. Combater o vício, o amorfo, a miscigenação, que enfraquecia o tipo físico e levava o ser humano à deformidade, era a missão dos profissionais de saúde que buscavam a transformação da sociedade doente, levando-lhe princípios de civilidade. No final do século XIX, o discurso educacional estabelecia ligações muito próximas e até mesmo de proporcionalidade com as alocações médicas. Proferiam a qualidade educacional e a constituição de um meio higiênico que garantisse a saúde da população.

¹⁴⁶ CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A Escola e a República**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. p. 6.

De acordo com esse ideário, o surgimento da *escola modelar* foi um projeto que pretendia marcar o período republicano pelo sinal da diferença. O pensamento paradigmático de Caetano de Campos em construir uma escola que, pela monumentalidade¹⁴⁷, deveria “se dar a ver” e que pela nova proposta pedagógica deveria ser um modelo, balizou as reformas posteriores. Em 1894, foi inaugurado o prédio da Escola Normal em São Paulo¹⁴⁸, mas esse não foi o único acordo cumprido do amplo projeto de civilização, era preciso que a instrução ministrada nessa escola modelar estivesse em conformidade com os princípios de uma nova corrente educacional chamada por seus contemporâneos de Pedagogia Moderna.

Mas o que definiria esse movimento? Seus princípios. A Pedagogia Moderna difundia a organização de um espaço físico amplo, arejado e iluminado; a ordenação adequada do tempo e espaço escolar¹⁴⁹, do mobiliário, do material didático, dos compêndios, das cartilhas analíticas e dos métodos de ensino. Esses itens deveriam ser observados como condição principal do processo da aprendizagem, agora centrada no aluno, como defendia Dewey¹⁵⁰.

Durante a atuação como inspetor escolar, Helvécio de Andrade observou os dispositivos que teceram a reforma de Caetano de Campos. Este reformador enumerou os seguintes requisitos para o sucesso do novo modelo escolar, “mestres formados no estrangeiro para os alunos-mestres da Escola Modelo, moderno e profuso material escolar

¹⁴⁷Veiga expõe que a monumentalidade desses prédios escolares não demonstravam apenas solidez e sobriedade, mas se destacavam pela procura comungar a racionalidade e a funcionalidade com os padrões ideais de Higiene. VEIGA, Cynthia Greive. “Educação Estética para o povo.” In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FÁRIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. (org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 410.

¹⁴⁸ MONARCHA, Carlos. **Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1999. – Coleção Momento.

¹⁴⁹ Autores como Antonio Viñao Frago e Agustín Escolano estudam o uso do espaço e o tempo escolar como dispositivos que participavam ativamente do processo de aprendizagem. Os autores ao se referirem ao espaço escolar como uma construção social, remetem-nos ao entendimento de que o conceito de escola estava associado à compreensão de um lugar próprio. Esse lugar próprio da escola era o prédio escolar que exerceu um papel importante na educação. Foi o que eles chamaram de função pedagógica do palácio-escola. A monumentalidade do edifício escolar estava relacionado à educação estética, às propostas de urbanismo, como também aos preceitos higienistas visíveis na disposição das salas de aula, arejamento, disposição das outras instalações da escola.

¹⁵⁰ DEWEY, John. **Experiência e Vida**. São Paulo: Abril Cultural. 1980. – Os Pensadores.

importado, prédio apropriado e criação de bons moldes de ensino”¹⁵¹. Como parte do empreendimento nacional de civilidade, Helvécio de Andrade viveu esse ânimo e fez uma leitura da reforma apropriando algumas idéias que mais tarde difundiria ao campo educacional sergipano. O contato direto com o movimento de renovação fomentou nesse médico os anseios de um pedagogo entusiasmado.

1.6. Helvécio de Andrade volta a Sergipe

O trabalho diário e o afã com que ele era realizado esfumaçaram as linhas do tempo, fazia dez anos que Helvécio de Andrade havia se instalado em Santos. Os esforços investidos lograram um cenário de estabilidade profissional e financeira, porém, seu filho foi abatido pelas pestes epidêmicas que sempre combateu. Consternado pela impotência de sua ciência e dos amigos que ajudaram em todo o processo de tratamento, desistiu da Medicina, abandonando seus ideais utópicos de regeneração da sociedade pela educação higiênica. Afastado das lides médicas, apesar dos constantes apelos da esposa para reconsiderar a decisão, resolveu voltar a Sergipe, dessa vez escolheu a cidade natal de D. Júlia Andrade, Maruim. A escolha dessa cidade específica foi, possivelmente, intencional, porque nesse momento Maruim era considerada o centro cultural sergipano.

Quente e úmida¹⁵², Maruim de 1900 estava modificada pelos desígnios do progresso¹⁵³. A urbanização, a estrada de ferro, a eletricidade, os hotéis e o serviço

¹⁵¹CARVALHO, Marta Maria Chagas de. “Reformas da Instrução Pública”. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FÁRIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. (org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 226.

¹⁵² Conforme o estudo que Helvécio de Andrade apresentou sobre essa cidade no 4º Congresso Médico Latino no Rio de Janeiro no ano de 1909.

¹⁵³ MONTALVÃO, Elias. **História e Chorografia de Maroim**: precedida da distinta biografia do distinto maroimense Dr. Deodato Maia. Aracaju: Estabelecimento gráfico F. Sampaio e C., 1921.

telefônico somavam-se a circulação de jornais, apresentação de filarmônicas, cinemas, peças de teatros e o Gabinete de Leitura. “Esse monumento, guarnecido pelas estátuas de Minerva e Clio, abrigava uma sociedade de intelectuais que tinha o conceito de uma Academia de Letras pelo nível cultural e pela postura dos seus membros”¹⁵⁴.

Segundo o professor Elias Montalvão, Maruim estava constituída no cenário sergipano como uma das mais importantes cidades do período e para onde convergiam pessoas influentes, advogados, administradores públicos e médicos¹⁵⁵. Como pólo intelectual, muitas famílias sergipanas procuravam essa cidade para a instrução dos seus filhos. Muitos cantaram em versos o seu desenvolvimento cultural, “...discerremos as cortinas do passado, e vejamos as alvoradas do progresso de Maroim: uma plêiade de moços de sua sociedade cômicos do amor pela instrução”¹⁵⁶.

Mediante as conferências e reuniões no Gabinete de Leitura, a cidade de Maruim se projetava como um centro de intensa vida cultural, principalmente por causa das produções intelectuais ali executadas. O desafio de ser aceito pelos grupos já pré-estabelecidos nesta cidade foi o que impulsionou as várias investidas de Helvécio de Andrade. Firmar-se como um intelectual ativo e conquistar legitimidade não foi um processo simples, na maioria das vezes dependeu da capacidade de Helvécio de Andrade de estabelecer uma rede de sociabilidades, de tornar seu discurso aprovável e de permitir a ingerência de críticas em relação às suas idéias. Mas as experiências adquiridas em Santos como Inspetor sanitário e educacional lhe possibilitaram tomar conhecimento do jogo de interesses típico dos círculos intelectuais.

Normalmente, esses círculos demandavam algumas práticas que poderiam reforçar e criar laços de empatia. Os debates, as conversas, a colaboração em jornais, conjeturas sobre

¹⁵⁴ CRUZ e SILVA, Maria Lúcia Marques. **Inventário Cultural de Maroim**: aos 140 anos de Emancipação Política da Cidade. Aracaju: Secretaria Especial de Cultura, 1994. p. 203.

¹⁵⁵ MONTALVÃO, Elias. **História e Chorografia de Maroim**: precedida da distinta biografia do distinto maroimense Dr. Deodato Maia. Aracaju: Estabelecimento gráfico F. Sampaio e C., 1921.

¹⁵⁶ D. Eufrosina Soares, nesses versos que dedicou à Maruim, citou o nome das professoras atuantes em 1914, Maria d’Oliveira Sampaio, Agripina Vieira da Silva, Irinéa Amazonas Duarte, Afra de Andrade Guimarães, Generosa Almeida Franco, Leopoldina Batista de Almeida, Aristides Bittencourt, Veríssimo Oliveira Cezar, Teodoro Nascimento. Cf.: RAMOS, Eufrosina Almeida Soares. **Perfil de Maroim de 1914**. Aracaju: Secretaria da Educação e Cultura, 1977. p. 11.

os problemas sociais, troca de livros e críticas encorajaram a promoção da cultura e contribuíram para aprimorar o movimento da intelectualidade de Maruim. As editoras e as criações de periódicos também se constituíam como instituições fomentadoras da seleção intelectual. Ao estudar a vida intelectual brasileira nas décadas de 1870 a 1930, Machado Neto constata que os intelectuais apropriavam certas estratégias e práticas para a obtenção de legitimidade e reconhecimento. Apesar da sua análise se restringir ao ambiente intelectual do Rio de Janeiro, demonstra os pré-requisitos necessários para um sujeito classificar-se intelectual¹⁵⁷.

Helvécio de Andrade escreveu algumas lembranças do seu retorno a Sergipe no *Correio de Aracaju*, em 1912, sob o pseudônimo de Severo. Dizia que, ao chegar ainda pela manhã, pôde apreciar a calma de uma cidade rural. Descreveu seus sentimentos ao ver os campos, o comportamento simples dos habitantes e o chiar dos carros dos bois, “Que delícia! Durou mezes a impressão daquelle toque, mezes!”¹⁵⁸.

Às dez horas da manhã encontrou um quarto nas poucas hospedagens do local. Na hospedagem, deixou os filhos e foi percorrer as ruas da cidade. Da praça central foi em direção ao Gabinete de Leitura e, em seguida, resolveu visitar o Instituto Cruz, estabelecimento destinado ao preparo de jovens para o comércio. Antes de chegar nessa escola, Helvécio de Andrade relatou algumas impressões de tristeza ao saber que a antiga Casa Scharamm & Cia que, por muitos anos foi a casa de crédito para a lavoura de açúcar do município, estava em liquidação. Sua visita encerrou no ‘Porto das Redes’, onde ainda existia um velho trapiche à margem do rio e exclamou “vem dahi o desenvolvimento de Maroim.”¹⁵⁹,

Após seis anos de empenho, Helvécio de Andrade conseguiu publicar pela editora “Imprensa Econômica” de José Andrade, um ensaio sobre as moléstias que estavam

¹⁵⁷ MACHADO NETO, Antônio Luiz. **Estrutura Social das Repúblicas das Letras**. São Paulo: Grijalbo, 1973.

¹⁵⁸ ANDRADE, Helvécio de. “Da Capital ao São Francisco”. **Correio de Aracaju**. Aracaju. 17 de Março de 1912, ano VI, n. 673. p.1. col. 1-3.

¹⁵⁹ ANDRADE, Helvécio de. “Da Capital ao São Francisco”. **Correio de Aracaju**. Aracaju. 17 de Março de 1912, ano VI, n. 673. p.1. col. 1-3.

assolando a cidade de Maruim. *Os Três Grandes Flagellos da Humanidade: Tuberculose, Síphilis e Alcoolismo* foi produto das experiências que o médico sergipano adquiriu na direção da enfermaria da Santa Casa de Misericórdia e durante o período que foi Inspetor Sanitário em Santos.

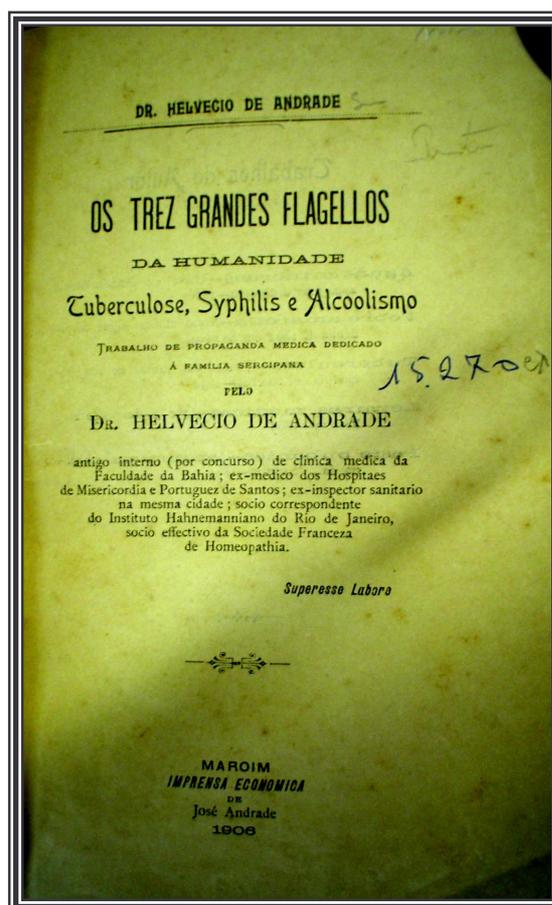


Figura 4: Capa do livro *Os três Grandes Flagellos*. 1906. Maruim. Fonte: BPED.

Ao chegar em Sergipe, pôde apreciar os debates que envolviam essas questões e redigiu um “trabalho de propaganda médica dedicado à família sergipana”¹⁶⁰ com o objetivo de conscientizar as pessoas sobre os perigos de contrair essas doenças e de alertar sobre os meios de defesa prescritos pela higiene. Iniciava então sua vida intelectual.¹⁶¹ Não

¹⁶⁰ ANDRADE, Helvécio de. *Os Três Grandes Flagellos da Humanidade: Tuberculose, Syphilis e Alcoolismo*. Maruim: Imprensa Econômica, 1906. p. 1.

¹⁶¹ Anos mais tarde, Helvécio de Andrade seria um dos fundadores da Hora Literária que deu origem à Academia Sergipana de Letras. Nos anais do Cenáculo, figuram entre os primeiros ocupantes das cadeiras da

só Helvécio de Andrade conseguiu tal feito, alguns dos seus conterrâneos conseguiram o mesmo. O final do século XIX registrou alguns nomes “Carvalho e Melo, João de Almeida Lopes, Pedro Vieira Matos, João Ferreira da Silva, Adolpho Vieira Matos, Luiz Vieira Matos, Flávio Rosa Melo, Nicanor de Oliveira Leal, Otávio Teles de Almeida, Heribaldo Dantas Vieira e João Marques Guimarães.”¹⁶²

Os apelos de D. Júlia Andrade foram atendidos. Decidiu, então, filiar-se à Sociedade Francesa de Homeopatia, estudando e investindo nesse velho ramo da Medicina. A Homeopatia era comumente utilizada pelos médicos e proveniente, muitas vezes, da observação não empírica do homem comum. A circulação desses conhecimentos ocorria por meio da oralidade e receitas antigas passadas às gerações. Em 1899, Helvécio de Andrade já simpatizava com as discussões acerca dos princípios da Homeopatia e publicou em Santos um estudo intitulado *Leituras Médicas: que é a homeopathia?*¹⁶³ Conceituou e valorou a eficiência desses conhecimentos no tratamento de inúmeras moléstias¹⁶⁴. O objetivo de Helvécio de Andrade ao escrever foi o de

Apresentar a homeopathia, não como parece a muita gente, mas como ella realmente é, expurgada dos pejuizos que difficultam a sua ascendencia aos espíritos esclarecidos; mostrar que ella assenta em base científica e em princípios rigorosos e que, por isso, é digna do respeito e da estima dos homens cultos, profissionais ou não, tal é o fim principal deste opúsculo eu não ousou chamar um livro¹⁶⁵.

Helvécio de Andrade não foi o primeiro médico homeopata, como acreditavam alguns pesquisadores sergipanos¹⁶⁶. Formado em 1885, na Faculdade de Medicina do Rio

Academia, a começar por Antônio Garcia Rosa, Magalhães Carneiro, Cleómenes Campos, José Augusto da Rocha Lima, D. Antônio Cabral, Gilberto Amado, Ranulfo Prata, Manuelito Campos, Rubens Figueiredo, Artur Fortes, Costa Filho, Monsenhor Carlos Costa, Clodomir Silva, Santos Melo, *Helvécio de Andrade*, Hermes Fontes, Oliveira Teles, D. Mário Vilas Boas, Pires Wynne, Alfeu Rosas, Maurício Cardoso, João Passos Cabral, Prado Sampaio, Júlio Albuquerque, Carvalho Neto, Florentino Menezes, Nobre de Lacerda, Gervásio Prata, Abelardo Cardoso, Enock Santiago, João Esteves da Silveira, Edson Ribeiro, Humberto Dantas, Olegário e Silva, Josué Silva, Augusto Leite, Hinaldo Santaflor Cardoso, Pedro Machado, Marcos Ferreira de Jesus, Zózimo Lima, Epifânio Dória.

¹⁶² DANTAS, Orlando Vieira. **Vida patriarcal de Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 105. Coleção Estudos Brasileiros.

¹⁶³ ANDRADE, Helvécio de. **Leituras Médicas: que é a homeopathia?**. Santos: Typographia Brazil, 1899.

¹⁶⁴ Idem. p. 2.

¹⁶⁵ Ibidem. p. 2.

¹⁶⁶ Os pesquisadores a quem faço referência são Armindo Guaraná, Garcia Moreno e Fernando Porto.

de Janeiro, Olinto Rodrigues Dantas apresentou uma inclinação pelos estudos homeopáticos anteriormente. Apesar disso, Helvécio de Andrade defendeu com veemência os preceitos desse conhecimento no *campo médico* sergipano. Uma das polêmicas registradas nesse campo foi noticiada pelo *Correio de Aracaju* em 1911, na qual Helvécio de Andrade expôs as razões pelas quais acreditava na eficiência da terapia homeopática, refutando as provocações dos médicos Manoel Marsellac e Berillo Leite¹⁶⁷.

Numa tentativa de identificar os focos das doenças epidêmicas que afetavam os sergipanos, Helvécio de Andrade em Maruim, por volta de 1909, fez um estudo sobre a situação topográfica de Sergipe, tentando construir relações entre o clima e as possíveis epidemias. Um escrito relevante para o aprimoramento da Medicina Social sergipana, intitulado “Climatologia e Geografia Médica do Estado de Sergipe”¹⁶⁸. Publicado no Rio de Janeiro pela Imprensa Nacional, fruto de um convite para apresentar um estudo no 4º Congresso Médico Latino Americano.

Honrado com o convite do Exmo Sr. Dr. Azevedo Sodré, presidente da Comissão Organizadora do 4º Congresso Médico Latino Americano, para apresentar ao mesmo congresso, a reunir-se em agosto do corrente ano, um relatório sobre “Climatologia e Geografia Médica do Estado de Sergipe”, (...)Disposto a arrostar com todas as dificuldades, algumas insuperáveis, num meio onde tudo está por fazer em matéria de hygiene e estatística, para corresponder na medida de minhas forças às vistas generosas da illustrada comissão, fiz todavia senti ao illustre presidente quanto seria imperfeito esse trabalho, que eu desejaria fazer completo, e faria melhor se minha vontade bastasse para supprir a incompetência do autor e a carência geral de toda espécie de elementos indispensáveis à confecção de um trabalho desta natureza¹⁶⁹.

Para elaborar o referido estudo, Helvécio de Andrade lançou mão de diversas fontes, como o Quadro Corográfico de Laudelino Freire, relatórios da inspetoria de Higiene, cartas de colegas clínicos de Laranjeiras e Propriá, resumos meteorológicos da estação de Aracaju que eram publicados na imprensa diária, algumas notas estatísticas

¹⁶⁷ ANDRADE, Helvécio de. “Palestras Médicas”. In: **Correio de Aracaju**. Aracaju. Ano V. Nº 549. 14 de Maio de 1911. p. 2. col. 2.

¹⁶⁸ ANDRADE, Helvécio de. Climatologia e Geografia Médica do Estado de Sergipe. In: **Quarto Congresso Médico Latino Americano**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1909.

¹⁶⁹ Idem. p. 02.

sobre registros de nascimentos e óbitos investigados nos cartórios de Maruim, Laranjeiras, Estância, Capela, Nossa Senhora das Dores, Propriá e Vila Nova. Através das quais constatou

Rápida descrição do Estado no ponto de vista de sua situação topográfica; longitude e latitude; indicação summaria dos rios, lagoas, montanhas, florestas, áreas, costas, que possam influir sobre o clima; Divisão do estado em zonas, indicação para cada zona dos elementos que influem no clima local; máximas e mínimas de temperatura, medias no verão e inverno; humidade relativa e tensão do vapor d'água; chuvas annualmente em milímetros, regimem das chuvas; enchentes, seccas, ventos, tempestades, chuvas de pedra; Apreciação geral do clima sob o aspecto de sua salubridade. Doenças epidêmicas – dados estatísticos; doenças infectuosas frequentes e varíola, sarampo, dysenteria, paludismo, lepra, syphilis, anquilostomiase, boubas, urinas leitosas, beribéri, tuberculose, frequência especificada. Doenças communs: do coração, dos vasos, app. respiratório, digestivo, rins, systema nervoso; frequência especificada, dados estatísticos. Alcoolismo. Apreciação geral de salubridade relativamente aos nascimentos, obtuários, movimento dos hospitaes, casas de saúde, etc. Causas e motivos de doenças e insalubridade¹⁷⁰.

Elaborou, nesse estudo, uma verdadeira radiografia dos aspectos intrínsecos de Sergipe. Ao enfatizar a descrição dos elementos acima apontados, verificou-se como os conhecimentos médicos estavam assessorados pela ciência geográfica. Através de uma leitura mais atenta desse escrito, pode-se inferir que se tratava de um relatório descritivo, requisitado não só ao médico sergipano, mas aos médicos das diversas regiões. Convidados a elaborar o mesmo estudo, eles apresentariam um laudo minucioso das possíveis causas do surgimento dos focos epidêmicos, identificando as regiões mais afetadas, estabelecendo nexos com o clima, relevo e a penúria. Desse modo, além das apresentações que focalizavam a epidemia e suas possíveis causas, o referido congresso médico tinha como fito, empreender discussões e suscitar soluções para o mal que afetava todo o País.

¹⁷⁰ ANDRADE, Helvécio de. Climatologia e Geografia Médica do Estado de Sergipe. In: **Quarto Congresso Médico Latino Americano**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1909. p. 03.

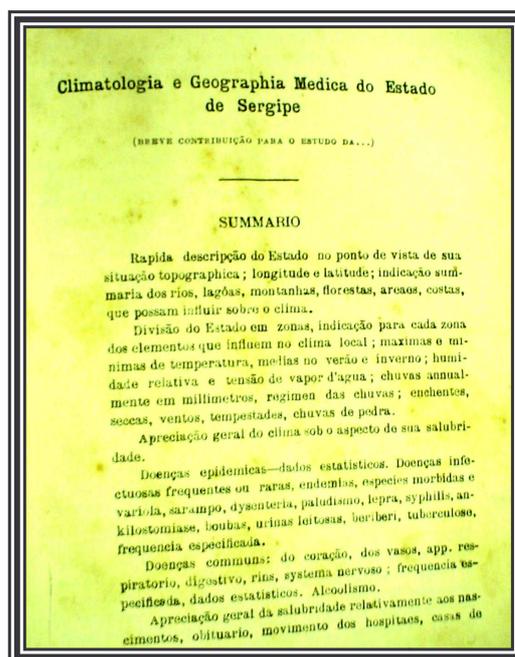
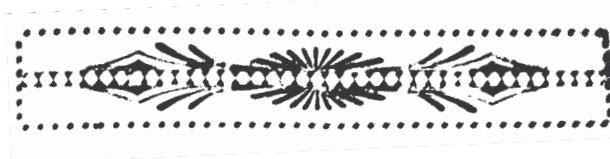


Figura 5: Capa do estudo de Climatologia e Geografia Médica do Estado de Sergipe. 1909. Maruim. Fonte: BPED.

Não demorou muito e Helvécio de Andrade foi convidado, em 1909, para assumir o cargo de Delegado Fiscal do Governo Federal junto ao Atheneu. A missão a ser desempenhada tinha suas razões justificadas na proposta de renovação do sistema escolar, dado o fato desse médico sergipano ter participado e acompanhado as reformas educacionais paulistas como Inspetor escolar. Corroborava para isto a visibilidade social alcançada a partir do seu desempenho mediante as publicações médicas produzidas até então. Conquistou, assim, uma maior representatividade política e social. Mas este seria apenas o início do trabalho educacional que desenvolveria.



CAPITULO II



***NOS TRILHOS DA HISTÓRIA: a atuação de Helvécio de
Andrade no campo médico sergipano***



A inspiração vem. Algumas vezes se desenrola por si mesma, com os olhos de uma pessoa que dorme deixando sua marca mais ou menos completa no gravador que chamamos de “memória”.

Mozart de Nobert Elias

*A*nalisar a atuação de Helvécio de Andrade no campo médico sergipano, identificando a maneira como legitimou a implantação dos conhecimentos higienistas no ambiente escolar, foi um dos desafios propostos para a execução deste estudo. Para enveredar pelo modo como se concebeu a modernização pedagógica em Sergipe, é necessário compreender quais seriam as idealizações dos responsáveis pela administração pública em relação à aplicação da higiene na educação, como foi propagada a importância das práticas higienistas nas escolas, o que priorizavam estas práticas e qual o papel de Helvécio de Andrade na difusão como médico e da Escola Normal.

As noções elementares de higiene: o cuidado com o corpo, a alimentação, o planejamento das habitações, o cuidado com a iluminação e ventilação das salas de aula a ponto de definir a cor das paredes, a quantidade de banheiros, as disposições das salas e a quantidade exata de alunos por classe foram algumas das preocupações difundidas por esse professor principalmente às normalistas, que seriam as futuras professoras primárias do Estado. Com o objetivo de inserir as noções de higiene e saúde, o médico sergipano associava as prescrições acima às posturas de civilidade e até mesmo de urbanidade, apresentadas como fruto do conhecimento científico da Medicina Social.

Neste capítulo, pretendo analisar primeiramente a complexidade do campo médico sergipano e o processo de legitimação do discurso higienista de modo a apreender como Helvécio de Andrade conquistou o reconhecimento da licitude de suas idéias. Mas o

propósito maior foi o de identificar quais os princípios e práticas higiênicas difundidas por este médico educador na Instrução Pública. Pode-se verificar que a inserção de novas idéias no campo médico e educacional dependeria da legitimidade e da posição que ele ocupou na estrutura social. Isso não significa se descuidar do entendimento de que todo o processo de apropriação das mensagens e modelos se opera “através de ajustes, combinações e resistências”¹⁷¹.

A inserção da Higiene na instrução pública, como prática cultural que deveria ser aplicada e apropriada pelos alunos e professores, partiu da preocupação de formar um novo *habitus* social com o fim de regenerar, civilizar a sociedade. Conforme Elias¹⁷², a escola, por desempenhar a função de fomentadora de comportamentos regenerados e civilizados, vai inserir nos indivíduos costumes, valores morais e práticas com a finalidade de moldar o comportamento conforme as exigências sociais de civilidade e, neste caso, as diretrizes indicavam a higiene como fator imperativo para o convívio social. Mas de que maneira realizar tal tarefa? Através do trabalho pedagógico. Este propicia a inclusão de novas práticas dentro da escola.

Para Bourdieu, o trabalho pedagógico produz modificações nos indivíduos e tende a dotá-los de um *habitus*, ou seja, “de esquemas comuns de pensamento, de percepção, de apreciação e de ação”¹⁷³. Ele permite a criação de novas condutas sociais, pois exerce sobre o indivíduo o processo de interiorização da exterioridade de modo independente da sua vontade. O *habitus* adquirido na escola constitui uma matriz na assimilação da cultura e contribui para a preservação dos princípios da organização do próprio campo. Assim, a escola era uma das instituições que engendrava esse *habitus* disciplinar nas crianças. A escola seria, nesse processo, uma das instituições capaz de assegurar a circulação ou a reprodução das idéias e comportamentos civilizados, além de garantir a permanência e a

¹⁷¹CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 234.

¹⁷²ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador I: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

¹⁷³BOURDIEU, Pierre. PASSERON, Jean-Claude. “A função ideológica do ensino”. In: *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Trad. de Reynaldo Bairão. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1982. p. 206.

consagração deles. Diante disso, tanto Elias quanto Bourdieu pensaram na escola como uma instituição socializadora.

Para a compreensão do processo de difusão das práticas higienistas na instrução pública sergipana foram utilizados, como suporte, artigos e livros publicados por Helvécio de Andrade, discursos proferidos na Sociedade de Medicina de Sergipe, leis e decretos, mensagens presidenciais, a literatura sergipana, artigos sobre as condições da Medicina em Sergipe e outras publicações de Helvécio de Andrade.

Entre essas publicações, destacam-se os numerosos artigos publicados nos jornais de grande circulação em Sergipe e em Santos(SP), os estudos sobre as epidemias e doenças mais freqüentes do período: “Águas Minerais apresentada com distinção-1886”, (tese de doutoramento); “Febre Amarela: Notas Clínicas sobre a epidemias, 1892”; “Tuberculose: Estudos das causas de sua freqüência, 1894”; “Leituras Médicas: que é Homeopatia, 1899”; “Peste Bubônica: apontamentos para a história da Peste Bubônica, 1899”. Além dos ensaios sobre o campo médico e “A Medicina em Sergipe durante um século”, 1911; “Revista Médica Sergipana”, 1911 e o “Curso de Pedagogia”, que abordou as noções básicas das práticas higienistas que deveriam ser aplicadas nas escolas.

2.1. Helvécio de Andrade e o campo médico sergipano

A Medicina Social no Brasil insere-se num panorama que delineou as tentativas de focalizar a emergência da difusão e da consolidação do saber médico institucionalizado no País. Dar organicidade às práticas médicas foi um dos dispositivos utilizados para atribuir à medicina acadêmica, mediante a cientificidade do seu discurso, o poder de inserir sobre a sociedade os princípios e normas ideais. Esse processo de construção da legitimidade da Medicina como ciência efetiva nasceu, segundo Foucault, de mitos que relacionavam a figura do médico à do padre. Enquanto o segundo detinha domínio sobre a alma, o primeiro

portava poderes sobre os corpos¹⁷⁴. A prática médica, nessa configuração, investe-se de autoridade para disciplinar e regenerar a sociedade¹⁷⁵.

Ainda visando a busca pelo domínio do campo e pelo fortalecimento da identidade profissional, os médicos ocupavam cargos públicos orientando sobre os projetos de melhorias estruturais e sanitárias, bem como instituíaam periódicos especializados, participavam de congressos, mantinham uma rede de sociabilidade com médicos estrangeiros e fundavam associações com o fim de criar regulamentos, estatutos, de fiscalizar a atuação de barbeiros, de herbalistas e de curandeiros, e de servir de *locus* para os debates e para a circulação dos saberes produzidos pelas novas pesquisas. Com o mesmo propósito foi fundada em 1910, a Sociedade Médica de Sergipe¹⁷⁶. Esta constituiu uma instituição fomentadora do cultivo das letras e da ciência.

O campo médico sergipano estava composto por uma plêiade de profissionais regularmente formados em Medicina, Odontologia e Farmácia cuja missão era constituída do caráter civilizatório. Junto com Helvécio de Andrade, os intelectuais que compuseram essa associação foram Augusto Leite, Aristides Fontes, Antonio Militão Bragança, Álvaro Telles de Menezes, Alcibíades Paes, Aurélio Rezende, Alexandre Freire, Berílio Leite, Batista Itajahy, Cândido Costa Pinto, Daniel Campos, Demetério da Silveira, Edilberto Campos, Francisco Fonseca, Felino Fontes, Fernandes Vila Verde, Gonçalo Rollemberg, Horácio Hora, José Moreira Magalhães, Josaphat Brandão, Jessé Fontes, Marsilac Motta, Moacir Leite, Nunes Sobral, Otaviano Melo, Pimentel Franco, Pedro Muniz, Rodrigues Dórea, Silvio Cezar Leite e Silva Mello. Por meio dessa sociedade os médicos objetivavam investir no aprimoramento da prática médica em Sergipe, colocando em evidência os problemas, as necessidades e as discussões teóricas específicas. Consoante Santana, Helvécio de Andrade participou da primeira diretoria da Sociedade Médica, exercendo o cargo de 1º secretário¹⁷⁷.

¹⁷⁴ FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense, 1977. p. 35.

¹⁷⁵ FOUCAULT, Michel. "O nascimento da medicina social". In: **Microfísica do poder**. 12ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1996. p. 79-98.

¹⁷⁶ Sociedade de Medicina. **Correio de Aracaju**. Aracaju, 21 de Agosto de 1910, ano V, n. 432. p.1 col. 3.

¹⁷⁷ Dizia Santana "A primeira diretoria de Sociedade foi composta do Dr. Daniel Campos, como Presidente, Helvécio de Andrade, 1º secretário; Augusto Leite, 2º secretário e Pimentel Franco, Tesoureiro. SANTANA,

Helvécio de Andrade publicava no *Correio de Aracaju* as necessidades de se instituir uma associação médica em Sergipe, tal como existiam em outros estados e países. A urgência com que apresentou as propostas, evidenciou como o médico encontrava-se cômico de uma série de dificuldades e riscos que envolviam seus colegas de profissão nesse período. A assembléia deveria sanar as dúvidas dos médicos no diagnóstico e na prescrição de tratamentos, quando os casos clínicos se apresentassem obscuros, ou mesmo, formar uma comissão autorizada que julgasse as questões médicas, as necessidades estruturais e sociais, os honorários e que elucidasse, através das discussões, as novas tendências e técnicas científicas ligadas ao campo médico.

O dr. Fonseca disse-nos que muito conviria a fundação de uma sociedade médica que sustentasse e defendesse os interesses da classe. Apoiando francamente a proveitosa idéia, digna de todo acatamento e de rápida execução, lanço-a em público e concito os illustres colegas da capital, onde concorre maior número de profissionais, para reunirem-se em assembléia e levarem à efeito com o concurso de todos os médicos do Estado a criação da UNIÃO MEDICA SERGIPANA, ao typo das sociedades médicas congêneres do paiz¹⁷⁸.

As *representações* criadas pelos médicos envolviam-se de um caráter salvacionista e progressista. Não obstante estes profissionais promoverem a idéia da necessidade da intervenção médica para a regeneração da sociedade, eles apresentavam sérias dissensões de pensamento e interesses que resultavam na formação de pequenos e inúmeros grupos divergentes, mesmo após a criação da Sociedade Médica. As cisões eram práticas freqüentes no *campo médico* sergipano e derivavam das deformidades do próprio *campo*. Eram freqüentes os apelos nos jornais que circulavam em Sergipe solicitando a união da classe. Os jornais *Estado de Sergipe*, *Diário da Manhã* e *Correio de Aracaju* portavam seqüencialmente esses pedidos nas seguintes colunas, “Viver às Claras, Notas Clínicas e A Classe Médica”. Por motivos ainda desconhecidos, a sociedade médica não teve

Antonio Samarone. **As Febres do Aracaju**: dos miasmas aos micróbios. São Cristóvão: UFS, 1997. p. 92. Dissertação (Mestrado em Sociologia).

¹⁷⁸ ANDRADE, Helvécio de. “Idéia proveitossíssima: a classe médica.” **Correio de Aracaju**. Aracaju, 6 de fevereiro de 1908, ano II, n. 176. p. 2. col. 1.

longevidade, funcionou por apenas um ano. Também não eram raros os apelos de Helvécio de Andrade pela união da classe.

Resta-nos appellar para todos os nossos companheiros de jornada. De todos nós depende o futuro da Sociedade, o futuro da nossa classe, sua força, seu prestígio actual e futuro. Unamo-nos na mesma communhão de ideas, no mesmo sentimento de freternidade, sejamos um por todos, que haveremos de triumphar no conceito público, tangendo bem para longe esse tempo de anarchia médica e pharmaceutica, em que não sabemos bem quem manda e quem obedece. Façamos a ordem da desordem; restabeleçamos a harmonia dos poderes, que o respeito e a recompensa hão de ser os fructos desse trabalho, dessa união, desse accordo¹⁷⁹.

Terminou esse discurso acima com uma frase enfática proferida por César, a qual marcou a história do Império Romano, “*Alea Jacta Est*”, que significa a “sorte está lançada”. Da assertiva acima, podem-se extrair algumas conclusões. A primeira revelou a insistência e o empenho de Helvécio de Andrade como indivíduo em unir o campo médico, pois suas iniciativas estavam inscritas e delongadas nos periódicos, nos discursos proferidos por ele e por outros intelectuais nos registros públicos.

Também pode-se supor que, apesar dos testemunhos históricos resguardarem apenas as assinaturas desse médico educador, talvez ele não tivesse sido o único a desejar tal empreendimento dado o número de pessoas que o apoiava. Isto revelaria apenas o fácil acesso que lhe era garantido junto aos órgãos editoriais. Pensar dessa forma seria mais coerente, presume-se. Uma outra suposição acenava para a *representação* que Helvécio de Andrade havia adquirido em Sergipe movida pelo rigor e entusiasmo com que tratava as questões médicas. Talvez um pouco mais utópica, essa proposição apresenta-se coesa por causa dos inúmeros convites e publicações que até então o intelectual havia alcançado.

O campo médico assinalou durante o período de sua formação os embates, bem como as práticas que investiram no processo de legitimação. A ocupação dos postos de inspetores, delegados de higiene, administradores das casas de saúde e médicos

¹⁷⁹ ANDRADE, Helvécio de. “Sociedade Médica de Sergipe”. In: **Revista Médica de Sergipe**. vol. I. n. I. Aracaju, maio 1911. p. 10.

comissionados pelo governo para combater as epidemias era de grande relevância naquele momento. Porém, muitos médicos formados que participaram de algum dos cargos acima não lograram o reconhecimento almejado pelos préstimos de seus serviços ao governo. Buscavam, assim, a clínica particular, na qual poderiam construir prestígio. Isto não significa afirmar que os médicos que conseguiram certo destaque não lançaram mão desse expediente.

Os anúncios nos jornais revelaram que, independente do cargo que ocupassem ou do prestígio que portassem perante a sociedade ou mesmo em presença de seus pares, os médicos mantinham ativas suas clínicas particulares. Até mesmo Helvécio de Andrade, que foi veemente ao defender a criação de hospitais públicos de boa qualidade. O *Sergipe Jornal*, no ano de 1923, publicou seqüencialmente tanto os endereços das clínicas dos médicos como os horários de atendimento e as especificações de tratamento, conforme o quadro I.

QUADRO I

ENDEREÇOS DAS CLINICAS DE MÉDICOS SERGIPANOS DE 1923

Dr. Ávila Nabuco	R. Itabaiana, nº 257	Dr. Francisco Fonseca	B. Fundação, nº 246
Dr. Aristides Fontes	R. Itabaiana, nº 95	Dr. Macedo Costa	R. Itabaianinha, nº 373
Dr. Berílio Leite	R. Pacatuba nº 95	Dr. Octaviano Melo	R. Propriá nº ?
Dr. Helvécio de Andrade	R. S. Christóvão nº 74	Dr. Antonio Carlos	B. Fundação nº 333
Dr. Josaphat Brandão	R. Pacatuba nº 194	Dr. Alexandre Freire	R. Itabaiana nº 82
Dr. Galdino Martins	Pça. Jose de Faro nº 16	Dr. Silva Mello	R. Itaporanga nº 85

Fonte: “Médicos”. *Sergipe Jornal*. Aracaju, 02 de Março de 1923, ano II, n. 460. p.4, col. 2.

Com o intuito de promover o desenvolvimento da cultura médica e retomar os objetivos da primeira investida foi que, em 1919, instituiu-se a Sociedade Sergipana de

Medicina e Cirurgia. O discurso de Jessé de Andrade, proferido no salão nobre da Escola Normal, foi enfático quanto às intenções e às necessidades da presença desta Sociedade em Sergipe¹⁸⁰. Composto suas cátedras estavam Augusto Leite, Afonso Henrique de Azevedo, Álvaro Telles de Menezes, Antonio Carlos de Oliveira, Alexandre Freire, Ávila Nabuco, Aristides Fontes, Berílio Leite, Carlos Menezes, Eronildes de Carvalho, Francisco de Barros Pimentel Franco, Francisco Fonseca, Jessé de Andrade Fontes, Josaphat Brandão, Otaviano Vieira de Melo e Pedro Muniz.

Entretanto, as dificuldades do *campo médico* persistiam mesmo após essa investida. Helvécio de Andrade não aparece mais como um dos membros, isto leva a pensar que as questões políticas que o distanciavam de Augusto Leite, presidente da Sociedade Sergipana de Medicina e Cirurgia, foram incisivas. As divergências partidárias, pois Helvécio de Andrade julgava-se membro do Partido Progressista e Augusto Leite do partido opositor, ainda não seriam suficientes para explicar a sua ausência nas listas de presença da referida Sociedade. O que nos induz a refletir sobre a origem da discórdia entre dois os profissionais da Medicina. Talvez o motivo estivesse contido no episódio ocorrido, em 1918, marcado por desentendimentos clínicos que resultaram na morte de um paciente.

O comerciante Estevam Pereira Coelho, membro da Loja Maçônica Cotinguiba, requisitou os préstimos de Augusto Leite para curar o mal que havia atingido seu filho, Ewerton Coelho. Este morava em São Paulo quando contraiu a doença. Sem pecúlio para o tratamento, resolveu voltar à casa dos pais. O caso clínico do jovem parecia instável para Augusto Leite. Este resolveu, então, pedir a colaboração de mais quatro amigos médicos, Josapha Brandão, Francisco Fonseca, Rodrigues da Costa Dorea e Berílio Leite.

O parecer era sempre o mesmo, era sífilítico e portador de nefrite. Para estes casos a Medicina, conforme os médicos acima citados, sugeria a aplicação de pequenas doses de um tipo específico de mercúrio. Todavia, a medicação não surtiu o efeito almejado e a

¹⁸⁰ FONTES, Jessé Andrade. “Discurso proferido no salão nobre da Escola Normal de Aracaju a 14 de Julho de 1921 na sessão comemorativa do 2º aniversário da fundação da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Sergipe. **Correio de Aracaju**. Aracaju, 17 de Julho de 1921, ano XI, n. 1024. p. 2. col 1-2.

família de Ewerton Coelho achou que talvez a homeopatia fosse uma alternativa válida. Assim, resolveu convidar o médico Helvécio de Andrade para cuidar do caso.

Ao atender ao pedido da família Coelho, o primeiro procedimento do médico homeopata foi o de suspender a medicação prescrita por Augusto Leite. Consoante seus conhecimentos, o tratamento não estava adequado e pediu que levassem o enfermo a Salvador. Com a fragilidade provocada pela moléstia, o jovem não resistiu e faleceu em doze de Abril de 1918. Ao tomar ciência do falecimento, Augusto Leite foi até a família Coelho dar suas condolências, mas foi recebido com repúdio e acusado como o responsável pela morte do rapaz.

Certificado do erro médico de Augusto Leite, o comerciante Estevam Pereira Coelho, com o apoio dos advogados Joaquim do Prado Sampaio e Edgar Coelho, moveu uma ação judiciosa contra o referido médico. Neste caso não se sabe até que ponto Helvécio de Andrade desmereceu o trabalho de Augusto Leite, mas esse foi o alvo de uma polêmica mantida pelos dois profissionais que envolveu quase toda a classe médica sergipana do período.

Na lápide do túmulo do jovem Ewerton Coelho a família inscreveu alguns versos de Camões, extraídos dos Lusíadas, para marcar o episódio e condenar a atitude do médico alopata. “Mas debaixo do veneno vem coberto, segundo foi o engano descoberto. Oh! Caso grande, estranho e não cuidado!”¹⁸¹. Revolto com a acusação, Augusto Leite contratou os advogados Leonardo Gomes de Carvalho Leite, Oscar Hora Prata e Adolpho Ávila Lima para defendê-lo no processo judicial iniciado pela família Coelho.

Augusto Leite não encontrava respaldos contrários à sua medicação. Enviou por escrito aos médicos que acompanharam o caso clínico, Josapha Brandão, Berillo Leite e Francisco Fonseca a seguinte pergunta: “afirma você que o cianeto de mercúrio por mim administrado em 12 injeções tenha sido a causa determinante da crise?”. E acrescentou que nenhum deles era obrigado a receber e nem responder a referida questão. Todas as

¹⁸¹ Inscrições da Lápide do túmulo de Ewerton Coelho no Cemitério Santa Isabel.

respostas foram negativas. Em contrapartida, Augusto Leite processou Helvécio de Andrade, assegurando que o homeopata lhe havia feito falsas acusações à família Coelho. Dizia Manoel Cabral que a imprensa ficou muito envolvida com o episódio.

Em nove de julho desse mesmo ano, Augusto Leite fez um convite a sociedade aracajuana para ouvir seu testemunho no auditório da Biblioteca Pública Epiphânio Dorea. Dizia: “à classe médica e ao povo de Sergipe para que se reúna e se constitua em Tribunal no dia catorze às sete horas da noite” de modo a proferir sua defesa. O Jornal Imparcial foi quem noticiou esse apelo e relatou, mais detalhadamente, os principais momentos dessa palestra.

Não só o Imparcial, como o Jornal do Povo, o Correio de Aracaju, o Diário da Manhã, Estado de Sergipe, o Século XX, a Cruzada e O Paladino publicaram artigos referentes a esse episódio. Informaram que estava presente quase toda a sociedade médica de Sergipe, bem como o governador do Estado, políticos, o bispo Dom José Gomes da Silva, exceto Helvécio de Andrade cuja ausência foi lembrada pelo conferencista. Após declamar sua defesa justificando as doses de mercúrio utilizada no tratamento de Ewerton Coelho, o médico Augusto Leite incitou a platéia a julgar o caso.

Durante a preleção, Augusto Leite referia-se a Helvécio de Andrade como “o mais apagado dos clínicos” considerando a homeopatia uma “ciência pífia” e por isso incapaz de curar e imprópria para julgamentos. As trocas de injúrias refletiram, acima de tudo, um combate para reaver a autoridade científica e a capacidade profissional, dizia Augusto Leite que o relatório enviado por Helvécio de Andrade à família Coelho era o retrato moral da sua incompetência e que nele havia estampado “sua ignorância desmarcada, inconcebível e diluvial”¹⁸².

Augusto Leite recebeu uma salva de palmas como símbolo do apoio recebido pelas pessoas ali presentes e foi convidado a publicar sua preleção. No auditório da Biblioteca

¹⁸² LEITE, Augusto. **Conferência realizada na Biblioteca pública Epiphânio Dórea**. Aracaju: Typografia do O Luctador, 1919. p. 54.

Pública Epiphânio Dorea estavam presentes o médico Francisco Fonseca, Eronildes Ferreira de Carvalho, Josapha Brandão, Berilo Leite, Aristides Fontes, Pimentel Franco, José Francisco da Silva Melo, José Tomás d'Ávila Nabuco, Alcebíades Correa Paes, Etelvino de Menezes Tavares, Daniel Campos, José Jessé Fontes, Joviniano de Carvalho, Sílvio Leite, Pedro Muniz, Moacir Rabelo Leite, Odilon Machado¹⁸³, Alexandre Freire, Carlos Menezes e José Nunes Sobral. Estes assinaram uma moção de aplauso a favor de Augusto Leite. Mais tarde recebeu por escrito o apoio moral de Demetério da Silveira, Samuel Dutra, Antonio Bragança e Enéas Ferreira. A Sociedade de Medicina e Cirurgia, em quinze de julho de 1918, desconsiderou a acusação feita a Augusto Leite e afirmou a inexistência de erro terapêutico.

Helvécio de Andrade também teceu uma longa defesa explicitando as razões pelas quais resolveu intervir no tratamento indicado por Augusto Leite, retaliou as acusações recebidas e alegou que não culpou o referido companheiro de profissão pela morte do jovem Ewerton Coelho. Ao contrário, sentia-se o caluniado pelas afirmações feitas em público contra seu procedimento médico e contra sua dignidade moral. Helvécio de Andrade não foi simpático e delicado em suas palavras de refutação, também se sentiu indignado por não ter recebido o apoio da classe médica, já que o mercúrio era, reconhecidamente, um tratamento defasado por trazer mais males que benefícios à saúde quando ingerido.

Autores sergipanos, como Ariosvaldo Figueiredo¹⁸⁴, defenderam a posição de Helvécio de Andrade, mas isso não significa que eles estivessem em plena razão. Na realidade, quando os fatos estão envolvidos por considerações subjetivas descerram perspectivas diversas da intelecção do real. Por vezes podem levar a conclusões errôneas de um episódio ou fato histórico. Dessa forma, o objetivo não seria determinar o culpado, mas evidenciar que o campo médico sergipano não estava alheio a conflitos e lutas pelo poder.

¹⁸³ O médico Odilon Machado era pai de Manoel Cabral Machado, parente de Helvécio de Andrade.

¹⁸⁴ FIGUEIREDO, Ariosvaldo. **História Política de Sergipe**. II vol. [s.l]:[s.n], 1989. p. 104.

Augusto Leite não foi, para Helvécio de Andrade, um adversário despreparado. Apesar do pouco tempo de experiência clínica, ele possuía a carta estágio de dois anos em Nova York, o que lhe deu credibilidade suficiente para implantar em Sergipe um Hospital de Cirurgia. A convite do professor americano Albee, ele viajou para os Estados Unidos com o fito de assistir às intervenções e acompanhar as novas técnicas cirúrgicas que a ciência médica empreendia após a descoberta da Anestesia. Em seguida, viajou a Paris onde terminou sua especialização.



Figura 6: Foto de Augusto Leite. Aracaju, 1945. Autoria não identificada. Fonte: BPED.

Em 1925, Augusto Leite regressou para Aracaju com a autoridade de um cirurgião e passava as manhãs no Hospital Santa Isabel, iniciando os procedimentos cirúrgicos no torrão natal. Garcia Moreno, ao elaborar o perfil do referido médico, lembrou do significado que a primeira cirurgia adquiriu aos olhos dos sergipanos “no ventre que se

abriu, há mais de 50 anos na quase indigência hospitalar do Santa Isabel, não estava só o volume tumoral de um fibrona (...) lá estava, dir-se-ia, a primeira página de todo um capítulo da nossa história médica”¹⁸⁵.

Antes mesmo de viajar para aprimorar os estudos, exerceu diversas funções no campo educacional durante os anos de 1910 a 1918. Foi diretor da Escola de Aprendizes e Artífices pelos seis primeiros anos de atuação e se tornou professor catedrático de Higiene e História Natural do Atheneu Sergipense. Nesse período, foi convidado pelos padres diocesanos para ministrar História Natural no Seminário e o fez até 1918.

Comumente, a aquisição de referidos cargos estava relacionado ao *capital* que determinado sujeito portava. Neste caso em especial, a família Leite ainda não havia adquirido a relevância que teve em épocas posteriores¹⁸⁶, ao mesmo tempo, era filho do coronel Francisco Leite do engenho Espírito Santo, município de Riachuelo. Talvez as ligações políticas exercidas por importantes famílias como esta, facilitavam o alcance a cargos representativos como o de diretor e professor catedrático. Posteriormente, já consolidado no campo médico, Augusto Leite assumiu a direção da Escola de Farmácia de Sergipe e foi professor catedrático de Medicina Legal. Em 1959, foi agraciado com o “Bisturi de Ouro” pelos médicos do Hospital de Cirurgia durante a comemoração dos cinquenta anos de profissão.

Os depoimentos, os artigos de jornal e revistas da época deixaram transparecer que, no campo da Medicina, Augusto Leite era considerado um inovador pela maioria dos seus colegas de profissão. Não só por ter introduzido as técnicas cirúrgicas em Sergipe, mas por suas iniciativas. A seqüência dos trabalhos que empreendeu ao longo de sua atuação revelou o comprometimento com as causas médico-sociais. Em 1923, com o apoio do

¹⁸⁵ MORENO, Garcia. “Perfil de um mestre”. **Revista Alvorada**. Aracaju, ano IX, n. 87, jun-jul 1975.

¹⁸⁶ Francisco Rabelo Leite, pai de Augusto Leite, “teve outros filhos e filhas, inclusive a Dona Márcia que casou com Antonio Franco que depois veio a ser o ricoço da Usina Central”. “A Dona Márcia que casou com Antonio Franco e teve esses filhos: Francisco Franco, Silvio Franco, Antonio Franco Filho.(...) famílias importantes da região açucareira de Sergipe, já nesse tempo de Ariosvaldo Figueiredo, essa família passou a ter destaque (...) quer dizer, nessa época a família já era muito mais importante do que no tempo que ele chegou recém formado.” Augusto Leite formou-se em 1909 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Depoimento cedido por Manoel Cabral em 24 de maio de 2004.

governador Graccho Cardoso, fundou o Hospital de Cirurgia com o intento de suprir a necessidade do Estado. Neste estabelecimento funcionava um centro de estudos que previa a discussão dos casos clínicos e realizações de pequenas conferências sobre os avanços e dificuldades presentes na ciência médica.

O fundador do Hospital de Cirurgia também cogitou a possibilidade de instituir uma maternidade para assessorar o Hospital Santa Isabel. Assim, em 1931, criou a Maternidade Francino Melo. Colaborou, ainda, com a instalação do Hospital Infantil em 1937, do Centro de Puericultura em 1952, da Escola de Enfermagem em 1953 e da Casa Maternal Amélia Leite. Esta última funcionava como uma sociedade de amparo à mãe adolescente solteira. Foi por longos anos diretor da Casa Maternal Amélia Leite. Fundada em vinte e um de março de 1958, localizava-se na rua Frei Paulo, nº 682. Com o objetivo de promover condições indispensáveis à via normal da mãe adolescente “acidental” e ao desenvolvimento normal do filho, em íntima e efetiva união.

A casa maternal funcionava com uma assistência técnica de médicos, assistentes sociais, psiquiatria, obstetrícia, puericultura, dentista, agronomia, magistrado e educador. A Casa Maternal dispunha de uma estrutura organizacional pioneira no Estado de Sergipe. O conjunto assistencial direcionado às mães solteiras oferecia um lar, no qual a mãe adolescente passava um ano recebendo orientações, educação moral, profissional e social e assistência maternal. Desse modo, protegia a mãe da prostituição e do cometimento do suicídio, do aborto, do infanticídio e do enfeitamento.

A Escola Maternal Raio de Sol também era um dos estabelecimentos que estava vinculado à Casa Maternal. Funcionava com o objetivo de prover educação aos filhos das mães assistidas. Nesta escola, as crianças recebiam auxílio médico e dentário. Na instituição, elas formavam o “Clube das Mães” e eram orientadas por uma assistente social. Dentro desse projeto iniciado por Augusto Leite existia ainda um consultório médico infantil, um abrigo maternal Leite Neto, uma Escola Artesanal na qual as sócias do Clube das Mães aprendiam corte e costura, bordado, tecelagem, prendas manuais e arte culinária. As oportunidades de instrução não estavam delimitadas ao ensino artesanal, a Casa

Maternal ainda oferecia como oportunidade de instrução a Escola de Formação Doméstica e Profissional e a Escola de Auxiliares de Puericultura. A primeira ministrava orientações para o casamento; a segunda era direcionada a alunas externas e internas e, por fim, o ensino propedêutico visava a formação de “executantes”, que trabalhariam na própria instituição.

Publicou, na velhice, o livro *Palavras de Cirurgião*, composto por uma miscelânea dos artigos, folhetos, conferências, discursos e publicações que empreendeu ao longo da sua trajetória profissional. No dia do lançamento do referido livro, Jorge de Oliveira Neto, em nome do Lions Club, fez um discurso homenageando o médico pelos projetos implantados durante sua atuação.

Mas os problemas enfrentados pela classe médica não se resumiam às questões internas. Em Sergipe, apesar do processo de medicalização ter surgido no início do século XIX, a estrutura e regulamentação do campo foram adiadas por muitos anos. Eram poucos os que tiveram oportunidade de estudar em Coimbra, mas após a chegada de D. João ao Brasil e com a instalação das Faculdades de Medicina da Bahia e Rio de Janeiro, foram acrescidas as chances de ingressar nesses centros científicos. Algumas iniciativas foram implementadas nesse período, principalmente por força dos surtos epidemiológicos frequentes nesse momento; dentre elas, a criação de uma Inspetoria de Higiene que seria reorganizada e regulamentada em 1915¹⁸⁷ e a instalação de hospitais de caridade - os lazaretos.

O lazareto público era reservado aos contaminados pela varíola e estava a cargo da Diretoria de Higiene e Saúde Pública. Situado numa colina a oeste da capital, suas acomodações e funcionários, conforme informou Clodomir Silva¹⁸⁸, supriam as necessidades que este local demandava. O quadro efetivo era composto por um médico, encarregado da administração e tratamento dos doentes, dois enfermeiros e alguns

¹⁸⁷ SERGIPE. **Colleção de Leis e Decretos da Assembléia Estadual de Sergipe**. Decreto nº 681 em 30 de Agosto de 1915. Aracaju. 1915.

¹⁸⁸ SILVA, Clodomir. **Álbum de Sergipe**. (1820-1920). Aracaju. 1920. p. 93.

auxiliares. Ainda prestava serviços para este lazareto, um posto de observação que se localizava a um quilômetro de distância. Neste, o médico examinava os casos suspeitos.

Outro aspecto que também seria importante frisar foi a instalação de cemitérios destinados aos doentes contaminados pelas pestes. Tais doentes, em caso de óbito, receberiam inumação adequada aos princípios médicos da época. Apesar desses implementos, a primeira legislação sanitária sergipana foi aprovada apenas no final do século XIX, precisamente em 1892¹⁸⁹, o que revelou o descaso com o sistema sanitário. Os poucos recursos que eram destinados às vacinas desvendaram que nesse momento a “saúde ainda não tinha alcançado o status de questão social”¹⁹⁰.

As memórias registradas por Manoel Cabral ilustraram bem o período das epidemias e a falta de recursos para suprir as necessidades de angariar vacinas. Ao rememorar o tempo das bexigas, Manoel Cabral Machado forneceu indícios do modo como as pessoas eram vacinadas, a urgência da situação e o medo que afligia boa parte da população. O médico a quem Manoel Machado se referiu acima era Odilon Machado, médico de Capela que possivelmente foi convidado a participar das comissões de vacinação organizadas pela Diretoria de Higiene.

No sobradão havia muitos cômodos. Embaixo e em cima, onde residíamos. Em baixo, na sala da frente, papai montou seu gabinete médico. No tempo pavoroso da varíola, lembro a multidão sendo vacinada no gabinete por papai e também por mamãe. De cima da escada, via a vacinação do povo sendo, as crianças chorando, com medo de vacinar-se. No meu braço, as duas vacinas “pegadas”, muito inflamadas, doíam-me. A epidemia grassava a cidade. Havia um “lazareto” distante para os variolosos e papai e um enfermeiro iam tratá-los, enquanto mamãe ficava aterrada ante a palavra terrível “varíola”, “lazareto”. Certo dia a vacina acabou. Papai, então, vacinava as pessoas com o “pus” da vacina “pegada” de uma nossa empregada e de outras pessoas¹⁹¹.

¹⁸⁹ SANTANA, Antonio Samarone. **As Febres do Aracaju**: dos miasmas aos micróbios. São Cristóvão: UFS, 1997. p. 86. Dissertação (Mestrado em Sociologia).

¹⁹⁰ Idem. p. 87.

¹⁹¹ MACHADO, Manoel Cabral. **O Aprendiz de Oboé**. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 2005. p. 12.

As condições do serviço sanitário em Sergipe, evidenciadas através dos jornais que circularam nessa quadra, descreviam quais os meios e utensílios de que os médicos dispunham para assistir os seus pacientes. Indícios importantes para caracterizar não só a atividade médica, como também para identificar os limites de um conhecimento que se pretendia científico e os desafios propostos pela manifestação de novos casos clínicos. Uma das soluções encontradas pelos médicos que lutavam contra a epidemia da varíola em Capela e em outros municípios sergipanos era o reaproveitamento dos recursos disponíveis. Em Maruim, por falta de um lugar mais adequado, os médicos alugaram uma casa de palha e pequena para servir de lazareto.

Em 1911, Sergipe foi novamente o alvo de uma epidemia que já havia assolado os estados da Bahia e Pernambuco, a Varíola. Acreditavam que esta doença havia entrado em Sergipe por meio de uma criança vinda de Recife e que, tratada sem que as autoridades sanitárias tivessem tomado conhecimento, disseminou a epidemia por todo o Estado. Diante desse episódio, Rodrigues da Costa Dorea, então governador, sensibilizado com a situação, afirmava que não tinha condições de manter um serviço de Higiene preventiva que fosse capaz de deixar o Estado fora do alcance das epidemias. Outro fato que corroborava para a proliferação das epidemias, era proveniente do imaginário que a população estabelecia em relação às vacinas. Rodrigues Dorea lembrava que “a repugnância e o medo do povo pela vacinação ainda é um forte embaraço à extinção da varíola”¹⁹².

A estrutura sanitária em Sergipe nos primeiros anos republicanos não estabelecia diferenças significativas em relação ao período político anterior. Apesar do significativo aumento de médicos diplomados, as ações destes sanitários restringiam-se às épocas epidêmicas, principalmente, quando se detectavam elevadas taxas de morbidade. A Inspetoria de Higiene criada, em 1892, não funcionava regularmente e os jornais apresentavam severas críticas ao poder público. As limitações apresentadas à prática médica pelos setores administrativos engendravam maiores empecilhos, isto porque as reformas propostas pelos governadores muitas vezes não se efetivavam e dedicavam-se

¹⁹²SERGIPE. Mensagem apresentada à Assembléia Provincial do Estado de Sergipe em 7 de Setembro de 1911 na instalação da sessão ordinária da décima Legislatura pelo Presidente do Estado Rodrigues Dória. Aracaju: Typografia do Estado de Sergipe, 1911. p. 64.

apenas a identificar os problemas existentes na estrutura sanitária em seus relatórios e mensagens presidenciais.

As possíveis soluções indicadas por Helvécio de Andrade para iniciar o processo de restauração do estado sanitário de Sergipe convergiam para alguns pontos mais problemáticos. Sugeriu a educação higiênica, investimentos na compra de materiais adequados para o combate às pestes e a construção de hospitais públicos equipados com núcleos de pesquisas com o fim de empreender, com eficiência, o reconhecimento das bexigas.

A ação dos médicos no combates a essas febres muitas vezes percorria o caminho da educação. Assim como eles, Helvécio de Andrade sustentava a tese de que era necessário educar a população, de modo que ela pudesse contrair hábitos higiênicos que afastassem a probabilidade de surgimento de novos focos epidêmicos. Eles investiam e acreditavam no poder civilizador das diretrizes médicas, mas como levá-las até a população? Pensando nessa questão, Helvécio de Andrade criou uma Cátedra Popular de Medicina Preventiva. Este fato demonstra que ele não se restringia apenas ao atendimento individual e almejava, por meio dessa Cátedra, levar os princípios higiênicos à população.

Mas essa iniciativa não resolveria os principais problemas da estrutura sanitária. Como pontuou Helvécio de Andrade, os recursos que o governo disponibilizava não eram suficientes para o combate das epidemias. Convocou, por meio dos jornais, a participação dos médicos numa missão: confeccionar relatórios minuciosos que exprimissem as reais dificuldades do campo médico sergipano. Ao entender que seria necessário conhecer inicialmente o problema e, a partir de então, encontrar soluções plausíveis, foi que o médico sergipano elaborou um esquema contendo os itens de pesquisa imprescindíveis para a elaboração dos relatórios.

Indicar estatisticamente os casos de óbitos e suas respectivas causas, descrever as condições higiênicas, as condições topográficas e a frequência dos focos na região que executasse o ofício, ponderar sobre a raça, a idade, o sexo das pessoas que contraíram as

bexigas, relatar sobre o diagnóstico, o prognóstico e os meios empregados para debelar a enfermidade e, por fim, expor o histórico das moléstias, a expansão e a gravidade eram os elementos clínicos necessários para uma análise mais completa do panorama médico sergipano¹⁹³.

Reunidas, essas informações seriam publicadas na imprensa da capital. Mas o resultado dessa investida não correspondeu à expectativa depositada por Helvécio de Andrade nesse propósito. Poucos médicos participaram desse trabalho investigativo. Entretanto, esse médico sergipano continuou a publicar suas descrições nos jornais com o fim de estimular outros companheiros. Notadamente, com o intuito de registrar a importância desses relatórios, publicou no *Correio de Aracaju* um artigo elogiando o médico de Estância, Jessé Fontes pela iniciativa.

A relação dos casos de varíola tratados no hospital da Estância, à cargo do operoso colega dr. Jessé Fontes e publicado no órgão oficial, nem por ser a primeira e única apresentada até agora, durante a extensa epidemia de varíola, que há mais de um ano assola o Estado, visitando diversos pontos do interior, deixa pelo cuidado e minuciosidade com que foi escripturada, de merecer toda a atenção, tanto mais quanto constitui matéria nova na história sanitária do Estado¹⁹⁴.

A varíola, a tuberculose, a peste bubônica e a febre amarela fizeram várias vítimas ao longo dos séculos XIX e XX em Sergipe. Ao contrário do que acreditavam alguns médicos, a higiene não era o único meio de prevenção contra essas epidemias. Mesmo seguindo as normas desse coeficiente, D. Júlia Andrade foi atingida pela Febre Amarela. O dia 26 de julho de 1911 marcou o fim da ceara para a matriarca da família Andrade. Dizia o *Correio de Aracaju*: “Finou-se domingo, nesta cidade, victima de febre amarela, a exma sr^a. d. Júlia de Andrade, esposa dilecta do sr. Dr. Helvécio de Andrade, nosso distincto colega”.

¹⁹³ ANDRADE, Helvécio de. “A Varíola”. *Correio de Aracaju*. Aracaju, 17 de Julho de 1912, ano VI, n. 649. p. 2. col. 2-3.

¹⁹⁴ ANDRADE, Helvécio de. “A Varíola”. *Correio de Aracaju*. Aracaju, 17 de Julho de 1912, ano VI, n. 649. p. 2. col. 2-3.

Continuou: “A distinta senhora adoecera a poucos tempos, e os cuidados, a solicitude do esposo, os carinhos ternos e contínuos da família, nada a roubou ao vertiginoso abismo da morte”¹⁹⁵.

Finou-se domingo, nesta cidade, victima de febre amarela, a exma sr^a. d. Júlia de Andrade, esposa dilecta do sr. Dr. Helvécio de Andrade, nosso distincto colega. A distinta senhora adoecera a poucos tempos, e os cuidados, a solicitude do esposo, os carinhos ternos e contínuos da família, nada a roubou ao vertiginoso abismo da morte. O lar enlutado chora-le a morte como Maria pranteava o Christo, com a convicção da sua bondade, da sua virtude, e com a certeza que só assim como ella a foi é que pode alguém ser bom, ser virtuoso e digno de estima. (...) O companheiro dedicado é o dr. Helvécio de Andrade, accete por estas linhas o prazeroso amplexo que lhe damos neste lance de agonia suprema, em que oito filhos pranteiam o desaparecimento de extremosa mãe, e elle, o esposo amante corpe a amiga que se extinguiu¹⁹⁶.

Alguns autores registraram as perdas familiares de Helvécio de Andrade como ironia do destino, já que ele lutava por combater as moléstias que os vitimaram. Diante do panorama sanitário de Aracaju, não seria admirável o falecimento de um número considerável de pessoas, inclusive de sua esposa, Dona Júlia Andrade, como era conhecida. Esta foi vítima da Febre Amarela complicada com meningite. Quando faleceu, tinha quarenta anos de idade e vinte e três de casada.

2.2. A atuação de Helvécio de Andrade na imprensa médica sergipana

Helvécio de Andrade pensou na probabilidade de implantar uma revista especializada, de modo a torná-la um espaço de circulação dos saberes médicos e legitimar a Medicina como um conhecimento indispensável à sociedade sergipana. Assim, numa das reuniões da recém fundada Sociedade Médica de Sergipe foi discutida a possibilidade de publicar uma revista que abordasse conteúdos específicos da Medicina. Ele viabilizou essas idéias tornando público o primeiro número da revista intitulada “Revista Médica de

¹⁹⁵ “D. Julia Andrade”. **Correio de Aracaju**. Aracaju, 26 de Julho de 1911, ano V, n. 574, p.2. col.1.

¹⁹⁶ Idem. p.2. col.1.

Sergipe”. De fato, em Maio de 1911, começava a circular o primeiro e único periódico médico sergipano. Com uma assinatura anual de cinco réis, ele objetivava tanto torná-la acessível a todos os profissionais da saúde como reaver o reconhecimento social e prestígio científico diante das outras classes sociais.

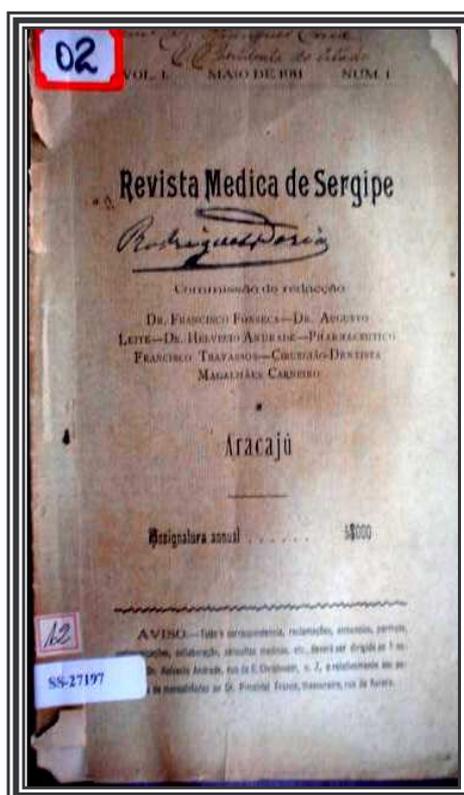


Figura 7: Capa da Revista Médica de Sergipe implantada por Helvécio de Andrade. Fonte: **Revista Médica de Sergipe**. Aracaju, vol. I, n. I. maio de 1911. IHGS

Como editor da revista e porta voz da Sociedade Médica Sergipana, Helvécio de Andrade diferiu sobre as expectativas que o surgimento desse periódico trazia para a classe médica de Sergipe. Formada por uma comissão que abrangia médicos, dentistas e farmacêuticos, a Revista, em seu primeiro artigo, deixava expostas algumas preocupações e desejos que teriam motivado o seu aparecimento.

A Revista Médica não aparece pois, inoportunamente, ao contrário; ella vem preencher uma lacuna immensa; abrir caminho à uma mais larga confraternização das classes medica e annexas, fornecer meio à defesa de direitos esquecidos ou mal interpretados, qual o da liberdade profissional,

que não pode dispensar a habilitação legal, meios de repressão aos que se desviarem da linha do dever, pela censura e pela repulsa, meios de correção dos vícios da educação, pela discussão e pelo esclarecimento da nossa auctoridade; meios de estudo pela observação clínica verbal ou escripta, com o que lucrarão todos – médicos e clientes¹⁹⁷.

Das motivações acima apresentadas, podemos inferir que o ideal da revista sergipana estava consoante ao que Gondra havia ressaltado sobre a função do periódico médico: a busca pela legitimação social do conhecimento e a influência dos preceitos médicos sobre a sociedade. Neste caso, a ingerência dos princípios médicos seria sobre os “meios de correção dos vícios da educação pela discussão e pelo esclarecimento da nossa autoridade”¹⁹⁸. Neste ponto, Helvécio de Andrade estava coligindo sobre a necessidade de adequar a sociedade aos ditames médico-higiênicos e a inserção desses conhecimentos na educação.

Nas páginas de abertura do periódico, o primeiro artigo, intitulado “Sociedade Médica de Sergipe”, registrou a importância da conscientização da classe médica acerca dos seus deveres, dos problemas que a sociedade sergipana enfrentava e abordou, com otimismo, a necessidade da união em prol do crescimento científico.

Não é uma sciencia feita, mais uma sciencia que marcha sempre para diante, susceptível de aprefeiçoar-se até o infinito. Sciencia de experiências custosas e de observação meticulosa, sciencia que tem de lutar com temperamento e organizações moraes os mais distinctos, sciencia ao mesmo tempo do physico e do moral, a medicina practica, a clinica em uma palavra, exige para ser praticada em consciência e proveito, qualidades moraes superiores, entre as quaes devem primar uma calma imperturbável e um golpe de vista firme e seguro¹⁹⁹.

O ideal de salvaguardar a saúde social, convocando o médico especialista para essa “nobre missão”, também estava presente nesse primeiro número. Helvécio de Andrade

¹⁹⁷ ANDRADE, Helvécio de. “Sociedade Médica de Sergipe”. **Revista Médica de Sergipe**. Aracaju, vol. I, n. I, maio de 1911. p. 5.

¹⁹⁸ Idem. p. 5.

¹⁹⁹ ANDRADE, Helvécio de. “Sociedade Médica de Sergipe”. **Revista Médica de Sergipe**. Aracaju, vol. I, n. I, maio de 1911. p. 4.

alertava os médicos para seus deveres: “O médico vive de todos e para todos; deve levar seu altruísmo aos últimos limites da caridade (...) compatível com os deveres de sua missão”²⁰⁰.

QUADRO II

ARTIGOS DA REVISTA MÉDICA DE SERGIPE

Números	Artigos	Autores	Páginas
01	Sociedade Médica de Sergipe	Helvécio de Andrade	3 à 6
02	A Nossa Revista	Francisco Soares de Britto Travassos	6
03	Relações da Pathologia Nasal com a Pathologia Occular	Edilberto Campos	7 à 10
04	Lateralidade das acções medicamentosas	Helvécio de Andrade	10 à 12
05	Chimica e Pharmácia	In: Moniteur Therapeutique	12
06	Tratamento do Alcoolismo Agudo	-	12 à 13
07	7º Congresso Médico-Cirurgico Brasileiro em 1911	-	13
08	Fluorureto de Cálcio nos Anuerismas	-	14
09	Boletim Pharmaceutico	-	14
10	Propaganda: Consultório de Francisco Soares de Britto travassos	-	15

Fonte: **Revista Médica de Sergipe**. Aracaju, vol. I. n. I. maio de 1911.

A segunda matéria, elaborada pelo cirurgião-dentista Francisco Soares de Britto Travassos, ressaltou a importância do periódico para o campo médico sergipano e focalizou sua redação na importância da conscientização do dever de todos os médicos, farmacêuticos e dentistas em levar, para as próximas edições, as experiências obtidas nos laboratórios e clínicas, com o fim de enriquecer a revista e contribuir para o desenvolvimento da ciência médica. Entusiasmado com a causa, afirmou que “a fundação desta revista vem patentear que em Sergipe também há homens inteligentes e laboriosos

²⁰⁰ ANDRADE, Helvécio de. “Sociedade Médica de Sergipe”. **Revista Médica de Sergipe**. Aracaju, vol. I, n. I, maio de 1911. p. 5.

que trabalham em bem do progresso(...) da humanidade e do desenvolvimento progressivo da sciencia medica e seus ramos”²⁰¹.

As matérias seguintes, “Relações da pathologia nasal com a pathologia ocular: as sinusites da face como causa de affecções oculares e orbitaes”, “Lateralidade das acções medicamentosas” e “Tratamento do Alcoolismo Agudo”, abordaram temas mais específicos, ligados propriamente ao campo científico. O torneio discursivo desses artigos apoiou-se em dois eixos argumentativos contrários. O primeiro, no qual foram discutidas as novas descobertas cirúrgicas e medicamentos a respeito das doenças dos nervos ópticos, ressaltou a Medicina Alopata. Ao tempo em que os dois últimos abordaram as observações e experimentos da Homeopatia sobre a ação dos medicamentos, analisando tanto as reações quanto os efeitos da utilização de ervas.

Os noticiários compunham o quadro informativo da revista, “7º Congresso Médico-Cirúrgico Brasileiro”, “Boletim Pharmaceutico” e “Chimica e Pharmácia”. Enquanto no primeiro eram anunciadas as principais pesquisas monográficas apresentadas no referido congresso²⁰², os dois últimos se ocuparam em apresentar os avanços farmacêuticos e a função de cada substância no organismo humano.

Em Sergipe, os assuntos médicos eram abordados, na maioria das vezes, em forma de artigos publicados nos principais jornais sergipanos como a *Gazeta de Sergipe*, *Correio de Aracaju*, *O Estado de Sergipe* e o *Diário da Manhã*. Em muitos artigos foi possível identificar longos debates entre os médicos a respeito das doenças epidêmicas, da situação da classe médica, dos avanços da Medicina, bem como abordavam casos de procedimentos clínicos mal sucedidos. Os jornais também noticiavam os congressos médicos e divulgavam, na maioria das vezes, os discursos proferidos ou parte deles. O periódico

²⁰¹ ANDRADE, Helvécio de. “Sociedade Médica de Sergipe”. *Revista Médica de Sergipe*. Aracaju, vol. I, n. I, maio de 1911. p. 6.

²⁰²As pesquisas discutidas no 7º Congresso Médico-Cirurgico, que ocorreu em Belo Horizonte em 1911, foram: “A Luta contra a Tuberculose” de Dr. Anjo Coutinho, Rio de Janeiro; “Synopsis e Shock Traumáticos” por Dr Raul Frenandes, Rio Grande do Sul; “O Álcool” por Dr. Benjamim Moss de Minas; “Dois Casos Teratologicos” por Dr. Francisco M. de Lacerda de Pouso Alegre; “Prognostico das infecções puerperas” de Dr. Ozorimbo Corrêa Netto de Mococa/São Paulo e “Apontamentos relativos à utilidade do Manual de Clínica Médica” por Dr. Hilário Figueira de São Paulo.

constituiu, no campo médico sergipano, o veículo mais viável de divulgação, por atingir um maior número de leitores quer formassem a classe médica, quer o público leigo. Ao assumir essa função, os jornais levavam à sociedade os ditames dos ideais médicos de civilidade.

Além desses ensaios, Helvécio de Andrade publicou vários artigos no *Correio de Aracaju*, no *Diário da Manhã* e no *O Estado de Sergipe*, conscientizando os poderes públicos acerca da importância da higiene das cidades, da necessidade de hospitalização dos doentes pobres e da assistência pública em geral. Entre esses artigos tem-se os referentes à Homeopatia, ressaltando seus benefícios e, numa série intitulada “A Classe Médica”, discutia os constantes problemas que a Medicina enfrentava.

Mas como erigir a legitimidade dos preceitos médicos sobre a sociedade? A educação foi um dos veículos utilizados para este fim. O movimento da Pedagogia Moderna reconhecia a licitude da Higiene como um dos princípios difusores da renovação educacional.

2.3. Higienismo: princípio da Pedagogia Moderna

O programa educacional da Pedagogia Moderna acionava a necessidade de moralizar os costumes, de civilizar. Para os reformadores da instrução se fazia necessário dar uma formação mais completa de conhecimentos, redirecionando assim os princípios que regiam o sistema educacional. Influenciado pelas idéias de modernização, Helvécio de Andrade procurava difundir na educação sergipana, mediante suas publicações, a importância da implantação das práticas higienistas nas escolas.

Na tentativa de compreender o indivíduo na sua condição social, Helvécio de Andrade procurava subsídio no conhecimento da Biologia, da Psicologia e da Sociologia, formalizando o conhecimento legitimado pela ciência. Para o médico sergipano, a definição de higiene estava ligada à conservação e à defesa da saúde, empregando, para isso, os

meios aconselhados pela ciência para combater e evitar as doenças. As medidas definidas pelo médico diziam respeito à alimentação, ao vestuário, ao modo de vida da sociedade, ao clima, à habitação e às medidas sanitárias.

Este intelectual foi pontual ao elucidar os preceitos que orientariam a construção das casas. Como parte do conhecimento que difundia mediante a Cátedra Popular de Medicina, Helvécio de Andrade prescreveu que seria necessário estudar a situação, a orientação e a natureza do terreno no qual se pretendia instalar uma habitação. Seria perspicaz dar preferência aos terrenos altos em detrimento dos terrenos baixos e pantanosos, bem como pedir o aval de um sanitarista sobre o planejamento estrutural da casa, de modo que fossem observadas a circulação do ar e a iluminação. Esses enunciados relatavam a contribuição deste médico na propagação das normas defendidas pelas políticas sanitárias da Diretoria de Higiene.

Em 1923, o chefe do distrito da profilaxia rural, Eleyson Cardoso, juntamente com o presidente Graccho Cardoso, com o intuito de colocar em execução o regulamento do Departamento Nacional da Saúde Pública, proferiram uma conferência. Nesta palestra foram estabelecidas algumas medidas preliminares em relação à higiene e à política sanitária das habitações. Estas medidas provinham da necessidade de planejamento urbano. O serviço de higiene criado em 1892, pelo médico Josino Menezes, adquiriu novos mecanismos de intervenção orientados pela racionalidade científica.

O resultado dessa conferência realizada em 1923 foi a deliberação de algumas regras que passaram a ser aplicadas de forma mais contundentes. Para ser efetuada, a construção das habitações necessitaria, desde então, de um alvará aprovado por uma autoridade sanitária federal²⁰³. Certamente, esse regulamento foi lapidar para promover melhoramentos urbanos e sanitários no Estado. As suas diretrizes foram responsáveis pela adequação do abastecimento de água e da rede de esgoto aos ditos higiênicos, pela

²⁰³ “Pela Higiene e polícia sanitária das habitações”. **Sergipe Jornal**. Aracaju, 26 de fevereiro de 1923, ano II, n. 456. p. 1. col. 4.

execução das medidas profiláticas nos espaços coletivos e privados, pelas constantes inspeções nas embarcações e pelas rigorosas desinfecções nas residências.

Dessa forma, os higienistas passaram a ser considerados cientistas do social pela população, principalmente após o reconhecimento que o discurso médico ganhou no âmbito da modernidade ao difundir novos hábitos à sociedade. Monarcha afirmou que “assim como a locomotiva devassa os sertões oferecendo a imagem do progresso, o pensamento médico-sanitarista devassa o corpo humano, oferecendo a metáfora do organismo social.”²⁰⁴ Corroborando, Ferreira citou “para além da instrução sobre o corpo, a medicina perspectivava alcançar o indivíduo como um ser social”²⁰⁵.

A Higiene estava definida como um ramo da Medicina Social e era concebida como a arte que se preocupava com a conservação da saúde a partir da dimensão preventiva. Seria possível inferir que Helvécio de Andrade teria se envolvido com essas idéias difundidas no Brasil principalmente pelo médico Nina Rodrigues. Através da publicação do livro *A Medicina em Sergipe durante um século*, em 1920, afirmou que “as moléstias degenerativas : sífilis, tuberculose, todas as formas do linfatismo, as moléstias diatesicas, a diátese exudativa inclusive abundam em todas as zonas do nosso território, cabendo à opilação uma grande responsabilidade na degenerescência da raça sergipana”²⁰⁶.

Os discursos médico-higienistas ganharam conotações diferentes, à medida que se ocuparam em difundir e disciplinar a sociedade contra os males e epidemias que assolavam as cidades. A partir de então, o objetivo dos médicos era formar sujeitos higiênicos e moldar comportamentos. “Por intermédio da matriz médico-higienista a humanidade poderia ser reinventada” como escreveu Gondra²⁰⁷. As concepções do pensamento médico formalizavam a idéia de civilização que era difundida pela República em detrimento da

²⁰⁴ MONARCHA, Carlos. **Escola Normal da Praça**: o lado noturno das luzes. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1999. p. 71.

²⁰⁵ FERREIRA, Antonio Gomes. Higiene e controle médico da infância e da escola. **Cadernos Cedex**. vol.23, n. 59. São Paulo: Cortez: Campinas, CEDES, 2003. p. 15.

²⁰⁶ ANDRADE, Helvécio de. **A Medicina em Sergipe durante um século**. Aracaju: Typografia do O Luctador, 1920. p. 06 e 07.

²⁰⁷ GONDRA, José Gonçalves. Homo Hygienicus: educação, Higiene e a reinvenção do homem. In: **Cadernos Cedex**. vol.23, n. 59. São Paulo: Cortez: Campinas CEDES, 2003. p. 35.

insalubridade, da falta de projetos urbanos e educacionais. Segundo Marta Chagas de Carvalho “no campo educacional, tais propostas traduziram-se como valorização de questões morais e sanitárias avançadas como dispositivos de fixação de hábitos e de erradicação de vícios”²⁰⁸.

2.4. Higienismo e educação em Sergipe

Na passagem do século XIX para o século XX foram registradas algumas mudanças significativas referentes à Instrução Pública em Sergipe. Não obstante a instabilidade política visível no cenário do surgimento da República, estava o otimismo depositado no ideário republicano e na construção da civilidade para o progresso. Mediante esses fatos, a educação escolar, valorada como instrumento capaz de dar nova dimensão ao país, sofreu a influência dos ideais médico-higienistas trazidos por Helvécio de Andrade, os quais, desde o final do século XIX, estavam legitimados como ciência capaz de formar sujeitos para uma nova sociedade.

Enquanto Aracaju passava por um processo de embelezamento, com projetos voltados para a modernização do espaço urbanístico, principalmente a partir do “tabuleiro de Pirro”, as instituições escolares acompanham essas mudanças estruturais por meio do remodelamento da arquitetura escolar. Concebidas pelos princípios das práticas higienistas, o objetivo era civilizar cultivando novos hábitos e, assim, regenerar a sociedade.

A necessidade de conduzir a educação à modernidade se fez presente nos discursos de alguns médicos sergipanos que faziam apologias à civilização, à educação e ao progresso. Neste caminho, as iniciativas voltadas para a higienização em Sergipe remontam desde o final do século XIX, quando o médico Josino Menezes, que nesse período foi

²⁰⁸CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Molde nacional e Forma cívica**: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931). Bragança Paulista, São Paulo: EDUSF, 1998. p. 315.

presidente de Estado, criou uma Inspetoria de Higiene. Esta regularizou-se apenas em 1905, organizando o serviço sanitário sergipano e fiscalizando as escolas públicas.

Era dentro dessas perspectivas sociais que o trabalho de Helvécio de Andrade se fazia imprescindível. Tornava conhecidas a natureza das doenças epidêmicas, o modo de propagação, os modos de cura e a prevenção a essas moléstias. Em alguns pontos dos seus discursos procurava trabalhar a conscientização da sociedade relativa à importância das vacinas junto aos Delegados de Higiene.

Ao direcionar os objetivos administrativos para a Instrução Pública, Rodrigues Dorea, ciente da necessidade de modernização, ao comparar a educação sergipana com as reformas que haviam sido feitas no Estado de São Paulo afirmou “é triste ver o processo de ensino ainda em uso neste estado, representando um atraso semi-secular, comparado a Estado como o de São Paulo, na vanguarda da instrução pública brasileira”²⁰⁹. No entanto, sua preocupação com o sistema escolar sergipano não era apenas um reflexo dessa comparação, mas a verificação da necessidade de se implantar medidas higiênicas de modo a melhorar a qualidade do ensino, acreditando que nas escolas sergipanas as salas de aula eram “sem ar e sem luz”²¹⁰.

O uso da Higiene não foi efetivo apenas para as preocupações sanitárias e no combate às epidemias, significou o reflexo das ações públicas também na educação. Nesta perspectiva, o cotidiano e o espaço escolar foram tomados como um *locus* de disciplina e de criação de bons hábitos higiênicos. Assim, a relação das medidas higienistas com o fazer pedagógico estava direcionando a educação para formar cidadãos civilizados. Em 1916, essa preocupação era evidente em Sergipe. O presidente Valladão chamava a atenção para o fato de que “jamais poderão ser acolhidos os benefícios visados pela recente reforma, se

²⁰⁹ SERGIPE. **Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado de Sergipe em 7 de Setembro de 1911 na instalação da sessão ordinária da décima Legislatura pelo Presidente do Estado Rodrigues Dória**. Aracaju. Tipografia do Estado de Sergipe, 1911. p. 52.

²¹⁰ Idem. p. 51.

não forem escolas dotadas do material pedagógico necessário e indispensável ao ensino prático”²¹¹.

No governo de Pereira Lobo, em 1919, instituíam-se reformas condizentes com os princípios higienistas. As mudanças estabelecidas diziam respeito às reformas estruturais, principalmente, à dos prédios escolares, como afirmou “entre os primeiros revela notas o asseio e pintura do prédio, interna e externa, sendo adaptados nos vastos salões de aula e no compartimento da Diretoria Geral da Instrução as cores convenientes, segundo os preceitos da hygiene escolar”²¹². O presidente Gracho Cardoso, como nos lembra Thetis Nunes²¹³, também foi um desses entusiasmados pela difusão dos princípios da modernização pedagógica e da importância dos preceitos higienistas.

Elaborou vários projetos relacionados à educação. Criou as escolas maternas e jardins de infância, construiu grupos escolares e um novo prédio para o Atheneu Sergipense, estimulou o ensino comercial, agrícola e industrial criando o Liceu Profissional Coelho e Campos e a Escola Profissional Feminina. Além disso, imprimiu em suas mensagens a importância das práticas higiênicas na escola. Ele considerava os preceitos médico-higiênicos como conhecimentos que poderiam contribuir para o progresso e para civilizar.

Gracho Cardoso defendia a implantação de um ambiente escolar que representasse o “mais palpitante aspecto da Hygiene moderna”, para tanto era necessário que a escola fosse “creada e systematizada, por maneira adequada e completa”. Pois segundo os “resultados da inspeção higiênica das escolas levada a efeito em 1922, constituem os mais

²¹¹ SERGIPE. **Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado de Sergipe em 7 de Setembro de 1916 pelo Presidente de Estado General Valladão**. Aracaju: Typografia do Estado de Sergipe, 1916. p. 10.

²¹² SERGIPE. **Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa em 7 de Setembro de 1919 ao instalar-se a 1ª sessão ordinária da 14ª Legislatura pelo Coronel José Joaquim Pereira Lobo**. Aracaju: Typografia do Estado de Sergipe, 1919. p. 17.

²¹³ NUNES, Maria Thetis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Aracaju: Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Sergipe; Universidade Federal de Sergipe, 1984.

concludentes de todas as argumentações em prol desta medida”²¹⁴. Quanto a estes aspectos, Helvécio de Andrade afirmava que “o material do ensino representa papel importante na hygiene escolar. O mal material, tanto quanto a má mobília, concorre muito para aumentar o número de myopes”²¹⁵.

O conhecimento médico do início de século XX, baseado cada vez mais no cientificismo, era tendencialmente mais receptivo entre os intelectuais da educação, conferindo aos higienistas janelas abertas à escola. Assim, ela foi convertida em um lugar civilizador através do qual as práticas e programas higiênicos podiam ser difundidos. Ferreira discutiu o saber higienista na escola como uma justificativa do médico para criar mais um campo de atuação e acrescentou: “o médico para além de dar conta das condições físicas da escola e das doenças das crianças que a freqüentavam, deveria prestar igual atenção aos alunos”²¹⁶. Isto porque o conhecimento da Higiene permitia a intervenção médica na infância. Nesse momento, higiene e educação eram para Helvécio de Andrade entendidos como sinônimos de progresso e regeneração.

Condizentes com as especificações prefaciadas pelos preceitos higiênicos, o médico investido da vocação missionária deveria unir-se à causa educacional, difundindo os novos hábitos dentro da escola. Em 1911, J. Paixão redigiu um artigo no qual estabelecia uma relação entre o papel do mestre e do médico. Postas como figuras providenciais para o cultivo do desenvolvimento social, juntos caracterizariam o ideal de regeneração defendido pela Medicina Social. Paixão²¹⁷ informava que, enquanto o médico cuidava da fortaleza do corpo e a ginástica dos músculos, o mestre seria o anjo tutelar que cuidaria da fortaleza da alma e exercitaria no aluno a ginástica do espírito. Em certa medida, essas colocações

²¹⁴ SERGIPE. **Mensagem apresentada á Assembléia Provincial do Estado de Sergipe em 7 de Setembro de 1923 pelo Presidente do Estado Gracho Cardoso**. Aracaju: Typografia do Estado de Sergipe, 1923. p. 22.

²¹⁵ SERGIPE. **Mensagem apresentada á Assembléia Provincial do Estado de Sergipe em 7 de Setembro de 1923 pelo Presidente do Estado Gracho Cardoso**. Aracaju: Typografia do Estado de Sergipe, 1923. p. 16.

²¹⁶ FERREIRA, Antonio Gomes. Higiene e controlo médico da infância e da escola. In: **Cadernos Cedex**, vol. 23, n. 59. São Paulo: Cortez: Campinas, CEDES, 2003. p. 16.

²¹⁷ PAIXÃO, J. “O mestre e o médico”. **Correio de Aracaju**. Aracaju, 23 de Junho de 1911, ano V, n. 567. p. 2. col. 3.

representavam o modo como outros intelectuais se apropriavam do discurso médico-higienista e participavam da difusão desse ideal modernizador.

A higiene escolar, entendida como incentivo para o aperfeiçoamento do corpo e do espírito, foi levada a cabo inicialmente nas escolas da Alemanha em 1842. Os projetos que descreviam os programas dessa nova disciplina foram expostos na França e na Espanha através dos congressos de educação. Conforme as alocações de Helvécio de Andrade, nessas exposições eram difundidas normas primordiais para a higiene escolar, entre elas o direito de todas as crianças à luz do sol, o direito à água abundante e à água purificada. Citou “nem o Estado, nem ninguém tem o direito de encerrar as creanças em locais subtraídos à luz do sol escassos de ar e privados de água e limpeza, por mais que estas masmorras se condecorem com o nome de escolas”²¹⁸.

Os discursos que portavam a Higiene como foco foram sintetizados numa série de artigos publicados, em 1916, pelo *Diário da Manhã*²¹⁹. Neles, Helvécio de Andrade enfatizava a história da Higiene com o fim de elucidar a importância deste antigo conhecimento ao longo dos tempos. Durante a leitura de tais artigos foi possível identificar as diversas noções elaboradas sobre a Higiene, o modo como as práticas higienistas haviam sido apropriadas e quem as defendeu. Suas argumentações convergiam para a necessidade de difundir estes conhecimentos como mecanismos imprescindíveis para a educação.

2.5. A difusão das práticas higienistas por Helvécio de Andrade

A partir do momento em que foi creditado à Higiene o poder de revigorar e prevenir doenças que impediam o desenvolvimento cognitivo das crianças, ela passou a compor a rotina do ambiente escolar. Reconhecida essa importância, criou-se uma disciplina

²¹⁸ ANDRADE, Helvécio de. “A Creança”. *Correio de Aracaju*, Aracaju, 16 de Agosto de 1912, ano VI, n. 734. p. 2. col. 3.

²¹⁹ ANDRADE, Helvécio de. “Rabiscos higiênicos.” *Diário da Manhã*. Aracaju, 29 de Março de 1916, ano VI, n. 1463. p. 1. col. 3.

intitulada *Noções de Higiene*, voltada especificamente para ensinar as práticas higiênicas. O cerne do objetivo de Helvécio de Andrade estaria em levar os preceitos higiênicos à sociedade por intermédio da escola.

As práticas difundidas pelo médico educador às normalistas convergiam sempre para normas que regularizavam as horas de recreação e repouso, vigilância nos asseios, como também aplicação de novas noções de escrita e hábitos de leitura, postulando, assim, a higienização do corpo e da mente. Havia um reconhecimento da importância da higiene nas escolas, pois era muitas vezes articulada ao melhor método preventivo contra as epidemias. Consoante Heloísa Rocha “o fator essencial na formação moral e intelectual do povo, a escola primária, é vista como a instituição a cuja força e poder deveriam recorrer os higienistas”²²⁰.

O amplo projeto de higienização social de Helvécio de Andrade revestiu-se de um caráter regenerador. Tal projeto via na educação um dos principais pontos de disseminação das noções de higiene através das práticas disciplinares. Marta Carvalho²²¹ lembrou que a associação entre a educação e a higiene era uma das estratégias de regeneração nacional, ou melhor, que a introdução nos sujeitos sociais de novos hábitos seria eficaz por meio da educação. Desse modo, os ensinamentos de Helvécio, que eram dirigidos às famílias e às escolas, tinham a finalidade de divulgar os conhecimentos da Higiene como prescrições a serem obedecidas. Segundo Cunha²²², fazia-se urgente inserir a instituição familiar nos padrões de normalidade.

Em relação à infância, a atenção era voltada para a necessidade de educar as mães acerca da importância do aleitamento, julgando que seria a alimentação mais eficaz contra as doenças. Afirmou “a aparte educativa da primeira infância sobre a qual deve convergir a

²²⁰ ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. Educação escolar e higienização da infância. In: **Cadernos Cedes**. vol. 23, n. 59. São Paulo: Cortez: Campinas CEDES, 2003. p. 42.

²²¹ CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Quando a história da educação é a história da disciplina e da higienização das pessoas. In: **História Social da Infância no Brasil**. (org.) FREITAS, Marcos Cezar de. 3ª ed. São Paulo: Editora Cortez. Universidade de São Francisco, 1997. p. 305.

²²² CUNHA, Marcos V. “A escola e a família”. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte, Autêntica, 2000. p. 452-453.

atenção do educador é o aleitamento, a nutrição do ser. (...) aleitamento materno garante a integridade das funções digestivas e evita a causa de quase todas as moléstias mortaes das creanças”²²³. Não só a primeira infância foi objeto de preocupação de Helvécio de Andrade, a educação moral das crianças mais crescidas acompanhava a lista de cuidados que o médico introduzia na sociedade sergipana da década de 1910. Ele afirmava que na missão educativa tanto o pedagogo quanto o higienista deveriam atuar sempre juntos, cuidando do desenvolvimento físico, da higiene e da educação moral. Escreveu da seguinte maneira: “um pouco de hygiene, o hábito da obediência e a formação da alma moral, eis ahi em largos traços, o que devemos reclamar dos paes para a primeira e segunda infância. Ao mestre incumbi descobrir as falhas dos Paes e suppri-las conforme suas forças e tempo”²²⁴.

Nos estudos que empreendia sobre a Higiene na escola, Helvécio de Andrade tecia críticas aos métodos de ensino, afirmando serem enfadonhos e assim “acabava por formar pedantes enfezados”²²⁵. Mas os conhecimentos médicos abordados pelo intelectual não tinham a pretensão de se posicionarem contrariamente à escola, serviriam apenas para justificar a intervenção médica na escolarização. Dessa forma, os preceitos higiênicos consolidaram-se no âmbito pedagógico, integrando-se à cultura escolar. O programa escolar passa a ser balizado pelos procedimentos de apurar sensibilidades, implantar novos hábitos e civilizar.

As tarefas educativas incentivadas por Helvécio de Andrade no período em que era professor na Escola Normal seguiam o fundamento da Pedagogia Moderna. Isto comprova-se mediante a uma análise minuciosa do estudo que publicou, em 1913, chamado *Curso de Pedagogia*. Neste ensaio foram sintetizadas as lições de Psicologia Pedagógica, Pedologia, Metodologia e Higiene Escolar. Através desta última lição, o professor difundiu às normalistas os princípios que regiam as práticas higienistas.

²²³ ANDRADE, Helvécio. **Curso de Pedagogia**: lições práticas elementares de Psicologia, Pedologia, Metodologia e Higiene escolar, professadas na Escola Normal de Aracaju. Aracaju: Tipografia Popular, 1913. p. 111.

²²⁴ ANDRADE, Helvécio. **Curso de Pedagogia**: lições práticas elementares de Psicologia, Pedologia, Metodologia e Higiene escolar, professadas na Escola Normal de Aracaju. Aracaju: Tipografia Popular, 1913. p. 112.

²²⁵ Idem. p. 112.

O *Curso de Pedagogia* era um dos suportes para se ministrar a higiene na Escola Normal, visto que dava organicidade à cadeira de “Noções de Higiene”. Dessa forma, Helvécio de Andrade estaria implementando a educação higiênica com um guia resumido e legitimado pelos seus pares e pela sociedade. A utilização deste livro funcionou, na realidade, como um mecanismo importante para difundir o saber médico e para moldar hábitos.

Esse estudo enunciava para a educação ditames que estabeleciam as práticas que os professores e as normalistas deveriam desenvolver junto aos alunos, regras para a organização interna da escola, para a localização e construção dos edifícios escolares, para alimentação, para recreação, para os asseios e preocupava-se com a educação dos sentidos, ou seja, com o desenvolvimento da cognição, das faculdades físicas, afetivas e morais dos alunos.

Helvécio de Andrade acreditava que, a fim de que as crianças assimilassem os hábitos higiênicos, a escola deveria ser um reflexo da higiene, pois tanto a disposição do espaço escolar quanto as práticas seriam sugestivas, educadoras. Informou que “a hygiene escolar não pode passar sem ocupar-se da hygiene infantil propriamente dita. [e que] na educação o pedagogo e o higienista hão de marchar juntos”²²⁶. Nesse entendimento, o professor também figurava como um exemplo a ser imitado e a ele era designada a inspeção sobre os alunos e sobre a família, como medidas cautelares das prescrições médicas.

O médico Helvécio de Andrade reclamava para Sergipe o que já existia em São Paulo e em outros países como a Inglaterra, EUA, Bélgica, França, Suíça e Alemanha, a instituição das leis que estabeleciam que “nenhuma escola seja construída sem o parecer do médico sobre o terreno e o plano da obra” e acrescentou, “é dever patriótico das nações por em prática todos os meios capazes de preservar a criança das causas de enfraquecimento

²²⁶ ANDRADE, Helvécio. **Curso de Pedagogia**: lições práticas elementares de Psicologia, Pedologia, Metodologia e Higiene escolar, professadas na Escola Normal de Aracaju. Aracaju: Tipografia Popular, 1913. p. 114.

physico e mental”²²⁷. Gondra lembrou que havia desde o período imperial um conjunto de observações que regularizavam a escolha da localidade na qual os estabelecimentos escolares seriam construídos. Tal conjunto estava embasado no entendimento das teorias do determinismo geográfico e climatológico, sendo estas teorias tomadas como fundo para explicações dos fenômenos sociais. Ressaltou que “a influência geográfica e climática era considerada perniciosa e desaconselhável às organizações que iriam cuidar dos frutos e do futuro da nação”²²⁸.

Nessa perspectiva, as necessidades sanitárias dos edifícios escolares deveriam obedecer a certas prioridades: ter janelas altas e largas para a ventilação das salas de aula, o teto ser de cor branca e as paredes de cor cinzenta ou esverdeada, deveriam ter corredores amplos e também arejados, lavabos para ensinar às crianças hábitos de asseio, lavando sempre as mãos e o rosto para evitar o contágio de doenças, escarradeiras e aparelhos sanitários, que deveriam ser lavados todos os dias com água canalizada, fora da escola e ligados apenas por um corredor. Helvécio de Andrade acreditava que

é de primeira necessidade que as escolas sejam largamente ventiladas, para o que devem ser cercadas de janellas ambos os lados. Além das janellas devem as salas de aula ser munidas de ventiladores para garantir a ventilação nos dias invernosos. Como auxiliares dos ventiladores, porta e janela também devem possuir bandeiras movediças, em vez de venezianas, que tem o inconveniente de escurecer a sala. A iluminação das salas de classe representa papel importante na hygiene escolar”²²⁹.

Os novos projetos arquitetônicos para as escolas primárias também estavam balizados pelos preceitos da Higiene. A formalidade dos edifícios, a disposição das salas de aula, a preocupação com as mobílias, com a ventilação e a luminosidade pressupunham a estrutura física da escola como um espaço educativo e sadio. A escola “buscará o ar e a luz,

²²⁷Idem. p. 111-112.

²²⁸GONDRA, José Gonçalves. **Artes de civilizar**: medicina, higiene e educação escolar na corte imperial. São Paulo, USP, 2000. p. 132. (Tese de doutorado em Educação).

²²⁹ANDRADE, Helvécio. **Curso de Pedagogia**: lições práticas elementares de Psicologia, Pedologia, Metodologia e Higiene escolar, professadas na Escola Normal de Aracaju. Aracaju: Tipografia Popular, 1913. p. 114.

longe das cidades e das fábricas, como mandava a higiene e a pedagogia”²³⁰, afirma Escolano. A construção dos edifícios escolares na República obedecia às ordens higiênicas e pedagógicas. O prédio da Escola Normal e Grupos Escolares seguiram essas determinações.

Como podemos perceber, os planos higiênicos não estavam apenas prescritos na forma estrutural do prédio. A relação do discurso médico com o pedagógico invadiu a organização interna das salas de aula. A preocupação consistia na boa iluminação, na disposição ordenada dos mobiliários, no modo de sentar-se, de escrever e de ler, ou seja, criar boas condições de postura, iluminação, aeração para um escrever e ler higiênicos. Dentro desse entendimento, Helvécio de Andrade propagava que “muitos defeitos físicos tem origem no hábito das posições visiosas na família e na escola(...)cumpre o educador corrigir as atitudes viciosas dos alumnos”²³¹.

A mobília escolar também era um dos tópicos abordados pelos higienistas e não menos importante que a iluminação e ventilação. A mobília foi abordada pelo médico sergipano como uma forma de conscientização da necessidade de adequar as carteiras escolares, proporcionalmente, à medida da altura dos alunos. Durante o período que administrou a diretoria da Instrução Pública importou material escolar, obedecendo a essas prerrogativas. Com isso, Helvécio de Andrade chamava a atenção para a constante vigilância do espaço escolar, assegurando o que Gondra vai chamar de “organização higienizada e higienizadora”²³².

A arquitetura escolar, segundo Augustin Escolano²³³, cumpriu não apenas a sua função pedagógica, como também social ao estabelecer a escola como um símbolo que gerou uma identidade coletiva na qual os higienistas, considerados os regeneradores,

²³⁰VIÑAO FRAGO, Antonio e ESCOLANO, Augustin. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A, 1998. p. 46.

²³¹ANDRADE, Helvécio. **Curso de Pedagogia**: lições práticas elementares de Psicologia, Pedologia, Metodologia e Higiene escolar, professadas na Escola Normal de Aracaju. Aracaju: Tipografia Popular, 1913. p. 117.

²³²GONDRA, José Gonçalves. **Artes de civilizar**: medicina, higiene e educação escolar na corte imperial. São Paulo, USP, 2000. p. 140. (Doutorado em Educação).

²³³VIÑAO FRAGO, Antonio e ESCOLANO, Augustin. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

difundiam o conhecimento médico a favor da modernização. Gondra compartilha dessa opinião quando afirma que

a higiene preocupava-se tanto em definir o espaço exterior como o espaço interior dos colégios, para que, com essa dupla combinação, pudessem ser construídos edifícios capazes de abrigar uma grande população de escolares, impondo-lhes o modelo de bom ambiente, considerando então como o ambiente civilizado, porque higienizado²³⁴.

Outro aspecto abordado por Helvécio de Andrade durante suas aulas na Escola Normal foi o cuidado com as doenças que poderiam ser adquiridas e propagadas na escola. O Curso de Pedagogia produzia um conjunto de práticas e de comportamentos que orientavam as futuras professoras a identificar as variedades de moléstias que poderiam ser adquiridas pelo inadequado uso do material escolar e posturas impróprias dos alunos. Os desvios na coluna vertebral eram elementos característicos da disfunção causada pela maneira que o aluno se posicionava para escrever e ler.

Conforme o médico e professor de Pedagogia, as normalistas deveriam intervir para disciplinar o corpo e os gestos dos alunos. A maneira de escrever havia assumido novas alterações a partir dos ditos da Pedagogia Moderna. O ler e o escrever higiênicos estariam ligados à escrita vertical.

A doença mais freqüente do sistema educacional sergipano era a miopia, causada muitas vezes pela pouca iluminação ou pelo excesso dela, pela má qualidade do material escolar ou pelo abuso do professor em relação à quantidade de exercícios. Na tentativa de superar os problemas apresentados pela Instrução Pública, Helvécio de Andrade importou novas carteiras escolares de acordo com a altura e a idade dos alunos, enviou técnicos a São Paulo com o fim de observar o funcionamento do ensino, os métodos, os utensílios para laboratórios e reformou a estrutura de algumas escolas e grupos escolares²³⁵.

²³⁴ VIÑAO FRAGO, Antonio e ESCOLANO, Augustin. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A, 1998. p.145.

²³⁵ ANDRADE, Helvécio. **Curso de Pedagogia**: lições práticas elementares de Psicologia, Pedologia, Metodologia e Higiene escolar, professadas na Escola Normal de Aracaju. Aracaju: Tipografia Popular, 1913. p. 117.

As doenças mais comuns que eram propagadas na escola provinham das epidemias, como a varíola, a catapora, a rubéola, a escarlatina, a coqueluche e a cólera morbus. Normalmente, uma das medidas preventivas era o afastamento da criança das aulas assim que a moléstia fosse identificada. Para que fosse evitado contágio, as escolas passaram a exigir o comprovante de vacinação como requisito básico para a matrícula. Como um método de caráter preventivo, Helvécio de Andrade orientava suas alunas para servirem de verdadeiras inspetoras higiênicas dos alunos. Elas deveriam observar qualquer alteração no humor e na disposição das crianças, isto porque as alterações comportamentais dos educandos também eram indicativas de doenças. Outra medida exigida pela higiene escolar era o exame metódico dos alunos, ou seja, a inspeção por parte dos bedéis e professores no momento em que as crianças entravam na escola. Conforme defendia, a inspeção deveria

fiscalizar as mobílias e os locais dos internatos e dos externatos, a hygiene interna nos estabelecimentos e o estado sanitário dos alunos. (...) todo serviço de prophylaxia escolar está a cargo do médico inspetor, que é obrigado a visitas mensais de todas as escolas públicas e particulares e atender a qualquer chamado do diretor do estabelecimento em caso de moléstia transmissível²³⁶.

Rosa Fátima de Souza acredita que as mudanças prescritas na utilização dos novos espaços ocorreram de acordo com as finalidades do ensino estabelecidas por essa nova modalidade de escola primária. Como afirma “a composição material dessa escola moderna e renovada pressupôs, também, o uso de novos materiais escolares, outro tipo de mobília e abundante material didático”²³⁷. Assim, depreende-se, através do discurso de Helvécio de Andrade, a importância que a Higiene adquiriu na educação e que a disseminação desse conhecimento promoveu o refinamento das condutas e a criação de novos hábitos no seio escolar.

²³⁶ ANDRADE, Helvécio. **Curso de Pedagogia**: lições práticas elementares de Psicologia, Pedologia, Metodologia e Higiene escolar, professadas na Escola Normal de Aracaju. Aracaju: Tipografia Popular, 1913. p. 118.

²³⁷ SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização**: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo. São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1998. p. 16.



CAPITULO III



**TECENDO AS LINHAS DO TEMPO:
a difusão dos ideais da Pedagogia Moderna em Sergipe**



O ofício do historiador obriga-o a uma infundável reconstrução de sentidos, que devem explorar, ou pelo menos supor, os múltiplos significados vividos pelos atores históricos, singulares e coletivos, em diferentes cenários de interfaces da vida social.

A Intelligentsia educacional de Zaia Brandão

N

a tessitura da história, o final do século XIX reveste a escola como signo da civilização e progresso. Influenciados pelos ideais iluministas, os intelectuais da educação acreditavam no poder redentor da instrução pública. Mas a conformação da escola também esteve assessorada pela crença nos dogmas da ciência e, por isso, a reconfiguração das práticas, dos princípios curriculares e do papel do professor estava mediada de uma racionalidade que geria o novo código da educação. Era preciso estabelecer uma nova Pedagogia, princípios de higiene, de organização, de regulamentação, de modo a uniformizar o ensino antes ministrado na casa do mestre-escola. Como salienta Nunes, “É no espaço das cidades, com diferentes ritmos e intensidade, que as escolas deixam de configurar-se como extensão do campo familiar, privado e religioso e, gradativamente, vão integrando uma rede escolar”²³⁸. Mas para dar cabo a essa transformação, a ingerência dos intelectuais da educação efetivou um projeto que afirmava a necessidade de moralizar os costumes, regenerar a sociedade enferma.

Os ideais disseminados pelos intelectuais da República associaram à ordem republicana o modelo de um Brasil moderno. Não obstante as várias estratégias da edificação desse recente ordenamento político-cultural nacional, implantar uma

²³⁸NUNES, Clarice. “(Des)encantos da Modernidade Pedagógica” In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. (org.). **500 anos de Educação no Brasil**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 374.

compreensão modernizante libertaria o País dos resquícios coloniais. Dessa maneira, a escola foi pensada como um espaço social próprio para a apreensão dessas idéias. Adequar a realidade educacional à modernidade seria, por fim, civilizar a sociedade. Ao discorrer sobre esse assunto Herschmann e Pereira afirmaram que “moderno, modernidade, modernismo ou mesmo modernização são categorias específicas que vão ocupando amplo espaço no campo intelectual, constituindo-se em palavras de ordem significativa no começo do século XX”²³⁹. Diz os mesmos autores que o discurso dos engenheiros, médicos e educadores assumiu o palco da legitimidade em detrimento da “arte da retórica” própria dos bacharéis. O prestígio dos especialistas era evidente, haja vista que estes conquistaram o reconhecimento e passaram a ser responsáveis pela organização social, tornando-se, assim, mentores da modernização.

Para construir um *estado de espírito moderno* era preciso estabelecer a ordem, administrar racionalmente o tempo escolar, gerir atividade produtiva, disciplinar, organizar o espaço escolar e instruir o trabalho pedagógico. Nessa interseção, tornar a escola como uma instituição modeladora da sociedade foi o empreendimento dos intelectuais desse período. Para tanto, o poder cedido à ciência para postular o novo modelo educacional evidenciou uma pluralidade de saberes que constituiu um outro pensar sobre a cultura escolar. Investidos com novas disciplinas, o currículo, o programa escolar e o método de ensino figuram como parte da organização pedagógica racional. Esta subsidiada pela Psicologia Experimental, pela Biologia, Pedologia e Pedagogia transformaria não só as práticas escolares, mas também a cultura escolar.

Esses saberes científicos e especializados contribuíram sobremodo para difundir a civilidade. A Medicina, por exemplo, ditava preceitos de normatização de hábitos e do corpo. A engenharia foi um conhecimento que colaborou para a ordenação do espaço escolar por defender a organicidade urbana e a limpeza visual, implementando outras configurações discursivas a respeito da estrutura da escola. Através de formulações

²³⁹ HERSCHMANN, Micael M. e PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. “O Imaginário moderno no Brasil”. In: **A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30**. Micael M. Herschmann e Carlos Alberto Messeder Pereira (orgs.) – Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 15.

ideológicas, eles desejavam incorporar uma série de valores e modelos que evidenciavam um efeito moral, normatizador.

Nesse momento em que os ideais republicanos de ordem e progresso estavam em proeminência, principalmente nas práticas escolares, a idéia de modernização se ajustou fidedignamente à proposta esboçada pelo movimento da Pedagogia Moderna. Assim, as relações entre a República, escola e modernidade pedagógica apresentavam-se interligadas e, ao mesmo tempo, expressavam a complexidade de difundir um ideal e de tornar possível sua execução. Os intelectuais da educação falavam da contundente necessidade de modernizar a instrução pública, comentavam através de relatórios, mensagens presidenciais e artigos de jornais as mazelas sociais tornando visível a idéia de que a intervenção do Estado na educação era cogente e difundiam os ideais do movimento da Pedagogia Moderna. Mas, por que “Moderna”?

O paradigma do *moderno* que se instala desde o final do século XIX no campo educacional pode ser compreendido como um conjunto de procedimentos, hábitos, pressupostos, questões que orientam reflexões sobre a maneira de ver a realidade. Inserida no processo de construção de um novo pensar pedagógico, a proposta de modernização, entendida como uma intensa revisão crítica das práticas pedagógicas anteriores, adotou modelos de apreensão da instrução a partir da superação teórica e didática. A Pedagogia Moderna apresenta-se não apenas como uma necessidade intelectual ou discurso, mas também como o meio capaz de empreender o progresso almejado. Entretanto, o que seria essa Pedagogia Moderna? O que defendia? Existe algum marco temporal que defina quando começou a ser implantada e quando findou?

Na tentativa de conceituar a Pedagogia Moderna foi possível entendê-la como um movimento renovador das práticas pedagógicas. Caracterizada pela centralização dos processos educativos na criança, pela adequação dos métodos de ensino e aprendizagem à capacidade cognitiva do aluno e pelo aprimoramento das instalações escolares, a Pedagogia Moderna apresentava um conjunto de idéias que se assemelhavam ao movimento da Escola Nova no Brasil. É tênue a linha que as separa. Num momento de maior interferência sobre

esse aspecto, é plausível afirmar que a Pedagogia Moderna, assim denominada por intelectuais do final do século XIX, antecedeu o discurso da Escola Nova.

Em defesa da renovação das práticas e princípios da educação, a Pedagogia Moderna, a partir da influência dos estudos da Biologia, da Psicologia experimental e da Pedagogia, questionou as condições de aprendizagem, ou seja, os métodos aplicados e a função dos programas de ensino. Defendia o aluno como o centro do processo de aquisição do conhecimento, a co-educação dos sexos, o ensino da ginástica, jogos, excursões, a realização de trabalhos manuais com fim educativo e a implantação de laboratórios de Pedagogia prática.

Ao adotar as diretrizes dessa Pedagogia modernizante, as Escolas Normais reorganizaram suas propostas curriculares, incluíram como laboratórios de práticas as Escolas Modelos e Grupos escolares, implantaram o método intuitivo por compreender que o ensino deveria estar embasado na observação dos fatos e em experiências e, assim, deram ênfase no “ver” e “fazer”. Instituíram, também, a ordem e a higiene como conceitos fundamentais para o bom desenvolvimento do ensino, importaram carteiras proporcionais à altura dos alunos, incentivaram a disciplinarização dos corpos e a racionalidade do tempo da escrita e da leitura.

Esses projetos modernizadores agiam visando à alteração do *habitus* pedagógico ao inserir novos preceitos regularizadores da formação docente. Essa renovação escolar, mediada pela transformação do papel e da atividade docente, denunciavam a corrida contra o velho e a busca pelo progresso. A Escola Normal foi o alvo dessas mudanças por ser o *locus* formador das futuras professoras primárias. Não bastava instruí-las; era necessário reformar os padrões de ensino dessa instituição²⁴⁰.

²⁴⁰Durante o governo de Prudente de Moraes, Caetano de Campos empreendeu, em 1890, a reforma que marcaria a historiografia educacional como o momento que deu início à modernização do ensino. Como visto em capítulos anteriores, o intuito dessa reforma era criar uma escola que servisse de modelo às instituições de ensino dos outros Estados. A Escola Normal e a Escola Modelo constituíram o núcleo da reforma. Para assumir a direção da Escola Modelo foram indicadas Miss Browne e Maria Guilhermina Loureiro de Andrade. Cf.: SAVIANI, Dermeval. “O Legado educacional do ‘longo século XX’ brasileiro”. In: **O Legado educacional do século XX no Brasil**. Dermeval Saviani ... [et. al.]. – Campinas, SP: Autores Associados, 2004. p. 23. – (Coleção Educação Contemporânea).

Afinado com as discussões e ações implementadas nas reformas paulistas, Helvécio de Andrade tinha um discurso tributário às idéias de Caetano de Campos. Este último não foi apenas um administrador; dedicou-se por muitos anos à Medicina, trabalhando na Santa Casa de Misericórdia e na Beneficência Portuguesa. Contudo, assim como Helvécio de Andrade, a instrução pública foi para Caetano de Campos um espaço de intensa atuação. Lecionou no Colégio Pestana, na Escola Neutralidade de João Köple e foi indicado pelo professor Rangel Pestana para assumir a direção da Escola Normal em 1890²⁴¹. Apesar de ser ainda um desconhecido no campo, conquistou reconhecimento através do trabalho educacional que empreendeu²⁴².

Possivelmente, o encontro dos dois intelectuais da educação ocorreu quando eles trabalhavam nos hospitais anteriormente citados. Também seria provável pensar que confidenciassem suas perspectivas reformadoras, o que planejavam para a educação, para a carreira pública. O levantamento dessas hipóteses revelou pistas que ajudaram a entender o processo de apropriação que Helvécio de Andrade elaborou a respeito da modernização pedagógica aplicada nas reformas paulistas durante sua estada nesta cidade.

Não foi apenas a proximidade com as idéias; a atuação como inspetor escolar em Santos lhe proporcionou um contato mais efetivo com as reformas empreendidas durante a administração de Caetano de Campos. Levar essas diretrizes para o campo educacional sergipano foi uma das conseqüências desse fato. Mas não foi apenas Helvécio de Andrade que manteve uma postura de disseminador da modernidade pedagógica; em Sergipe muitos estiveram comprometidos com a difusão desse ideal.

Profusos em retórica, a intelectualidade sergipana vivenciou na passagem do século XIX para o século XX o desencadeamento das letras e instituições voltadas para a fecundação da cultura sergipana. As instituições beletrísticas²⁴³, científicas²⁴⁴ e

²⁴¹ MONARCHA, Carlos. **Escola Normal da Praça**: o lado noturno das luzes. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1999. p. 174-175. – Coleção Momento.

²⁴² GONÇALVES, Gisele Nogueira. A trajetória profissional e as ações de Oscar Thompson sobre a Instrução Pública em São Paulo (1889-1920). São Paulo: PUC. 2002. p. 36. (Dissertação de Mestrado).

²⁴³ As instituições beletrísticas existentes em Sergipe: Clube Literário 24 de Julho, Clube Literário Tobias Barreto, Clube Literário Sílvio Romero, Clube Literário Progressista, Centro Literário e Educativo, Grêmio

educacionais formavam os centros de discussões e foram as responsáveis pela circulação do conhecimento. Os intelectuais que participavam dessas instituições idealizavam a instrução pública como o caminho da salvação social. Ancorados nesse princípio, empreenderam diversas reformas no campo educacional, a saber, a implantação de escolas primárias graduadas, da padronização de métodos de ensino, de investimento na fiscalização escolar, na renovação dos processos de ensino, na formação das normalistas, na organização dos regulamentos que conduziam o ensino secundário, normal e profissionalizante.

Dentre eles, pode-se evidenciar os nomes de Carlos Silveira, professor paulista; Rodrigues Dórea, presidente de Estado; Carvalho Neto, diretor da instrução pública; Graccho Cardoso, presidente de Estado; Manoel Franco Freire, professor e diretor da instrução pública; Augusto da Rocha Lima, professor; Penélope Magalhães, professora, e Helvécio de Andrade, que foi professor e diretor da instrução pública por oito anos e três meses. As tentativas de mudanças na estrutura educacional, consideradas fundamentais nos textos emitidos por alguns desses intelectuais da educação, estavam muitas vezes marcadas por uma possível visibilidade que as propostas de renovação educacional dariam às suas administrações.

Na realidade, falar em modernização pedagógica era o afã do período. Talvez o discurso em si já desse legitimidade e respaldo ao orador. Pensando de outra forma, pode-se supor que os envolvidos com a instrução estivessem desejosos em edificar uma nova cultura escolar, em forjar uma identidade educacional sergipana, ou mesmo em demarcar sua singularidade em relação aos outros Estados. Isto porque era comum identificar nos relatórios de presidente de Estado as vantagens que o sistema educacional sergipano apresentava em detrimento dos Estados vizinhos, apesar das listas de problemas que sempre relatavam. Fruto ou não de discursos produzidos para a posteridade, tanto os relatórios de

Literário Simãoense, Hora Literária Sílvio Romero, Hora Literária Tobias Barreto, Hora Literária Fausto Cardoso, Hora Literária Gumercindo Bessa, Hora Literária General Calazans, posteriormente intitulada de Hora Literária do Santo Antônio, Biblioteca Pública Epiphânio Dórea e Academia Sergipana de Letras. Cf.: SOUZA, Cristiane Vitório. **A República das Letras**. 1889-1930. São Cristóvão: UFS, 2001. Monografia (História Licenciatura).

²⁴⁴ As instituições científicas presentes no campo intelectual sergipano desse período foram: a Sociedade Médica de Sergipe, o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Sociedade de Medicina e Cirurgia de Sergipe, o Instituto Parreiras Horta e Sociedade Odontológica de Sergipe.

presidente quanto os enviados pelos diretores de instrução e inspetores falavam em nome da modernização do ensino.

Nesse período, Sergipe apresentou um crescimento visível da produção literária com a instalação de instituições dedicadas à difusão do conhecimento. Os gabinetes de leitura, o Centro Literário Educativo, o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, as instituições escolares, a Hora Literária foram criadas obedecendo esse objetivo. Dentro delas, Helvécio de Andrade foi um colaborador ativo tanto na produção como na circulação da cultura. Não existiam lugares fixos para a enunciação dos seus discursos, mas havia, confessadamente, uma predileção pela Hora Literária. Fundada em 1911, mais tarde se transformou na Academia Sergipana de Letras. A imagem a seguir demonstra os fundadores dessa instituição. Seguindo a ordem da esquerda para a direita, encontra-se a Professora Graziela Cabral (Zizi), Leonor Teles de Menezes, Etelvina Amália de Siqueira, General José Calasans, Helvécio de Andrade. Ao fundo estavam José da Silva Ribeiro Sobrinho, Antônio de Oliveira Rocha, João da Silva Ribeiro e Pedro Ribeiro.



Figura 8: Reunião da Hora Literária. Aracaju. 1911. Autoria desconhecida. Fonte: Documentação Sergipana da BICEM.

Para apreender as dimensões que Helvécio de Andrade transitou, faz-se necessário lançar mão das suas produções literárias, das discussões, da sua atuação, do ambiente educacional e da rede de relações formada com outros intelectuais e mestres, principalmente no período em que dirigiu a instrução pública sergipana. O professor Helvécio de Andrade compartilhava com uma parcela significativa da intelectualidade nacional e sergipana a necessidade de inserir no campo da educação os preceitos da Escola Nova. Apesar de não ter sido o primeiro a difundir-la em Sergipe, foi um ativo colaborador para a implantação e disseminação desse ideário educacional.

3.1. Atuações de Helvécio de Andrade no campo educacional sergipano

As lides políticas eram tão presentes na vida de Helvécio de Andrade quanto sua inclinação para a educação. Os interesses políticos contribuíram sobremaneira para a sua fixação no campo educacional por permitir a coligação com grupos políticos já consolidados. Essas redes de ligações estabelecidas pelos sujeitos possibilitavam não só a inserção nos grupos como também contribuíam para a consolidação do indivíduo no *campo*. A esse respeito Elias informa que os agentes constituem teias de interdependências ou *configurações* como estratégia para manter o poder ou mesmo a posição que ocupam na estrutura social.

Em Sergipe, apesar de a atuação política de Helvécio de Andrade não ter sido tão expressiva quanto a sua atuação educacional, foi possível averiguar a determinação que empreendeu na defesa de seus ideais públicos, principalmente no período em que residiu

em Maruim. Sustentou no *Jornal de Sergipe* uma propaganda sobre a necessidade da Revisão Constitucional da República e fundou o Partido Revisionista junto com o Padre Dantas e Antônio Motta. A repercussão de suas idéias teve como conseqüência a adesão de quatorze municípios a esse partido.

Além disso, foi um dos primeiros a defender a sucessão do então deputado federal Rodrigues da Costa Dórea ao cargo de presidente de Estado. Helvécio de Andrade difundia as qualidades desse deputado afirmando que este “dispunha de todos os predicados para suceder a situação criada pelos trágicos acontecimentos anteriores: cultura, moderação e honestidade de meios e fins”²⁴⁵. O apoio incondicional à candidatura desse político permitiu que Helvécio de Andrade se consolidasse no campo político e educacional, isto porque foi nessa administração que conseguiu ter acesso aos cargos públicos educacionais considerados importantes nesse período. Ao assumir a presidência do Estado, Rodrigues da Costa Dórea indicou a Helvécio de Andrade o cargo de Delegado Fiscal do Governo Federal junto ao Atheneu Sergipense .

A Delegacia Federal funcionava como um dispositivo que regularizava e fiscalizava a instrução. Como um aparelho da administração pública, expedia suas resoluções e as noticiava geralmente no *Diário Oficial do Estado de Sergipe* e/ou no jornal *O Estado de Sergipe*. Os documentos produzidos no exercício de suas funções não foram encontrados; somente foram aqueles publicados nos jornais citados. A partir desses artigos foi possível entender alguns mecanismos do funcionamento das atividades dessa instituição, mas não a sua estrutura funcional, ou mesmo a razão e o contexto no qual foi produzida. A falta de acesso à documentação impediu que se identificasse a organicidade e as atribuições específicas dessa entidade.

Os anúncios deixados pela Delegacia Federal indicavam que esta tinha como função dar instruções para os exames escolares e para os preparatórios do Atheneu Sergipense, promover e fiscalizar concursos e convocar professores para as bancas examinadoras. Assinados pelo delegado federal, os anúncios ocupavam, normalmente, as colunas dos

²⁴⁵ ANDRADE, Helvécio de. **Escola Sergipana**. Aracaju: Tipografia do Estado de Sergipe, 1931. p. 1.

Editais ou Secção livre e tinham vigência de um mês ou mais de publicação, conforme o regimento da lei. Por isso, era comum encontrar a mesma convocatória ou anúncio em diversos exemplares seqüencialmente. Mesmo que esses dispositivos não informassem o desejado sobre a funcionalidade da instituição, tinha muito a dizer sobre o sistema educacional ou, ao menos, sobre as intenções projetadas para a instrução pública; isto porque informavam as regulamentações para o ensino e para os exames preparatórios, as disciplinas exigidas para o ingresso nos cursos superiores, indicavam a documentação determinada para a matrícula nos preparatórios e quais eram os professores convidados para compor as bancas examinadoras.

No ano de 1910, sob a administração de Helvécio de Andrade, a Delegacia federal publicou um edital de exames para os cursos de Farmácia, Odontologia, Obstetrícia, Agrimensura e Belas Artes. Para compor essas bancas, convocou professores que ministravam aulas tanto no Atheneu Sergipense como na Escola Normal. Durante o tempo em que exerceu esse cargo, Helvécio de Andrade não empreendeu reformas que transformassem o modo como o ingresso para o ensino superior era realizado; não apresentou preocupações a esse respeito. A maioria das propostas que lançou ainda correspondia aos decretos e portarias legisladas na gestão anterior, de 1906 a 1907.

Localizada nas adjacências do Atheneu Sergipense, colégio onde funcionavam os preparatórios, a Delegacia Fiscal recolhia os requerimentos dos alunos que desejavam submeter-se aos exames, respondendo aos mesmos trâmites aplicados pelo diretor do Ginásio Nacional do Rio de Janeiro. Apesar de os requerimentos serem elaborados pelos próprios alunos, existiam normas definidas pela Delegacia, as quais deveriam ser observadas. Nesses requerimentos os alunos declaravam o curso que pretendiam matricular-se, a idade, a filiação e a naturalidade. Os requerimentos também deveriam ser acompanhados de documentos comprobatórios dos dados expostos e um atestado de identidade assinado pelos pais, tutores ou pessoas conhecidas do aluno requerente; itens criteriosamente avaliados por Helvécio de Andrade e comissionados. Esses procedimentos relatam o rigor com que eram tratados os exames escolares nesse período.

Os primeiros editais lançados por Helvécio de Andrade eram referentes aos exames para o curso de Farmácia. As disciplinas de Português, Francês, Aritmética, Álgebra, Física, Química e História Natural eram obrigatórias para o ingresso nesse curso. Para compor a banca, Helvécio de Andrade convocou os seguintes professores do Atheneu para avaliar os candidatos inscritos: Bricio Cardoso para a prova de Português; Abdias Bezerra para julgar os exames de Francês; o professor Eutachio Lins para analisar Aritmética e Álgebra; Moreira Magalhães ficou encarregado pelas provas de Física e Química, e o professor Tancredo Campos para História Natural. Helvécio de Andrade permaneceu nesse cargo até o final da administração de Rodrigues Dórea. Antes mesmo de entregar o cargo, esse presidente promoveu a visita de um professor paulistano para implementar a educação pública sergipana.

As viagens de estudos ou mesmo o empréstimo de técnicos eram práticas correntes na Primeira República; faziam parte da rotina administrativa dos Estados que estavam preocupados em remodelar a instrução pública²⁴⁶. Consoante a afirmação de Souza²⁴⁷, os educadores paulistas foram contratados por governos de vários estados para participarem do processo de reorganização da instrução pública, bem como foram oferecidos financiamentos para a realização de visitas comissionadas ao Estado paulista. O governo paulista enviou diversos professores para verificar e relatar as práticas modernas de ensino.

Na década de 1910, por exemplo, o professor Aprígio Gonzaga foi enviado à República Argentina a fim de verificar como estava sistematizado o ensino primário e normal naquele país²⁴⁸. O ponto de partida das observações desse professor foi indagar como funcionava o Conselho Nacional de Educação, órgão encarregado da fiscalização do ensino primário público e particular, do ensino secundário e normal. Investigou ainda como estavam estruturados os laboratórios, os programas de ensino, as práticas e métodos

²⁴⁶CARVALHO, Marta Maria Chagas de. “Reformas da Instrução Pública”. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. (org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p.226.

²⁴⁷SOUZA, Rosa Fátima de. “Lições da Escola Primária”. In: **O Legado Educacional no século XX no Brasil**. Derneval Saviani.. [et.al.]. – Campinas, SP: Autores Associados, 2004. p. 119. – (Coleção Educação Contemporânea).

²⁴⁸ ANDRADE, Helvécio de. “Velho Thema”. **Correio de Aracaju**. Aracaju, 21 de Agosto de 1912, ano VI, n. 738 p.1 col. 3.

escolares. Constatá-se, a partir desse relatório, que essas viagens pedagógicas eram realizadas também em outros países além dos Estados Unidos.

Sergipe também não esteve alheio a esses empreendimentos. Os movimentos de renovação escolar foram adotados na gestão do presidente José Rodrigues da Costa Dórea (1909-1911) como procedimentos prioritários para o setor educacional. Esse presidente ficou impressionado com o que presenciou nas visitas que realizou às escolas americanas. Ao ter em vista a necessidades de mudanças estruturais, Rodrigues Dórea convidou um professor paulista, Carlos Silveira²⁴⁹, que também esteve presente nas visitas ao sistema educacional dos Estados Unidos para implementar essas mudanças e capacitar o sistema educacional de regulamentos e programas que estivessem de acordo com as novas diretrizes da educação paulista, conforme suas palavras, “para favorecer o ensino”²⁵⁰ sergipano. Nesse caminho Souza adverte que era necessário “reconhecer a diversidade do próprio modelo de educação paulista”²⁵¹ e, assim, essa questão deveria ser examinada compreendendo toda sua complexidade de modo a apreender que tipo de cultura escolar estava sendo constituída.

Ao retornar a Sergipe em agosto de 1911, o professor paulista acionou a importância da criação de grupos escolares, da instalação de laboratórios para a Escola Normal, da adoção de métodos de ensino, normatização da inspeção escolar, remodelação dos regulamentos da Escola Normal e do ensino secundário. Foram esses os principais aspectos da mudança liderada por esse intelectual. O professor paulista também procurou dar organicidade ao magistério primário. Através de visitas às escolas da cidade, assistia ao trabalho das professoras, conversava com elas e escolhia dentre elas as que deveriam compor o quadro dos grupos escolares criados nessa administração. Além disso, observava as aptidões das professoras, redistribuindo-as pelas classes.

²⁴⁹ Carlos Silveira era diretor do Grupo escolar da Avenida Paulista.

²⁵⁰ SERGIPE. **Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado em 7 de Setembro de 1910 pelo presidente do Estado José Rodrigues da Costa Dórea.** Aracaju: Typografia d’O Estado de Sergipe, 1910. p. 56.

²⁵¹ SOUZA, Rosa Fátima de. “Lições da Escola Primária”. In: **O Legado Educacional no século XX no Brasil.** Dermeval Saviani. [et.al.]. – Campinas, SP: Autores Associados, 2004. p. 119. – (Coleção Educação Contemporânea).

Em apenas quarenta e cinco dias o professor paulista divulgou a nova organização do sistema escolar sergipano e, ao ser aprovada pelo presidente do Estado, foi publicada no *Diário Oficial do Estado de Sergipe*. As reformas iniciaram logo após a data de publicidade e tiveram o intuito de transformar-se num marco para a história da educação sergipana. Os elogios na imprensa e as constantes ênfases sobre a importância dessa reforma delataram o empenho na edificação de uma memória da reforma de 1911.

A representatividade dessa reforma não figurava apenas nos impressos, ela instituiu-se também na construção dos prédios escolares públicos; isso não só por ter reunido as escolas isoladas em um único edifício, mas pela monumentalidade deste. O edifício-escola ou como chamavam na época, a escola-palácio, significava o momento da renovação. A política educacional baseada nos princípios do ideal republicano culminava num processo de reinvenção do espaço escolar e social. Nessa direção, as reformas dos espaços escolares estavam ligadas aos pressupostos pedagógicos que pretendiam inserir novos hábitos e valores para civilizar e homogeneizar a sociedade. A educação tornou-se um símbolo integrado à República pela crença na sua capacidade de regenerar, disciplinar e moralizar²⁵². Essas reformas urbanas procuraram relacionar as idéias higienistas do final do século XIX com a idéia de uma nova estética preocupada com o aformoseamento das cidades²⁵³.

Essa construção do moderno ou da modernização educacional brasileira, como evidenciam alguns autores foi, no momento de sua formação e por longos anos, importante instrumento de reflexão capaz de garantir, ou melhor, de viabilizar as relações entre diferentes segmentos sociais, de promover a sustentação das articulações do Estado com a sociedade civil, especialmente dos intelectuais com o Estado, ou mesmo com a cultura. Além disso, possibilitou estabelecer os limites e diretrizes para o processo de constante reconstrução do imaginário social.

²⁵²VEIGA, Cynthia Greive. “Educação estética para o povo”. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. (org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 531.

²⁵³VALENÇA, Cristina de Almeida. “Escola-Palácio: a monumentalidade e a educação estética do ideário da modernização pedagógica em Aracaju. (1911-1928). In: **Anais da 7 semana de História, 26 a 30 de janeiro de 2004**: a historiografia de Maria Thetis Nunes. Universidade Federal de Sergipe. CECH, Departamento de História. – São Cristóvão, SE: Departamento de História, 2004. p. 86.

A construção do prédio da Escola Normal, Grupo Escolar Modelo e Grupo Escolar Central estava relacionada ao ideário de propagação de uma nova ordem que creditava à educação o meio de instauração do progresso. Foi a partir desse princípio que se promoveu a construção das escolas-monumentos. Viñao Frago²⁵⁴, ao analisar a disseminação desse modelo escolar, estabelece a relação entre os preceitos pedagógicos e os arquitetônicos. A confluência deles permitia o acesso à organicidade do modelo escolar defendido pela Pedagogia Moderna.

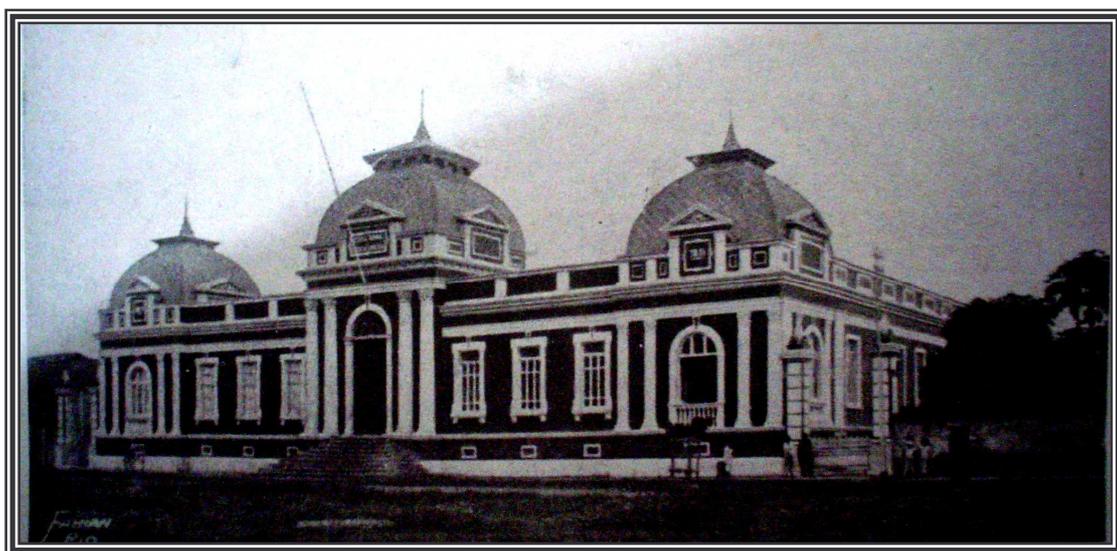


Figura 9: Escola Normal. Aracaju. 1920. Autoria não identificada. Fonte: Fonte: BARBOZA, Neide. **Em busca de imagens perdidas: Centro Histórico de Aracaju. 1900-1940.** --. Aracaju: Fundação Cultural da Cidade de Aracaju, 1992.

Esses projetos atrelavam a retórica arquitetônica à racionalidade pedagógica, reinventando a escola, tornando-a um símbolo de progresso. O prédio da Escola Normal foi um exemplo desse ideário. Seu projeto compreendia uma série de dispositivos que iriam conferir à escola uma dimensão esperada pelo imaginário republicano. Esses dispositivos estavam acompanhados pela orientação de um espaço escolar saudável.

²⁵⁴ VIÑAO FRAGO, Antonio. “La renovación de la organización escolar: la escuela graduada”. In: SATUER, G. O. (coord.). **Psicología y pedagogia em la primeira mitad del siglo XX.** Madrid, UNED Ediciones. p. 77. (Cuadernos de la UNED).

Monumental em sua fachada, o novo prédio estava localizado na praça Olímpio Campos, suas instalações compreendiam boas condições de iluminação e ventilação. A disposição das salas de aula facilitava a fiscalização dos bedéis, além delas, no edifício eram encontradas salas destinadas ao atendimento médico e dentário, sala da diretoria, dependências sanitárias e biblioteca. Essas dependências eram ligadas por corredores e no centro figurava um grande pátio, à semelhança de um claustro, dedicado aos momentos de lazer de modo que as jovens pudessem ser bem visualizadas pelos próprios professores²⁵⁵.

O empenho do professor Carlos Silveira no desenvolvimento dessa reforma foi o suficiente para insuflar desentendimentos e rixas com alguns políticos sergipanos. Espaçadamente, Helvécio de Andrade informou sobre o episódio que provocou a volta do professor a São Paulo. O professor sergipano relatou apenas que, por causa de um mal entendido “nascido de tendenciosas informações e aceitas sem exame”²⁵⁶, determinou o afastamento de Carlos Silveira, sustando o andamento da reforma que iniciou.

A retirada imprevista do orientador e as polêmicas dela decorrentes causaram impressões de desagrado com a política vigente. Foi registrado um manifesto das normalistas reivindicando a volta do professor paulista. No dia seguinte ao da rescisão do contrato do professor paulista, elas escreveram nos quadros negros da escola “Viva ao Dr. Carlos Silveira”. Helvécio de Andrade narrou o episódio revelando que um grupo de quartanistas chefiado pela aluna mais distinta da turma dirigiu-se ao Palácio Presidencial e solicitou o comparecimento do presidente Siqueira de Menezes.

Na presença do administrador do Estado lavraram seu protesto afirmando que caso o professor paulista não fosse readmitido, elas deixariam a escola naquele mesmo dia²⁵⁷. “O velho general”, como o invocou Helvécio de Andrade, “coçou a barba” e não disse mais nada que “meninas tenham juízo!”. Sobre esse fato Helvécio de Andrade questionou o

²⁵⁵VALENÇA, Cristina de Almeida. **Entre livros e agulhas**: representações da cultura escolar feminina na Escola Normal em Aracaju. 1871-1931. Aracaju: Nossa Gráfica, 2005. p. 47.

²⁵⁶ANDRADE, Helvécio de. **Escola Sergipana**. Aracaju: Tipografia do Estado de Sergipe, 1931. p. 1-2.

²⁵⁷ANDRADE, Helvécio de. **Escola Sergipana**. Aracaju: Tipografia do Estado de Sergipe, 1931. p. 1-2.

poder, ou mesmo, a prepotência da política sobre a Instrução Pública. Ao retornar para São Paulo, Carlos Silveira passou a atuar como professor do Instituto Pedagógico²⁵⁸.

Muitos dos objetivos idealizados pelo professor paulista só foram realmente colocados em prática tempo mais tarde. A inspeção escolar foi um deles. Apenas em 1912 as inspeções foram reorganizadas com o fim de incentivar a regularidade e o aperfeiçoamento do ensino. Apesar de todas as esperanças depositadas nesse veículo demonstradas pelo afã com que foram escritos os relatórios, a inspeção deixava dúvidas quanto ao seu rigor, conforme reclamava Helvécio de Andrade num escrito sobre a escola sergipana²⁵⁹.

Esse não foi o único imprevisto do governo de Rodrigues Dórea (1909-1911). Apesar de Aracaju ser nessa época uma cidade que não estava adversa a novas idéias, o campo político caracterizado pelo domínio da oligarquia olimpista²⁶⁰ estava desgastado desde o assassinato do líder opositor Fausto Cardoso, provocando dissidências que resultariam no enfraquecimento do grupo de que Rodrigues Dórea era representante²⁶¹. Desde que assumiu a presidência do Estado, em 1909, contemplou os conflitos e descontentamentos gerados a partir das reformas empreendidas.

As iniciativas desse presidente tinham como objetivo superar o quadro político adverso, principalmente em relação ao sistema educacional. Como em todos os relatórios elaborados pelos presidentes, Rodrigues Dórea também credita ao seu governo os esforços para superar os problemas educacionais e refere-se, longamente, às divergências em relação

²⁵⁸SERGIPE. **Relatório apresentado ao Presidente do Estado pelo Dr. Helvécio de Andrade**. Aracaju: Tipografia do O Estado de Sergipe, 1914. p. 06.

²⁵⁹ ANDRADE, Helvécio de. **Escola Sergipana**. Aracaju: Tipografia do Estado de Sergipe, 1931.

²⁶⁰ Olímpio Campos, fora convidado a participar de uma reunião na qual foi convidado a assumir a presidência do Estado, apesar de não se julgar propagandista da República, assumiu em 1898 e deixou o cargo apenas em 1902, fato que o consumou no campo político. WYNNE, Pires. **História de Sergipe**. (1575-1930). vol. I. Rio de Janeiro: Pongetti, 1973. p. 353.

²⁶¹ Liderado pelo Monsenhor Olímpio Campos, esse grupo político manteve sua supremacia do ano de 1898 até 1911. Esse político exerceu por muitos anos grande influência como senador. O episódio conhecido como Revolta de 1906 foi narrado pela historiografia sergipana como um acontecimento trágico por ter levado à morte de Fausto Cardoso no momento em que as Tropas do Exército destituíram os revoltosos do poder. Em seguida, Olímpio Campos foi assassinado pelos filhos de Fausto Cardoso por acreditar que o mentor da morte do pai. DANTAS, Ibarê. **Os partidos políticos em Sergipe** (1889-1964). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

às suas ações no Estado. Certamente o retorno do professor paulista, Carlos Silveira, foi gerado a partir dessas querelas políticas.

As especificações implantadas nessa reforma implicavam medidas criteriosas para as mudanças pretendidas por Carlos Silveira. O próprio Rodrigues Dórea reconhecia que era necessário suplantar os antigos padrões de ensino “feitos por métodos atrasados, e ministrados por docentes muitas vezes catados entre os protegidos e afilhados sem atender às aptidões e competência, e só com interesse de dar empregos”²⁶². Outras providências também foram tomadas. Em 1911, ano que o professor Carlos Silveira voltou a São Paulo, Helvécio de Andrade foi nomeado por Rodrigues Dórea lente das Cadeiras de Pedagogia, Pedologia e Higiene Escolar da Escola Normal. Assumiu as cadeiras e com a pretensão de executar as diretrizes definidas pela reforma, definiu um programa para a Cadeira que iria ocupar.

²⁶²SERGIPE. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado em 7 de Setembro de 1910 pelo presidente do Estado José Rodrigues da Costa Dórea. Aracaju: Typografia d’O Estado de Sergipe, 1910. p. 50-51.



Figura 10: Helvécio de Andrade e suas alunas do curso normal de 1926-1930. Aracaju. 1930. Autoria não identificada. Fonte: arquivo particular de Iracema Dórea.

Com o objetivo de despertar o interesse pela ciência da educação, divulgar sua importância e vantagem no preparo do homem para a vida social, Helvécio de Andrade publicou no *Correio de Aracaju*, em primeiro de dezembro de 1911, uma série de sete artigos com o título “Sobre a nova cadeira de Pedagogia da Escola Normal”, abordando, de forma geral, a necessidade de despertar no aluno as vantagens do saber, de cultivar a inteligência. Entretanto, para isso não bastaria apenas prover o aluno de bons livros e de bons mestres, mas educar sua vontade, civilizá-lo. O programa instituído por Helvécio de Andrade estava afinado com as idéias defendidas pela Reforma de Caetano de Campos implantada em São Paulo.

O diagnóstico do sistema educacional enfatizado nos primeiros artigos demonstrava não só o modo como Helvécio de Andrade percebia a instrução, como também servia como uma estratégia para calçar seu discurso. Diante de suas observações, a instrução pública era

a mesma de trinta anos atrás, com a diferença de que antes a fiscalização era mais rigorosa. Apontou alguns erros implantados na instrução relativos à organização, às disciplinas, aos programas e aos métodos utilizados. Suas ressalvas enfatizavam o uso indiscriminado da memorização e dos castigos físicos como processos de ensino correntes nas escolas sergipanas. Disse Helvécio de Andrade: “o b-a-bá, o estudo decorado da taboada, da orthographia, e até a cartilha, isso que em toda parte não é mais que uma lembrança do passado, continúa a estimular os cérebros infantis”²⁶³.

Ressaltados por esse professor como o maior símbolo de atraso, os castigos físicos eram o meio disciplinar mais utilizado nas escolas sergipanas, principalmente as de ensino primário. Conforme acreditava, esse método produziria apenas meninos neurastênicos que estudavam mais pelo “terror da fêrula” que por amor ao saber, ou mesmo, crianças negligentes que se habituavam aos castigos e relaxavam. A escola moderna não poderia mais submeter-se aos processos condenados pela ciência pedagógica, afirmava Helvécio de Andrade. Suas premissas sobre a condenação aos castigos físicos estavam pautadas nos fundamentos da metodologia implantada por Carlos Silveira na reforma de 1911. Ao tecer suas argumentações contra o uso da palmatória, Helvécio de Andrade lembrou do seguinte episódio ocorrido ainda no período da administração de Carlos Silveira.

Em um móvel de uma das mobílias recolhidas ao primeiro grupo escolar organizados este ano, encontrou o dr. Carlos Silveira uma palmatória. Logo que a proprietária do amável traste deu pela sua falta, foi um tanto commovida pedir licença para verificar se estavam no dito móvel uns papeis que lhe eram pertencentes. O distinto educador, risonho respondeu: lá só havia isso, cujo cabo desastadamente quebrei. Peço desculpas do prejuízo que involuntariamente dei a v. ex.²⁶⁴.

Helvécio de Andrade dispôs nesses artigos que a cadeira de Pedagogia, “indispensável ao preparo do mestre primário”, não correspondia aos desígnios da sua importância. Propôs, então, o acréscimo de noções de Higiene Escolar, Psicologia e Pedologia. Esse programa foi elaborado com a colaboração do professor paulista que

²⁶³ ANDRADE, Helvécio de. “Sobre a nova cadeira de Pedagogia da Escola Normal II”. **Correio de Aracaju**. Aracaju, 6 de dezembro de 1911, ano VI, n. 634. p.2.col. 2.

²⁶⁴ ANDRADE, Helvécio de. “Sobre a nova cadeira de Pedagogia da Escola Norma III”. **Correio de Aracaju**. Aracaju, 8 de dezembro de 1911, ano VI, n. 635. p.2.col. 2.

auxiliou Helvécio de Andrade na escolha dos assuntos abordados, na seleção dos livros e conceitos que deveriam ser discutidos em sala de aula.

Dentre as principais obras pesquisadas por Helvécio na elaboração do novo programa estavam as obras de Mantavani, Pinheiro Bittencourt, Lolai at Picaret, Vieira de Melo, Felisberto de Carvalho, Faria de Vasconcelos, o professor americano S. Welck, a Revista de Ensino de São Paulo, as anotações da prática escolar dos Estados Unidos - observadas por Carlos Silveira em uma viagem realizada anos anteriores - e um artigo escrito por Carlos Escobar sobre a 'Leitura Analítica'. Com essa literatura, Helvécio de Andrade elaborou o programa e um ensaio sobre Pedagogia, que seria posteriormente publicado.

Com o programa elaborado pelo professor de Pedagogia da Escola Normal, as quantidades de aulas aumentaram significativamente passando a compor a carga horária de duas horas a mais por dia para as turmas do segundo, terceiro e quarto anos. No entanto, uma outra dificuldade era apontada por Helvécio de Andrade: a falta de livros didáticos que servissem de guia no ensino da disciplina. O livro até então utilizado pelas normalistas era *Apostillas de Pedagogia*, elaborado pelo Professor Balthazar Góes. Mas "o livrinho do eminente professor não podia satisfazer as exigências do programma requerido"²⁶⁵, dizia Helvécio de Andrade. O conteúdo abordado pelo professor Baltazar Góes não diferia muito do livro de Pedagogia elaborado, em 1913, por Helvécio de Andrade. Talvez essa fosse uma tentativa de desmerecer o texto de Pedagogia existente desde 1905 e, ao mesmo tempo, projetar-se como o articulador dos conhecimentos pedagógicos.

Nesse programa, a Pedologia e a Psicologia eram as principais ciências que davam suporte ao ensino da Pedagogia. Conforme entendia Helvécio de Andrade, a Psicologia fornecia o conhecimento da mente, através da qual se sustentava o princípio da educação pelos sentidos²⁶⁶. Já a Pedologia possibilitava ao professor acompanhar as fases do

²⁶⁵ ANDRADE, Helvécio de. "Sobre a nova cadeira de Pedagogia da Escola Norma IV". **Correio de Aracaju**. Aracaju, 10 de dezembro de 1911, ano VI, n. 636. p.2.col. 2.

²⁶⁶ ANDRADE, Helvécio de. "O problema máximo". **Correio de Aracaju**. Aracaju, 16 de fevereiro de 1913, ano VI, n. 816. p. 2. col. 02.

desenvolvimento orgânico da criança, observava as individualidades e as aptidões mentais, ensinava como se organiza uma escola, como o professor deveria dirigir a classe, quais os métodos e processos de ensino cuja escolha deveria estar sujeita ao tipo físico e idade do aluno, ditava como o professor deveria obter a disciplina, a ordem e a moralidade, além de informar as regras e preceitos da educação física, moral e cívica²⁶⁷. Helvécio de Andrade acreditava que a Pedagogia operava uma revolução salutar no ensino público; isto porque “antigamente o professor era tudo, a creança nada (...) De uns trinta anos pra cá o estudo da creança começou de merecer particular atenção dos educadores. A creança é, e deve ser, o alvo de todas as nossas atenções”²⁶⁸.

Adicionadas ao curso de Pedagogia, as noções de higiene foram consideradas imprescindíveis, principalmente a partir de 1904, data que marcou o congresso médico-pedagógico que ocorreu em Nuremberg. Nesse congresso, a principal pauta estava relacionada à necessidade de associar o trabalho médico à família e ao preceptor. O programa de Pedagogia delimitou as regras da higiene escolar em duas fases: a profilática e a educativa. Dizia Helvécio de Andrade ao finalizar o programa: “para o bom êxito do ensino conto com o interesse dos alumnos e a colaboração dos poderes públicos, [...] que, espero, dotará o ensino de alguns instrumentos necessários ao estudo dos sentidos e à anthropomotria escolar, aparelhos simples e de pouco custo”²⁶⁹.

Em outubro de 1911, Helvécio de Andrade foi convidado para discursar sobre a natureza humana numa conferência realizada no salão da Escola Normal. Ao desenvolver o tema proposto pelos organizadores do evento, sua preleção teve como título “O Homem e a Natureza”, através da qual explanou suas idéias com base na Psicologia e nos conhecimentos médicos, legado de sua formação. Depois das palestras de Rodrigues Dórea

²⁶⁷ Sobre esse aspecto Grunennvaldt considerou que “uma nova escola era concebida, valorizando-se temas como jogos, a educação dos sentidos, a vontade e o interesse da criança, entre outros mais, constituindo-se eles como novos elementos educativos.” Cf.: GRUNENVALDT, Ana Carrilho. **Europa, Brasil e Sergipe: desvendando as trilhas da Educação Física**. Campinas, SP: [s.n.], 2005. (Doutorado em Educação).

²⁶⁸ ANDRADE, Helvécio de. “Sobre a nova cadeira de Pedagogia da Escola Norma VI”. **Correio de Aracaju**. Aracaju, 15 de dezembro de 1911, ano VI, n. 638. p. 2. col. 2.

²⁶⁹ ANDRADE, Helvécio de. “Sobre a nova cadeira de Pedagogia da Escola Norma VII”. **Correio de Aracaju**. Aracaju. 17 de dezembro de 1911, ano VI, n. 639. p. 2. col. 2.

sobre “Aspectos da Natureza” e a de Leonardo Leite, “Moral através da Humanidade”, Helvécio de Andrade foi apresentado e iniciou seu discurso”²⁷⁰.

Nessa conferência, ele apresentou a hipótese de que o homem é um ser espiritualista por natureza. Negar a alma seria destruir todo o conhecimento da Psicologia, defendia o médico sergipano. Para sustentar suas observações, citou Platão, afirmando que este acreditava na existência de uma alma que dominava e dirigia o corpo. Diante dessa prerrogativa enfatizava a importância da Psicologia experimental nos estudos biológicos e educacionais. Condenou Kant ao enfatizar que este filósofo não considerava que a Psicologia fosse uma ciência e, como consequência dessa assertiva, houve um retrocesso no desenvolvimento dessa disciplina. Finalizou sua preleção asseverando que

A doutrina da união substancial da alma e do corpo está em harmonia perfeita com o objeto da Psychologia, e só ela tem a elasticidade e a propriedade precisas para compreender o vasto domínio dos phenomenos externos e internos, o que dá à Psychologia um lugar muito saliente no quadro das sciencias necessárias à educação²⁷¹.

Após um ano de magistério, Helvécio de Andrade, com o apoio da imprensa sergipana, publicou algumas das aulas ministradas na Escola Normal. Numa série denominada ‘Assumptos Pedagógicos’ divulgou temas como o ensino da leitura analítica²⁷², o ensino intuitivo na História Natural²⁷³, como se organiza uma classe²⁷⁴, a importância dos jogos escolares e da ginástica para a higiene da mente e o desenvolvimento do corpo²⁷⁵. Além desses, publicou as lições de Pedologia²⁷⁶ e discutiu, numa seqüência de

²⁷⁰ ANDRADE, Helvécio de. “O Homem e sua Natureza”. **Correio de Aracaju**. Aracaju, 4 de outubro de 1911, ano V, n. 608. p.1. col. 2.

²⁷¹ ANDRADE, Helvécio de. “O Homem e a sua Natureza: conferência realizada na Escola Normal de Aracajú pelo Dr. Helvécio de Andrade”. In: **Correio de Aracaju**. Aracaju, 4 de outubro de 1911, ano V, n. 608. p.1. col. 2.

²⁷² ANDRADE, Helvécio de. “Assuntos Pedagógicos: como se ministra a leitura analytica.” **Correio de Aracaju**. Aracaju, 3 de Março de 1912, ano VI, n. 668. p. 2. col.2.

²⁷³ ANDRADE, Helvécio de. “Assuntos Pedagógicos: ensino intuitivo na História Natural.” **Correio de Aracaju**. Aracaju, 1 de Março de 1912, ano VI, n. 667. p. 2. col. 3.

²⁷⁴ ANDRADE, Helvécio de. “Assuntos Pedagógicos: como se organiza uma classe.” **Correio de Aracaju**. Aracaju, 6 de Março de 1912, ano VI, n. 669. p. 2. col. 1.

²⁷⁵ ANDRADE, Helvécio de. “Assuntos Pedagógicos.” **Correio de Aracaju**. Aracaju, 28 de Fevereiro de 1912, ano VI, n. 660. p. 1. col. 2.

três artigos, quais seriam as influências que a escola exerceria no desenvolvimento da criança²⁷⁷.

Na maioria dos aspectos abordados percebe-se a presença dos ideais pedagógicos empregados na reforma de 1911; a persistência nesses temas demonstrava a relevância que eles tinham para Helvécio de Andrade. Dessa forma, inserir os princípios amparados pela Pedagogia Moderna através das aulas e de artigos noticiados nos jornais locais seria um diferencial que marcou a atuação desse professor na difusão das idéias do movimento renovador da instrução.

Em 1912, Helvécio de Andrade participou do segundo congresso brasileiro de instrução primária e secundária que aconteceu em Belo Horizonte. Dentre os temas apresentados estavam a formação dos professores, a educação profissional feminina e as condições do ensino secundário. As teses proferidas nesse encontro foram elencadas por Helvécio de Andrade e publicadas no *Correio de Aracaju*. Nesse artigo elas foram organizadas dentro da seguinte temática centrada em questões a respeito da instrução primária, seguidas das que explanavam sobre a instrução secundária.

Feitas as devidas considerações sobre elas, o professor de Pedagogia da Escola Normal analisou as questões referentes à instrução profissionalizante e às diretrizes do ensino moral. Esta última inscreve-se nessas alocações como a matriz primordial para a instrução pública. Como professor, Helvécio de Andrade acreditava na capacidade civilizadora do ensino da Moral e da Religião. Nesse mesmo ano, ele foi designado para assumir a cadeira de Ciências Físicas e Naturais da Escola Normal. No entanto, esse não foi o único encontro de que Helvécio de Andrade participou.

Em 1913, esteve presente no congresso realizado na Bahia, o qual teve como tema principal a defesa da unificação federal dos cursos normais sob o padrão da Escola Normal

²⁷⁶ ANDRADE, Helvécio de. "Assuntos Pedagógicos: uma lição de Pedologia." **Correio de Aracaju**. Aracaju, 19 de Abril de 1912, ano VI, n. 686. p. 2. col. 2.

²⁷⁷ ANDRADE, Helvécio de. "Assuntos Pedagógicos: como se ministra a leitura analytica." **Correio de Aracaju**. Aracaju, 10 de Abril de 1912, ano VI, n. 682. p. 2. col. 3.

de São Paulo. Escolhida para representar os municípios do Norte e Nordeste, a Bahia recebeu, nesse período, importantes intelectuais da educação que proferiram palestras, em sua maioria, sobre os problemas e as possíveis soluções para o sistema educacional do País. A preleção dirigida por Helvécio de Andrade apontava as transformações empreendidas na Escola Normal a partir da reforma de 1911, a implantação dos Grupos Escolares e a eficiência das inspeções que, em suas palavras, “faz com que tudo se saiba e se comente em 3 dias, nos mais afastados centros de população interiores”²⁷⁸.

A tese apresentada por esse professor teve como título “A quem deve caber a responsabilidade do ensino primário: à Nação, aos Estados ou aos Municípios?”, através da qual ele defendeu que o ensino primário deveria ser regido pela Nação; isto porque acreditava que o município não tinha condições estruturais e financeiras para prover a instrução primária por sua amplitude e graus de necessidades. Afirmava “confiar ao município, que irrisão! Tal tarefa, o ensino primário, seria retrogradar aos tempos coloniais [...] uma tal tarefa nem é digna de discussão”²⁷⁹.

Antes mesmo de enunciar a citada tese, Helvécio de Andrade foi convidado, em fevereiro desse ano, a escrever um artigo para o *Jornal do Commercio*²⁸⁰ delineando os aspectos necessários para a reforma da instrução primária sergipana. Intitulado como “O Problema Máximo”, também publicado também pelo *Correio de Aracaju*, descreveu as dificuldades de implantar um sistema educacional à semelhança do que estava aplicado em São Paulo, por consequência de uma série de problemas estruturais do campo educacional sergipano. Discorreu, assim, sobre a possibilidade de adaptar as diretrizes modelares às necessidades mais aparentes.

²⁷⁸ ANDRADE, Helvécio de. “3º Congresso de Instrução primária e secundária”. *Correio de Aracaju*. Aracaju, 31 de julho de 1913, ano VI, n. 945. p. 1. col. 3.

²⁷⁹ Idem. p. 1. col. 3.

²⁸⁰ Sobre o mencionado jornal Helvécio de Andrade escreveu: “o velho órgão fluminense, que tamanho prestígio exerce na opinião do país, alistou-se, em boa hora, nas fileiras dos temidos paladinos do maior problema actual brasileiro, do qual dependem a força moral, a segurança e o valor da República”. Referia-se à instrução pública. Cf.: ANDRADE, Helvécio de. “O Problema Máximo”. *Correio de Aracaju*. Aracaju, 16 de fevereiro de 1913, ano VI, n. 816. p. 2.col. 3.

Ao voltar de Salvador, em 1913, Helvécio de Andrade foi recebido com as honras ritualmente cedidas aos homens públicos considerados importantes pela elite política. Representar Sergipe num dos mais comentados congressos de instrução foi a oportunidade de demonstrar a sociedade aracajuana seu empenho pela educação, mas, além disso, foi a garantia de consolidar-se no campo. O reconhecimento de sua empreitada intelectual foi marcado pelo momento em que o presidente Siqueira de Menezes²⁸¹, presente na festa de recepção, nomeou Helvécio de Andrade como Diretor da Instrução Pública, cargo que exerceu cumulativamente ao de diretor da Escola Normal e do Grupo Escolar anexo destinado à prática das normalistas e o desempenhou até de 1918, final da administração do General Valladão.

Nesse ensejo, iniciou em sete de setembro de 1913, na Escola Normal, uma série de palestras chamadas de “Conferências cívicas e pedagógicas” e a primeira esteve sob a responsabilidade do Cônego Lima. Através delas, tanto os professores quanto as alunas teriam a oportunidade de declamar poesias, ministrar aulas sobre as datas cívicas e explanar sobre os fins da educação. Parte integrante das novas práticas pedagógicas propostas por Helvécio de Andrade durante o período em que foi diretor da Escola Normal. Em 1914, implementou seus projetos quando inaugurou uma biblioteca nessa instituição com o objetivo de contribuir para a aprendizagem das futuras professoras primárias do Estado. Transformou a biblioteca em um espaço próprio para as preleções²⁸².

3.2. Helvécio de Andrade e a direção da instrução pública de 1914 a 1918

²⁸¹ O general Siqueira de Menezes governou Sergipe de 24 de outubro de 1911 a 29 de julho de 1914. Foi um dos militares que participaram da Guerra de Canudos e foi membro do diretório central do Partido Republicano Conservador. A fundação desse partido pelos líderes salvacionistas operava, conforme Dantas, em prol da reorganização das forças políticas servindo de base à formação de uma nova oligarquia consolidada por Oliveira Valladão. Cf.: DANTAS, Ibarê. **Os partidos políticos em Sergipe** (1889-1964). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989. p. 63.

²⁸² SERGIPE. Relatório apresentado ao Exmo. Snr. General Presidente do Estado em 15 de Agosto de 1914 pelo Diretor Geral da Instrução Pública Helvécio de Andrade. Aracaju: Tipografia do O Estado de Sergipe, 1914.

Assumi a diretoria da Instrução Pública e a da Escola Normal, mas o fez com a colaboração do *capital social* que adquiriu a partir das relações que manteve com grupos políticos específicos, neste caso o que Rodrigues Dórea representava. Através dele conseguiu certa projeção no campo educacional. Salientar apenas que sua formação, ou melhor, apenas seu *capital cultural* lhe garantiu tal prestígio seria negar que os indivíduos, em sociedade, mantêm entre si redes de interdependências que os elevam, conservam ou mesmo destituem do poder²⁸³.

Como uma característica intrínseca aos cargos de confiança, o cargo da diretoria da Instrução Pública deveria ser ocupado por indivíduos considerados capazes, ou melhor, indicados para administrá-las. Por essa análise percebe-se que a sua formação e experiência educacional adquirida são apenas indicadores e não provas monolíticas da sua proeminência no campo educacional sergipano.

Notadamente a instrução pública sergipana estava-se readaptando ao novo programa diferido pela lei que anulou a reforma instituída por Rivadavia Correa em 1911. Formou-se, assim, uma comissão para elaborar um projeto que determinasse novas diretrizes para o ensino. Essa comissão foi presidida por Baltazar Góes, professor que substituiu Carlos Silveira na organização do sistema educacional sergipano. Através dela foi organizado um regulamento que adotava, legalmente, o método intuitivo como critério primordial para a modernização do ensino.

Apesar de ele já ter sido indicado por Carlos Silveira na reforma de 1911, não foi devidamente aplicado por falta de materiais adequados. Para efetivar o uso desse método, o novo regulamento sugeriu que cabia ao inspetor de ensino a tarefa de iniciar e desenvolver os professores primários na prática do método intuitivo. Mesmo não sendo a forma mais adequada de disseminar o método, foi a solução encontrada por Helvécio de Andrade para iniciar o trabalho de difusão.

²⁸³ Conforme informou Sirineli, ao estudar um grupo influente em um determinado espaço histórico social, surge necessariamente o problema de seu papel e de seu poder. SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: REMOND, René. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Editor UFRJ. Fundação Getúlio Vargas. 1979.

Diante das prioridades para a instrução pública, o professor Helvécio de Andrade sugeriu a jubilação dos professores mais antigos, o afastamento dos que apresentavam resistência em aplicar os novos processos de ensino; procurou inserir os hábitos higiênicos nas escolas e adquirir material de ensino em consonância com os ditos da Pedagogia Moderna. Dentre os materiais requisitados pela diretoria da instrução estavam as mobílias, mapas, globos, quadros negros, cartas de Parker, sistemas de pesos e medidas, sólidos geométricos, dons de Froebel, séries de seres orgânicos e inorgânicos.

As mudanças previstas durante o período em que Helvécio de Andrade esteve na direção da Instrução Pública não produziram todos os efeitos que ele almejava. Apesar do discurso que enfatizava a urgência em reorganizar o ensino primário, verifica-se, através dos relatórios que enviou ao governo, a insatisfação com os resultados das mudanças estabelecidas pela reforma de 1911. A quantidade de escolas isoladas ativas, a baixa frequência dos alunos, a resistência às escolas mistas e o descaso com a aplicação do método intuitivo denotavam que as mudanças empreendidas ou estimuladas por esse professor não logravam êxito.

Apesar de os grupos escolares serem em número reduzido, apresentavam bom funcionamento. Até 1914, existiam apenas dois: o Grupo Central e a Escola Modelo. Para estas escolas, Helvécio de Andrade sugeriu a uniformidade dos programas e determinou que o horário das doze às catorze horas seria de repouso e almoço. Afirmou no relatório que enviou a Siqueira de Menezes, em 1914, que

...mais proveito do ensino pela dilatação do tempo e menor fadiga do professor e do alumno, que ficam dispendo de duas horas, entre 12 e 14 horas, para repouso e refeição, em vez de se nutrirem, como agora, de fructas indigestas e mal sazoadas, ou ficarem em meio jejum forçado até quase as 15 horas, tendo almoçado na maioria das vezes simples café com pão²⁸⁴.

²⁸⁴ SERGIPE. **Relatório apresentado ao presidente do Estado pelo Dr. Helvécio de Andrade Diretor Geral interino da Instrução Pública em 15 de Agosto de 1914.** Aracaju: Typografia do O Estado de Sergipe, 1914. p. 13-14.

O professor Helvécio de Andrade acreditava que para impulsionar a instrução pública não era necessário aumentar o número de escolas, bastava apenas aperfeiçoar os métodos, os processos de ensino e, principalmente, incentivar e preparar os professores. Na primeira gestão, de 1914 a 1918, ele priorizou algumas metas que delinearam o rumo das reformas empreendidas nesse período. Manter o funcionamento dos Grupos Escolares e das aulas singulares ministradas pelas normalistas foi uma dessas prioridades. Durante o ano letivo, a pedido do professor de Pedagogia, as alunas ensaiavam suas aulas fundamentadas nos procedimentos do método intuitivo nos Grupos Escolares.

Como previa a legislação, eram concedidos apenas dois meses para a prática. Descontentes com o curto período de exercício, as alunas freqüentemente requisitavam ao diretor da Escola Normal, Helvécio de Andrade, um tempo mínimo de seis meses para que pudessem superar as dificuldades da aplicação da nova metodologia proposta pela Pedagogia Moderna. Mesmo com argumentos a favor das normalistas, Helvécio de Andrade não obteve sucesso ao apresentar essas questões no relatório que elaborou, em 1914, para o governador do Estado.

Ao analisar esse relatório é possível verificar a intencionalidade em caracterizar o período como a fase das mudanças internas da escola. Helvécio de Andrade deixou visível seu intento em demonstrar as alterações que pleiteava: implantação de novos métodos de ensino, mudanças na carga horária de aulas; a necessidade da dedicação exclusiva das professoras ao magistério; a inclusão de novas disciplinas como Pedagogia e Psicologia. Não somente isso, em grande parte do relatório descrevia o funcionamento do sistema educacional identificando os problemas existentes e, ao mesmo tempo, ostentando a criação das escolas primárias graduadas.

Se observarmos os elogios direcionados aos Grupos Escolares no relatório elaborado por Helvécio de Andrade em 1914, um grande mérito lhe seria atribuído. De fato, fontes como essas dificilmente dariam outras impressões. Portanto, seria necessário ressaltar que, apesar das mudanças, o trabalho educacional desenvolvido nesse período contou com a atuação de Rodrigues Dórea, Carlos Silveira, o inspetor Edgard Coelho, o

professor Baltazar Góes e o inspetor João Esteves, que colaboraram sobremaneira para a implantação dos ditames da Pedagogia Moderna em Sergipe. Difícil seria imaginar que uma empreitada desse porte poderia ser efetivada por uma única pessoa. Mesmo em se tratando de um setor departamental, não se pode negar o pioneirismo desses intelectuais da educação na difusão das idéias ditas modernizantes.

Na defesa da Pedagogia Moderna como necessidade educacional, Helvécio de Andrade, em seu discurso, não apresentou vacilações quanto aos cuidados com a formação da normalista. Mesmo depois das reformas empreendidas, dos materiais escolares adquiridos e da obtenção de um prédio próprio para o funcionamento da Escola Normal, ele incentivou a realização de conferências pedagógicas, as quais funcionavam como estratégias para instruir e divulgar os conhecimentos específicos do campo educacional.

Durante o primeiro ano de administração, o diretor da instrução pública realizou diversas conferências no salão da Escola Normal, no Centro Literário Educativo, na Hora Literária, bem como em outros salões disponíveis na época. Os professores, alunas e políticos eram convidados para realizar preleções sobre a educação. O desembargador Evangelino Faro promoveu duas delas na Escola Normal; a aluna Gudula de Campos dissertou sobre “A Escola” no Centro Literário e João Esteves, inspetor Geral do ensino na época, discursou sobre o “ABC” no salão do Royal Cinema.

As conferências realizadas pelos professores, literárias ou pedagógicas, justificavam sua necessidade através do caráter educativo que portavam. Eles apresentavam como meta principal a perspectiva de atualização, de aperfeiçoamento e disseminação do conhecimento. Como bem pontuou Bastos, as conferências visavam “instaurar uma ‘nova ordem’ educacional, refletiam a situação do ensino e o conflito de posições frente às chamadas ‘modernidades’ pedagógicas”²⁸⁵. Helvécio de Andrade acreditava que era preciso desenvolver essa tendência nos meios intelectuais com o fim de difundir a importância da Pedagogia e reconhecê-la como disciplina que se pretendia científica. Conforme ele expressou no relatório de 1914, “as conferências desenvolvem o espírito crítico, apuram a

²⁸⁵ BASTOS, Maria Helena Câmara. “A Educação como espetáculo”. In: **História e Memórias da Educação no Brasil**. Vol. II: século XIX/ Maria Stephanou, Maria Helena Câmara Bastos (org.). – Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 118.

linguagem, provocam o estudo, estimulam os novos e concorrem muito para a vulgarização dos princípios pedagógicos tão úteis à vida e a direcção das creanças”²⁸⁶.

Ao fazer apologia às conferências, enumerou as diversas vantagens da realização sistemática dessa prática. A postura de Helvécio de Andrade, favorável ao aprimoramento da instrução ministrada às normalistas, reportava a alguns reformadores, como Lourenço Filho, Anízio Teixeira, Fernando de Azevedo e Caetano de Campos que priorizaram modificações do ensino normal como meta para o aperfeiçoamento do quadro docente; interesses presentes nas propostas de Helvécio de Andrade no relatório da diretoria da Instrução Pública em 1914²⁸⁷.

As sugestões de reforma produzidas por esse diretor estavam vinculadas ao princípio de que a educação somente se desenvolveria por meio do aperfeiçoamento dos professores primários. O funcionamento da Escola Normal foi uma constante preocupação nos relatórios de Helvécio de Andrade, que dizia: “o problema da instrução repousa principalmente no preparo do mestre nos methodos modernos”²⁸⁸. Motivou suas alegações no sentido de justificar a necessidade de maiores gastos com essa instituição devido à deficiência dos materiais para o ensino prático. Segundo suas argumentações, “regatear recursos à elevação do ensino normal é desconhecer a importância do mestre e a necessidade de melhor ensino; a função do mestre reclama tendências especiaes, vocação, zelo pedagógico”²⁸⁹.

Ao dar seguimento a essas idéias, o diretor da instrução pública não se limitou a demonstrar as necessidades do curso normal. Elaborou um novo programa que passou a

²⁸⁶ SERGIPE. **Relatório apresentado ao presidente de Estado pelo Dr. Helvécio de Andrade Diretor Geral da Instrução Pública em 15 de agosto de 1914**. Aracaju: Typografia do O Estado de Sergipe, 1914. p. 24-25.

²⁸⁷ SERGIPE. **Relatório apresentado ao Exmo. Snr. General Presidente do Estado em 15 de Agosto de 1914 pelo Diretor Geral da Instrução Pública Helvécio de Andrade**. Aracaju: Tipografia do O Estado de Sergipe, 1914. p. 30.

²⁸⁸ SERGIPE. **Relatório apresentado ao Exmo. Snr. General Presidente do Estado em 15 de Agosto de 1914 pelo Diretor Geral da Instrução Pública Helvécio de Andrade**. Aracaju: Tipografia do O Estado de Sergipe, 1914. p. 31.

²⁸⁹ SERGIPE. **Relatório apresentado ao Exmo. Snr. General Presidente do Estado em 15 de Agosto de 1914 pelo Diretor Geral da Instrução Pública Helvécio de Andrade**. Aracaju: Tipografia do O Estado de Sergipe, 1914. p.30.

vigorar em 1915. A primeira proposta foi o prolongamento do curso para quatro anos. Conforme pensava, era imprescindível a ampliação de cargas horárias das disciplinas de Geografia, Aritmética, Música, Trabalhos Manuais e das aulas práticas ministradas nos Grupos Escolares. Ressaltou ainda a importância da instalação dos gabinetes de Ciências Físicas e Naturais, de Pedagogia, de Desenho, Cartografia e a criação do cargo de preparador. Alertava para ineficiência do ensino sem esses instrumentos e afirmava que “o mestre primário que não sabe desenhar no quadro negro uma carta cartographica, bem como o que não sabe música, não está à altura do seu cargo”²⁹⁰.

No interior de suas idéias verifica-se que o primado da visibilidade e da racionalidade tão apregoado desde a reforma de Caetano de Campos também pertencia à fala de Helvécio de Andrade. Ele ressaltava, constantemente, a influência dos dispositivos sensoriais como assessores da aprendizagem privilegiando a observação e a experiência como atividades cognitivas correspondentes ao propósito do movimento de renovação pedagógica. Com base nesse entendimento, constatou ser indispensável a compra de novos materiais para as atividades práticas das normalistas. Dessa forma, os laboratórios, a biblioteca, os gabinetes e as aulas práticas foram postos como os vetores da modernização do ensino normal. Essa tendência pode ser entendida como uma apropriação do modelo das reformas paulistas que vislumbravam a implantação de laboratórios para as experimentações e da criação de uma Escola Modelo para a prática das normalistas.

Sustentava que as normalistas tinham um currículo que não correspondia aos fins aos quais a escola foi destinada. A disciplina de Pedagogia, por exemplo, era ministrada apenas nos dois últimos anos do curso, e a biblioteca da escola dispunha de poucos exemplares. Além disso, a maioria das obras clássicas da Pedagogia eram publicações escritas em línguas estrangeiras, o que dificultava ainda mais o acesso às informações. Mediante essas dificuldades, Helvécio de Andrade elaborou um pequeno livro abordando os conteúdos da Pedagogia de forma mais didática. No entanto, nem todos aprovaram tal iniciativa gerando no campo educacional uma polêmica entre o professor de Pedagogia da

²⁹⁰ Idem. p. 32.

Escola Normal, Helvécio de Andrade e o professor que ministrava a mesma disciplina no curso normal do Atheneu Sergipense, Adolpho Ávila Lima.

3.3. Polêmicas educacionais sobre a publicação do “Curso de Pedagogia”

Foi no salão da Escola Normal, com a presença do presidente Rodrigues da Costa Dórea e do professor paulista Carlos da Silveira, que Helvécio de Andrade discursou sobre a importância da instituição para o Estado e sobre a necessidade de legar às normalistas uma teoria baseada na ciência, de modo a enriquecer a formação daquelas que seriam as futuras professoras primárias. Conforme Helvécio de Andrade, não existia um guia mais didático no qual as alunas pudessem empreender seus estudos.

Com o objetivo de suprir essa lacuna, o diretor da Escola Normal tornou pública sua obra intitulada “Curso de Pedagogia: Lições práticas elementares de Psicologia, Pedologia, Metodologia e Higiene escolar, professadas na Escola Normal de Aracaju”. Foi a partir dos conhecimentos científicos da Psicologia, Sociologia e Biologia que Helvécio de Andrade elaborou esse pequeno ensaio didático dirigido às normalistas sergipanas.

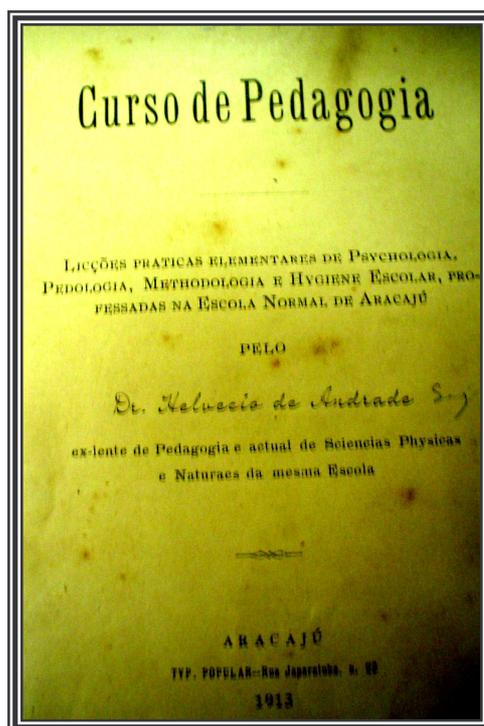


Figura 11: Capa do livro *Curso de Pedagogia* de Helvécio de Andrade. Aracaju. 1913. Fonte: BPED.

O *Curso de Pedagogia* foi publicado em 1913 pela Livraria Popular. Com um total de 122 páginas, ele estava dividido em quatro partes que correspondem aos conhecimentos abordados nas disciplinas mais específicas do curso normal, Psicologia pedagógica, Pedologia, Metodologia e Noções de Higiene Escolar. Cada capítulos foram divididos em dezenove lições.

Conforme Ávila Lima, essa obra não se justificava por preencher uma lacuna na literatura pedagógica sergipana, como pretendia o diretor da Escola Normal. Ávila Lima argumentava que a escrita partia de um ponto de vista muito rebuscado e abstrato. Dizia Ávila Lima: “por melhores que sejam as intenções do seu auctor, não prehenche absolutamente o fim que foi collimado, uma vez que foi escrito sob o ponto de vista abstrato e estéril, confuso e anarchico...”²⁹¹. Ávila Lima, nesse aspecto, estava-se referindo à insistência de Helvécio de Andrade em defender a Psicologia como uma ciência experimental, aplicando-a a observação e à experimentação. A discussão desse tema havia

²⁹¹ LIMA, Adolpho Ávila. “Crítica e Ensaio de Psychologia pedagógica I”. *Diário da Manhã*. Aracaju, 7 de Agosto de 1914, ano IV, n. 992. p. 2. col. 3.

deixado o *Curso de Pedagogia* mais teórico que prático, o que divergia do objetivo inicialmente proposto.

QUADRO III

DIVISÕES E SUBDIVISÕES DO 'CURSO DE PEDAGOGIA' DE 1913

Lições	Psychologia pedagógica	Pedologia	Methodologia	Noções de higiene escolar
1º	Que é Psicologia	Definição. Objetos da Pedologia	Método em geral e particular	Definição. Objetos, saúde e seus caracteres da 1ª e 2ª infância
2º	Objeto da Psicologia	Crescimento físico hereditário	Princípios didáticos	Situação e construção da escola
3º	Classificação dos fatos psicológicos	Métodos	Modos, formas e processos de ensino	Ventilação, iluminação e asseio nas aulas
4º	Sensibilidade de sentidos corporais	Fatos do desenvolvimento mental	Processos particulares a cada uma das matérias do programa	Mobílias, atitudes e posições
5º	Os sentidos	Avaliação dos sentidos	Método especial	Moléstias que se contraem nas escolas
6º	Sentimento psíquico	Memória	Método intuitivo, leitura e escrita	Moléstias que se propagam nas escolas
7º	Inteligencia	Afetividade	Ensino da Gramática, Aritmética e Geografia	
8º	Atenção	A fadiga		
9º	Percepção			
10º	Intuição			
11º	Memória			
12º	Concepção Abstração			
13º	Imaginação Classificação			
14º	Juízo. Raciocínio			
15º	Os poderes da mente			

16º	Atividade Vontade			
17º	Princípios da educação Física			
18º	Princípios da Educação intelectual			
19º	Princípios da educação moral			

Fonte: ANDRADE, Helvécio. **Curso de Pedagogia**: Lições práticas elementares de Psicologia, Pedologia, Metodologia e Higiene escolar, professadas na Escola Normal de Aracaju. Aracaju: Tipografia Popular, 1913.

Conforme supunha esse professor do Atheneu Sergipense, a Psicologia como uma ciência experimental ainda não havia sido concretizada: “Inverterado no meu habitual sceptismo, eu não creio na realização dessa tão formosa (...) esperança, que, a ser um dia objectivada (...) não lhe nego os grandes progressos (...) [mas] a psicologia é ainda uma espécie nebulosa em formação”²⁹². Como não acreditava numa Psicologia Pedagógica, teceu sérias críticas à condição teórica da obra de Helvécio de Andrade. Dessa forma, Ávila Lima se propôs não só a criticar toda a obra do diretor da instrução pública, como também a reconstruí-la segundo suas análises.

Ao responder a essa provocação, Helvécio de Andrade publicou no Jornal *Estado de Sergipe* outra série de dezoito artigos intitulados “Críticas e ensaios de Psychologia Pedagógica: refutação” com a finalidade de explicar à sociedade sergipana a legitimidade de suas idéias combatendo as acusações empreendidas por Ávila Lima. Conforme o entendimento de Helvécio de Andrade, essas críticas não aparentavam ser muito pertinentes porque a cientificidade da Psicologia foi simplesmente negada sem apresentar uma elucidação concisa. Conforme explicitava, esse conhecimento científico seria a base teórica para a Pedagogia.

Diante das denúncias recebidas, os intelectuais não costumavam ser indiferentes; muitas vezes também respondiam com outras provocações. Assim fez Helvécio de Andrade: “um professor de Pedagogia que na sua primeira lição, nega a base psychológica

²⁹² LIMA, Adolpho Ávila. “Crítica e Ensaio de Psychologia pedagógica I”. *Diário da Manhã*. Aracaju, 7 de Agosto de 1914, ano IV, n. 992. p. 2. col. 3.

desta disciplina fundamental do curso normal, revela-se incapaz de sua tarefa. Que Pedagogia iria ensinar, Ávila Lima?”²⁹³.

Helvécio de Andrade asseverou que Ávila Lima seria um mero declamador de frases sem fundamentação pedagógica. Como afirmou: “Sem ponto de partida, pois que não crê nos fundamentos científicos da Psychologia, faltar-lhes-ão por força os elementos lógicos do ensino”²⁹⁴. Ao mesmo tempo, Ávila Lima não conseguia manter um discurso seguro, ora entendia o progresso da Psicologia, ora desacreditava nela como ciência. Para o diretor da Escola Normal, não restavam dúvidas quanto ao estatuto de ciência da Psicologia, pois tinha um princípio diretor, um objeto e método próprio.

As rivalidades ou mesmo a atração entre os membros de um determinado grupo são regidas pelas estruturas de sociabilidade definidas dentro do *campo*. Dessa forma, os debates hostis efetuados por Helvécio de Andrade e Ávila Lima demonstravam o grau de tensão das redes de intelectuais que compartilhavam interesses ou estabeleciam concorrências entre si. Essas polêmicas definiam, mesmo que parcialmente, a atmosfera intelectual de uma época. Conduzidos pela oportunidade de ascender sob a falha do outro, esses professores deliberavam o grau de prestígio e legitimidade de que gozavam perante a sociedade.

As colocações de Helvécio de Andrade não se manifestavam pelo fato de o seu trabalho ter sido criticado pelo professor de Pedagogia do Atheneu, mas reclamava da imprensa sergipana que apenas noticiou o aparecimento da sua obra e as veementes críticas que recebeu. Somente o Jornal *Correio de Aracaju* transcreveu de um dos periódicos de São Paulo, as opiniões do intelectual Moreira Guimarães. Ele enviou uma carta endereçada a Helvécio de Andrade felicitando e elogiando o livro “Curso de Pedagogia”. Assim estava

²⁹³ ANDRADE, Helvécio de. “Crítica e Ensaio de Psychologia pedagógica: refutações I”. **O Estado de Sergipe**. Aracaju, 14 de Agosto de 1914, ano XVI, n. 2801. p. 2. col. 2.3.

²⁹⁴ ANDRADE, Helvécio de. “Crítica e Ensaio de Psychologia pedagógica: refutações I”. **O Estado de Sergipe**. Aracaju, 14 de Agosto de 1914, ano XVI, n. 2801. p. 2. col. 2.3.

escrito: “Dou-lhe mil parabéns pelo seu estudo de Pedagogia. Penso que, dirigindo-se ao diretor da Escola Normal, iniciará bem o trabalho de propaganda do seu livro etc”²⁹⁵.

Ao dar continuidade às críticas, Ávila Lima ressaltava alguns pontos que julgou impropriamente analisados, dentre os quais a doutrina dos sentidos defendida no Curso de Pedagogia. Helvécio de Andrade dedicou algumas lições ao estudo dos sentidos e afirmou que a sensação era um sentimento corpóreo produzido pelo contato do corpo com o meio exterior. Para refutar essa afirmação, Ávila Lima se serve de intelectuais como Bertrand, Sinibal, Haekel, Aristóteles e Payot:

Os espíritos argutos e delicados lhes extremarão as vaporosas subtilezas, dando à sensação e ao sentimento o que por direito lhe pertence. Como os sentidos, as sensações se dividem em internas e externas, segundo pórem das funções e necessidades da vida, ou resultam do exercício dos sentidos e não como o fez Helvécio de Andrade, dividindo-as, a seu bel prazer em geraes e especiais ²⁹⁶.

As disputas entre esses dois intelectuais pela legítima compreensão dos conhecimentos científicos da Psicologia, levou-os a fundamentações irrigadas de ofensas pessoais. Perceber essas falas como dispositivo de consagração permite compreender o porquê da insistência em discutir, publicamente, um tema comum aos dois professores. Mesmo de formações diferentes, ambos ministravam aulas de Pedagogia, fato que torna o conflito ainda mais agressivo mediante a busca pela conquista do *campo* educacional.

Diante da interpretação de Bourdieu, o estado de *campo* estava relacionado às lutas que diferentes grupos e/ou pessoas travavam e cujos interesses se apresentavam distintos. Mas, esse sociólogo advertia a necessidade de não se reduzir o funcionamento de um campo unicamente às relações de força estabelecidas entre os agentes sociais; isto porque eles também compartilhavam certos interesses do próprio campo. Entre eles havia

²⁹⁵ ANDRADE, Helvécio de. “Crítica e Ensaio de Psychologia pedagógica: refutações II”. **O Estado de Sergipe**. Aracaju, 15 de Agosto de 1914, ano XVI, n. 2802. p. 2. col. p. 2.

²⁹⁶ LIMA, Adolpho Ávila. “Crítica e Ensaio de Psychologia pedagógica II”. **Diário da Manhã**, Aracaju, 8 de Agosto de 1914, ano IV, n. 993. p. 2. col 2-3.

“cumplicidade entre os adversários inseridos no mesmo campo, de tal forma que mesmo participando de um processo de luta e concorrência eles estão de acordo em discutir os objetos de seus desacordos”²⁹⁷. Com o intuito de romper com o raciocínio do seu opositor, Ávila Lima escreveu

No primeiro momento experimento uma sensação agradável, que me foi transmittida a mente pelo sentido intellectual, do tacto e pelo esthetico da vista. No segundo, sinto no fundo da alma, nos recessos do espírito, um sentimento de desagrado, que me foi occasionado pela idéia, que me ficou, do nenhum valor intrínseco do trabalho intellectivo do cathedrático da Escola Normal²⁹⁸.

Helvécio de Andrade, em defesa da Psicologia como uma ciência, ressaltou as contradições e as desordenações do pensamento do seu oponente. Assegurou que “S.s. é, em Pedagogia, o que o vulgo chama de uma gaveta de sapateiro, onde, havendo de tudo, nada está arranjado”. As motivações que levavam os intelectuais a manter as acusações poderiam estar no anseio em ter a posse legítima do conhecimento. O diretor da instrução pública, numa atividade intensa para imprimir descrédito à fala de Ávila Lima, cogitou sobre a ausência de bases teóricas que sustentassem ou mesmo definissem as acusações recebidas, afirmando que “Basta ler o primeiro artigo com alguma atenção para adquirir essa presunção, não certeza, porque s.s. nada define, nada se define”²⁹⁹. Por mais agressivas que fossem, as réplicas e tréplicas centravam-se nas condições de definição e crédito na Psicologia Experimental defendida por Helvécio de Andrade.

Movido pela oportunidade de auferir legitimidade às suas idéias e agredido pelas críticas à sua condição de professor de Pedagogia, Ávila Lima empreendeu censuras mais severas a outros pontos abordados no livro do diretor da Escola Normal. Um desses

²⁹⁷ MARTINS, Carlos Benedito. “Notas sobre a noção da prática em Pierre Bourdieu”. In: **Novos Estudos**. N. 62, CEBRAP: março de 2002. p. 178.

²⁹⁸ LIMA, A Ávila. “Crítica e Ensaio de Psychologia pedagógica II”. **Diário da Manhã**, Aracaju, 8 de Agosto de 1914, ano IV, n. 993. p. 2. col. 1-2.

²⁹⁹ ANDRADE, Helvécio de. “Crítica e Ensaio de Psychologia pedagógica: refutações II”. **O Estado de Sergipe**. Aracaju, 15 de Agosto de 1914, ano XVI, n. 2802. p. 2. col 2-3.

aspectos estava relacionado ao estudo sobre a Pedologia, ciência que estudava o desenvolvimento biológico e cognitivo da criança. Ao proferir sobre esse conhecimento, Helvécio de Andrade e Ávila Lima pontuaram suas capacidades científicas sobre os estudos da Pedagogia. Com efeito, o lugar que cada agente ocupava na estrutura social estava determinado por uma espécie de condições sociais de produção no *campo científico* e uma dessas condições era a detenção do conhecimento. Esse *campo científico*, dizia Bourdieu:

é o lugar, o espaço do jogo de uma luta concorrencial(...)o que está em jogo especificamente nessa luta é o monopólio da autoridade científica definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social; ou, se quisermos, o monopólio da competência científica, compreendida enquanto capacidade de falar e de agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado³⁰⁰.

Com o objetivo de defender a Cadeira no Atheneu Sergipense, Ávila Lima contestou a Pedagogia defendida por Helvécio de Andrade e contrapôs as idéias desenvolvidas por Comprayré, Rousselot e Farias de Vasconcellos com os conhecimentos difundidos no “Curso de Pedagogia”. Para ratificar suas argumentações sobre a falta de clareza e de veracidade da teoria pedagógica explanada pelo diretor da instrução pública, demonstrou que este seria um escrito embasado apenas na empiria e na retórica. Além disso, afirmou que bom educador não seria aquele que saberia “de cor as regrazinhas da Pedagogia”³⁰¹, mas “aquelle por certo que, conhecendo a sua situação na natureza por longos conhecimentos da humanidades, conheça a sua situação ao lado dos seus alunos”³⁰².

Ao se referir às insistentes críticas de Ávila Lima, o professor de Pedagogia da Escola Normal desabafou:

Não tem por fundamento sério “as criticas e ensaios”, que não são mais, já se está vendo que é o resultado de um propósito inconfessável. Outro seria o

³⁰⁰ BOURDIEU, Pierre. “O Campo científico”. In: ORTIZ, Renato. (org). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1994b. p.122 e123.

³⁰¹ LIMA, Adolpho Ávila. “Crítica e Ensaio de Psychologia pedagógica III”. **Diário da Manhã**, Aracaju, 9 de Agosto de 1914, ano IV, n. 994. p. 2. col. 2-3.

³⁰² Idem. p. 2.

caminho do douto professor se quizesse fazer obra proveitosa e distinta. Era assumpto tão pouco attendido no Brazil, que apenas começa a interessar aos publicistas e escriptores, todo trabalho de construção é útil e louvável. Reprehensível é querer destruir, sem razão, os primeiros esforços, producto de Boa vontade, estudo, e interesse digno. Sem embargo da opinião prematura do bacharel Ávila Lima, prematura porque s.s. até agora apenas conquistou a cadeira de Pedagogia, tenho a convicção de que o “Curso de Pedagogia” trará nova rota a Pedagogia da minha terra³⁰³.

Tanto os artigos de Ávila Lima quanto os de Helvécio de Andrade permitiram entrever os entusiasmos e os recalques ao defender seus pensamentos. Apesar de eles registrarem que suas publicações eram sem paixões ou segundas intenções, e que essas críticas eram provenientes simplesmente do amor à verdade e à ciência, o afã com que defendem suas idéias atestava justamente o contrário.

Para Ávila Lima um dos primeiros erros de Helvécio de Andrade foi anunciar suas teorias sem a devida clareza e precisão dos conceitos que abordou no *Curso de Pedagogia*. Principalmente por se tratar de um guia pedagógico não poderiam faltar Didática e Lógica nos seus escritos. Argumentava que a definição dos sentidos elaborada por Helvécio de Andrade era confusa e incorreta; e assim propunha uma definição mais simples e racional:

Para evitar, pois, o illogismo e a desharmonia da definição de sentidos, da lavra do dr. Helvécio de Andrade, podemos substituí-lo pela seguinte que nos parece verdadeira: Sentidos são faculdades que põem os animais em relação com o mundo exterior. Ou por outras palavras, as faculdades que põem os animais em relação com o mundo exterior chamam-se sentidos. A educação dos sentidos é o ideal por excelência da Pedagogia, pois é do aperfeiçoamento destas faculdades do organismo que depende a maior perfeição humana, na lucta pela existência, cuja Victória será sempre dos

³⁰³ ANDRADE, Helvécio de. “Crítica e Ensaio de Psychologia pedagógica: refutações III”. **O Estado de Sergipe**. Aracaju, 16 de Agosto de 1914, ano XVI, nº 2803. p. 2. col. 1-2.

mais fortes ou mais aptos, segundo o demonstra a theoria incontestável da seleção natural³⁰⁴.

Pelo raciocínio aferido anteriormente, os sentidos não transmitiam as idéias à mente, como defendia Helvécio de Andrade. Para ele era através dos sentidos que a criança aprenderia sem necessitar de métodos antiquados de memorização. Era, na realidade, sua defesa do ensino através do método intuitivo. Nesta direção, Ávila Lima, refutou: “Mas a evidencia de tal postulado científico não esclarece de modo algum a these do dr. Helvécio, a qual, ao menos para nós, é duma esterelidade digna de lastima”³⁰⁵.

A recepção da obra de Helvécio de Andrade entre os intelectuais da educação foi uma surpresa para Ávila Lima mesmo após suas contundentes críticas. Alegou que o diretor geral da instrução pública não tinha noção da responsabilidade de tornar público um escrito tão confuso e errôneo. O crítico lançava seu apelo catequético no último artigo que publicou: “Prefiro soffrer por dizer a verdade, a fazer soffrer a verdade com meu silencio”³⁰⁶.

Anda a correr meio mundo o já citado livrinho do dr. Helvécio de Andrade. Este tema que é o berço feliz ou infeliz, do seu aborto pedagógico que, está sendo, agora mesmo, confutado, recebeu-o com um certo ar substancioso: todo mundo baixou a cabeça diante do seu potente, sem pronunciar uma palavra a respeito. E isto foi bastante para que, em torno do nome do seu autor, se formasse logo uma espécie de atmosfera luminosa. O professorado primário applaudindo-o seu barulho nem estrepito, e os letrados da terra começaram logo a dar ao novel escriptor attributos encyclopédicos de phylósopho. As nossas illustríssimas normalistas decorraram lhe tavez as 30 e poucas licções, e a hoje em regalo vê-las pondo em prática, nas escolas, que dirigem, as mesmíssimas abstrtações da idade média³⁰⁷.

³⁰⁴ LIMA, A Ávila. “Crítica e Ensaio de Psychologia pedagógica IV”. **Diário da Manhã**. Aracaju, 11 de Agosto de 1914, ano IV, n. 995. p. 2. col. 2-3.

³⁰⁵ LIMA, A Ávila. “Crítica e Ensaio de Psychologia pedagógica VI”. **Diário da Manhã**. Aracaju, 13 de Agosto de 1914, ano IV, n. 997. p. 2. col. 1-2.

³⁰⁶ LIMA, Adolpho Ávila. “Crítica e Ensaio de Psychologia pedagógica XII”. **Diário da Manhã**. Aracaju, 21 de Agosto de 1914, ano IV, n. 1003. p. 2. col. 2-3.

³⁰⁷ LIMA, Adolpho Ávila. “Crítica e Ensaio de Psychologia pedagógica XI”. **Diário da Manhã**. Aracaju, 20 de Agosto de 1914, ano IV, n. 1002. p. 2. col. 2-3.

Diante dessas afirmações pode-se inferir que a luta pelo discurso socialmente reconhecido não estava limitada aos desentendimentos e queixas mantidos entre eles nos periódicos de grande circulação daquela época em Sergipe. O discurso, nesse sentido, não estaria desautorizado pelas críticas; ia além; dizia respeito à formação da opinião que os grupos oponentes podiam formar acerca da capacidade intelectual de cada um dos mentores dessa discussão. No caso em questão, esses agentes ultrapassavam a idéia de produção de teorias competentes e, fiéis ao discurso científico já legitimado, partiam para críticas de cunho pessoal. Esse embate refletia a luta pela posição que esses agentes ocupavam nas hierarquias instituídas, o que definia a percepção social das competências e da distinção deles na sociedade³⁰⁸.

A atuação no *campo educacional* sergipano do intelectual Adolpho de Ávila Lima foi tão intensa quanto sua dedicação ao Fórum. Apesar de ser proveniente de família com poucos recursos financeiros, estudou Humanidades e depois foi transferido para a Bahia onde cursou a faculdade de Direito. No último ano do curso deixou a Bahia e foi terminar seus estudos em Recife, recebendo nesta cidade o grau de bacharel em ciências jurídicas e sociais, em 1910. Ávila Lima foi ambicioso em suas escolhas institucionais, cursou as duas melhores faculdades de Direito do País³⁰⁹. Essa escolha proporcionou-lhe certa distinção, tanto por causa de sua formação quanto pela oportunidade que teve para construir um *capital social e cultural* satisfatório. Ele lutou pelo reconhecimento de suas capacidades e conhecimentos adquiridos com o objetivo de consolidar sua posição na estrutura social sergipana.

³⁰⁸ Logo após o lançamento do livro **Curso de Pedagogia** de Helvécio de Andrade, Ávila Lima, através do jornal **Diário da Manhã**, publicou doze artigos intitulados “Críticas e Ensaios de Psychologia Pedagógica” polemizando a credibilidade deste estudo. Em resposta, Helvécio escreveu no periódico, **O Estado de Sergipe**, “Refutações” que contrargumentavam as idéias colocadas por Ávila Lima que só finalizam quando, este publicou ainda no **Diário da Manhã**, “Réplicas e Tréplicas” em 1914.

³⁰⁹ Pela falta de capital econômico dos seus pais, Ávila Lima dividiu o tempo dos estudos com pequenas atividades que exercia como empregado do comércio. Mesmo diante de todas as dificuldades conseguiu formar-se em Direito, em 1910, e antes mesmo de terminar os estudos, em 1907, exerceu o cargo de Promotor de Própria e Estância até 1913. Cf.: GUARANÁ, Armindo. **Dicionário Biobibliográfico de Sergipe**. Rio de Janeiro: Edição do Estado de Sergipe, 1925.

Os sujeitos sociais buscando definir posições no *campo educacional* estabelecem suas disputas mobilizando estratégias que eram específicas do próprio campo. Desse modo, eles teciam uma rede de sociabilidades nas quais intelectuais com concepções afins, formavam grupos que procuravam tornar hegemônica a linha de pensamento que defendiam com o fim de serem reconhecidos como um grupo dominante, efetuando, assim, sua distinção perante os outros intelectuais.

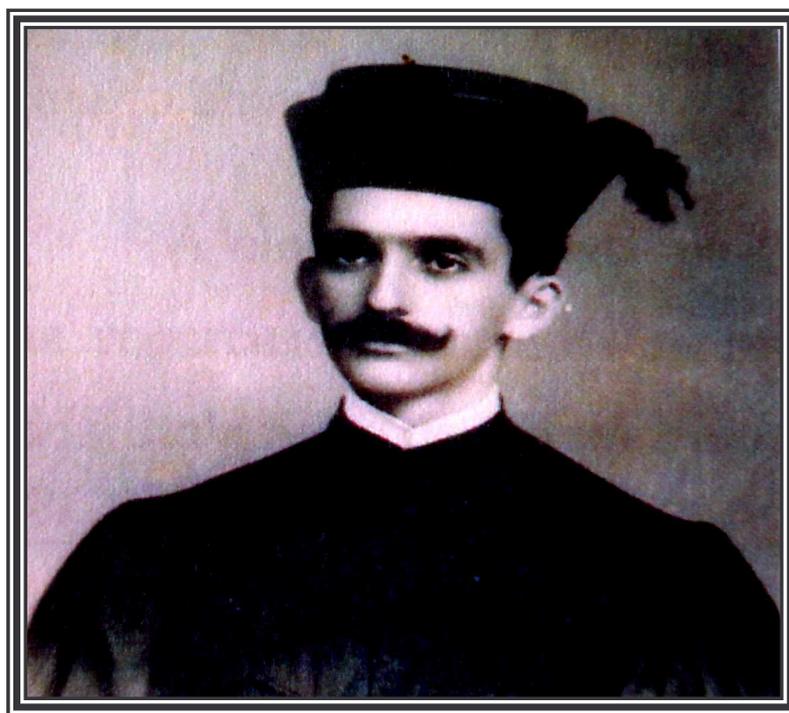


Figura 12. Adolpho Ávila Lima. Aracaju. s/d. Autoria não identificada. Fonte: Acervo da BPED.

Os discursos acirrados e as acusações recíprocas apontavam as divergências de concepções sobre o ideal pedagógico e sobre as práticas necessárias para empreender o desenvolvimento da Instrução Pública. Não só Ávila Lima como também Ítala Silva de Oliveira foram intelectuais que criticaram as ações e idéias de Helvécio de Andrade.

Ítala Silva foi uma mulher que se destacou no cenário aracajuano das primeiras décadas do século XX. Iniciou sua escolarização no renomado Colégio Nossa Senhora de

Lourdes, que foi uma instituição dirigida pelas irmãs sacramentinas, portanto uma instituição confessional. Era um Colégio respeitado pela sociedade sergipana e foi responsável pela instrução primária de muitas jovens da elite sergipana. Desse modo, o Colégio garantiu a Silvano Auto de Oliveira, pai de Ítala Silva, a tranquilidade de uma formação adequada aos princípios e valores morais da época³¹⁰.

Entusiasmada pelos conhecimentos adquiridos, não interrompeu seus estudos. Depois de ter estudado em uma instituição voltada para a educação feminina, Ítala Silva ingressou no curso normal do Atheneu Sergipense que, naquela época, era freqüentado sobretudo por homens. Seu pensamento descomprometido com os rigores morais e tradicionais lhe permitiu tal feito.



Figura 13: Atheneu Sergipense. Aracaju. s/d. Autoria não identificada. Fonte: Memorial de Sergipe, seção iconográfica.

³¹⁰Para mais informações sobre a trajetória de Ítala Silva de Oliveira recomenda-se a leitura da tese de Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas que estudou a trajetória de três importantes mulheres sergipanas, um dos trabalhos pioneiros nessa ceara. “FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Educação, trabalho e ação política: sergipanas no início do século XX**. Campinas, SP: [s.n.], 2003. (Doutorado em Educação).

Em 1914, formou-se deixando vínculos importantes que lhe proporcionaram acúmulo de *capital social*. Um deles foi com seu professor de Pedagogia e Metodologia, Adolpho Ávila Lima. Discutiam sobre os problemas educacionais, empreendiam a conscientização de mudanças estruturais na educação através de publicações nos periódicos locais, fundaram a Liga sergipense contra o Analfabetismo e polemizaram com outros intelectuais envolvidos com a Instrução Pública. O diretor da Instrução Pública e da Escola Normal, Helvécio de Andrade, foi um deles. Ítala Silva teceu críticas relevantes sobre o tipo de instrução que estava sendo oferecido, principalmente na Escola Normal, que era uma das instituições escolares mais representativas da época.

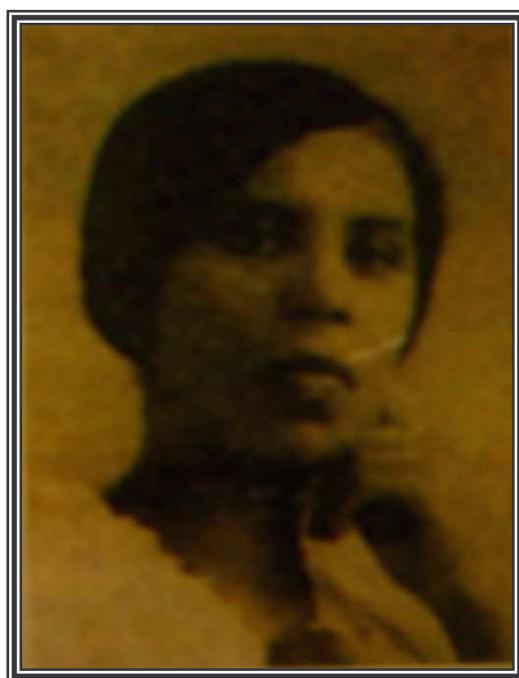


Figura 14: Ítala Silva de Oliveira. Aracaju. 1917. Autoria não identificada. Fonte: Arquivo pessoal de Cássio Augusto de Souza e Silva e Tese de FREITAS, AnamariaGonçalves Bueno de. **Educação, trabalho e ação política**: sergipanas no início do século XX. Campinas, SP: [s.n.], 2003.

A formatura legou à Ítala Silva certa distinção na sociedade. Exerceu durante poucos anos o magistério e decidiu lutar pela continuidade dos seus estudos. Na sociedade aracajuana desse período não era simples ou aceitável que a mulher fosse morar em outro Estado com o fim de cursar o nível superior. Diante disso, muitas jovens tiveram seus

sonhos tolhidos. Contudo Ítala Silva conseguiu superar as barreiras morais e, em 1921, foi para Salvador cursar Medicina na Faculdade da Bahia. Nela defendeu uma tese de abordagem também polêmica para a época, intitulada “Da sexualidade e da Educação sexual”. Após formada foi atuar em hospitais públicos no Rio de Janeiro. Sobre a trajetória dessa intelectual, Freitas afirmou:

Percebemos pelo percurso escolar de Ítala que apesar de inicialmente ter sido aluna de um colégio confessional dedicado à instrução feminina, ela ampliou sua formação freqüentando as instituições socialmente indicadas para a formação de jovens e rapazes, o Colégio Atheneu e a Faculdade de Medicina da Bahia. Esta formação diferenciada lhe possibilitou novos campos de atuação³¹¹.

Essa luta travada por Ítala Silva pela ascensão no campo intelectual sergipano somada ao *capital cultural e social* que conseguiu, foi importante para lhe garantir um lugar de destaque na estrutura social. Com sua competência reconhecida por outros intelectuais sergipanos, Ítala Silva conquistou espaço na imprensa para publicar suas idéias. Assim o fez. Escreveu sobre o feminismo, sobre os problemas educacionais e sobre instituições como o Asilo Rio Branco, que ajudou a fundar, e sobre a Liga sergipense contra o Analfabetismo.

No período de 1914 a 1917, além de publicar artigos no jornal “Diário da Manhã”, Ítala Silva colaborou em Sergipe nos seguintes periódicos: “O Estado de Sergipe” e “O Democrata”. Fora de Sergipe, no “O País” do Rio de Janeiro, e na Revista Feminina, editada em São Paulo. No final da década de 20, contribuiu Almanack de Sergipe que tinha entre seus fundadores seu irmão Jéferson Silva de Oliveira.(...) Também se utilizou da imprensa para denunciar injustiças e as negligencias das autoridades educacionais do Estado³¹².

Dentre essas autoridades educacionais a que Freitas se referiu estava o diretor da Instrução pública, Helvécio de Andrade. As críticas de Ítala Silva focalizaram com mais evidência as atitudes dele na administração da Instrução Publica e da Escola Normal e nas

³¹¹FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Educação, trabalho e ação política:** sergipanos no início do século XX. Campinas, SP: [s.n.], 2003. p. 98.

³¹² Idem. p. 139.

idéias que difundia. Numa série de doze artigos intitulados “Nos domínios da Instrução Pública”, Ítala Silva teceu várias críticas referentes às atitudes de Helvécio de Andrade ao ponto de pedir publicamente que ele fosse destituído do cargo, em 1916. No entanto, seus anseios não foram atendidos. Helvécio de Andrade só deixou seu cargo em 1918. Mas isso não significou que ele tenha passado incólume por essas acusações. Sua reação diante desse fato foi um indicativo do quanto ele se sentiu afetado.

Preocupada com o rumo que a Instrução Pública e, principalmente, o que a Escola Normal estava seguindo, Ítala Silva criticou o diretor da instrução por estimular, durante o processo de aprendizagem dessas alunas, o método decorativo. E assim questionou: “Pois bem, de uma Escola Normal, a cuja frente se acha, si bem que inteiramente, um diretor que ignora o que é a Pedagogia hodierna, pois ainda apregoa as vantagens do processo decorativo, pode se confiar no bom êxito da instrução ali ministrado?”³¹³.

As discussões sobre o método de ensino foi uma constante no campo educacional sergipano. Muitos intelectuais da educação tinham a consciência da necessidade de um bom método de ensino para reformar o tipo de instrução que era oferecido nas primeiras décadas republicanas, dentre eles Ítala Silva. Conforme seu discurso anteriormente apresentado, o método decorativo era rejeitado por não ser construtor de conhecimento válido e por isso não formaria bem as normalistas. Essa intelectual, embasada em Spencer, afirmou que

Saber de cor não é saber, se assim for o papagaio que se ensina seria um sábio. E se é assim, eu estou certa de que o saber de muita gente é como o do papagaio, que fala sem saber o que diz(...) O decoramento servil, hoje condenado hoje por todos que têm noção! Do que é educação, no nosso meio, usado, porém até nos concursos, nenhuma utilidade tem³¹⁴.

Ela acusou Helvécio de Andrade de ser o responsável pela prática desse método desacreditado. O que o próprio diretor da Escola Normal verificava era a resistência dos professores primários em aceitar, compreender e aplicar esse novo método. Constatado esse

³¹³ OLIVEIRA, Ítala Silva de. “Nos domínios da Instrução Pública III”. **Diário da Manhã**. Aracaju, 11 de Novembro de 1916, ano VI, n. 1637. p. 2. col. 3 e 4.

³¹⁴ OLIVEIRA, Ítala Silva de. “Nos domínios da Instrução Pública V”. **Diário da Manhã**. Aracaju, 17 de Novembro de 1916, ano VI, n. 1641. p. 2. col. 3 e 4.

empecilho nos relatórios dos inspetores, o diretor da instrução achava que isso se dava por falta de material escolar necessário para a prática das lições de coisas ou método intuitivo e, assim, importou novos materiais escolares.

A luta de Helvécio de Andrade com outros intelectuais pela difusão desse método foi intensa não obstante as dificuldades encontradas. Desse modo pode-se inferir que o processo de apropriação dessas novas propostas pedagógicas foi longo e descontínuo, haja vista a recusa de alguns professores em compreender a utilidade desse método.

Outras críticas foram elaboradas por Ítala Silva, no artigo de 14 de novembro de 1916, no *Diário da Manhã*, as quais se referia à obra publicada em 1913 por Helvécio de Andrade chamada “Curso de Pedagogia”. A exemplo de Ávila Lima, seu professor no Atheneu Sergipense também teceu críticas veementes a essa obra:

O que requer uma medida enérgica, o que pede uma séria providencia, o que a moral e o direito condemnam, é o indivíduo ir buscar para apresentar, como sendo seus, escriptos de homens que há já annos desapareceram no scenário da vida humana. Isto é o que o direito condemna, isto é o que requer uma medida repressiva. No caso contrário a liberdade do indivíduo é uma utopia e o crime do plágio uma inverdade. A liberdade de escrever não anda à mercê de qualquer na sociedade em que vivemos não é o direito da Instrução Pública censor ou arbitro; aqui não é facultado fazer o que é feito lá pela Escola Normal, onde o feudalismo ainda empéra³¹⁵.

Um dos pontos principais da crítica de Ítala Silva e Ávila Lima em relação à obra de Helvécio de Andrade, *Curso de Pedagogia*, foi a acusação de que esse diretor tivesse feito plágio das idéias de outros intelectuais renomados no campo da Pedagogia, como Payot, Claparède, Pestalozzi e outros. De fato, as idéias desses autores realmente fazem parte do corpo textual dessa obra. O próprio Helvécio de Andrade, no prefácio do seu livro, publicou que sua intenção seria elaborar um ensaio que servisse para as normalistas estudar os clássicos.

³¹⁵ OLIVEIRA, Ítala Silva de. “Nos domínio da Instrução Pública IV”. *Diário da Manhã*. Aracaju, 14 de Novembro de 1916, ano VI, n. 1639. p. 2. col. 4 e 5.

Dessa forma, Helvécio de Andrade resumiu as idéias principais desses autores citados para torná-lo um curso mais didático, de modo que ao lerem, as alunas pudessem se apropriar das idéias pedagógicas com mais facilidade. Na realidade, a pretensão de Helvécio de Andrade era que seu livro fosse utilizado nas aulas de Pedagogia, Metodologia, Pedologia e Higiene escolar da Escola Normal. Por meio dele, o diretor da instrução também difundia os novos princípios da Pedagogia Moderna entre as normalistas.

As lições, que ora vos apresento, reunidas em volume, são o resultado da leitura meditada das excellentes obras de Welch, Faria de Vasconcellos, Mantovani, Lalois et Picavet, Compayré, Felisberto carvalho, Yvert, Vieira de Mello e Revista do Ensino, de S. Paulo, publicação trimestral, rica de ensinamentos práticos do maior valor, e transmitidas às alumnas do curso normal do 3º e 4º annos, no período de Setembro de 1911 a Novembro de 1912, nesta capital. Não tenho a pretensão de vos offerecer um trabalho completo da tão importante sciencia da educação, isto é, um tratado de Pedagogia, em toda latitude actual desta ciência. Mas, com todos os senões que possa ter, nutro a esperança de que o presente livrinho attenderá a uma grande necessidade do nosso meio escolar, qual a falta de um guia, mais prático que teórico, no estudo da Pedagogia. (...) Aqui, porém, encontrarão os interessados os elementos de Psychologia pedagógica, Pedologia, Methodologia e Hygiene Escolar, elementos que, desenvolvidos pelo estudo e pela observação, ou pelos mestres nas respectivas cathedras, darão ao professor primário os conhecimentos indispensáveis à perfeita comprehensão da sua difícil tarefa³¹⁶.

Ao fazer uma análise das acusações de Ítala Silva a Helvécio de Andrade, Freitas revelou que “Após esta coletânea de artigos a colaboração de Ítala na imprensa sergipana passou a ser menos expressiva (...) e seu entusiasmo pelo debate dos temas educacionais desde a juventude na imprensa não diminuiu o impacto de suas criticas e polêmicas”³¹⁷. Essa renhida polêmica sobre aspectos específicos da Pedagogia de Ítala Silva, Ávila Lima e Helvécio de Andrade constituiu-se num demonstrativo de como o campo educacional estava sendo construído e como eram impetuosas as críticas e as lutas pelo domínio do

³¹⁶ ANDRADE, Helvécio. **Curso de Pedagogia**: Lições práticas elementares de Psicologia, Pedologia, Metodologia e Higiene escolar, professadas na Escola Normal de Aracaju. Aracaju: Tipografia Popular. 1913. p. 1.

³¹⁷ FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Educação, trabalho e ação política**: sergipanas no início do século XX. Campinas, SP: [s.n.], 2003. p. 219.

saber. Esse jogo de conquistas garantiria ao portador do conhecimento legitimado o domínio sobre o campo educacional.

Tudo indicava que apesar das retalições, Helvécio de Andrade continuou a ser aceito pelos seus pares, assumindo mais vezes a direção da Instrução Pública, por conseqüência, a direção da Escola Normal. A intensa competição desencadeada por esses agentes sociais teve como conseqüências importantes contribuições³¹⁸ para a difusão das idéias da Pedagogia Moderna e para engendrar o fortalecimento de dois grupos opostos: os que se filiaram às idéias de Helvécio de Andrade³¹⁹ e os que apoiavam Ávila Lima.

Nessa luta pelo acúmulo de *capital científico*, era perceptível que cada agente procurava se engajar para impor suas idéias. Foi o caso de Ítala Silva, ex-normalista e ex-aluna do professor Ávila Lima, que tecia várias críticas a Helvécio de Andrade em relação às atitudes dele enquanto diretor e professor da Escola Normal³²⁰. Assim, Ítala Silva pôde ocupar uma posição assegurada dentro do grupo que era a favor de Ávila Lima e teve suas críticas legitimadas por isso, o que deu o reconhecimento do seu nome e uma ascensão no campo educacional distinguindo-se dentre as outras ex-alunas do curso normal do Atheneu Sergipense, adquirindo um valor diferencial. Para Bourdieu, isso seria definido como acúmulo de capital, como revelou: “acumular capital é fazer um ‘nome’, um nome próprio, um nome conhecido e reconhecido, marca que distingue imediatamente seu portador, arrancando-o como forma visível do fundo indiferenciado, despercebido, obscuro, no qual se perde o homem comum”,³²¹

³¹⁸Essas idéias de modernização geraram, no âmbito escolar, importantes mudanças como a inclusão do Método Intuitivo que recebeu diferentes conotações ao ser adaptado à Instrução Pública.

³¹⁹Foi através dessas discussões que houve uma nova migração de importantes protagonistas sergipanos que aderiram a essas novas idéias de modernização pedagógica, dentre eles Graccho Cardoso, Edgar Coelho, Manuel Franco Freire, fortalecendo o grupo dos ditos “modernizadores” e evidenciando um maior lucro simbólico para esse grupo.

³²⁰Ítala Silva de Oliveira criticou a atuação de Helvécio de Andrade numa série de doze artigos publicados no **Diário da Manhã**, intitulados “Nos Domínios da Instrução Pública”, em 1916.

³²¹BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p.132. Bourdieu conceitou como ‘traço distintivo’. É por meio dele que diferenciava, por exemplo, alguém que pertencia a um segmento social do outro, esses professores simbolizavam a posição diferenciada dos agentes na estrutura social.

3. 4. *As reformas na instrução pública*

O primeiro programa primário aprovado por Helvécio de Andrade foi iniciado pela normatização da leitura, provavelmente motivado pela importância que o método de ensino da leitura conquistou nesse período. Esse programa também regulamentava as divisões internas das classes entre os alunos que tinham ou não noções de leitura, a postura dos alunos no ato da leitura e do procedimento didático do professor. Essas normas demonstram o que Helvécio de Andrade compreendia por método analítico. Em quase todo o programa primário, Helvécio de Andrade manteve explicações sobre a aplicação do método e de como utilizar a Cartilha Analítica. Além disso, redefiniu o currículo escolar determinando o funcionamento de cada disciplina. O ensino primário, desde então, cumpriria a seguinte deliberação.

QUADRO IV

CURRÍCULO ESCOLAR PRIMÁRIO DE 1915

	PRIMEIRO ANO	SEGUNDO ANO	TERCEIRO ANO	QUARTO ANO
DISCIPLINAS	Lições Oraes	Lições Oraes	Lições Oraes	Linguagem Oral
	Arithmética	Arithmética	Arithmética	Arithmética
	Desenho	Desenho	Desenho	Desenho
	Música	Música	Música	Música
	Gymnástica	Gymnástica	Gymnástica	Gymnástica
	Trabalhos Manuaes	Trabalhos Manuaes	Trabalhos Manuaes	
	Calligraphia	Calligraphia	Calligraphia	Calligraphia
	Composição			
		Geografia	Geografia	Geografia
			Leitura	Educação Moral e Cívica

			História	História
			História Natural	História Natural
			Educação Moral e Cívica	Linguagem escrita

Fonte: SERGIPE. **Programa para o curso primário nos Grupos Escolares e nas Escolas Isoladas do Estado de Sergipe**. Aracaju: Typografia do O Estado de Sergipe, 1915.

Com base nas apropriações do pensamento pedagógico de Herbart, Helvécio de Andrade propôs a inclusão da disciplina Educação Moral e Cívica no currículo primário. Conforme entendia, o fim supremo da educação era a moralidade; logo, seria indispensável prover os alunos de uma educação moral.

Numa série de dez artigos que publicou no Jornal *O Estado de Sergipe*, de 18 a 29 de março de 1916, intitulada “Princípios e Corolários da Pedagogia de Herbart”, pronunciou as intelecções que o guiou para a formulação do programa dessa disciplina. Ficou estabelecido que no primeiro semestre deveriam ser abordados temas como o “Trabalho, sua necessidade e dignidade”, a “Economia e a sua influência na felicidade do homem”, a “Perseverança, Justiça e Direito, a tolerância bem entendida”. Para o segundo semestre, “A Pátria, a família e as virtudes cívicas”, utilizando o guia do professor Silvio Romero, *A História por seus heroes*.

Para o diretor da Escola Normal, a disciplina Educação Moral e Cívica fazia-se necessária para formar um ser cuja vontade fosse determinada pela razão. Essa disciplina determinaria a direção moral do caráter dentro da individualidade de cada aluno e, conseqüentemente, evitaria a formação de jovens inábeis e anti-sociais. As noções de civilidade e de educação são muito próximas na fala desse professor. Ele considerava que “a moralidade reside na própria vontade determinada por uma justa inteligência.

É evidente que a educação moral não deve cuidar do aspecto exterior das acções, mas desenvolver a alma do menino essa inteligência juntamente com a vontade que lhe há

de corresponder”³²². Num discurso imperativo, narrava como os exemplos históricos poderiam contribuir para a educação moral da criança, bem como a conduziria a uma comunhão com sua nacionalidade. A disciplina Educação Moral e Cívica tinha, para Helvécio de Andrade, o propósito de civilizar, tornar as crianças seres sociáveis e conscientes dos deveres patrióticos.

Numa conferência lida em setembro de 1915, Helvécio de Andrade já havia tornado públicas suas idéias sobre a deficiência da instrução cívica nos livros de História Nacional. Foi um defensor da criação de heróis históricos para insuflar nas crianças o exemplo e instigar o interesse patriótico. Criticava os historiadores que deixavam importantes passagens da História brasileira “secas, áridas, sem interesse emotivo”³²³. Conforme esse professor, os historiadores deveriam reconstituir “as cenas nos próprios lugares, colhendo os traços mais vivos da história nacional, em sua originalidade nativa, prestaria ao ensino e à educação pública relevantíssimo serviço”³²⁴.

Os projetos de Helvécio de Andrade deram uma nova configuração aos problemas educacionais. Tratados a partir de uma perspectiva cultural, justificava suas pretensões de elevar o nível da instrução pública com o fim de proporcionar o desenvolvimento social, de civilizar. Procurou difundir a necessidade de mudanças na estrutura educacional e, principalmente, no modo como a instrução era efetivada dentro das salas de aula; isto porque acreditava em que os entraves educacionais eram de matriz metodológica. Seu discurso sobre como deveria ser pensada a educação conquistou certo reconhecimento ao ser aplicado nos programas educacionais, nos regulamentos de instrução pública, nas conferências, nos artigos que publicava e nas aulas que ministrava na Escola Normal. Essas idéias foram legitimadas não só pelos títulos e diplomas que portava, mas também pela posse de um saber educacional que lhe proporcionava discernimento para definir que tipo de educação deveria ser aplicada em Sergipe.

³²²ANDRADE, Helvécio de . “Estudos: Corollários da Pedagogia Herbatiana”. In: **O Estado de Sergipe**. Aracaju: 28 de março de 1916, ano XVII n 4811 p.2. col. 2.

³²³ANDRADE, Helvécio de. “Ensino Público IV”. In: **Diário da Manhã**, 2 de junho de 1917, ano VII, n 1788. p.1. col. 3.

³²⁴ANDRADE, Helvécio de. “Ensino Público V”. In: **Diário da Manhã**, 4 de junho de 1917, ano VII n, 1789. p.1. col. 3.

No programa escolar que publicou em 1917, as mudanças eram evidentes. Disciplinas como Linguagem Oral, Linguagem escrita, História do Brasil e Geografia que pertenciam à carga horária do segundo, terceiro e quarto anos passaram a compor a lista de matérias do primeiro ano. Também foram incluídas aulas aos sábados que tinham como fim fixar as aulas da semana. Na primeira hora das aulas, o professor ministrava as “Lições Geraes” ou “centro de interesses”, no qual os alunos discutiam os assuntos de sua preferência.

Já na segunda hora eram providenciadas as excursões. Através delas o professor estimulava os alunos a fazer recapitulações dos assuntos ministrados em sala de aula. Num terceiro momento seriam analisados os “diários” dos alunos, eram cadernos nos quais as crianças escreviam sobre os temas que escolhiam livremente. Essas pequenas redações eram acompanhadas pelas correções dos professores. No último horário, eles praticavam ginástica. Durante a semana, o horário determinado da seguinte forma:

QUADRO V

HORÁRIO PARA O ENSINO PRIMÁRIO

9 as 13 horas	Segunda feira	Terça feira	Quarta feira	Quinta feira	Sexta feira
Primeira hora	Arithmética	Calculo	Geografia ou História		Geografia ou História
Segunda hora	Observação	Recreio	Experiência	Experiência	Experiência
Terceira hora	Leitura	Linguagem Oral	Linguagem escrita ou composição		
Quarta hora	Desenho, Canto e Trabalhos Manuaes				

Fonte: SERGIPE, Estado de. **Instrução Primária:** Programma para o curso primário nos Grupos Escolares e Escolas Isoladas do Estado. Aracaju: Imprensa Official, 1917.

Mas as transformações não foram apenas de ordem estrutural; o conteúdo e o modo de expor também foram questionados. Nas aulas de Observações, o conteúdo explorado era referente às disciplinas de Ciências Físicas e Naturais e Educação Moral e Cívica. As aulas

eram expostas sob a forma de lições gerais, sem auxílio de livros e verificados os resultados através de perguntas. Por meio dessa metodologia, Helvécio de Andrade acreditava que “qualquer circunstancia ocasional ou escolhida a propósito serve; constitue um centro de interesse, contanto que impressione a criança a ponto de prender-lhe a curiosidade e a atenção: a chuva, o vento, o sol, o estio, um acontecimento escolar, civil , familiar, etc”³²⁵.

Independentemente do tema escolhido, o essencial era despertar o interesse dos alunos e aproveitar habilmente as oportunidades para explicar bem o assunto, principalmente durante as excursões. Essas aulas deveriam funcionar como pequenos laboratórios ao ar livre através dos quais os alunos observariam o objeto ou tema, ouviriam as explicações possíveis e experimentariam tocando esse objeto, sentido ou mesmo reproduzindo-o em desenhos, narrativas ou descrições nos “diários infantis”. Como dito anteriormente, esses diários eram espécies de cadernos adotados pelos alunos como uma atividade escolar. Os professores incentivavam as crianças a relatarem por escrito no diário tudo o que observavam em casa, na rua e nos passeios e, em dia previamente marcado, eles comentariam em sala de aula. O professor, nesse momento, corrigiria os erros sem contrariar a espontaneidade. Esses princípios de procedimento metodológico expostos por Helvécio de Andrade estavam embasados numa apropriação das teorias da Escola Nova. Afirmava que este era,

O programma “mínimo” da Escola Nova – que dá liberdade de autonomia ao professor para, dentro das linhas geraes do methodo intuitivo-analytico adaptar, crear mesmo, processos mais naturaes e efficientes, e aos alunos ensejos francos de expandir suas actividades e predileções. Não como querem os seus creadores e principaes propugnadores, mas como é possível e escolas officiaes, nas quaes não se podem dispensar as notas de aproveitamento e, portanto, as lições, os horários, etc³²⁶.

A função dos programas escolares era uniformizar, ou mesmo, organizar o ensino. A falta de uma divisão mais eqüitativa das disciplinas durante os cursos

³²⁵SERGIPE, Estado de. **Instrução Primária:** Programma para o curso primário nos Grupos Escolares e Escolas Isoladas do Estado. Aracaju: Imprensa Official, 1917. p. 08.

³²⁶SERGIPE, Estado de. **Instrução Primária:** Programma para o curso primário nos Grupos Escolares e Escolas Isoladas do Estado. Aracaju: Imprensa Official, 1917. p. 14.

transformava-os livrescos e difíceis de serem cumpridos. A elaboração dos programas tendia a estabelecer uma linha de raciocínio na qual os assuntos, normalmente, obedeciam a uma hierarquia de complexidade. Essa lógica estabelecia a divisão de disciplinas por turmas, os conteúdos e o modo como estes deveriam ser ministrados. Dizia Helvécio de Andrade: “onde quer que haja um ensino medianamente organizado são indispensáveis o programa e o horário. São condições forçadas da ordem nos trabalhos, do aproveitamento do tempo, da variedade dos exercícios”³²⁷.

Apesar das mudanças efetuadas no campo educacional sergipano, as questões políticas intervieram nos projetos desse professor da Escola Normal. Mediante suas incompatibilidades com o presidente de Estado Pereira Lobo, Helvécio de Andrade sentia dificuldades em conseguir as aprovações das medidas apresentadas à Assembléia Legislativa e ao Conselho de Educação na direção da Instrução Pública. Em 1918, resolveu pedir demissão do cargo que ocupava há mais de cinco anos e demonstrou, anos mais tarde, sua indignação.

Cançado das resistências das interferências malsans, organizadas deliberadamente, contra direção do ensino, nos bastidores da governança, no início do governo de Pereira Lobo, depois de cinco anos e mezes de atividade diretorial, à frente de treze institutos e da cadeira, que leio em um deles, sem gratificações especiaes, nem sequer o reconhecimento do esforço e prejuízo materiais sofridos, demiti-me, para não desagradar demasiado ao convencionalismo das mentiras vitoriosas. Mas se assim estava, e está, constituída a sociedade política dos defensores do “Eu”, e dela haja recebido os golpes das suas traçoeriras amabilidades, com que desvanecimento descubro no juízo simples e reto do povo o escudo em que si vem quebrar as flechas floridas, mas envenenadas, dos mais perversos desígnios?”³²⁸.

Ao entregar o cargo ao Estado, Helvécio de Andrade continuou ministrando aulas na Escola Normal. A Direção da Instrução Pública foi avocada pelo bacharel Carvalho Neto que publicou novos projetos de reformas educacionais. O professor de Pedagogia das normalistas elaborou um livreto intitulado *Cartilha Analítica* para as aulas das futuras

³²⁷ ANDRADE, Helvécio de. “Ensino Público V”. **Diário da Manhã**. Aracaju, 4 de junho de 1917, ano VII, n. 1789. p.1. col.3.

³²⁸ ANDRADE, Helvécio de. **A Escola Sergipana**. Aracaju:Tipografia do Estado de Sergipe, 1931. p. 3.

professoras. Apesar de essa iniciativa ter sido rebatida pelo novo diretor da instrução pública, Helvécio de Andrade pôde expor sua apropriação dos enunciados da Leitura Analítica. Esta leitura havia adquirido um papel de destaque na formação intelectual dos educandos. Através das Cartilhas e da leitura analítica esses alunos teriam acesso a textos que fossem comuns à vida sergipana. Essa adequação dos métodos ditados pela Escola Nova à temática presente no cotidiano das crianças foi um dos projetos educacionais de Helvécio de Andrade.

Passaram alguns anos até que Helvécio de Andrade fosse novamente convidado a administrar a instrução pública. Em 1926, as crises políticas sergipanas colocaram o vice-presidente, Ciro de Azevedo, no poder e, como consequência, algumas mudanças foram efetivadas nesse período, dentre as quais a redistribuição do quadro pessoal administrativo. Nesse ínterim, Helvécio de Andrade reassumiu a direção da instrução pública, embora o período de sua gestão tenha durado apenas alguns meses.



CAPITULO IV



***NA BUSCA DOS VESTÍGIOS:
a contribuição de Helvécio de Andrade no campo
educacional sergipano***



O impulso fundamental do homem, o de criar metáforas, encontra o seu próprio ápice no mito e na arte. O escopo da cultura é o domínio da arte sobre a vida...

Relações de Força de Carlo Ginzburg

H

elvécio de Andrade fez parte do que poderíamos designar de intelectuais da educação. Essa designação recobre um conjunto de personagens que engendraram as novas concepções trazidas pela Pedagogia Moderna. Inspirado por essas idéias, esse sergipano, procurava difundir na instrução sergipana, através de suas publicações, as novas diretrizes que a educação vinha firmando.

A Pedagogia Moderna constituiu-se em Sergipe, nas primeiras décadas do século XX, com algumas características marcantes como: a luta pela difusão dos serviços públicos, a reformulação dos métodos de ensino, de novos princípios teóricos e práticos. Como acredita Marta Carvalho, “este entusiasmo pela educação condensava expectativas diversas de controle e modernização social³²⁹”.

Helvécio de Andrade, embebido por essas idéias, procurava engendrar no seio sergipano, por meio de suas publicações, as novas diretrizes professadas pelo movimento renovador da Pedagogia Moderna. No dizer desse pedagogo, na “antiga fórmula família,

³²⁹ CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A Escola e a República**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. p. 09.

igreja, estado, devemos pôr esta: família, escola, oficina”³³⁰. A escola renovada pretendia incorporar todas as necessidades educacionais das crianças, disseminando os valores e normas sociais em conformidade com as novas exigências da sociedade moderna. Assim, estaria então constituída de preceitos que visavam à interiorização de normas de comportamento a partir dos mecanismos do trabalho industrial. Nesse caminho, a escola tinha por finalidade oferecer aos alunos a capacidade de elaborar seu próprio saber a partir da observação e experimentação. Como refletiu Vidal:

Experimental era a nova meta no universo escolar. Tanto alunos quanto professores deveriam atuar como experimentadores na construção de práticas mais eficazes de aquisição do conhecimento. Uma outra dinâmica social, assim, impunha-se às relações escolares³³¹.

Ao tomar como princípio ativo o conhecimento, o método funcionava como mecanismo de transposição didática no qual a escolha e seleção dos conteúdos geravam a compreensão do campo de saber. As noções determinadas pelo método apenas direcionavam a apropriação do conhecimento abordado, mas não o determinava. O método intuitivo oferecia estratégias para assessorar o professor na aplicação dos conteúdos. Descobrir modelos, experimentar, sentir, formular questões, apresentar dados novos e inserir esses dados no contexto que já é conhecido para o aluno eram os preceitos norteadores do modo de ensinar definido pelo método intuitivo.

4.1. A difusão dos ideais da Pedagogia Moderna: o método intuitivo

³³⁰ ANDRADE, Helvécio de. **Memorandum apresentado à Diretoria Geral de Estatística e Divulgação do Ministério da Educação**. Aracaju: Typografia D’o Luctador, 1931. p. 02.

³³¹ VIDAL, Diana Gonçalves. “Escola Nova e Processo educativo”. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. (org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 467-538.

Estavam presentes nas discussões proferidas por Helvécio de Andrade as concepções pedagógicas que haviam deslocado o foco das preocupações sobre o ensino para enfatizar os aspectos relacionados ao modo como a criança aprende. A partir dessa mudança, os fundamentos psicológicos da educação passaram a compor a nova metodologia proposta pela Pedagogia Moderna. Através dos métodos de ensino era possível identificar dados que demarcavam a profissão docente, revelavam ainda quais eram os principais valores e normas considerados imprescindíveis para a formação humana, como determinado conteúdo era ensinado ou mesmo priorizado e quais teorias davam suporte ao entendimento de como funcionava o processo cognitivo do aluno.

Bourdieu pensa a escola como uma instituição que está vinculada ao processo de difusão de sistemas de pensamento de uma determinada classe social. Ao serem adotados como consensuais, esses esquemas interpretativos gerariam a constituição de determinados *habitus mentais*. A criação de dispositivos didáticos para a transmissão da cultura seria, nesse processo, um mecanismo para a efetivação da aquisição dos saberes, de referência de modelos de pensar, de *habitus*. Nessa proposição, o método prescreve-se como um procedimento capital, isto porque é através da metodologia utilizada em sala de aula que as orientações são difundidas e sintetizadas pelos alunos.

Eleito na historiografia da educação como um dos aspectos principais das práticas escolares, o método era apresentado como um objeto de intensa discussão. A partir de 1870, essas discussões sofreram uma inflexão quanto ao foco. A questão da disposição da classe e a função do professor como agente organizador da instrução deram lugar às reflexões que ponderavam a necessidade de investir toda a atenção no processo de aprendizagem do aluno. Esse movimento foi caro à difusão do pensamento do educador Jean-Henri Pestalozzi, que defendia a importância das análises das relações pedagógicas de ensino e aprendizagem.

As lições de coisas ou método intuitivo eram apontados por diversos personagens da história da educação como a grande novidade pedagógica da segunda metade do século XIX. Caracterizado pelo uso da observação e da intuição, seus defensores divulgavam com

acuidade a funcionalidade desse método. Ao observar as coisas, os objetos, a natureza, os fenômenos e os acontecimentos, as crianças poderiam sistematicamente desenvolver sentidos e noções a respeito de um determinado tema apresentado pelo professor.

Consoante Valdemarin, o método de ensino intuitivo pode ser assim sintetizado: “o ato de conhecer tem início nas operações dos sentidos sobre o mundo exterior, a partir das quais são produzidas sensações e percepções sobre fatos e objetos que constituem a matéria-prima das idéias” e continuou afirmando que “as idéias assim adquiridas são armazenadas na memória e examinadas pelo raciocínio, a fim de produzir o julgamento”³³².

Esse método consistia na aplicação de dispositivos que despertassem no aluno o interesse, a atenção, a observação para estimular determinado entendimento sobre o objeto ou fato explanado. A condição imprescindível para a aprendizagem era o cuidado em aplicar uma observação minuciosa e organizada de modo a direcionar o raciocínio do aluno. Na direção desse método, o professor estaria encarregado de criar condições para que o aluno possa ver, observar e sentir os objetos. Mas como seria possível criar essas condições apreoadas pelo método? Nesse empreendimento o professor pudesse utilizar os objetos dispostos na sala de aula, levar objetos e gravuras diversas para a sala, ou mesmo realizar excursões às áreas adjacentes à escola. Essas eram práticas favoráveis à aprendizagem do aluno incentivadas pelo método intuitivo.

O método intuitivo ganhou notoriedade, principalmente com a instauração da escola erigida pela reforma de Caetano de Campos em São Paulo. O modo de aprender centrado na visibilidade, na imitabilidade e na experimentação, característica fundamental das lições de coisas, tornou-se um dos dispositivos principais da institucionalização do sistema modelar de ensino. Ao estudar as reformas do sistema educacional empreendidas durante os primeiros anos republicanos, Marta Carvalho enfatizou como a prática da observação foi importante na relação ensino-aprendizagem. Assim, para essa autora, “na revolução

³³² VALDEMARIN, Vera Teresa. “Lições de coisas: Concepção científica e projeto modernizador para a sociedade”. In: **Caderno CEDES/Cultura escolar: história, práticas e representações**. Ano XIX, nº 52, novembro/2000. p. 76.

proclamada, a arte de ensinar torna-se largamente dependente da capacidade de observar”³³³.

Nessa estratégia da escola republicana, o método intuitivo figurou como o caminho imprescindível para a aprendizagem. Faria Filho lembrou que a pertinência e a forma de se trabalhar com esse método na escola primária perduraram no Brasil até meados da década de 1930³³⁴.

Com o fim de constituir o novo sistema de ensino sugerido pelas reformas paulistas e pelos princípios que norteavam as propostas pedagógicas de modernização educacional, o método foi um dos aspectos priorizados para a implantação desse modelo de educação, valendo-se da interpretação de que a difusão de um novo modo de instruir e aprender insurgiria numa variação da qualidade do ensino até então ministrado. Não obstante a continuidade de boa parte dos elementos referentes às práticas metodológicas anteriores, o método proposto pela Pedagogia Moderna em Sergipe ancorava-se na iniciativa de alguns educadores como Rodrigues da Costa Dórea e Carlos Silveira que implantaram, pelo menos oficialmente, o método intuitivo nas escolas primárias sergipanas através da Reforma de 1911.

Rodrigues Dórea e Carlos Silveira fundamentaram-se na possibilidade de renovar os processos de ensino e a formação dos professores. Com vista para o movimento de renovação iniciado por Caetano de Campos em São Paulo, ressaltaram a importância desse método para o desenvolvimento do campo educacional sergipano. Com a assessoria de Helvécio de Andrade, as propostas metodológicas implantadas em 1911 foram disseminadas, sobretudo, durante as aulas de Pedagogia que ministrava na Escola Normal. Na maioria dos artigos publicados e das preleções realizadas Helvécio de Andrade reforçava a idéia de que o ensino sem método era “nulo, sem clareza e sem ordem didática.

³³³CARVALHO, Marta Maria Chagas de. “Reformas da Instrução Pública”. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. (org.). **500 anos de Educação no Brasil**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 226.

³³⁴FARIA FILHO, Luciano Mendes. “Instrução elementar no século XIX”. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. (org.). **500 anos de Educação no Brasil**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 143-144.

O método é o caminho a seguir no ensino; logo o professor que não teria um bom método, marcha às cegas, sem segurança nos passos do programa, perde tempo e esforço”³³⁵.

Ao assumir a diretoria da Instrução Pública, Helvécio de Andrade inseriu no programa primário os métodos intuitivo e analítico de acordo com os princípios modernizadores da Pedagogia Moderna. As modificações nos métodos de ensino e o investimento realizado com a compra dos acessórios imprescindíveis para a aprendizagem seriam primordiais para promover um maior ânimo nas escolas e torná-las mais atraentes aos alunos, informou. Por meio de relatórios, Helvécio de Andrade fez uma descrição de como era o ambiente escolar, com o objetivo de ressaltar a necessidade de modernização no ensino e, assim, justificar suas investidas na difusão dos princípios da Pedagogia Moderna.

Iniciada principalmente pelas reformas efetivadas na Escola Normal, a difusão do método intuitivo compunha a nova formação dos alunos-mestres. No âmbito das instituições escolares, a Escola Normal deveria ser o núcleo irradiador dessa inovação metodológica, pois para executar eficazmente a tarefa de ensinar, era preciso que o professor soubesse aplicar devidamente o método. Esse era o pensamento defendido por Helvécio de Andrade, informava que o importante papel do método intuitivo era não só melhorar a eficiência da aprendizagem, mas também formar orientadores capazes de aplicar o método às matérias do programa³³⁶.

Mas foi através do ensino primário que o método intuitivo foi consolidado. Como lembrou Rosa Fátima de Sousa, Caetano de Campos “considerava os processos intuitivos a base do ensino moderno”, e a Escola Modelo foi, nesse contexto, “a morada dos novos processos de ensino”. Como acredita a autora, “o método intuitivo ou lições de coisas foi o

³³⁵ ANDRADE, Helvécio de. **Instrução Pública**: necessidade de uma regulamentação definitiva dos ensinos primário e normal. Relatório apresentado ao exmo. sr. dr. Cyro de Azevedo Presidente do Estado em novembro de 1926. Aracaju: Typografia do Sergipe Jornal, 1926. p. 03.

³³⁶ ANDRADE, Helvécio de. **Instrução Pública**: necessidade de uma regulamentação definitiva dos ensinos primário e normal. Relatório apresentado ao exmo. sr.dr. Cyro de Azevedo Presidente do Estado em novembro de 1926. Aracaju: Typografia do Sergipe Jornal, 1926. p. 03.

marco da renovação do ensino primário no final do século XIX e início do Século XX”³³⁷. Em Sergipe, Helvécio de Andrade informou que o método intuitivo começou a irradiar-se nos dois grupos escolares existentes: o Grupo Modelo e o Grupo Central, nas escolas isoladas pelas normalistas recém-formadas e pelos inspetores de ensino³³⁸.

O ensino intuitivo foi enfatizado como um dos pontos importantes da proposta educacional da Pedagogia Moderna. Ele valorizava a aquisição dos conhecimentos através dos sentidos. Acreditava-se que era por meio desse método que a criança desenvolvia gradualmente suas faculdades, cabendo, assim, à escola a responsabilidade por introduzir situações de aprendizagem na relação aluno-objeto de modo que construísse o conhecimento através da experiência em lugar da simples transmissão do conhecimento ou da memorização. Lembrava Helvécio de Andrade: “tudo o que não for isso, é confusão, diz Sampaio Dória no seu livrinho “Como se ensina”, preciosidade que todo professor deve ler”³³⁹.

As interrogações sobre o *que e como ensinar* eram sistematicamente enfatizadas pelos educadores que se comprometiam com a renovação do ensino. Antes mesmo da iniciativa da Reforma de 1911, o professor de Pedagogia da Escola Normal, Baltazar Góes, ensinava às normalistas o que seria o método intuitivo e como deveria ser aplicado através do livro de Pedagogia que publicou em 1905³⁴⁰. Mesmo assim ainda estava presente entre as professoras primárias o método de memorização. Dizia Helvécio de Andrade que um dos maiores vícios da escola era o ensino da gramática por lições decoradas. Contava que

Certo dia o professor anuncia ao aluno que é tempo de estudar a gramática. O pequeno, como todas as crianças ao receber um livro novo, corre contente a dizer ao pai que “já está em gramática”. Janta depressa, ansioso por manusear o livro novo, palpa-o, vira-o e aspira-

³³⁷SOUZA, Rosa Fátima. “Lições da Escola Primária”. In: **O legado educacional do século XX no Brasil**. Derneval Saviane...[et.al.].-Campinas, SP: Autores Associados, 2004. p. 139.- (Coleção Educação Contemporânea).

³³⁸ANDRADE, Helvécio de. **Memória a um projetado congresso de professores primários em Aracaju**. (1925-1926). Aracaju: Typografia do Sergipe Jornal, 1926. p. 02.

³³⁹ANDRADE, Helvécio de. **O Lar e a Escola**: conferência. Aracaju: Casa Ávila, 1931. p. 18.

³⁴⁰GÓES, Baltazar. **Apostillas de Pedagogia**: precedidas de algumas noções de Psychologia colhidas de bons mestres. Aracaju: M. Orosco & C., 1905.

lhe o esquisito perfume e atira-se à lição que o mestre marcou com uma cruz, a lápis vermelho. Pouco tempo, porem, dura o entusiasmo. A necessidade de decorar linha por linha, palavra por palavra, a lição aborrece, fadiga, enerva a criança que não tarda em abandonar a escola, já de si pouco atraente, um ergástulo³⁴¹.

O método decorativo era visto não só por Helvécio de Andrade como por outros intelectuais da educação como um empecilho ao desenvolvimento da educação. Os professores Augusto da Rocha Lima, Rodrigues Dórea, Manoel Franco Freire, Abdias Bezerra e Carvalho Neto também compartilhavam desse pensamento. Apresentaram em seus relatórios notificações a respeito da baixa frequência, do descaso de alguns professores com o ensino, a falta de metodologia e a prática dos “velhos métodos”. Queixava-se, Helvécio de Andrade, que ao longo dos anos a prática do método intuitivo ensinada às normalistas estava sendo aplicada juntamente com práticas decorativas, resultando em confusão e desordem. Dizia que “a prática pedagógica deve ser adquirida na Escola Normal, e de tal sorte que resista ao contacto dos velhos methodos, e antes os vença do que se deixe vencer por eles”³⁴².

Pestalozzi e Herbart eram as principais referências teóricas citadas por esse autor. Além deles, destacava-se também Lourenço Filho, Sampaio Dórea, Faria de Vasconcellos³⁴³, Araújo Lima e Afrânio Peixoto³⁴⁴, os quais compreendiam a necessidade de inserir na educação as noções de civilidade com o fim de regenerar uma sociedade que

³⁴¹ ANDRADE, Helvécio de. “Ainda Escola Nova: modelos de lições”. In: **Diário da Manhã**. Aracaju, 6 de janeiro de 1924, ano XIV, n. 2911, p. 2.col. 3.

³⁴² ANDRADE, Helvécio de. **Memória a um projetado congresso de professores primários em Aracaju**. (1925-1926). Aracaju: Typografia do Sergipe Jornal, 1926. p. 02.

³⁴³ Antonio Sena Faria de Vasconcelos é um investigador da Pedagogia e da Psicologia. Orientou, em 1916, a Reforma Pedagógica de Cuba. Em 1917, fundou na Bolívia uma secção de Psicologia na Escola Normal Superior de La Paz. Influenciado pelas idéias de Claparede, foi um dos difusores das idéias da Escola Nova. Publicou diversas obras, dentre as quais, a mais citada era “Lições de Pedagogia e Psicologia Experimental”, lida por Helvécio de Andrade. Cf.: DINIZ, Aires Antunes. “Faria de Vasconcelos: um educador da Escola Nova nas sete partidas do mundo”. In: **Anais do 2º Congresso Brasileiro de História da Educação, 03 a 06 de novembro de 2002: história e memória da educação brasileira**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. – Natal, RN: NAC, 2002. p. 166.

³⁴⁴ Nascido na Bahia em 1876, Afrânio Peixoto formou-se médico no Rio de Janeiro. Foi autor de diversos romances realistas e impressionistas. Mas a produção que interessou Helvécio de Andrade foi o primeiro livro de História da Educação feito no Brasil e seus artigos sobre o movimento da Escola Nova. Cf. KULESZA, Wojciech. **Comenius: a persistência da utopia em educação**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992. p. 67.

se encontrava amorfa. Dessa forma, para que esse objetivo fosse bem sucedido era preciso garantir, através do método, a apropriação dos princípios de moralidade, de higiene e do sentimento de nacionalidade.

No livro que publicou em 1913, *Curso de Pedagogia*, Helvécio de Andrade dedicou um capítulo para apresentar e discutir os métodos de ensino existentes. Deu destaque maior ao método intuitivo. Deduzido das análises de Comenius e Pestalozzi, as considerações desse professor enfatizavam esse método como sendo o que melhor objetivava as lições. Isto porque, mediado pelo interesse e atenção, o raciocínio seria formado à medida que a percepção da criança fosse estimulada pelo professor. O método intuitivo, segundo o posicionamento desse professor, funcionava através das análises de textos e/ou objetos. O processo de intuição era promovido através de análises ou decomposições do assunto abordado e desencadeava raciocínios próprios, dispensando, assim, a memorização.

Os preceitos, segundo Helvécio de Andrade, da modernização pedagógica não seriam recentes; estavam presentes nas idéias de Comenius quando este exaltava o método intuitivo nas escolas. Helvécio de Andrade, nesse caminho, chamava atenção para uma verdadeira luta contra o que chamou de “pedagogia anêmica”, que era mais formalista, “conteudista” e que estava preocupada com um tipo de programa que tratava a criança como um homem em miniatura. Assim, revelava como a Psicologia e a Pedologia eram primordiais para tratar a educação, tornando-a mais atraente para os alunos.

Delimitado por uma pedagogia que aquilatava a transmissão do conhecimento pela observação e experimentação, o método intuitivo perfazia-se como um mecanismo próprio do desenvolvimento cognitivo alcançado por meio dos sentidos. Dessa forma, os estímulos proporcionados pelos professores aos alunos durante as aulas consistiam no ver, tocar e sentir. Isso elucidava o porquê das constantes reservas que Helvécio de Andrade fazia em

relação aos livros e ao estudo dos conceitos nas suas aulas de Pedagogia publicadas no *Jornal Diário da Manhã*³⁴⁵. Afirmava

Pondo-os diante dos sentidos do ensino, faculta-se à criança a percepção, cujo produto é a idéia da coisa percebida. Si habilmente levamol-a a inspecionar o objecto, descobrir-lhe a cor, a forma, as partes que o compõem, suas propriedades, ella adquirirá muitas idéias; que ficam associadas à memória, à imagem do objeto³⁴⁶.

Nos textos “Ainda Escola Nova”, anunciados no jornal *Diário da Manhã*, Helvécio de Andrade publicou suas aulas sobre o funcionamento do método intuitivo no ensino da leitura. Descreveu o modo como o método funcionava na prática, sugerindo exemplos de análises em sala de aula. Dentre suas constatações, afirmou que a funcionalidade do método estaria diretamente proporcional ao empenho das professoras e normalistas em oferecer aos alunos a capacidade de abstração, de imaginação e experimentação. Nas lições publicadas, esse professor expôs as experiências que poderiam ser elaboradas pelas professoras. Seu raciocínio era conduzido por um esquema de perguntas sobre a descrição e função dos objetos. Escreveu

Escolha um objeto. Seja um chapéu. O professor pergunta: Conhecem este objeto? Classe – Conhecemos, é um chapéu. (...) Professor – observem bem para descrevel-o dizendo quantas partes tem, a forma, de que é feito e para que serve. (...) Bem observado e percebido o chapéu, escreva o professor a primeira sentença, por exemplo: Tenho um chapéu. Deve ler pausada e claramente, apontando cada palavra e mandando que a classe, em conjunto, leia também imitando-o. (...) Várias sentenças do mesmo objeto: O chapéu é meu, Meu chapéu tem copa, etc. Em seguida a cada lição a classe desenhará na louça as sentenças estudadas³⁴⁷.

Ainda advertia os professores da necessidade de precisão ao descrever os objetos que não poderiam ser levados para a sala de aula. Nesse caminho, entendia que as

³⁴⁵ ANDRADE, Helvécio de. “Ainda Escola Nova: metodos de lições”. *Diário da Manhã*. Aracaju, 3 de janeiro de 1924, ano XIV, n. 2909. p.1. col. 3.

³⁴⁶ ANDRADE, Helvécio de. **Do Methodo em Educação**: conferência realizada na Hora Literária em junho de 1927. Aracaju: Typografia do O Christão, 1927. p. 08.

³⁴⁷ ANDRADE, Helvécio de. “Ainda Escola Nova: metodos de lições”. *Diário da Manhã*. Aracaju, 3 de janeiro de 1924, ano XIV, n. 2909. p.1. col. 3.

ilustrações e a fala substituiriam o objeto. A imagem geraria uma compreensão aproximada do objeto. Nas lições oferecidas por Helvécio de Andrade, os objetos previamente conhecidos pelos alunos não só serviriam de ensejo para o exercício dos sentidos como também para auxiliar o professor ao explicar determinado assunto. Esses elementos propiciavam a aquisição de noções e determinavam as singularidades dos objetos coerentes no processo de formalização do saber.

As literaturas produzidas por Helvécio de Andrade sobre o ensino do método intuitivo, apresentavam certas semelhanças com o método difundido por Sampaio Dória, que era ciente de que a capacidade de conhecer era determinada pelo contato da inteligência com os objetos. Como informou Marta Carvalho, Sampaio Dória acreditava que o valor desse método residia na sua competência para desenvolver a capacidade de conhecer pelo contato da inteligência com a natureza e pelo exercício das faculdades perceptivas³⁴⁸. Helvécio de Andrade confessou ser um leitor das produções de Sampaio Dória: “valho-me agora de autor nacional, o professor paulista Sampaio Dória para summariar a marcha do ensino intuitivo”³⁴⁹. Isto possibilita deduzir que o médico sergipano não trabalhou sozinho, estava em sintonia com os ideais difundidos nas reformas educacionais do País.

Numa conferência realizada na Hora Literária em junho de 1927, intitulada *Do Método em Educação*, Helvécio de Andrade discorreu sobre a importância do método para a qualidade do ensino, apresentando, dessa forma, as principais diretrizes para o desenvolvimento de uma instituição escolar moderna. Considerada por esse educador como um templo que concorre para estabelecer os alicerces do progresso moral e intelectual de Sergipe, a escola moderna deveria ser única, com uma educação uniforme com a função de preparar a sociedade pela instrução religiosa, moral e cívica. Lembrava que “a escola é o templo, continuação do lar, onde se cultiva essa flor mimosa e santificada pelas

³⁴⁸CARVALHO, Marta Maria Chagas de. “Reformas da instrução pública”. LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. (org.). **500 anos de Educação no Brasil**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 229.

³⁴⁹ANDRADE, Helvécio de. **Do Método em Educação**: conferência realizada na Hora Literária em junho de 1927. Aracaju: Typografia do O Christão, 1927. p. 08.

preferências de Christo; é a officina onde se adestram homens capazes e dignos de honrar a pátria e a humanidade”³⁵⁰.

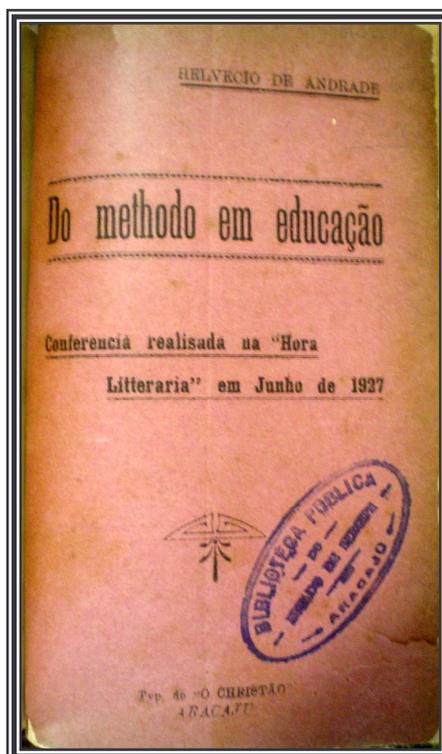


Figura 15: Capa do livro Do Método em Educação. Aracaju. 1927. Fonte: BPED

Estava configurada nesse texto a necessidade do contato dos alunos com os objetos a conhecer. Esses objetos eram artefatos, seres ou figuras que se podia apresentar materialmente aos sentidos dos alunos. Devido a utilização de objetos, o método intuitivo - ou lições de coisas - foi considerado como método racional, ativo. Parafraseando Sampaio Dória, o professor da Escola Normal afirmava que a presença do objeto estimulava os sentidos e a percepção da criança. Como registrou Valdemarin, “o método de ensino é um conjunto de procedimentos regulados que possibilita que tal intento seja alcançado”³⁵¹. Foi

³⁵⁰ ANDRADE, Helvécio de. **Do Método em Educação**: conferência realizada na Hora Literária. Aracaju: Typografia do O Christão, 1927. p. 02.

³⁵¹ VALDEMARIN, Vera Teresa. “Os sentidos e a experiência: professores, alunos e métodos de ensino”. In: **O legado educacional do século XX no Brasil**. Dermeval Saviani...[et. al.]. – Campinas, SP: Autores Associados, 2004. p. 166.

nessa perspectiva que o método intuitivo surgiu como um aspecto imprescindível para a apreensão do processo de edificação da instrução moderna.

Helvécio de Andrade, a partir de um intenso trabalho de produção e divulgação do método através de impressos pedagógicos e periódicos locais, apresentou, nas discussões teóricas, a aproximação entre os campos da Pedagogia e da Psicologia. Dizia esse autor que o processo de compreensão do método pedia que o professor iniciasse da sentença simples para a complexa, dos fatos às causas, das coisas para os nomes, do real para o abstrato, ou seja, de tudo aquilo que pode ser observado para a interpretação. Como registrou Valdemarin, os autores Calkins e Delon consideravam o método intuitivo como um método geral de ensino porque ele podia ser aplicável na leitura, no ensino da história e em outros campos de conhecimentos, visto que os princípios da aprendizagem definidos por essa metodologia estavam relacionados ao ser humano e não ao objeto³⁵².

Apesar da insistência de Helvécio de Andrade na difusão do método, havia certa resistência por parte de alguns professores primários. Reclamavam a falta de material necessário para a devida aplicação do método intuitivo. No relatório que elaborou em 1915, o autor alegou que a resistência era provocada pela falta de conhecimento sobre o método, e que as professoras “não dominavam a técnica e para solicitar a atenção das crianças era costume recorrer aos métodos antigos como o castigo e a emulação”³⁵³.

A utilização do método intuitivo pelos professores seguiria a priori uma observação da idade

³⁵² VALDEMARIN, Vera Teresa. “Lições de coisas: Concepção científica e projeto modernizador para a sociedade”. In: **Caderno CEDES/Cultura escolar: história, práticas e representações**. Ano XIX, nº 52, novembro/2000. p. 79.

³⁵³ SERGIPE. **Relatório apresentado ao Exmo. Snr. General Presidente do Estado, em 30 de Julho de 1915 pelo Dr. Helvécio de Andrade Director Geral da Instrução Pública**. Aracaju: Typografia do O Estado de Sergipe, 1915. p. 7.

dos alunos, pois o conhecimento estaria associado aos interesses das crianças e ao seu desenvolvimento intelectual. Não só esse cuidado deveria ser verificado; defendia a importância de levar em consideração os processos de aplicação do referido método na leitura, na escrita, na recitação, nas lições de coisas, nas interrogações, nos exercícios de inversão e de composição. Só assim se exercitaria a memória e desenvolveria a inteligência das crianças sem tornar o ensino maçante, livresco. Como afirmava, “o ensino intuitivo é o que fala ao espírito e ao coração da criança por meio dos sentimentos”³⁵⁴.

Ao enfatizar o método intuitivo como o único método que deveria ser aplicado nas escolas públicas sergipanas, Helvécio de Andrade evidenciou em sua fala a valorização que o progresso científico adquiriu mediante o conteúdo ensinado. Como um dos defensores da importância da aplicação desse método, buscou, através da imprensa sergipana, disseminar suas *apropriações* elaboradas a partir da leitura dos escritos de Caetano de Campos, Sampaio Dória, Comenius e Pestalozzi, como foi possível apreciar. Entretanto, suas apreciações foram criticadas pelo professor Ávila Lima, que discordava da maneira como Helvécio de Andrade assimilou e difundiu as idéias desses intelectuais.

4.2. Querelas sobre a implantação do método intuitivo

Apesar das críticas aferidas por Ávila Lima sobre a publicação do *Curso de Pedagogia*, esse intelectual reiniciou uma polêmica com o professor Helvécio de Andrade sobre o ensino de religião e, principalmente sobre os métodos intuitivo e analítico. Mas

³⁵⁴ ANDRADE, Helvécio de. **Curso de Pedagogia**: Lições práticas elementares de Psicologia, Pedologia, Metodologia e Higiene escolar, professadas na Escola Normal de Aracaju. Aracaju: Typografia Popular, 1913. p. 97.

como esse bacharel conseguiu galgar um espaço no campo educacional? Quais foram as atividades educacionais que realizou? Como conseguiu o reconhecimento da legitimidade dos seus discursos?

Com certo entusiasmo, Ávila Lima fazia-se sempre presente nas conferências educacionais e nas solenidades cívicas da cidade. Iniciou sua carreira no campo educacional sergipano em 1913, quando foi nomeado Inspetor Geral do Ensino do Segundo Distrito Escolar pelo Diretor Geral da Instrução Pública, Helvécio de Andrade. Conforme o relatório que enviou em 1914, buscava difundir aos professores a importância de uma educação própria para formar cidadãos, de uma educação cívica. Através dela deveria ser estimulado o amor à pátria, o respeito às instituições públicas, obediência à lei e fomento ao sentimento de amor nacional³⁵⁵, como enfatizava: “a ausência de instrução cívica há sido uma das principais causas motoras da degeneração social da família brasileira”³⁵⁶.

Os problemas identificados por Ávila Lima nessas inspeções eram comuns aos outros relatórios, o que permite inferir que as reformas empreendidas não supriram as necessidades do campo educacional. Esse inspetor reclamava a falta de material escolar, mobiliário para o ensino e o descaso das autoridades administrativas com a educação. Sua fala foi reveladora da inquietude que as questões políticas lhe causavam, e dizia: “...são velhas e conhecidas sinecuras, que o systema republicano nos legou, para a tristeza do próprio systema federativo. Habitadas, desde muito, à engorda da bastardia política, pouco ou nada se preocupam com os supremos interesses da educação”³⁵⁷.

Por meio de um concurso prestado em vinte e dois de julho de 1914, Ávila Lima assumiu a cadeira de Pedagogia e Metodologia do Atheneu Sergipense. Um ano depois foi convidado para lecionar Português, História Universal e do Brasil no Colégio Tobias

³⁵⁵O discurso de amor à Pátria era comum aos intelectuais da época. Helvécio de Andrade, em 1916, transcreveu um discurso pronunciado por Ruy Barbosa numa conferência sobre a Moral e Nacionalidade. ANDRADE, Helvécio de. “Sobre a Conferencia de Ruy Barbosa”. **Diário da Manhã**. Aracaju, 28 de julho de 1916, ano VI, n. 1553. p.1. col. 02.

³⁵⁶ LIMA, Adolpho Ávila. **Relatório Geral apresentado ao Exmo. sr Dr. Helvécio de Andrade, Diretor Interino da Instrução pública do Estado sobre o movimento do 5º distrito do ensino primário pelo Inspetor Geral Adolpho Ávila Lima**. Aracaju: Tipografia do O Estado de Sergipe, 1914. p. 4.

³⁵⁷Idem. p.7.

Barreto. Ele estava conquistando o campo educacional sergipano e consolidando sua posição, podendo-se inferir que a rede de relacionamentos constituída pelos indivíduos dependia do interesse que os guiava. A construção dessas relações tinha uma importância singular para a própria composição do indivíduo. Era por meio dessas relações de interdependência estabelecidas com outros sujeitos que Ávila Lima conquistou funções definidas no interior do campo educacional, a estudar a relação indivíduo-sociedade, Norbert Elias revelou que

Nada, exceto a exploração da natureza e da estrutura dessas próprias relações, pode dar-nos uma idéia da estreita e profunda medida em que a interdependência das funções humanas sujeita o indivíduo. Nenhuma outra coisa, em suma, fornece uma imagem mais clara da integração dos indivíduos na formação da sociedade³⁵⁸.

O sujeito forma sua “individualidade” através das relações mantidas com o grupo numa sociedade. No caso de Ávila Lima, a natureza e a estrutura das relações mantidas por ele estavam sendo conferidas pelos tipos de vínculos que ele estabeleceu com outros intelectuais; ou seja, foi através das relações de discórdia ou de afinidades estabelecidas com outros sujeitos que Ávila Lima consolidou-se no grupo como um indivíduo, marcando, assim, sua posição e função na estrutura social.

Ao se tornar membro honorário do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Ávila Lima fortalecia esses vínculos e, por consequência, aumentava seu *capital social*. Também foi convidado para fazer parte do Conselho Municipal de Aracaju e, em 1919, concomitantemente, assumiu um cargo de membro do Conselho Superior da Instrução Pública do Estado, permanecendo nestes cargos até 1922.

Influenciado pela efervescência das idéias reformistas provenientes de São Paulo, Ávila Lima e outros intelectuais a exemplo de Deodato Maia, Evangelino de Faro, Ítala Silva Oliveira, Florentino Menezes, José da Silva Ribeiro, Possidônio Pinheiro da Rocha,

³⁵⁸ ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 26.

Edgar Coelho e José Maria dos Santos Melo³⁵⁹ empenharam-se em difundir a instrução primária através de campanhas de alfabetização e da multiplicação de escolas, fundando a Liga Sergipense contra o Analfabetismo³⁶⁰.

O surgimento da Liga Sergipana Contra o Analfabetismo era fruto da atuação de diferentes forças da sociedade civil e do Estado que buscavam intervir nos rumos do país embasados nas propostas educacionais ajustadas pelo ideal de regenerar a sociedade por meio da alfabetização. Como informou Souza, “manteve-se um conexão com a luta pela institucionalização da escola e elevação do analfabetismo à categoria de principal problema da sociedade”³⁶¹. Com a implantação da Liga Contra o Analfabetismo, Ávila Lima foi indicado para assumir a presidência. No discurso de posse revelava sua esperança de transformar a sociedade sergipana em um modelo de civilidade. Na realidade seu discurso enfático deixava entrever o quanto essa oportunidade lhe serviria para consolidar sua presença no campo educacional:

Apaixonado até as raízes d’alma pela santa causa da civilização nacional, em cujos estudos ando empenhado de há dias, sem, aliás, achar solução para os males, que nos affligem, sinto-me diveras desvanecido ao assegurar-vos aqui que a fundação de uma ‘Liga contra o Analfabetismo Nacional’ trará para as nossas massas humanas uma somma bem considerável de bem estar e segurança³⁶².

Esse intelectual lembrava, citando Payot e Descartes, que era necessária uma educação que privilegiasse a moral e o civismo. Para Ávila Lima, era “pela prática da virtude que se faz toda a grandeza de uma república”³⁶³. Dessa forma, o tipo ideal de

³⁵⁹ Foram os primeiros envolvidos com a implantação da Liga Sergipense contra o Analfabetismo.

³⁶⁰ A tese de doutorado de Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas apresenta aspectos da formação da Liga sergipense contra o analfabetismo ao enveredar pela trajetória de uma das intelectuais sergipanas mais influentes no sistema educacional, Ítala Silva de Oliveira. Neste estudo sobre a LSCA foi revelado que “Em 1920, a Liga contava com 8 escolas noturnas, espalhadas pelo interior do Estado. No ano seguinte, eram 12 escolas que alfabetizavam na capital e no interior do Estado. Em Aracaju, a liga espalhou escolas nos bairros distantes do centro da cidade e contava também com um periódico oficial denominado “Pela Pátria” desde 1919.” Em: FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Educação, trabalho e ação política: sergipanas no início do século XX**. Campinas, SP: [s.n.], 2003.

³⁶¹ SOUSA, Clotildes Farias de. **Por uma pátria de luz, espírito e energia: a campanha da Liga Sergipense contra o analfabetismo. (1916-1950)**. São Cristóvão, UFS. (Dissertação – Mestrado em Educação). 2004. p. 62.

³⁶² LIMA, Adolpho Ávila. “Liga contra o analfabetismo no Brasil”. In: **Revista do IHGS**. Ano IV, vol. IV, n. 07. Aracaju: Imprensa Oficial. 1919. p. 269 a 276.

³⁶³ Idem. p. 270.

educação para esse intelectual estava relacionado à idéia de uma educação que valorizasse o cultivo das boas ações.

Esse ideal utópico levou Ávila Lima a desacreditar na instrução pública que estava sendo exercida em Sergipe e afirmava: “chego até a pensar, nas minhas scismas pedagógicas, que a instrução desacompanhada da educação é um instrumento vil posto ao serviço da desordem e da anarquia”³⁶⁴. Suas considerações ressaltavam o papel do professor no desenvolvimento de uma educação moral para esse intelectual “é preciso cultivar o sentimento e o entendimento ao mesmo tempo, isto é, instruir educando e educar instruindo”³⁶⁵.

A vida intelectual sergipana era marcada pela oralidade e erudição. Os que conseguiam esses expedientes gozavam de prestígio social. As publicações em jornais de grande circulação também eram formas de apreender certa posição no interior do campo. Essa foi a mais utilizada por Ávila Lima. Teve acesso aos jornais que circulavam em Sergipe àquela época, publicava freqüentemente em *O Estado de Sergipe*, *Gazeta de Sergipe*, *Diário da Manhã* e *O Norte*, de Propriá. Além disso, foi um assíduo colaborador de jornais de outros estados, como o *Diário de Notícias*, da Bahia; do jornal *Pernambuco*, de Recife e da *Revista do Direito*, do Rio de Janeiro.

Ávila Lima escrevia sobre política, educação, temas jurídicos, poesias e manteve algumas polêmicas com outros intelectuais³⁶⁶. Nesses artigos, em específico publicava, às vezes, através de pseudônimos como “Passos de Albuquerque Palmeira do Monte” e escreveu algumas poesias com o pseudônimo de “Dalemmar”. Essas publicações deram uma maior visibilidade a esse intelectual. Muitos jornais elogiavam suas atuações tanto no campo jurídico como no educacional. Um artigo publicado na *Gazeta de Sergipe*, por ocasião do aniversário de Ávila Lima, foi exemplo disso. A troca de elogios também era

³⁶⁴LIMA, Adolpho Ávila. “Liga contra o analfabetismo no Brasil”. In: **Revista do IHGS**. Ano IV, vol. IV, n. 07. Aracaju: Imprensa Oficial. 1919. p. 269 a p. 272.

³⁶⁵LIMA, Adolpho Ávila. “Liga contra o analfabetismo no Brasil”. In: **Revista do IHGS**. Ano IV, vol. IV, n. 07. Aracaju: Imprensa Oficial. 1919. p. 269 a p. 272.

³⁶⁶ Nesta pesquisa em particular estudaremos a polêmica travada com o intelectual Helvécio de Andrade.

uma estratégia que estabelecia um processo de legitimação dos *bens simbólicos*³⁶⁷ de quem estivesse sendo elogiado, determinando a ascensão na hierarquia do campo intelectual.

O calendário assigna amanhã, a data natalícia do illustre homem de letras doutor Adolpho de Ávila Lima, advogado de incontestável saber jurídico e de grande nomeada em nosso fôro. Cavalheiro de fina educação e trato filosófico, o doutor Ávila Lima goza no meio social sergipano de elevada estima e consideração, pelas nobres qualidades que possui. Intelligencia robusta, jornalista e poeta, o anniversariante distincto é uma das figurações de relevo da actual geração intelectual de Sergipe³⁶⁸.

Diante da leitura de alguns textos escritos por Ávila Lima foi possível levantar a hipótese de que esse intelectual não se opôs à Pedagogia Moderna. Ele apenas não aceitava as idéias que Helvécio de Andrade difundia sobre ela. Tratavam-se, pois, de *apropriações*³⁶⁹, de leituras diferentes de um mesmo movimento. Esse desacordo também pode estar relacionado à competitividade que ambos travaram para obter a legitimidade sobre o domínio dos princípios da Pedagogia Moderna. Os discursos deles sobre esse movimento modernizador não eram tão díspares, contudo muitos aspectos eram comuns nas duas falas.

Ambos defendiam o trabalho, o dever e a pátria como os “mais nobres intuitos da Pedagogia Moderna”³⁷⁰, eram contra a emulação como procedimento educativo e divulgavam a necessidade da educação moral. Em contrapartida, divergiam quanto à necessidade de ser ministrado nas escolas o ensino de religião, que foi uma questão polêmica discutida desde a segunda metade do século XIX no campo educacional sergipano.

No artigo intitulado “Nos domínios da Instrução Pública”, publicado em 1909, Ávila Lima, ao discorrer sobre a hipótese de a religião dever ser ou não ensinada nas escolas, apresentou as correntes que discutiam isso. O primeiro segmento eram os

³⁶⁷ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

³⁶⁸ “Advogado Adolpho Ávila Lima”. **Gazeta de Sergipe**. Aracaju, 25 de Agosto de 1928, ano II, n. 234. p.1.col. 3.

³⁶⁹ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1990.

³⁷⁰ LIMA, Adolpho Ávila. “Nos domínios da Instrução Pública”. **O Estado de Sergipe**. Aracaju, 21 de Setembro de 1913, ano XV, n. 2729. p. 1. col. 1-2.

defensores da inclusão do ensino de religião como parte integrante do currículo escolar. O segundo grupo era conhecido como os materialistas modernos³⁷¹, que combatiam os fundamentos do primeiro segmento, condenando o ensino de religião ministrado nas escolas.

Foi dentro desta última corrente que Ávila Lima se posicionou, afirmando que a religião “estando fora da natureza e da sciencia, é uma chiméra, uma illusão, uma utopia, não devendo por isso, ser ministrada nos colégios primários por carecer ainda mais de base experimental”³⁷². Simpático às idéias, Ávila Lima, citando Spencer, Joubert, Payot e Diderot, justificava seu posicionamento afirmando que o ensino de religião nas escolas primárias seria uma obstrução à educação com base na Pedagogia Moderna. Além disso, acreditava que esse tipo de ensino seria um verdadeiro “atentado ao Estado, à sociedade, à pátria e à humanidade” por ser uma “infração à liberdade de consciência”³⁷³. Esse intelectual aconselhava aos que necessitavam “alimentar o coração”³⁷⁴ que procurassem templos sagrados, mas não os bancos das escolas primárias.

No entanto, muitos intelectuais divergiam desse ponto de vista. Era o caso do médico Helvécio de Andrade que achava indispensável o ensino religioso nas escolas primárias por entender que ele beneficiava a formação da consciência moral da criança. Esse médico enfatizava o emblema de que só a religião poderia fornecer ao homem o conhecimento intuitivo da justiça, da moralidade.

Nos anos de 1930 a 1945, a idéia de reconstrução do País era o ponto referencial da política revolucionária. Hisldorf³⁷⁵ e Baía Horta³⁷⁶ colocaram em evidência a influência da política da Igreja Católica para oficializar o ensino de religião nas escolas públicas,

³⁷¹ Ávila Lima achava impróprio o título que deram a esse terceiro grupo.

³⁷² LIMA, Adolpho Ávila. “Nos domínios da Instrução Pública”. **O Estado de Sergipe**. Aracaju, 21 de Setembro de 1913, ano XV, n. 2729. p. 1. col. 1-2. p. 1.

³⁷³ LIMA, Adolpho Ávila. “Nos domínios da Instrução Pública”. **O Estado de Sergipe**. Aracaju, 21 de Setembro de 1913, ano XV, n. 2729. p. 1. col. 1-2. p. 1.

³⁷⁴ Idem. p.1.

³⁷⁵ HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **História da Educação Brasileira: leituras**. São Paulo: Pioneira. Thomson Learning, 2003.

³⁷⁶ HORTA, José Silvério Baía. **O Hino, o sermão e a ordem do dia: regime autoritário e a educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1994.

revelando assim sua luta pela reconquista do campo educacional. Diante disso, ela se posicionava contra as idéias dos intelectuais que defendiam a criação de um Estado leigo. A Igreja Católica se valeu da promessa de prestação de serviço social como estratégia de conciliação com o governo revolucionário.

A separação entre a Igreja e o Estado é oficializada por decreto em janeiro de 1890 e confirmada pela constituição republicana de 1891. Entre os dispositivos incluídos nesta constituição, para garantir a plena separação Igreja e Estado estava a introdução do ensino leigo nas escolas públicas (...) D. Leme propõe aos católicos se engajarem em uma luta contra o ensino leigo e reivindicarem a reintrodução do ensino religioso nas escolas oficiais”³⁷⁷.

O discurso católico pela obrigatoriedade difundia-se, muitas vezes, através dos intelectuais da educação. Foi o caso de Sergipe. A defesa do ensino de religião nos discursos de Helvécio de Andrade era, na realidade, a defesa do ensino católico.

Mas se me permitissem falar com toda a franqueza, direi que o caso só comporta uma solução lógica, que outra não é senão esta: sendo católica – religião dos brasileiros – só ela deve ser ensinada nas escolas brasileiras, haja embora a mais sábia tolerância para todos os credos”³⁷⁸.

Esse não foi o único tema em torno do qual Ávila Lima e Helvécio de Andrade divergiram. Os jornais sergipanos registraram acirradas polêmicas entre esses dois intelectuais. Um dos pontos centrais que os levou a essas discussões dizia respeito ao método de ensino mais eficiente para a aprendizagem do aluno.

No artigo publicado em 1915, intitulado “Carta pedagógica: fragmentos de uma homenagem”³⁷⁹, no jornal *Diário da Manhã*, Ávila Lima discorreu sobre a validade do

³⁷⁷HORTA, José Silvério Baia. **O Hino, o sermão e a ordem do dia: regime autoritário e a educação no Brasil**. Rio de Janeiro: EditoraUFRJ. 1994. p. 93-95.

³⁷⁸ SERGIPE. **Relatório Anual apresentado ao Exmo. Sr. Interventor Federal Major Augusto Maynard Gomes pelo Diretor Geral Helvécio de Andrade**. Aracaju: Tipografia do O Estado de Sergipe, 1932. p. 18.

³⁷⁹ LIMA, Adolpho Ávila. “Carta Pedagógica: fragmentos de uma homenagem”. **Diário da Manhã**. Aracaju, 23 de Março de 1915, ano V, n. 1171. p. 1. col. 2.

método analítico defendido por Helvécio de Andrade numa conferência realizada no salão nobre da Escola Normal. Ávila Lima acreditava que a própria expressão analítico não exprimia a natureza do processo de aprendizado da leitura e, assim, julgou que ela deveria ser abolida do campo pedagógico, justificando que o procedimento analítico tem como princípio a decomposição. Quando o professor enviava à infância um vocábulo que representava os seres conhecidos, o que estava sucedendo era uma lição de coisas, afirmava. Dessa forma o melhor método para ser aplicado à criança era o “ensino pela ação” porque as crianças eram levadas a agir e a raciocinar por si.

Essa crítica realçava a incongruência de um iniciado no campo educacional, ou pelo menos era a representação que Ávila Lima gostaria de criar sobre Helvécio de Andrade. Suas palavras na imprensa a respeito do método defendido pelo diretor da instrução pública eram fortes e marcavam as falhas do discurso de Helvécio de Andrade.

A denominação de métodos analyticos nos parece contrária a actualidade científica, porque só um método existe preconizado pela lógica contemporânea, e é elle o científico, lógico ou positivo, formado pelos processos de observação, experimentação, comparação, indução e dedução. Sahidos desses limites científicos, estaremos charfundados no lamaçal da methaphisica que é a negação da pedagogia e da evolução científico-philosophica hordierna.(...) Esta maneira de conferencias, que ora nos parece animar e reanimar o espírito sequioso de luz, e de saber, já vae produzindo danos consideráveis, como as inundações desmedidas de caudalosos rios... Precisamos fechar quanto antes, as torneiras da eloqüência, senão ninguém escapará à terrível inundação do gênio da oratória!³⁸⁰.

Respondendo a essas acusações, Helvécio de Andrade publicou e justificou no *Jornal de Notícias*, sob o pseudônimo de “Um professor”, as escolhas teóricas que embasaram suas afirmações sobre o método de leitura analítico e a eficiência dele na aprendizagem da criança. Ao mesmo tempo contra-argumentou a capacidade do método

³⁸⁰ LIMA, Adolpho Ávila. “Carta Pedagógica: fragmentos de uma homenagem”. **Diário da Manhã**. Aracaju, 23 de Março de 1915, ano V, n. 1171. p. 1. col. 2.

proposto por Ávila Lima, o método positivo, já que esse intelectual defendia a existência de um único método, “o lógico, positivo e científico” que estaria formado pelo processo de observação, da experimentação, da comparação, da indução e da dedução.

Um mês após a publicação dessas afamadas críticas, Ávila Lima, no *Diário da Manhã*, em 1915, publicou o artigo “Recapitulações Pedagógicas”, no qual comentou as refutações de Helvécio de Andrade e sua escolha pelo uso do pseudônimo, afirmando “Não compreendo infelizmente o alcance de tais proposições lógicas por ausência absoluta de cultura filosófica”, e acrescentou: “o anarchico autor do palestrando, pergunta-me, em primeiro lugar, qual é o methodo lógico positivo ou científico a que alludi, no meu trabalho pedagógico como se não houvesse eu tornado mais que claro”³⁸¹.

Diante das acusações, a reação de Helvécio de Andrade foi impetuosa. Com a intenção de colocar à prova os conhecimentos do professor Ávila Lima, propôs que este respondesse ao seguinte questionamento: “Qual a diferença entre o método e o processo pedagógico, se é verdade que todo processo é methodo e todo methodo é processo?”³⁸². Com o objetivo de satisfazer a “curiosidade ingênua”³⁸³ do diretor da instrução pública, Ávila Lima buscou embasamento nas definições do pensador Fernando Púgila, em Bertrand, Littré, Compayré, na filosofia de Silvio Romero, no livro publicado por Vicente de Souza - lente de Metodologia do Ginásio Nacional do Rio de Janeiro - e no conceito dos termos processo e método.

Na realidade, Helvécio de Andrade queria desautorizar as acusações de Ávila Lima sobre o método analítico. Esse último, com certa engenhosidade, iniciou sua preleção afirmando que para uma pergunta errônea e confusa a resposta poderia não ser bem compreendida. Ele acusou Helvécio de Andrade de ter subestimado seus conhecimentos, e, antes mesmo de responder à questão, buscou desautorizar o discurso do seu opositor

³⁸¹ LIMA, A Ávila. “Recapitulações pedagógicas”. *Diário da Manhã*. Aracaju, 6 de Abril de 1915, ano V, n. 1180. p. 1. col. 2.

³⁸² ANDRADE, Helvécio de. “Sobre o Método Analytico”. *Jornal de Notícias*. Aracaju, 29 de março de 1915, ano V, n. 1179. p. 1. col. 3-4.

³⁸³ Idem. p. 1.

dizendo que “não fica bem a quem estuda e pensa fazer semelhante confusão entre as idéias de sentido inteiramente diferentes, como sejam, por exemplo, methodo e processo”³⁸⁴.

No final da sua explicitação, Ávila Lima desafiou Helvécio de Andrade ao informar-lhe que no Livro de Calkins, “Lições de Coisas”, apenas encontrou a expressão ‘methodo analytico’ como sinônimo de processo objetivo de ensino. Assim, com certo descaso comparou o conhecimento de Helvécio de Andrade a diamantes falsos:

A semelhança do famoso e celebre do chimico, s.s. de Helvécio de Andrade digníssimo diretor interino da instrução pública de Sergipe, também descobriu o seu forno elétrico da propagação das idéias, que é o *Jornal de Notícias* e também conseguiu fabricar alguns diamantes, que são os seus trabalhos pedagógicos, até hoje publicados. Mas pelo seu caráter de antifelicidade, nunca deixaram de ser falsos os diamantes de Moissan³⁸⁵, como também não deixado de ser errôneos e ridículos todas as produções pedagógicas até aqui aventadas pelo sr.dr. Diretor da instrução pública de Sergipe³⁸⁶.

No ano em que Helvécio de Andrade foi convidado pelo Presidente do Estado, José Rodrigues da Costa Dórea, para assumir a Diretoria da Escola Normal e ser professor de Pedagogia da mesma instituição, Ávila Lima publicou no jornal *O Estado de Sergipe*, em 21 de setembro de 1913, um artigo intitulado: “Nos domínios da Instrução Pública” apresentando, com convicção, suas *apropriações* sobre os princípios da Pedagogia Moderna. Ressaltou que

Debaixo, pois, das grandes idéias pedagógicas, que nos inspiram e animam a alma e o coração de moço, confiante, esperaremos que os presentes raciocínios, que aqui ficam, sejam bem assimilados e melhor ainda interpretados por todos aquelles, que se dedicam a formação e o desenvolvimento do caráter da mocidade sergipana, afim de que, mais

³⁸⁴ LIMA, Adolpho Ávila. “Recapitulações pedagógicas”. **Diário da Manhã**. Aracaju, 6 de abril de 1915, ano V, n. 1180. p. 1. col. 2.

³⁸⁵ O naturalista Moissan foi quem descobriu um forno elétrico de temperatura superior a 3600, destinou a auxiliar a fabricação do diamante e que ele próprio chegou um dia à humanidade belas pedras preciosas.

³⁸⁶ LIMA, Adolpho Ávila. “Recapitulações pedagógicas”. **Diário da Manhã**. Aracaju, 6 de abril de 1915, ano V, n. 1180. p. 1. col. 2.

adeante, no futuro, a razão lógica dos nossos pensamentos não seja deturpada pelo misoneísmo anarchicoda corrupta legião dos zóflor e parvos, que, por ahi, rugem inconsciências, numa dolorosa vertigem de loucura³⁸⁷.

Não só com o intelectual Helvécio de Andrade foram estabelecidas disputas pelo campo intelectual sergipano; Ávila Lima também polemizou com Ascendino Argolo sobre temas relacionados à Botânica, em 1909 e 1910; com o bacharel João Antonio de Oliveira discutiu temas jurídicos, em 1916; e, sobre os limites geográficos de Sergipe, debateu com Elias Montalvão e Luiz José da Costa Filho, em 1918.

A querela sobre as propostas metodológicas defendidas por Helvécio de Andrade e criticadas por Ávila Lima foi apenas o início de uma discussão que se estenderia até a década de 1920, momento em que Carvalho Neto, como diretor da instrução pública e presidente do Conselho Superior de Instrução, recusou a proposta de difusão do método analítico por meio de uma cartilha elaborada pelo professor Helvécio de Andrade.

4.3. A Pequena Cartilha Sergipana e o método de leitura analítico

O método de ensinar a ler foi associado à reflexão sobre o modo como a criança aprende a falar. Os pensadores desse método afirmavam que a maneira como o professor explicava o ABC não corroborava para a compreensão clara dos termos explanados; pelo contrário: estimulava apenas a confusão e a memorização de letras ou sílabas. Esse seria um processo artificial do ensino. “A criança não aprende a falar destacado letras, formando syllabas, a criança aprende a falar – falando, designando os objetos pelo nome”³⁸⁸.

A análise no processo de leitura permitia que o aluno relacionasse a idéia à palavra escrita. Utilizando-se das considerações do professor paulista Carlos Escobar, Helvécio de

³⁸⁷LIMA, Adolpho Ávila. “Nos domínios da Instrução Pública”. **O Estado de Sergipe**. Aracaju, 21 de Setembro de 1913, ano XV, n. 2729. p. 2. col. 2-3.

³⁸⁸ ANDRADE, Helvécio de. “Breve notícia sobre a Leitura Analítica”. **Correio de Aracaju**. Aracaju, 4 de outubro de 1912, ano VI, n. 754. p. 02. col. 1 e 2.

Andrade anunciou no Jornal *Correio de Aracaju* os princípios que conduziam o método de leitura analítico. Dentro de uma perspectiva cronológica, o professor primário deveria desenvolver a fala da criança para depois ensiná-la a ler. Isto porque a primeira das fases da aplicação do método analítico seria ensinar a ler sentenças como unidades de uma história extraída de objetos visíveis ou de fatos domésticos comuns às crianças. Em seqüência, o professor deveria auxiliar o aluno a fazer uma análise mental dos termos de cada sentença e, por fim, sugerir que destacasse as letras, as sílabas e as palavras. O professor paulista afirmava que através desse processo, em apenas cinco meses a criança aprenderia a ler³⁸⁹.

As aulas de leitura ocupavam um lugar de destaque no cronograma primário estabelecido pela diretoria da instrução pública. Através delas, os saberes eram organizados de forma a desenvolver as habilidades de leitura, inserir novos hábitos, estimular o raciocínio e o imaginário. Sobre este último, José Murilo de Carvalho ressaltou que “é por meio do imaginário que se pode atingir não só a cabeça, mas, de modo especial, o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças”³⁹⁰. Assim, pode-se inferir que através da leitura cultivavam-se os valores da moral, civismo e o sentimento patriótico presentes nos textos infantis.

Com o objetivo de dar maior visibilidade ao método analítico, o professor da Escola Normal resolveu publicar toda a tese de Carlos Escobar apresentada no jornal *Correio de Aracaju*. Iniciou a preleção a partir de análises referentes ao funcionamento nervoso e através delas, Carlos Escobar comprovou que a aquisição do conhecimento não dependia de repetidas experiências, como exigia o método de decoreação. Ao evidenciar que alunos sujeitos à mesma disciplina com os mesmos exercícios não conseguiam o mesmo aproveitamento, concluiu que o aprendizado não dependia apenas da aplicação do saber³⁹¹.

³⁸⁹ ANDRADE, Helvécio de. “Breve notícia sobre a Leitura Analítica”. *Correio de Aracaju*. Aracaju, 6 de outubro de 1912, ano VI, n. 756. p. 02. col. 1 e 2.

³⁹⁰ CARVALHO, José Murilo. *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 10.

³⁹¹ ANDRADE, Helvécio de. “Assumptos pedagógicos, leitura analítica: conferência do sr. Professor Carlos Escobar, S. Paulo, 1911”. *Correio de Aracaju*. Aracaju, 28 de Janeiro de 1912, ano VI, n. 654. p. 01. col. 02 e 03.

Das análises embasadas em Arnaldo Barreto e Spencer, o professor paulista Carlos Escobar ratificou que a aquisição do conhecimento estava sujeito ao sistema nervoso. Por conseqüência, o desenvolvimento do sistema nervoso dependia da constituição genética proveniente das “experiências da raça”; portanto, rematou que “os dois grandes processos de instruir são a adaptação e a hereditariedade”³⁹².

Ao partir de uma perspectiva evolucionista Carlos Escolar justificou o porquê de as crianças de uma mesma classe apresentarem diferentes graus de aproveitamento. Essas considerações também foram importantes para afirmar que a aprendizagem ocorria por meio da coordenação das sensações. Era o sistema nervoso que as recebia e a consciência transformava-as em conhecimento.

Tas sensações, transmitidas ao cérebro pelos nervos ópticos chegam ao centro cerebral da fala, onde soffrem uma decomposição, para depôs serem transformados em movimento do aparelho phonador. Esta decomposição no glanglio é o que chamo de analyse mental³⁹³.

Conforme o entendimento de Helvécio de Andrade, o método de leitura analítica adquiriu uma noção mais aprofundada com a explanação ministrada pelo professor paulista. As análises lhe serviram de base teórica para relevar às normalistas a importância da aplicação desse método nas escolas primárias.

Conforme Sobral³⁹⁴, nas décadas finais do século XIX, São Paulo foi palco de querelas sobre método de leitura, e somente a partir da defesa do método analítico ou palavração³⁹⁵, pelo intelectual Silva Jardim, que foi institucionalizado nos grupos escolares

³⁹² ANDRADE, Helvécio de. “Assumptos pedagógicos, leitura analítica: conferência do sr. Professor Carlos Escobar, S. Paulo, 1911”. **Correio de Aracaju**. Aracaju, 31 de Janeiro de 1912, ano VI, n. 655. p. 01. col. 02.

³⁹³ ANDRADE, Helvécio de. “Assumptos pedagógicos, leitura analítica: conferência do sr. Professor Carlos Escobar, S. Paulo, 1911”. **Correio de Aracaju**. Aracaju, 7 de fevereiro de 1912, ano VI, n. 659. p. 01. col. 02, 03 e 04.

³⁹⁴ SILVA, Maria Neide Sobral da. “Ecos do modelo paulista de ensino da leitura em Sergipe.” (1911-1931). In: **III Congresso Brasileiro de História da Educação: Educação Escolar em Perspectiva Histórica**. – Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2004. p. 3.

³⁹⁵ Segundo Neide Sobral, o positivista Silva Jardim foi o propagador do chamado Método João de Deus contido na Cartilha Maternal. Em: SILVA, Maria Neide Sobral da. “Ecos do modelo paulista de ensino da leitura em Sergipe” (1911-1931). In: **III Congresso Brasileiro de História da Educação: Educação Escolar**

paulistas e teve como consequência a proliferação das cartilhas. Dizia Sobral que a “*Cartilha Analytica* foi adotada em Sergipe ao longo da década de 1910 e 1920 (...) e era baseada no método analítico”³⁹⁶.

A partir da pretensão de servir de esteio interpretativo para a modernização da escola, os métodos de ensino intuitivo e de leitura analíticos impulsionaram a produção de diversos materiais pedagógicos como cartilhas, manuais e livros de leitura destinados aos alunos e aos professores. Esses materiais, na maioria das vezes, exemplificavam a forma da qual o método deveria ser aplicado, como os conteúdos deveriam ser explanados e apresentavam os principais fundamentos dos métodos.

A importância do livro de leitura havia adquirido uma configuração mais abrangente com a difusão do método de leitura analítico e do intuitivo. Contribuiu para esse fato a expansão das escolas primárias graduadas que estimulou, conseqüentemente, a produção da literatura escolar. Em Sergipe, o desenvolvimento da literatura escolar foi evidente a partir do final do século XIX. A literatura utilizada compreendia, além dos clássicos franceses, as obras de João Köpke, Thomas Galhardo e César Martines.

Alguns autores sergipanos aventuraram-se em publicar ensaios e compêndios, como foi o caso de Elias Montalvão, com “Meu Sergipe” e do clérigo José Sotero de Souza que publicou “Noções de Civilidade e Hygiene Corporal”, com indicação para o uso específico dos alunos primários³⁹⁷. Eles eram avaliados pelo Conselho de Instrução Pública que julgava se os livros eram ou não pertinentes para serem utilizados em sala de aula.

Helvécio de Andrade compreendia o livro como um instrumento auxiliar da aprendizagem, através do qual não só o conteúdo disciplinar deveria ser ministrado, mas funcionaria, principalmente, como difusor da cultura. Conforme pronunciava, muitas disciplinas deveriam ser ministradas sem o auxílio do livro com o objetivo de evitar que as

em Perspectiva Histórica. – Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2004. p. 3.

³⁹⁶ Idem. p. 4.

³⁹⁷ “Diretoria da Instrução: expediente do dia 7 de Janeiro” **Estado de Sergipe**. Aracaju, 8 de janeiro de 1919, ano XX, n. 5647. p.2. col. 03.

professoras tornassem as aulas monótonas. Este caso se aplicaria apenas às disciplinas mais práticas como História Natural, Física, Química, Desenho, Aritmética, Higiene, Educação Moral e Cívica, Canto e Educação Física que eram ministradas por meio das lições de coisas.

Ciente da importância desse material didático, Helvécio de Andrade propôs a implantação de uma biblioteca na Escola Normal. Entusiasmado com a iniciativa, foi o primeiro a fazer doações. Dentre os livros cedidos estava um número da Revista do IHGS correspondente ao ano de 1918; um livro de versos intitulado “Alma Sentimental”, de Alberto Campos, e “Noções de Civilidade e Higiene Corporal” do clérigo José Sotero de Souza. Mas o seu principal objetivo era publicar uma cartilha com temas que abrangessem a cultura sergipana para o uso das professoras primárias.

As alunas da Escola Normal eram orientadas para utilizar as Cartilhas Analíticas. Adequadas à organização didático-pedagógica das escolas graduadas, essas cartilhas estavam fundamentadas nos princípios de racionalidade científica pregado pela Pedagogia Moderna. Elas eram depositárias de conteúdos que retratavam os conhecimentos e valores considerados importantes para a sociedade nesse período.

Muitas vezes tratando de histórias do cotidiano, da família, da escola e dos feitos patrióticos, as cartilhas apresentavam-se atraentes nas capas através das cores e imagens. Consoante Chartier, as obras adquirem sentido ao relacionar o texto à sua materialidade e à prática que dele se apodera³⁹⁸. Assim, nas aulas de leitura a meta maior não era apenas alfabetizar, mas corroborar na apropriação dos valores pré-estabelecidos transmitidos pelos textos escolares. Dessa forma, as cartilhas reservaram para a escola a função de civilizar.

Segundo o raciocínio de Rosa Fátima de Souza³⁹⁹, o ensino do Português tornou-se um mecanismo fundamental para a homogeneização, bem como o estabelecimento de

³⁹⁸ CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

³⁹⁹ OLIVEIRA, Cátia Regina Guido Alves de. SOUZA, Rosa Fátima de. “As faces do Livro de Leitura”. In: **Caderno CEDES**: Cultura Escolar: história, prática e representações. Ano XIX, n. 52, novembro de 2000. p. 32.

normas de comportamento moral e cívico. Conhecedor dessas disposições, Helvécio de Andrade escreveu uma cartilha intitulada “Pequena Cartilha Sergipana” com o fim de ministrar saberes próprios da cultura sergipana nas escolas primárias. Apresentou ao presidente de Estado, Pereira Lobo, sua proposta e uma cópia dessa cartilha. Esperando elogios devido a tal iniciativa, não aguardou pelo veredicto oficial para difundir seu feito entre as normalistas. A Pequena Cartilha Sergipana foi enviada pelo presidente de Estado ao Conselho Superior de Instrução como prática corrente da administração, mas o Conselho indeferiu a sua aplicação.

Não obstante os desentendimentos que envolviam Helvécio de Andrade e o presidente do Conselho, a proposta foi avaliada por uma comissão de professores e profissionais liberais que estabeleciam rigorosos mecanismos de avaliação. O Conselho era composto pela seguinte comissão, a saber, Antonio Manuel de Carvalho Neto, presidente; Aristides da Silveira Fontes, vice-presidente; Ascendino Argolo, secretário; Augusto Leite, José Alencar Cardoso, Adolpho Ávila Lima e Alexandre de Oliveira Freire, membros efetivos. Para eles os livros deveriam ser coerentes, verdadeiros, claros, ilustrativos, didáticos, ou seja, deveriam provar que seriam instrumentos de auxílio à aprendizagem do aluno. Mas esse não foi o único episódio pelo qual Helvécio de Andrade entrou em conflito com o Conselho Superior de Instrução.

Numa série intitulada “Collaboração: em defesa de uma instituição”⁴⁰⁰, Helvécio de Andrade apresentou críticas referentes à exclusão do programa da cadeira de Pedagogia da Escola Normal aprovado em 1918, quando ainda era diretor da instrução pública. O Conselho Superior de Instrução alegou que os assuntos de Psicologia pedagógica e História da Pedagogia, ministrados por Helvécio de Andrade, eram abstratos e sem importância prática, por isso foram dispensados do novo programa aprovado pelo diretor da instrução pública, Carvalho Neto, em 1919. Em resposta o professor de Pedagogia da Escola Normal escreveu

⁴⁰⁰ ANDRADE, Helvécio de. “Collaboração: em defesa de uma instituição”. **Diário da Manhã**. Aracaju, 3 de junho de 1919, ano IX, n. 2337. p.1. col. 03.

O Conselho é composto de distintos intelectuais, bem conhecidos, mas por isso mesmo maior foi a minha estranheza, quando li as conclusões do parecer aludido de envolta com uma censura absolutamente injusta a respeitável e exemplar cadeira de pedagogia, a qual cumprirá tanto mais o seu dever quanto maior desenvolvimento der ao seu estudo da psicologia pedagógica, isto é, do conhecimento das faculdades d'alma em suas aplicações à educação⁴⁰¹.

Entre os membros do Conselho Superior de Instrução, Ávila Lima, Carvalho Neto e Augusto Leite já haviam mantido algum tipo de querela com o professor de Pedagogia da Escola Normal. Não se sabe até que ponto as desavenças foram determinantes para a rejeição da Pequena Cartilha Sergipana. Helvécio de Andrade resolveu, então, publicar sua indignação perante a atuação desse Conselho. O Jornal *Diário da Manhã* lhe cedeu uma coluna na primeira página e durante os meses de Junho e Julho de 1919 criticou a direção da instrução pública e o trabalho do Conselho Superior de Instrução ao emitir restrições quanto às noções pedagógicas contidas na Pequena Cartilha Sergipana. Fez a seguinte ressalva

Agora a parte relativa à orientação pedagógica. Aqui é que desejava ver a crítica fecunda em sugestão e objetivações práticas felizes. Ao envez, a única referencia do parecer foi que nessa parte da cartilha há frases de sentido impenetrável. Nem ao menos citou o parecer uma das frases, o que me obriga a transcrever a referida orientação, para, logo após, concluir esta justa defesa de uma mal amparada instituição⁴⁰².

O relato professado por Helvécio de Andrade condenava a parcialidade dos membros do Conselho. Acreditava que estes pretendiam legar-lhe desprestígio diante da sociedade. Suas palavras de desagrado com o parecer eram profusas de ofensas e críticas ao Conselho. Pronunciava que “o parecer não é um parecer: é alguma coisa de inacomodável à dignidade e fins de um Conselho de Instrução. Em nada me atinge o destempero”⁴⁰³.

⁴⁰¹ ANDRADE, Helvécio de. “Collaboração: em defesa de uma instituição”. *Diário da Manhã*. Aracaju, 4 de junho de 1919, ano IX, n. 2338. p.2. col. 01.

⁴⁰² ANDRADE, Helvécio de. “Collaboração: em defesa de uma instituição”. *Diário da Manhã*. Aracaju, 7 de junho de 1919, ano IX, n. 2341. p.2. col. 01 e 02.

⁴⁰³ ANDRADE, Helvécio de. “Collaboração: em defesa de uma instituição”. *Diário da Manhã*. Aracaju, 14 de junho de 1919, ano IX, n. 2346. p.2. col. 01 e 02.

O parecer emitido pelo Conselho Superior de Instrução foi apresentado por Carvalho Neto no jornal *Correio de Sergipe*, respondendo às interpelações evocadas por Helvécio de Andrade no *Diário da Manhã*. Dizia Carvalho Neto: “O Conselho Superior de Instrução acaba de ser alvejado por um detractor abespinhado. Alçou o collo, num assombro de fúria, o interesse contrariado de um Pestalozzi de águas turvas”⁴⁰⁴.

Com o título “A Cartilha de um Pedagogo”, o presidente do Conselho indagou se o presidente do Estado estaria errado em solicitar ao órgão responsável o pronunciamento a respeito de trabalhos destinados ao ensino em Sergipe e exclamou: “ou queria o autor da Cartilha que a obra magna do seu engenho fosse, para logo, aceita e impressa, sem o pronunciamento das autoridades competentes?”⁴⁰⁵ Julgando correta a ação do Conselho, afirmou

Desfeita, assim, esta primeira censura ao Governo, velada nas entrelinhas de um palafrio, e ocasião de tomar ao Parecr. Há de o público leitor edificar-se, então, mas bellezas impares de uma Cartilha, semente que, se viesse a germinar, envenenaria toda a soberba floração das crianças de Sergipe, rebentos viçosos de cuidosa vida, de cujo amparo e carinho depende o futuro deste formoso Brasil⁴⁰⁶.

Carvalho Neto como diretor da instrução pública e, conseqüentemente, presidente do Conselho Superior de Instrução, tinha maiores responsabilidades diante do parecer emitido, como mesmo afirmava. Ao dirigir essas críticas ao trabalho de Helvécio de Andrade apontava a necessidade de alertar a sociedade sergipana do mal que ela provocaria à instrução primária e assegurava: “tive de arcar com a incumbência agra de estripar um amontoado de chulices, convertido em Cartilha para a infância sergipana”⁴⁰⁷.

Na verdade, ele buscou explicitar suas razões embasadas nos argumentos emitidos pelos membros do Conselho. Dentre as críticas apresentadas, estavam a afirmação que

⁴⁰⁴ CARVALHO NETO, Antônio. “A Cartilha de um Pedagogo”. *Correio de Aracaju*. Aracaju, 3 de junho de 1919, ano XIII, n. 2613. p.1. col. 03 e 04.

⁴⁰⁵ CARVALHO NETO, Antônio. “A Cartilha de um Pedagogo”. *Correio de Aracaju*. Aracaju, 3 de junho de 1919, ano XIII, n. 2613. p.1. col. 03 e 04.

⁴⁰⁶ Idem. p.1.

⁴⁰⁷ Ibidem. p.1

Helvécio de Andrade fez na página 19 da quarta lição, dizendo que o dado tem quatro faces, portanto seria um quadrado. Outro erro apontado pelo Conselho diz respeito à pergunta que o professor de Pedagogia fez na cartilha, se a foca era animal ou peixe, na página doze. Dessa assertiva, o Conselho entendeu que o pedagogo acreditava que peixe não era animal.

Outras críticas foram apontadas como plágio, ou mesmo ilógicas. Helvécio de Andrade afirmou nas lições que a cesta era formada de cordão, e a corda, por sua vez, era de coco. Em outras, falou do amor do sapo e do castigo de pena de morte ao ultraje à bandeira nacional. Apontadas como irracionais, essas afirmações foram o ponto de partidas para acusações mais veementes em relação aos raciocínios postulados por Helvécio de Andrade. Assim, Carvalho Neto deduziu que “o livro em que se grava esta aberração, é um livro criminoso, como moeda falsa, que não pode circular entre gente séria (...), o livro das novidades pedagógicas não logrou o seu intento”⁴⁰⁸.

O sentido dos conflitos só poderia tornar-se compreensível nessa luta pela afirmação de autonomia, reconhecimento e aquisição crescente dos títulos de prestígio dentro do *campo intelectual*. Mas Bourdieu afirmou que esse campo ainda não está totalmente definido e não se sabe claramente “quem é intelectual e quem não é”⁴⁰⁹. No entanto, ao traçar uma discussão a respeito do crescimento do campo da história dos intelectuais na historiografia, Sirinelli define intelectual através de duas acepções: “uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os mediadores culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento”⁴¹⁰.

⁴⁰⁸ CARVALHO NETO, A. “A Cartilha de um Pedagogo.” **Correio de Aracaju**. Aracaju, 8 de junho de 1919, ano XIII, n. 2615. p.01. col. 02 e 03.

⁴⁰⁹ BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Editora Brasiliense.1990. p. 173.

⁴¹⁰ SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: REMOND, René. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Editor UFRJ. Fundação Getúlio Vargas. 1979. p. 242.

4.4. As Conferências pedagógicas e a imprensa sergipana: mecanismos de difusão da Pedagogia Moderna.

Mesmo longe da direção da instrução pública desde 1918, Helvécio de Andrade fazia-se presente no campo educacional sergipano. Manteve suas relações com professores e políticos participando das discussões sobre a educação pública, freqüentando as reuniões da Hora Literária, do Centro Pedagógico Sergipano⁴¹¹ e lecionando na Escola Normal. Notadamente, também foram vários os artigos publicados e conferências realizadas até que ele reassumisse o posto administrativo. A leitura analítica, o método intuitivo, a Escola Nova, as noções de higiene, os cuidados com a infância, as condições das escolas públicas e a necessidade de aquisição de materiais didáticos adequados aos princípios da Pedagogia Moderna foram temas discutidos por esse professor. Não obstante as reformas dedicadas ao ensino primário, a instrução das normalistas era sempre o foco principal das discussões que realizava.

De outubro de 1923 a janeiro de 1924, Helvécio de Andrade escreveu uma série de artigos que tinham como função orientar as normalistas na prática escolar cotidiana, na aplicação do método intuitivo e no entendimento dos princípios da modernização pedagógica. Intitulados “Ainda Escola Nova: modelos de lições”, os artigos enfatizavam a importância do papel desempenhado pelo mestre na educação. Entendia que todo o funcionamento da escola dependia do professor.

O rigor didático e profissional não bastava; o professor precisava ser culto, polido, saudável, bem humorado e coerente com a moral e a ética. As exigências sociais impostas à

⁴¹¹ O Centro Pedagógico Sergipano foi uma instituição destinada a congregar em seu seio as atividades intelectuais que se aplicavam ao ensino público por uma ação conjunta de médicos e professores para impulsionar e sustentar o movimento de modernização pedagógica. “Centro Pedagógico Sergipano logo que inicie as suas funções, deve ser considerado de utilidade pública”. Cf.: ALVES, Evandro. “Nulla die sine línea”. **O Imparcial**. Aracaju, 22 de agosto de 1918, ano I, n. 19. p. 1. Evandro Alves foi um dos pseudônimos utilizados por Helvécio de Andrade na imprensa sergipana.

conduta do docente eram rígidas. Mediante esses fatos, Helvécio de Andrade defendia a necessidade de aprimorar não só as instalações físicas bem como o programa curricular da Escola Normal. Seus argumentos convergiam principalmente para a implementação das aulas de aplicação com o fim de associar a função literária da Escola Normal ao trabalho manual, à experimentação.

Conforme defendiam os preceitos da modernização pedagógica, os alunos deveriam aprender construindo e trabalhando, termos que também se aplicavam ao ensino das normalistas. Nesses artigos, Helvécio de Andrade informava todos os procedimentos didáticos que deveriam ser seguidos pelas normalistas durante as aulas: a maneira de se portar diante dos alunos, o que deveria ser ensinado, como deveriam estimular o interesse e a atenção das crianças, o rigor na hora da formatura, no canto e na marcha para entrada e saída da classe. Dizia Helvécio de Andrade: “vibra a sineta, chamando os operários a postos: formatura, canto, marcha para a classe. Cantar, não berrar, cantar com methodo, com sentimento, com música”⁴¹². O ensino do método intuitivo também era uma constante na maioria dos textos e falas desse professor.

Um aspecto marcante do *campo intelectual* sergipano nas primeiras décadas do século XX eram os pronunciamentos, os discursos, as publicações. Eles assinalavam a representatividade⁴¹³ dos intelectuais junto à sociedade. Tanto Helvécio de Andrade quanto os intelectuais da educação desse período tinham essas práticas como hábito constante na vida pública, eram convidados para as inaugurações das escolas, para proferir discursos e conferências, em homenagens ou para defender suas idéias.

Nas preleções que Helvécio de Andrade realizava, abordava temas relacionados à Educação, Medicina, Literatura a figuras influentes na política sergipana. Não existiam

⁴¹²ANDRADE, Helvécio de. “Ainda Escola Nova: methodos de lições”. **Diário da Manhã**. Aracaju, 3 de janeiro de 1924, ano XIV, n. 2909. p.1. col. 3.

⁴¹³Chartier, ao explicitar a noção de *representação*, disse que ela permite articular três registros, a saber: “as representações coletivas que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e organizam os esquemas de pensamento a partir dos quais eles classificam, julgam e agem: por outro lado, as formas de exibição e de estilização da identidade que pretendem ser reconhecidas; enfim, a delegação a representantes (indivíduos particulares, instituições, instancias abstratas) da coerência e da estabilidade da identidade assim afirmada.”. CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Trad. Patrícia Chitoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. p. 53.

lugares fixos para a enunciação dos seus discursos, os quais normalmente eram proferidos no salão principal do IHGS, nas instituições públicas e escolares bem como na Hora Literária⁴¹⁴, que mais tarde transformou-se na Academia Sergipana de Letras.

Não só o professor Helvécio de Andrade estava preocupado em difundir os novos preceitos pedagógicos; essa necessidade também era visível dos discursos da maioria dos envolvidos com a instrução pública. As conferências pareciam ser mais um acontecimento caro ao período do que uma novidade empregada por Helvécio de Andrade quando pretendia difundir os seus ideais.

Com o fim de discutir temas pertinentes à educação sergipana, Abdias Bezerra, diretor da instrução pública, propôs ao presidente do Estado a realização de um congresso de professores primários em 1926. Mediante as negociações efetuadas nessa reunião, o professor Abdias Bezerra conseguiu traçar planos para a execução do citado congresso. Para a organização do evento, o diretor da instrução pública convidou uma equipe de professores que definiu o programa a ser discutido, o local do evento e o tema das teses que deveriam ser apresentadas. Foram solicitados para formar essa comissão: a professora Etelvina Amália de Siqueira, Quintina Diniz, Leonor Telles de Menezes, Sirene d'Oliveira, Maria Amélia Fontes, Edgar Coelho, Arthur Fontes, José de Alencar Cardoso, Manoel José dos Santos Mello, o próprio Abdias Bezerra e Helvécio de Andrade⁴¹⁵.

Os professores primários foram convidados a partir de ofícios enviados à secretaria das escolas públicas. No enunciado estavam presentes as solicitações para comparecer ao

⁴¹⁴Essa instituição que tinha como fim aperfeiçoar a cultura sergipana foi fundada por Graziela Cabral (Zizi), Leonor Teles de Menezes, Etelvina Amália de Siqueira, José Calasans, Helvécio de Andrade, José da Silva Ribeiro Sobrinho, Antônio de Oliveira Rocha, João da Silva Ribeiro e Pedro Ribeiro. Pode-se observar a partir desses nomes que a instituição literária aglutinava intelectuais de diferentes formações e as reuniões aconteciam nas casas dos sócios e se constituiu num espaço privilegiado de socialização intelectual, sendo útil tanto para criar como para reforçar os vínculos entre os intelectuais. Mais tarde essa instituição fundou o Centro Literário Educativo e publicou, em 1911, a Revista Literária.

⁴¹⁵Etelvina Amália de Siqueira era professora da Escola Normal nesse período. A professora Leonor Telles exercia o cargo de diretora do Grupo Escolar Manoel Luiz. Já Sirene d'Oliveira e Maria Fontes eram professoras de escolas públicas da capital. Edgar Coelho e Helvécio de Andrade eram professores da Escola Normal, enquanto que Arthur Fortes era diretor dessa mesma instituição. Manoel José dos Santos Mello e José de Alencar Cardoso eram professores do Atheneu Sergipense. Cf.: s.a. "Diretoria Geral da Instrução". **Diário Oficial do Estado de Sergipe**. Aracaju, 4 de setembro de 1925, ano VI, n. 1670. p. 02.

congresso e o eixo temático das teses para os professores interessados em inscrever trabalhos. Tanto os docentes das aulas primárias como os do curso normal poderiam apresentar as comunicações que deveriam ser endereçadas à Quintina Diniz, Arthur Fortes e Helvécio de Andrade nas suas respectivas residências, ou mesmo na Escola Normal. Esses trabalhos iriam passar por uma comissão avaliadora e deveriam estar relacionados aos seguintes tópicos: “Organização externa e interna da escola”; “Inspeção Escolar” e “Prática pedagógica, higiene e educação na escola primária”. Para cada uma dessas seções foi eleita uma comissão composta por três avaliadores designados pela própria comissão organizadora.

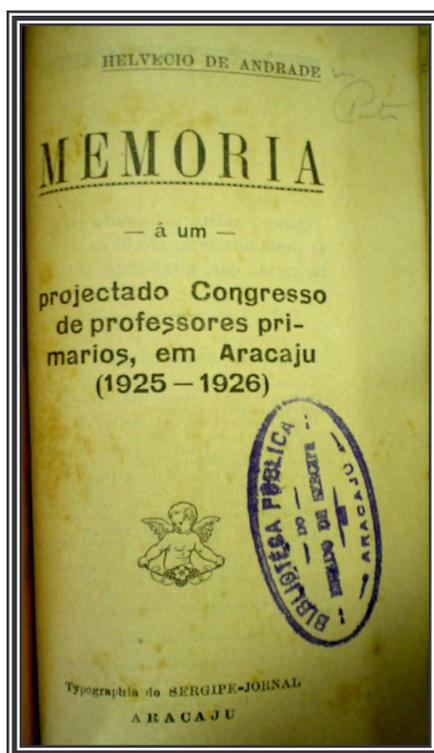


Figura 16: Capa da tese de Helvécio de Andrade para o Congresso de Professores Primários. Aracaju. 1925-1926. Fonte: IHGS.

Apesar dos esforços, o Congresso de Professores Primários não foi realizado. As razões para esse fato não foram esclarecidas nem nos jornais, nem no relatório do diretor da instrução pública e nem nos escritos de Helvécio de Andrade. As informações acessíveis a

esse respeito apenas relatam as lamentações dos envolvidos com o evento. A única fala de Helvécio de Andrade a respeito desse episódio apresenta-se mais como uma incógnita do que como uma elucidação. Ele disse que o Congresso não se realizou por motivos que ignorava.

O descaso ou a falta de compromisso da comissão organizadora poderiam ter sido motivos justificáveis, mas não era o suficiente para silenciar a imprensa. Por que não foi possível encontrar noticiários a respeito do cancelamento do congresso nem mesmo nos jornais de oposição ao governo? Não seria esse um congresso considerado importante para a sociedade aracajuana? Por que o relatório de Abdias Bezerra não elucidou o fato? E por que Helvécio de Andrade, como vice-presidente do evento, não se posicionou a esse respeito? Talvez, os motivos fossem de ordem política. A programação do Congresso estava marcada para 1926, ano em que Graccho Cardoso sai do poder e assumiu o vice, Cyro de Azevedo. Este, por sua vez, passou apenas três meses no governo do Estado por motivo de óbito.

Os poucos indícios encontrados sobre o Congresso de professores primários informam algumas discussões presentes nas atas de reunião publicadas pelo Jornal Diário Oficial do Estado de Sergipe, a formação da comissão organizadora, as teses inscritas e selecionadas, os ofícios enviados à diretoria da instrução pública de professoras confirmando ou não a presença desse congresso e a publicação da tese de Helvécio de Andrade no período que reassumiu a diretoria da instrução pública em 1926.

A tese que iria ser defendida por Helvécio de Andrade se o Congresso de professores primários tivesse ocorrido abordava a seguinte questão: “A actual organização escolar attende às necessidades sociais e moraes do Estado? Se não, que melhor se pode fazer?”⁴¹⁶. Nesse ensaio, o professor da Escola Normal questionou os resultados das reformas empreendidas até então, apontou os retrocessos e as medidas que comprometeram a eficiência das diretrizes asseguradas pela reforma de 1911. Helvécio de Andrade mostrou,

⁴¹⁶ ANDRADE, Helvécio de. **Memória a um projetado congresso de professores primários em Aracaju**. (1925-1926). Aracaju: Typografia do Sergipe Jornal, 1926.

claramente, sua preferência pelas determinações prescritas por Carlos Silveira, diretor paulista, em 1911. Essa havia sido a grande reforma do ensino, enfatizava Helvécio de Andrade. Como defendia, foi essa reforma que, “instituinto o methodo intuitivo, creando grupos escolares, o fundo escolar e a fiscalização técnica, abriu [o campo educacional] para o futuro, para o progresso”⁴¹⁷.

Ao abordar a necessidade da colaboração efetiva do município no provimento financeiro para a instrução pública, enumerou os problemas que envolviam o ensino primário, principalmente no tocante à adaptação da criança ao meio escolar, na aplicação de métodos de ensino eficientes e no provimento de novos materiais escolares. No entanto, mais uma vez dedicou-se a discutir medidas para o aperfeiçoamento da Escola Normal.

O ponto central das apreciações de Helvécio de Andrade sobre essa instituição seria definido pela seguinte questão: “Como admitir ensino sem professores?”. Na maioria dos seus textos, enfatizava a necessidade de prover o aprimoramento da instrução dedicada àquelas que seriam as futuras professoras primárias do Estado. Justificava, assim, a atenção dedicada ao ensino normal. Insistia Helvécio de Andrade: “...antes de tudo, compenetremo-nos do valor do mais elevado centro educativo, que possuimos, da mulher sergipana. Precisamos cercar a Escola Normal de um ambiente educativo digno dos seus fins”⁴¹⁸.

Pretendia acrescentar mais um ano ao programa dessa escola dedicado exclusivamente à técnica do ensino; isto porque a prática era entendida como um dos aspectos principais na instrução da normalista. Em vista disso, o professor da Escola Normal defendia que a carga horária desse último ano deveria constar de Pedologia com exercícios de testes, incluir no currículo as disciplinas Metodologia Geral e Especial, Metodologia dos jardins de infância, e que a prática pedagógica deveria ser ministradas em aulas de aplicação⁴¹⁹.

⁴¹⁷ Idem. p. 02.

⁴¹⁸ ANDRADE, Helvécio de. **Memória a um projetado congresso de professores primários em Aracaju.** (1925-1926). Aracaju: Typografia do Sergipe Jornal, 1926. p. 05.

⁴¹⁹ Idem. p. 07.

Ao tomar posse da presidência do Estado em 1926, Cyro de Azevedo convidou Helvécio de Andrade para administrar a direção da instrução pública. Familiarizado com as atividades exigidas pelo cargo, providenciou um inventário dos problemas que o ensino público enfrentava e, em seguida, elaborou as diretrizes de uma nova regulamentação do ensino primário e normal. Notadamente, a proposta desse professor não diferia das que elaborou quando assumiu pela primeira vez a direção da instrução pública.

Afirmava que o programa primário não deveria ultrapassar as práticas de ler, escrever, contar bem e fornecer noções gerais de educação moral orientadas pelo método intuitivo. Incentivava a fiscalização dos inspetores de ensino e um maior rigor em relação às licenças, remoções e transferências de professores⁴²⁰. Mediante a posição que ocupava no campo educacional sergipano nesse momento e como membro da Associação Brasileira de Educação, recebeu um convite para escrever uma tese sobre a necessidade de unificação do ensino primário para a Conferência Nacional de Educação.

Na ambiência cultural de Curitiba foi promovida pelo governo do Estado, juntamente com a ABE, em dezembro de 1927, a primeira Conferência Nacional de Educação, que representou o início de uma seqüência de encontros que tinham como meta discutir a modernização do campo educacional brasileiro. As temáticas que atravessaram essa conferência mobilizaram formas de agir e pensar dentro do discurso educacional republicano. Através da análise das teses apresentadas, percebe-se a busca pela afirmação dos valores republicanos e pela construção da nacionalidade brasileira⁴²¹.

O professor Helvécio de Andrade, membro do conselho diretor da ABE e fundador da Associação Sergipana de Educação – ASE, participou da Conferência Nacional de Educação representando Sergipe. Apresentou a tese *Uniformização do Ensino Primário*, aprofundando a tese que havia apresentado num congresso que ocorreu na Bahia em 1913.

⁴²⁰ ANDRADE, Helvécio de. **Instrução Pública**: necessidade de uma regulamentação definitiva dos ensinos primário e normal. Relatório apresentado ao exmo sr. dr. Cyro de Azevedo, presidente de Estado, em novembro de 1926. Aracaju: Typografia do Sergipe Jornal, 1926.

⁴²¹ VIEIRA, Carlos Eduardo. “O Discurso da modernidade na I Conferência Nacional de Educação (Curitiba 1927). In: **III Congresso Brasileiro de História da Educação: Educação Escolar em Perspectiva Histórica**. – Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2004. p.176.

Questionou “como chegar à uniformização do ensino primário sem uniformidade de programa e método. A organização interna, o programa e o método são o pai, o filho e o espírito da escola. Não tendo o ensino esses liames comuns, em que será uniforme?”⁴²². Ao tecer comparações como padrão cultural norte-americano, refletia sobre o atraso da educação brasileira

Precaríssima foi a instrução primária até o advento da República; e assim continuaria, talvez, ainda hoje, se São Paulo não se fizesse o pioneiro dessa santa cruzada, recebendo dos Estados Unidos as primícias de um método capaz de desenvolver a inteligência e promover a sua divulgação no Brasil

Também muito debatido entre os temas apresentados em conferências pelo professor Helvécio de Andrade, a infância ganhou destaque principalmente a partir do final da década de 1920. Como parte da comemoração ao dia das crianças, Helvécio de Andrade foi convidado para discorrer sobre os cuidados pedagógicos dedicados à infância. Publicada posteriormente pela tipografia do Sergipe Jornal, a palestra intitulada *Pela Criança*⁴²⁴, enfatizou a projeção da puericultura na educação infantil.

O programa determinado pela Puericultura abrangia as noções de higiene, aleitamento materno e obras sociais de proteção à primeira idade. Assim como Cecília Meireles⁴²⁵ utilizou o pensamento de Rousseau, as considerações elaboradas na preleção de Helvécio de Andrade estavam próximas do entendimento traçado por Rousseau sobre o infante. Para este autor a criança, ser eticamente amoral porque ingênua e inconsciente, necessitava da direção e proteção do preceptor, a quem a criança teria o direito de obedecer. Para essa função, Helvécio de Andrade evocava as normalistas, mas a compreensão do

⁴²² ANDRADE, Helvécio de. “Uniformização do Ensino Primário”. In: **I Conferência Nacional de Educação – Curitiba**. Brasília: INEP, 1927. p. 197-198.

⁴²³ ANDRADE, Helvécio de. “Uniformização do Ensino Primário”. In: **I Conferência Nacional de Educação – Curitiba**. Brasília: INEP, 1927. p. 198.

⁴²⁴ ANDRADE, Helvécio de. **Pela Criança**: conferência lida no dia 12 de outubro de 1928 na Escola Normal “Ruy Barbosa”. Aracaju: Typografia do Sergipe-Jornal, 1928.

⁴²⁵No livro publicado por Cecília Meireles em, 1924, **Criança, meu amor**, explicita o contrato estabelecido entre a criança e o preceptor fundamentado nas análises elaboradas por Rousseau. Esse arcabouço teórico foi utilizado para fundamentar a Pedagogia Moderna.

papel do preceptor explanada por esse professor de Pedagogia não estava completamente de acordo com a defendida por Rousseau.

O preceptor, para o filósofo, é aquele que protege seu aluno dos vícios gerados pelo convívio social, isso porque a educação é, para Rousseau, um produto do desenvolvimento interior, ou seja, da sua natureza. Não é função desse educador tentar incorporar no seu aluno os preceitos sociais e nem moldá-lo às boas maneiras. Pelo contrário: o preceptor deve evitar a degeneração da mente infantil. Desse modo, o autor do “Emílio”, adota a idéia de que a criança deveria ser respeitada em sua individualidade de forma que sua educação dependeria da natureza interior, mas isso não implica em uma aprendizagem sem orientação. Diz Rousseau: “o desenvolvimento interno de nossas faculdades e de nossos órgãos é a educação pela natureza”⁴²⁶. É o preceptor que se pauta pela diretriz de uma educação natural, que funde o conceito de educação ao de liberdade e autonomia, que estabelece parâmetros para uma boa formação e que não confunde sua função e nem seus sentimentos. É essa a concepção de preceptor.

Helvécio de Andrade, por sua vez, entendia a função do professor como uma missão na qual as normalistas, vocacionadas, eram orientadas a assumir a educação como o único fim. Defendia a dedicação exclusiva das professoras às atividades escolares. Compreendia que era difícil a conciliação entre as funções de mãe e professora sendo, dessa forma o celibato feminino uma das causas que ele abraçou. Num discurso apaixonado e repleto de metáforas analisou o papel do professor como guia para a regeneração social, como o condutor da civilidade. Diferentemente de Rousseau, o professor da Escola Normal confessava a necessidade de inculcar nas crianças bons modos de civilidade, noções de higiene, valores sociais e morais.

No texto que publicou no jornal *Diário da Manhã*, intitulado *Proteção à Infância*, o autor abordou os mesmos aspectos expostos na palestra dirigida às normalistas. Colocou como pressuposto para a queda da mortalidade infantil e para a regeneração social a

⁴²⁶ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emílio ou da Educação**. Tradutor Roberto Leal Ferreira. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p.10.

fiscalização matrimonial pelos médicos para evitar a hereditariedade patológica, “em todo caso a inspeção médica se impõe em todos os casos de casamentos para a boa formação das crianças”⁴²⁷. Os cuidados referentes à alimentação saudável, o aleitamento materno, a higiene e o celibato feminino também estiveram presentes nas discussões apresentadas. Ao focalizar a infância em suas preleções, dedicou uma atenção especial ao estudo da Pedologia nas aulas que ministrava às normalistas.

As lições de Pedologia ministradas pelo professor Helvécio de Andrade revelavam a preocupação com a afetividade infantil, o que na época acreditava ser ainda pouco explorada pela Psicologia da criança. Na realidade, a criança havia sido até então um objeto pouco estudado pela ciência. Foi nessa perspectiva que a Pedologia, procurando empreender uma pesquisa mais precisa, era auxiliada por inquéritos e métodos de observação que apreciavam as condições psicológicas e fisiológicas das crianças. Assim, foi a partir desses novos conhecimentos que Helvécio de Andrade compreendeu a criança como um ser em processo de crescimento. Afirmou que “a criança é um ser normal imperfeito, em via de desenvolvimento, com todas as imperfeições, mas também com todos os ardores dos seres novos”⁴²⁸. Entendia que o estudo da criança, a observação das suas faculdades e aptidões, “eram noções absolutamente novas em os nossos meios educativos”⁴²⁹.

A Revolução de outubro de 1930 não causou maiores mudanças para Helvécio de Andrade. Desde que o Padre Carlos Costa foi ao Rio de Janeiro participar de uma conferência de educação, Helvécio de Andrade já se achava na direção interina da Escola Normal. Uma hora depois que Eronides de Carvalho tomou posse do governo do Estado, o médico sergipano foi nomeado diretor geral da instrução pública e da Escola Normal. Incumbido de apresentar um plano educacional ao governo interventor, o novo diretor da instrução apresentou um ensaio nomeado *Escola Sergipana*.

⁴²⁷ “Proteção à infância”. **Diário da Manhã**. Aracaju, 01 de julho de 1922, ano XIII, n. 2524. p. 01. col. 02-03.

⁴²⁸ ANDRADE, Helvécio de. “Assuntos pedagógicos: uma lição de Pedologia”. **Correio de Aracaju**. Aracaju, 19 de Abril de 1912, ano IV, n. 689. p. 03. col. 02.

⁴²⁹ ALVES, Evandro. “Nulla die sine linea”. **O Imparcial**. Aracaju, 23 de setembro de 1918, ano I, n. 19. p. 1. col. 04.

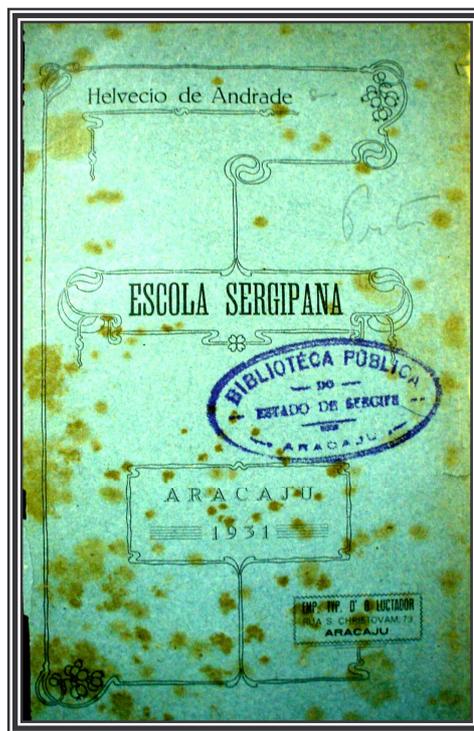


Figura 17: Capa do livro de Helvécio de Andrade. Aracaju. 1931. Fonte: BPED

Publicou nesse folheto os ideais da escola moderna tal qual a entendiam os preceitos republicanos. Escreveu sobre a necessidade de simplificar o programa escolar, alargar os horários, dar maior autonomia didática ao professor, liberdade ao aluno para escolher as temáticas a exercitar, promover a socialização e a integração do educando ao meio em que vivia de modo a conhecer suas necessidades visando ao seu desenvolvimento mental e prático. Ressaltava ainda que: “Dahi a importância, que estão merecendo os Trabalhos Manuaes, excelentes meios de socialização, ou de educação civil, ou para fins civis”⁴³⁰.

Defendia uma escola pública mais “educativa” que “instrutiva”. Além disso, discutiu, nesse texto, as dificuldades dos professores primários, a importância da aplicação dos processos de ensino da Escola Ativa e dos métodos de ensino para modernizar a instrução pública. Foi através desses textos e dos relatórios emitidos ao governo

⁴³⁰ANDRADE, Helvécio de. **Escola Sergipana**. Aracaju: Typografia do O Luctador, 1931. p. 05.

interventorial, em 1931⁴³¹ e 1932⁴³², que Helvécio de Andrade manifestou sua apropriação das concepções educacionais embasadas nos princípios defendidos pela Associação Brasileira de Educação.

4.5. Higienização, racionalização e nacionalização: os ideais da ABE difundidos por Helvécio de Andrade

Dizer que as transformações da escola brasileira ocorreram ao longo da década de 1920 quando os intelectuais da educação difundiram os ideais da Escola Nova seria corroborar com a representação criada por Fernando de Azevedo quando escreveu *A Cultura Brasileira* em 1930. Ou mais: seria negar a existência das reformas educacionais desde o final do século XIX, pautadas nos princípios de modernização pedagógica. Para esse autor acima citado, a presença dos escolanovistas e da ABE foi um marco para a história da educação.

Fundada no Rio de Janeiro, em 1924, a Associação Brasileira de Educação foi considerada como a instituição basilar de discussões sobre os aspectos educacionais. Não só por promover as Conferências Nacionais de Educação, mas também por ser a principal instância de articulação e propaganda do movimento de renovação educacional⁴³³. Nascida do insucesso da organização do partido político Ação Nacional, a ABE tinha como objetivo promover no Brasil a difusão e o aperfeiçoamento da educação. Marta Carvalho acredita que a produção de uma imagem despolarizada da ABE devia-se à necessidade de escapar da repressão política do governo de Artur Bernardes, já que três signatários da fundação da ABE - Everardo Beckheuser, Mário Brito e Fernando Labouriau - haviam sido presos.

⁴³¹ ANDRADE, Helvécio de. **Relatório Anual apresentado ao Governo Interventorial pelo dr. Helvécio de Andrade em 1931**. Aracaju: Typografia do O Luctador, 1931.

⁴³² ANDRADE, Helvécio de. **Relatório Anual apresentado ao Exmo Sr. Interventor Federal Major Augusto Maynard Gomes pelo dr. Helvécio de Andrade em 1932**. Aracaju: Typografia do O Luctador, 1932.

⁴³³ CARVALHO, Marta Maria Chagas de. “Quando a história da educação é a história da disciplina e da higienização das pessoas”. In: **História social da Infância no Brasil**. (Org) FREITAS, Marcos Cezar de. 3ª ed. São Paulo: Editora Cortez. Universidade de São Francisco, 1997. p.115.

Com pretensões de ser uma organização nacional, seus fundadores idealizaram a implantação de filiais nos estados brasileiros. Esses núcleos seriam interligados e se reuniram uma vez por ano durante as conferências nacionais de educação. Em Sergipe foi criada a ASE por Helvécio de Andrade, apesar de Marta Carvalho ter afirmado o insucesso do objetivo de organizar os núcleos estaduais⁴³⁴. O fato de destacar o papel desse grupo contribuiu para aquilatar seu prestígio em detrimento dos outros sujeitos envolvidos com a instrução pública. Ao reavaliar o movimento, Carlos Monarcha foi incisivo afirmando que os escolanovistas eram modernos para aqueles que julgavam que 1930 é a revolução burguesa⁴³⁵.

Nesse processo de desconstrução, Marta Carvalho⁴³⁶ teceu considerações a respeito da ABE, os quais diferiam das colocações elaboradas por Fernando de Azevedo e Jorge Nagle⁴³⁷. Afirmou que as atividades organizadas por essa instituição eram campanhas políticas a favor da modernização da sociedade; verificou que os seus membros na década de 1920 eram médicos, engenheiros e higienistas de orientação católica e que os liberais renovadores fizeram parte da ABE apenas em 1930. Com isso ela destacou uma Associação Brasileira de Educação composta por um grupo heterogêneo, com pensamentos e facções diferentes⁴³⁸. Consoante a idealização da ABE, seu papel estaria firmado na proposta de “coordenar, orientar esforços, amparar iniciativas nascentes e estimular novos empreendimentos”⁴³⁹, como uma oportunidade de consolidar uma política nacional de educação.

Preocupados em formar/moldar o povo através de uma orientação nacional e religiosa, os intelectuais da educação pretendiam construir a “nação brasileira” através da

⁴³⁴ CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A Escola e a República**. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 45. Coleção Tudo é História.

⁴³⁵ MONARCHA, Carlos. **A reinvenção da cidade e da multidão**. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1990.

⁴³⁶ CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Molde Nacional e Forma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação. (1924-1931)**. São Paulo: FEUSP, 1986.

⁴³⁷ NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU/Edusp, 1974.

⁴³⁸ HILSDORF, Maria Lucia Spedo. **História da Educação brasileira: leituras**. – São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003. p. 83.

⁴³⁹ CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Molde nacional e Forma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação. (1924-1931)**. Bragança Paulista –SP: EDUSF. p. 218.

Escola Nova. Como informou Hilsdorf, “a Escola Nova seria a pedagogia adequada para promover a superação do elemento fraco, doente e amorfo”⁴⁴⁰. O discurso era embasado no tripé: higienização, racionalização e nacionalização, noções que também estavam presentes no pensamento do professor Helvécio de Andrade.

Enfatizada desde o início da década de 1920, a valorização da cultura nacional foi posta nos textos publicados por Helvécio de Andrade como aspecto central no discurso da modernização escolar. Escudado pelas idéias de Olavo Bilac e Afrânio Peixoto, estimulou no campo educacional sergipano a formação de uma mentalidade nacionalista. Afirmava que o Brasil só seria uma pátria feliz se desaparecesse a ignorância e o analfabetismo. Mas não só isso: dizia que era preciso engrandecer na alma infantil o sentimento de patriotismo para que nela se estruturasse a noção exata do sentimento nacional. Utiliza as palavras de Bilac para subsidiar suas assertivas: “São de Olavo Bilac as seguintes vibrantes expressões: na lição do mestre escola há a transmissão do sangue e da alma da nacionalidade. É este o mais bello dever...”⁴⁴¹.

Helvécio de Andrade chama a atenção dos administradores públicos para a necessidade de construir uma escola autônoma, isenta das atividades e pensamentos estrangeiros. O nosso patriotismo, dizia ele, deveria culminar no propósito de construir o ensino e a educação nacionais. Essa também era uma das propostas da ABE da década de 1920, ministrar instrução cívica ao povo visando à obediência às leis e no respeito às tradições nacionais por meio de impressos e conferências. No texto intitulado *Escola Sergipana*, o professor da Escola Normal afirmou: “façamos a Escola Nacional, não como a fazem a Suíça, a Bélgica, Nova York, mas à nossa feição, a feição de nossa gente, da alma brasileira. A escola brasileira resultante das escolas sergipana, baiana, paulista”⁴⁴².

Em 1931, Helvécio de Andrade publicou o livro *A Escola e a Nacionalidade*, no qual questionou o modo como os ideais da Escola Nova estavam sendo difundidos no

⁴⁴⁰HILSDORF, Maria Lucia Spedo. **História da Educação brasileira: leituras**. – São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003. p. 83.

⁴⁴¹ANDRADE, Helvécio de. **Do Methodo em Educação**: conferência realizada na Hora Literária em junho de 1927. Aracaju: Typografia do O Christão, 1927. p. 02.

⁴⁴²ANDRADE, Helvécio de. **A Escola Sergipana**. Aracaju: Typografia do O Luctador, 1931. p. 16.

campo educacional sergipano. Afirmava que a Escola Nova ainda era objeto de experiências e tentativas, principalmente no que diz respeito à aplicação dos seus princípios na educação sergipana. Esse movimento, tal como foi desenvolvido nos Estados Unidos, merecia um estudo acurado para posterior adaptação ao campo educacional sergipano. “Em educação, adaptar ao meio – hábitos, costumes, práticas, de povos muito diferenciados, é criar situações incertas e embaraçosas, por falta de apoio no sentimento popular”⁴⁴³.

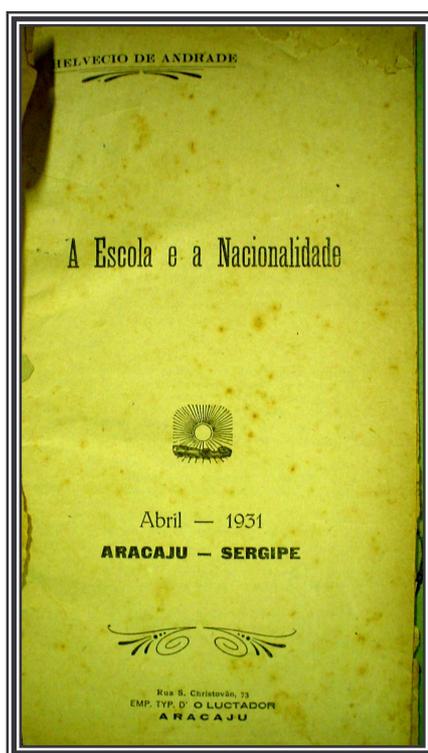


Figura 18: Capa da Conferência: A Escola e a Nacionalidade. Aracaju. 1931. Fonte: BPED.

Nessa fala, o professor de Pedagogia foi enfático na defesa da criação de uma escola brasileira e não instituí-la aos moldes de teorias estrangeiras. “O ensino e educação nacionais deve visar a finalidades cívicas brasileiras”⁴⁴⁴, ressaltava. Contudo, isso não significava que ele fosse contrário à inserção das práticas e ideais da Escola Nova, solicitava fossem utilizados apenas os processos executáveis na educação Sergipana. Incentivava a aplicação dos centros de interesses, dos diários infantis, dos métodos intuitivo

⁴⁴³ ANDRADE, Helvécio de. **A Escola e a Nacionalidade**. Aracaju: Typografia do O Luctador, 1931. p. 6.

⁴⁴⁴ ANDRADE, Helvécio de. “Amplio inquérito sobre a educação nacional”. **Sergipe Jornal**. Aracaju, 11 de fevereiro de 1936, ano XVI, n. 8274. p. 1. col. 4 e 5.

e analítico, dos projetos escolares, das aulas de observação e experiência, da educação para a vida cívica, do ensino da moral, da unificação do sistema escolar e da escola ativa.

Em crítica aos ditames da Escola Nova, Helvécio de Andrade desacreditava na originalidade desse movimento, afirmando que só tinha de novo o nome. Defendeu ainda que se os alunos poderiam escolher o que iriam aprender, a escola não mais necessitaria de professor. Entretanto, suas apreciações foram mais veementes em relação à escola ativa e aos métodos ativos. Dizia que “a Escola Ativa, já que é preciso adotar um título novo”, era a mesma escola fundada pela reforma de Caetano de Campos em São Paulo e a mesma criada em 1911 por Carlos Silveira em Sergipe. Já os métodos ativos eram apenas aperfeiçoamentos, desdobramentos do método intuitivo, assegurava.

Muitas das críticas que apresentou na conferência *O Lar e a Escola*⁴⁴⁵, realizada na Escola Normal em janeiro de 1931, foram reavaliadas no texto que produziu em abril do mesmo ano, *A Escola e a Nacionalidade*, sem alguma explicação que elucidasse as mudanças de pensamento em um período de tempo tão breve. A partir de então, defendia que a Escola Ativa atribuía ao ensino um caráter socializador e educador.

⁴⁴⁵ ANDRADE, Helvécio de. **O Lar e a Escola**: conferência. Aracaju: Casa Ávila, 1931. p. 17.

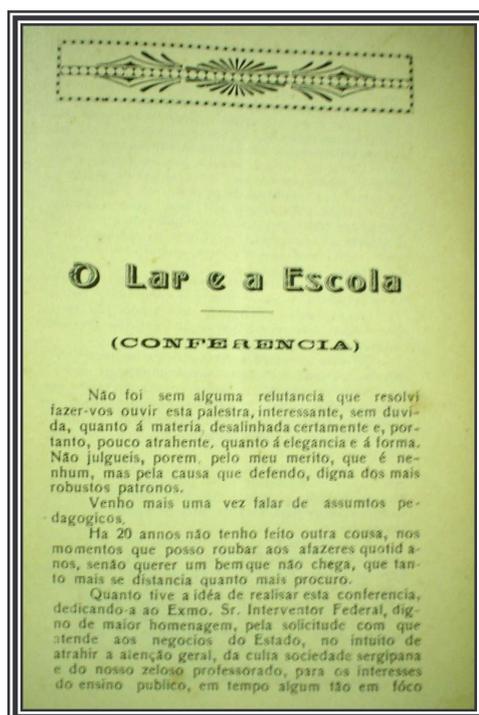


Figura 19: Capa da conferência: O Lar e a Escola. Aracaju. 1931. Fonte: BPED

Helvécio de Andrade esclarecia que “a escola moderna, ativa ou nova (todos os sistemas educativos foram novos no seu tempo) pode honrar as melhores técnicas do ensino hoje recomendadas sem por isso ficar privada a educação da sua parte mais elevada”⁴⁴⁶. A Escola Ativa foi adotada por este professor na formulação do novo regulamento e programas para o ensino primário e normal quando assumiu, pela terceira vez, a direção da instrução pública. Ao discutir a importância dos novos rumos que a Escola Ativa legou às disciplinas Trabalhos Manuais e Desenho, afirmou que “muito podemos colher nesse passo do ensino”⁴⁴⁷.

Não obstante as críticas que efetuou, Helvécio de Andrade mostrou-se um entusiasta desses novos preceitos educacionais. Baseada nos centros de interesses regionais, a Escola Ativa era acionada por trabalhos individuais ou coletivos no campo, na casa, no desenho e em excursões. No entanto, mesmo compreendendo sua importância, Helvécio de Andrade

⁴⁴⁶ ANDRADE, Helvécio de. **Memorandum apresentado à Diretoria Geral de Estatística e Divulgação do Ministério da Educação**. Aracaju: Empresa Tipográfica do O Luctador, 1931. p. 07.

⁴⁴⁷ ANDRADE, Helvécio de. **A Escola Sergipana**. Aracaju: Typografia do O Luctador, 1931. p. 15.

revelava que a escola-oficina, no rigor literal do termo, seria impraticável no campo educacional sergipano. Mas que seria igualmente significativo se as principais diretrizes dessa escola fossem adaptadas ao ensino profissionalizante.

Após responder a um inquérito elaborado pelo Ministério da Educação⁴⁴⁸ e com base no relatório⁴⁴⁹ da viagem realizada a São Paulo por Augusto da Rocha Lima⁴⁵⁰, o professor de Pedagogia da Escola Normal elaborou, em 1935, um *Plano de Organização do ensino em Sergipe*.

Este ensaio foi apresentado à Associação Brasileira de Educação e discutia a possibilidade de implantar escolas maternais, jardins de infância, uma escola prática de agricultura obedecendo às orientações da Escola Ativa, de estimular o ensino complementar e profissional feminino, criar aulas de aplicação ministradas por normalistas formadas e implantar o ensino ambulante, que seria formado por um professor, um agrônomo e um farmacêutico com o fim de fornecer conhecimentos sobre a terra, adubação, pecuária, comércio, alfabetizar e instruir sobre noções de higiene. Eles atuariam nas localidades de difícil acesso às escolas públicas.

⁴⁴⁸ ANDRADE, Helvécio de. “Amplio inquérito sobre a educação nacional”. **Sergipe Jornal**. Aracaju, 11 de fevereiro de 1936, ano XVI, n. 8274. p1. col. 4 e 5.

⁴⁴⁹ LIMA, José Augusto da Rocha. **Relatório apresentado ao Exmo. sr. Interventor Federal do Estado de Sergipe pelo professor José Augusto da Rocha Lima**. Aracaju: Imprensa Oficial, 1931.

⁴⁵⁰ O Interventor Federal de Sergipe, Augusto Maynard Gomes, recebeu de Juarez Távora um despacho anunciando uma ordem do Governo Central pedindo que enviasse a São Paulo um técnico a fim de apreender as mudanças oriundas da Escola Nova. Augusto Maynard convocou o diretor da instrução pública, Helvécio de Andrade, para indicar o nome do sujeito que realizaria essa viagem. Diante dessa situação, Helvécio de Andrade recomendou o nome do professor da Escola Normal Augusto da Rocha Lima. Cf.: ANDRADE, Helvécio de. **A Escola e a Nacionalidade**. Aracaju: Typografia do O Luctador, 1931. p. 01.



Figura: 20: Capa do Plano de Organização do ensino em Sergipe. Aracaju. 1935. Fonte: BPED.

Nesse mesmo folheto foram apontadas as dificuldades que o magistério primário apresentava. Devido ao alto índice de licenças reivindicadas pelas professoras casadas, o funcionamento das aulas ficava comprometido. Nessa direção, o professor da Escola Normal defendia a incompatibilidade do casamento com o trabalho escolar. Considera que eram exceções as professoras que conseguiam conciliar as duas funções.

Muitas, porem naufragam; não lhes deixam tempo para pensar na escola, sequer, os afazeres da casa e dos filhos, e só por força do dever, disciplinadamente, exercem muito mal os seus cargos. O inspetor encontrou uma das escolas do seu distrito, às 9 horas, na sala de jantar, com 6 crianças num banco de pau, achando-se a meza cheia de pratos sujos e detritos do almoço. A professora saio-lhe da cosinha descalça, despenteada, figura de Meduza, apavorante. E o marido? Ocupava uma rêde na sala da frente, seminu, embriagado, talvez. Só o pensar nesse exemplo e na possibilidade de outros análogos arma-me de todas as coragens para fulminar com uma condenação formal semelhante situação. Quem conhece o que deve ser a escola moderna e suas responsabilidades sociais não pode conformar-se com tamanho descalabro. Mais de metade dos casamentos de professoras, hoje em dia, é de completo fracasso⁴⁵¹.

⁴⁵¹ ANDRADE, Helvecio de. **Plano de Organização do ensino em Sergipe apresentado á Associação Brasileira de Educação**. Aracaju: Casa Ávila. 1935. p. 20.